



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

CLÁUDIA REGINA PONCIANO FERNANDES

PARABÉNS PRA VOCÊ!
CENÁRIOS TEMÁTICOS EM FESTAS INFANTIS: UM OLHAR PARA O
DISCURSO ESPACIAL A PARTIR DA MULTIMODALIDADE E SEMIÓTICA
SOCIAL

JOÃO PESSOA-PB

2022

CLÁUDIA REGINA PONCIANO FERNANDES

PARABÉNS PRA VOCÊ!

**CENÁRIOS TEMÁTICOS EM FESTAS INFANTIS: UM OLHAR PARA O
DISCURSO ESPACIAL A PARTIR DA MULTIMODALIDADE E SEMIÓTICA
SOCIAL**

Tese apresentada como requisito para defesa no Doutorado Acadêmico em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Área de Concentração: Linguística e práticas sociais. Linha 3: Oral/escrito: práticas institucionais e não institucionais. Orientadora¹: Profa. Dra. Danielle Barbosa Lins de Almeida. Orientadora substituta: Profa. Dra. Elaine Espíndola Baldissera. Coorientadora: Profa. Dra. Vânia Soares Barbosa.

**JOÃO PESSOA-PB
2022**

¹ Profa. Dra. Danielle Barbosa Lins de Almeida (PROLING-UFPB) é a orientadora, afastada por motivos de saúde, que acompanhou a tese até o mês de julho de 2021, meses após a qualificação. Desde outubro de 2021, a Profa. Dra. Elaine Baldissera assumiu a orientação como substituta e a Profa. Vânia Barbosa como coorientadora.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F363p Fernandes, Cláudia Regina Ponciano.

Parabéns pra você! Cenários temáticos em festas infantis : um olhar para o discurso espacial a partir da multimodalidade e semiótica social / Cláudia Regina Ponciano Fernandes. - João Pessoa, 2022.

228 f. : il.

Orientação: Danielle Barbosa Lins de Almeida, Elaine Espíndola Baldissera.

Coorientação: Vânia Soares Barbosa. Tese
(Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Festa de aniversário - Infantil. 2. Cenário temático. 3. Semiótica social. 4. Multimodalidade. 5. Discurso espacial. I. Almeida, Danielle Barbosa Lins de. II. Baldissera, Elaine Espíndola. III. Barbosa, Vânia Soares. IV. Título.

UFPB/BC

CDU 793.22-053.2(043)

PARABÉNS PRA VOCÊ!
CENÁRIOS TEMÁTICOS EM FESTAS INFANTIS: UM OLHAR PARA O
DISCURSO ESPACIAL A PARTIR DA MULTIMODALIDADE E SEMIÓTICA
SOCIAL

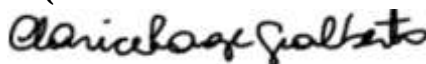
Tese apresentada como requisito para defesa no Doutorado Acadêmico em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB). Área de Concentração: Linguística e práticas sociais. Linha 3: Oral/escrito: práticas institucionais e não institucionais. Orientadora²: Profa. Dra. Danielle Barbosa Lins de Almeida. Orientadora substituta: Profa. Dra. Elaine Espíndola Baldissera. Coorientadora: Profa. Dra. Vânia Soares Barbosa.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Elaine Espíndola Baldissera
(Presidente – PROLING/UFPB)



Profa. Dra. Clarice Lage Gualberto
(Examinadora externa – UFMG)

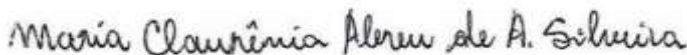


Profa. Dra. Maria Zenaide Valdivino da Silva
(Examinadora externa – UERN)



Documento assinado digitalmente
VIVIANE MARIA HEBERLE
Data: 12/04/2022 10:11:24-0300
CPF: 489.660.968-91
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Dra. Viviane Maria Heberle
(Examinadora externa – UFSC)



Profa. Dra. Maria Claurênia Abreu de A. Silveira
(Membro interno – UFPB)

² Profa. Dra. Danielle Barbosa Lins de Almeida (PROLING-UFPB) é a orientadora, afastada por motivos de saúde, que acompanhou a tese até o mês de julho de 2021, meses após a qualificação. Desde outubro de 2021, a Profa. Dra. Elaine Baldissera assumiu a orientação como substituta e a Profa. Vânia Barbosa como coorientadora.

Esta tese é especialmente dedicada às crianças esquecidas pela sociedade brasileira, às crianças pequenas e grandes que tornam cada sonho uma festa, misturando realidade e fantasia, registrando momentos na memória e contando histórias. Parabéns pra vocês!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, pelas bênçãos concedidas, pela permissão de minhas escolhas, proteção e amparo até aqui.

A minha mãe, Maria das Neves (Nina), minha professora da vida, meu maior exemplo de força, garra e determinação. Uma mulher forte, que irradia luz e alegria, contagiando quem está ao seu lado. Agradeço a Deus por ter escolhido a senhora para ser minha mãe, quem sou hoje é resultado de todos seus ensinamentos desde a infância, sempre pensando no que era melhor para mim. Obrigada por todos os ensinamentos e tanto amor envolvido.

À memória do meu pai, Luiz Ponciano da Silva, que do seu jeito meio distante também me amou. Gratidão e amor por toda a vida.

Aos meus irmãos, Renato e Robinho, por estarem sempre prontos a me ajudar. Com vocês, tenho aprendido muito. E aos demais irmãos, obrigada pelos momentos em família, pelas conversas engraçadas, pela torcida. Aos sobrinhos, pelos momentos de gargalhadas e de choros, inesquecíveis.

Ao meu marido, Marcos Túlio Fernandes, e aos meus filhos, Renan Henri e Rebecca Henri, meus tesouros. Tenho aprendido tanto com vocês! Agradeço especialmente a você, maridão, meu amor, por todo apoio e incentivo. Agradeço pelas massagens nos pés, nas costas, no corpo! A você, meu profundo e constante agradecimento.

Agradeço à professora Danielle Almeida pela oportunidade de ser sua orientanda, por ter me apresentado seu Grupo de Pesquisa em Semiótica Visual e Multimodalidade (GPSM), cujas leituras sobre multimodalidade e infância me levaram a perceber novas configurações textuais. Profunda gratidão! Desejo-lhe fortalecimento, fé e esperança em dias melhores.

Minha profunda gratidão à professora Elaine Espíndola pelo aceite em ser a orientadora substituta quando minha orientadora necessitou de licença para tratamento de saúde. Sua participação, Elaine, foi fundamental para continuidade deste trabalho. Muito obrigada por cada contribuição sua.

À professora Vânia Barbosa pela disponibilidade em ler a tese na reta final, debruçando-se sobre ela com seu olhar aguçado. Você foi meu porto seguro, minha luz quando me senti sozinha. As suas lentes se mostraram nítidas enquanto as minhas se mostravam realmente muito cinzas. Minha profunda e sincera gratidão por tudo!

À professora Viviane Heberle, obrigada pela disposição de seu tempo. Sinto-me honrada por sua contribuição. Que Deus te abençoe e te proteja sempre! Gratidão, professora, profunda gratidão por fazer parte da banca. Quanta honra!

À professora Maria Claurênia Silveira, minha imensa gratidão pelo incentivo, apoio e leituras compartilhadas nas suas aulas. As aulas eram tão leves que pareciam uma conversa entre amigos em volta de uma mesa de café! Tenho muito respeito e admiração pela senhora. Sinto-me honrada por sua participação na banca.

Às professoras Clarice Gualberto, Maria Zenaide, Zária Bomfante e Marianne Cavalcante pelo aceite em participar da banca, pelo olhar crítico e pelas sugestões diante das discussões.

Ao professor Fábio Alexandre Bezerra, exemplo de dedicação, organização, didática, comprometimento. Sua postura docente me inspira a ser uma profissional cada vez melhor.

À professora Socorro Cláudia, por indicar caminhos possíveis entre as leituras sobre Política Linguística durante sua disciplina e minha pesquisa. Gratidão por todo incentivo!

Ao professor Pedro Francelino, obrigada pela cordialidade, postura docente, ética. Cursei sua disciplina me sentindo como um peixe fora d'água, e quase desisti. Aos poucos, os textos de Bakhtin e seu círculo foram fazendo sentido, e sendo relacionados à multimodalidade dos cenários temáticos.

Ao professor José Ferrari, pelas aulas de metodologia da pesquisa que auxiliaram no aperfeiçoamento do projeto de pesquisa. Agradeço seu empenho, apoio e esclarecimento de dúvidas durante o desenvolvimento desta pesquisa. Muito obrigada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba – PROLING, aos demais professores, aos secretários Ronil e Valberto e demais funcionários do PROLING pelo compromisso e seriedade.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, em especial, ao campus Guarabira, pela liberação para cursar essa pós-graduação. Sinto-me orgulhosa em fazer parte dessa Instituição. Gratidão!

Às proprietárias das três casas de festas, pela receptividade e permissão durante as visitas para conhecer de perto os espaços destinados aos cenários temáticos. A vocês, meu reconhecimento e gratidão.

Aos colegas do GPSM e colegas da pós-graduação, em especial, Keila Aragão, José Maria, Jhonathas Nascimento e Poliane Leal. Passamos bons momentos juntos. Obrigada por cada minuto, pela leitura da versão inicial da tese. Aprendi muito com vocês.

RESUMO

De maneira análoga às imagens que perpassam cotidianamente no nosso meio, construindo histórias e registrando memórias (CALLOW, 1999), se constituindo em verdades absolutas e apresentando ideias como naturais e excluindo outras, os espaços construídos em que circulamos comumente são permeados por vários recursos semióticos que se associam e constituem significados por meio de modos de comunicação integrados. Por sua vez, pesquisas em multimodalidade têm ampliado um olhar analítico para a multiplicidade de textos e significados, despertando uma leitura que extrapola o verbal. Nesse sentido, este estudo se volta para cenários temáticos de festas infantis de aniversário, dispostos em casas de festas de João Pessoa-PB, compreendidos como textos espaciais que comunicam sobre o mundo social em que vivem as crianças e demais usuários desses espaços. O objetivo principal deste estudo é discutir sobre como esses cenários comunicam significados e discursos sobre infância, sinalizando relações de interação com os usuários enquanto textos espaciais (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; HEBERLE, 2016; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016). Para atender a esse objetivo, estabelecemos os seguintes objetivos específicos: a) Descrever os contextos de situação e de cultura nos quais os cenários temáticos estão inseridos, pela ótica da Linguística Sistêmico-Funcional; b) Analisar, de maneira descritiva e comparativa, os recursos semióticos utilizados nos espaços reservados aos cenários temáticos infantis, e nesses cenários, que sinalizem conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, sugerindo interação entre esses textos espaciais e seus usuários, fundamentando-se em categorias específicas da Análise do Discurso Espacial, advindas da Gramática do *Design* Visual; c) Analisar, de forma comparativa e interpretativa, as dimensões da prática discursiva e da prática social que permeiam os cenários, recorrendo à Análise Crítica do Discurso; d) Interpretar como a recorrência de cenários temáticos contribui para comunicar significados sobre infância, moldando discursos socialmente construídos, a partir da Semiótica Social e da Análise Crítica do Discurso. O estudo perpassa noções de infância, festa, cenários temáticos, espetacularização e sociedade consumista. Respalda-se nas contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978), Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005), Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005) e Análise do Discurso Espacial (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), em especial na metafunção interativa e suas categorias, ligação e vínculo, bem como na metafunção organizacional e suas categorias, valor de informação e saliência, advindas da Gramática do *Design* Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]). É uma pesquisa com abordagem qualitativa, promovendo uma análise descritiva e comparativo-interpretativa dos dados. Estes totalizam um inventário com 258 temáticas, identificadas no total de 1.671 cenários montados para festas infantis de aniversário realizadas entre 2009 e 2019. Os cenários foram visualizados por meio de fotografias postadas em redes sociais de três casas de festas paraibanas, além de fotografias do espaço vazio, registradas pela pesquisadora. O corpus da pesquisa é composto por nove desses cenários temáticos, selecionados entre as três temáticas mais recorrentes desse período, sendo três cenários representativos de cada casa de festa. Os resultados apontam os espaços destinados aos cenários e os cenários como textos que comunicam ideias, crenças e valores que implicam na concepção de determinada infância brasileira, a partir de temáticas pré-estabelecidas, do espaço escolhido, e da distribuição organizacional desses cenários, nos salões das casas de festas. Essa comunicação é estabelecida por relações de interação com os usuários, potencializadas por recursos semióticos integrados, relacionados ao modo visual e espacial, variando conforme a temática, o espaço e o cenário.

Palavras-chave: Cenário temático. Festa de aniversário infantil. Semiótica Social. Multimodalidade. Discurso Espacial.

ABSTRACT

In a similar way to the images which permeate daily in our environment, building stories and recording memories (CALLOW, 1999), constituting absolute truths and presenting ideas as natural and excluding others, the built spaces in which we circulate are commonly permeated by various semiotics resources that are associated and constitute meanings through integrated modes of communication. In turn, research in multimodality has expanded an analytical look at the multiplicity of texts and meanings, awakening a reading that goes beyond the verbal. In this sense, this study focuses on thematic party settings of children's birthday parties, arranged in party venues in João Pessoa-PB, understood as spatial texts that communicate about the social world in which children and other users of these spaces live. The main objective of this study is to discuss how the thematic party settings of birthdays in party venues in the capital of Paraíba communicate meanings and discourses about childhood, signaling interaction relationships with users as spatial texts (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; HEBERLE, 2016; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016). To meet this objective, we established the following specific objectives: a) Describe the situational and cultural contexts in which the thematic scenarios are embedded, from the perspective of Systemic-Functional Linguistics; b) Analyze, in a descriptive and comparative way, the semiotic resources used in spaces reserved for children's themed party settings, and in party settings that signal comfort, safety, identification and belonging of users to the space, suggesting interaction between these spatial texts and their users, based on specific categories of Spatial Discourse Analysis, derived from Grammar of Visual Design; c) Analyze, comparatively and interpretatively, the dimensions of discursive practice and social practice that involve the party settings, using Critical Discourse Analysis; d) Interpret how the recurrence of thematic party settings contributes to communicating meanings about childhood, shaping socially constructed discourses, based on Social Semiotics and Critical Discourse Analysis. The study goes through notions of childhood, party, thematic party settings, spectacularization and consumerist society. It is supported by the contributions of Systemic-Functional Linguistics (HALLIDAY, 1978), Critical Discourse Analysis (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005), Social Semiotics (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005) and Spatial Discourse Analysis (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), in particular the interactive metafunction and its categories, binding and bonding, as well as the organizational metafunction and its categories, information value and salience, arising from the Grammar of Visual Design (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]). It is a research with a qualitative approach, promoting a descriptive analysis and comparative-interpretative data. These total an inventory with 258 themes, identified in a total of 1,671 party settings set up for children's birthday parties held between 2009 and 2019. The party settings were visualized through photographs posted on social networks of three party venues in Paraíba, in addition to photographs of the space empty, recorded by the researcher. The research corpus is composed of nine of these party settings, selected among the three most recurrent themes of this period, with three party settings representing each party venue. The results point to the spaces destined to the party settings and the party settings as texts that communicate ideas, beliefs and values that imply the conception of a certain Brazilian childhood, from pre-established themes, the chosen space, and the organizational distribution of these party settings, in the halls of the party venues. This communication is established by interaction relationships with users, enhanced by integrated semiotic resources, related to the visual and spatial mode, varying according to theme, space, party setting.

Keywords: Thematic party setting. Children's birthday party. Social Semiotics. Multimodality. Spatial Discourse.

RESUMEN

De manera similar a las imágenes, que permean cotidianamente nuestro entorno, construyendo historias y registrando recuerdos (CALLOW, 1999), constituyendo verdades absolutas y presentando ideas como naturales y excluyendo otras, los espacios construidos por los que circulamos están comúnmente impregnados por diversos recursos semióticos que se asocian y constituyen significados a través de modos de comunicación integrados. A su vez, la investigación en multimodalidad ha ampliado una mirada analítica sobre la multiplicidad de textos y significados, despertando una lectura que va más allá de lo verbal. En ese sentido, este estudio se centra en los escenarios temáticos de las fiestas de cumpleaños infantiles, organizadas en las casas de fiesta de João Pessoa-PB, entendidas como textos espaciales que comunican sobre el mundo social en el que viven los niños y otros usuarios de estos espacios. El objetivo principal de este estudio es discutir cómo estos escenarios comunican significados y discursos sobre la infancia, señalando relaciones de interacción con los usuarios como textos espaciales (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; HEBERLE, 2016; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016). Para cumplir con este objetivo, establecimos los siguientes objetivos específicos: a) Describir los contextos de situación y cultura en los que se insertan los escenarios temáticos a través de la Lingüística Sistémico-Funcional; b) Analizar, descriptiva y comparativamente, los recursos semióticos utilizados en los espacios reservados a los escenarios temáticos infantiles, y en los escenarios, que señalan la comodidad, la seguridad, la identificación y la pertenencia de los usuarios al espacio, sugiriendo la interacción entre estos textos espaciales y sus usuarios, a partir de las categorías específicas del Análisis del Discurso Espacial, surgidas de la Gramática del Diseño Visual; c) Analizar, de manera comparativa e interpretativa, las dimensiones de la práctica discursiva y de la práctica social que involucran los escenarios presentados, utilizando el Análisis Crítico del Discurso; d) Interpretar cómo la recurrencia de los escenarios temáticos contribuye a comunicar significados sobre la infancia, configurando discursos socialmente construidos, desde la Semiótica Social y el Análisis Crítico del Discurso. El estudio pasa por las nociones de infancia, fiesta, escenarios temáticos, espectacularización y sociedad consumista. Se sustenta en los aportes de la Lingüística Sistémico-Funcional (HALLIDAY, 1978), el Análisis Crítico del Discurso (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005), la Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005) y el Análisis del Discurso Espacial (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), en particular la metafunción interactiva y sus categorías, vinculante y unión, así como a la metafunción organizativa y sus categorías, information value y salience, surgidas de la Gramática del Diseño Visual (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]). Se trata de una investigación con enfoque cualitativo, que promueve un análisis descriptivo y comparativo-interpretativo de los datos. Estos suman un inventario con 258 temas, identificados en el total de 1.671 escenarios montados para fiestas de cumpleaños infantiles celebradas entre 2009 y 2019. Los escenarios se visualizaron a través de fotografías publicadas en las redes sociales de tres casas de fiestas paraibanas, además de fotografías del espacio vacío, registrados por el investigador. El corpus de la investigación está compuesto por nueve de estos escenarios temáticos, seleccionados entre los tres temas más recurrentes de este periodo, con tres escenarios representativos de cada casa de fiesta. Los resultados señalan los espacios destinados a los escenarios y los escenarios como textos que comunican ideas, creencias y valores que implican en la concepción de una determinada infancia brasileña a partir de temas preestablecidos, del espacio elegido y de la distribución organizativa de estos escenarios en los salones de las casas de fiesta. Esta comunicación se establece mediante relaciones de interacción con los usuarios, potenciadas por recursos semióticos integrados, relacionados con el modo visual y espacial, que varían según el tema, el espacio y el escenario.

Palabras clave: Escenario temático. Fiestas de cumpleaños de los niños. Semiótica Social.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Algumas fotografias de crianças pelo mundo	34
Figura 2 – Perspectivas observáveis nos estudos sobre festas infantis de aniversário	59
Figura 3 – Estruturação da discussão sobre cenários temáticos	61
Figura 4 – <i>Print</i> de postagem do cenário externo	64
Figura 5 – <i>Print</i> de postagem do cenário principal	65
Figura 6 – <i>Print</i> de postagem de personalizados.....	66
Figura 7 – <i>Print</i> de postagem das mesas de convidados	67
Figura 8 – <i>Print</i> de postagem do cenário de lembrancinhas	68
Figura 9 – Aspectos sobre festas e cenários a serem observados nesta pesquisa.....	70
Figura 10 – <i>Interface</i> entre o objeto de estudo e LSF	73
Figura 11 – <i>Interface</i> entre o objeto de estudo e a ACD	76
Figura 12 – Sete modos de significado	80
Figura 13 – <i>Interface</i> entre o objeto de estudo e a SS	87
Figura 14 – Categorias da metafunção interativa para análise de textos espaciais	97
Figura 15 – Escala de gradação do contínuo de segurança e insegurança	99
Figura 16 – Cenário de Alice no País das Maravilhas – Festa de 1 ano.....	106
Figura 17 – Categorias da metafunção organizacional para textos espaciais.....	109
Figura 18 – Relações entre GDV e ADEsp	112
Figura 19 – Fachada da <i>Popótamus</i>	117
Figura 20 – Salão de festa da <i>Popótamus</i> destinado aos cenários.....	119
Figura 21 – Fachada da <i>Tindolelê Buffet Kids e Teens</i>	120
Figura 22 – Salão de festa da <i>Tindolelê Buffet Kids e Teens</i>	122
Figura 23 – Fachada da <i>Javé-Yirê Recepções e Locações</i>	123
Figura 24 – Salão de festa da <i>Javé-Yirê Recepções e Locações</i>	125
Figura 25 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Princesa	137
Figura 26 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Princesa.....	141
Figura 27 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Princesa.....	146
Figura 28 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Princesa.....	150
Figura 29 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Princesa	154
Figura 30 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Branca de Neve	160
Figura 31 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Branca de Neve.....	163

Figura 32 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 5 anos –Tema Branca de Neve	167
Figura 33 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Branca de Neve.....	170
Figura 34 – <i>Prints</i> dos três cenários com o tema Branca de Neve	173
Figura 35 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Circo.....	178
Figura 36 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Circo	180
Figura 37 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Circo	183
Figura 38 – <i>Print</i> do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Circo	186
Figura 39 – <i>Print</i> dos três cenários no tema Circo	189
Figura 40 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Princesa	197
Figura 41 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Branca de Neve	200
Figura 42 – <i>Prints</i> dos três cenários no tema Circo.....	202

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Modos de significados e recursos semióticos correspondentes	82
Quadro 2 – Categorias analíticas selecionadas	111
Quadro 3 – Contexto de investigação	115
Quadro 4 – Caminhos metodológicos	128
Quadro 5 – Síntese de dados compilados entre 2009-2019 nas três casas de festas	131
Quadro 6 – Procedimentos de coleta de dados e critérios de seleção do corpus.....	132
Quadro 7 – Procedimentos de análise dos dados	134
Quadro 8 – Síntese dos resultados para ligação e vínculo nos cenários.....	208
Quadro 9 – Síntese dos resultados para valor de informação e saliência nos cenários.....	210
Quadro 10 – Modos de significados e recursos semióticos correspondentes nos cenários..	211

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACD	Análise Crítica do Discurso
ADEsp	Análise do Discurso Espacial
GDV	Gramática do <i>Design</i> Visual
GSF	Gramática Sistêmico-Funcional
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
SI	Sociologia da Infância
SS	Semiótica Social

SUMÁRIO

1	ACOMODANDO O LEITOR.....	17
1.1	Novas compreensões de texto exigem novas habilidades de letramentos.....	18
1.2	O porquê da pesquisa.....	20
1.3	Demarcando a pesquisa: breve contexto, questões e objetivos	23
1.4	Estruturação da tese.....	25
2	SE HÁ INFÂNCIA, HÁ FESTAS, CENÁRIOS E ESPETÁCULOS?.....	27
2.1	Infância: da inexistência à construção do conceito	27
2.1.1	Infância enquanto categoria social	35
2.1.2	Infância brasileira contemporânea.....	37
2.2	Entrando nas festas: uma visão panorâmica	40
2.2.1	Culturas da infância e festas infantis	43
2.2.2	Festas infantis de aniversário	44
2.2.2.1	<i>Um processo de socialização da criança</i>	48
2.2.2.2	<i>Um modo de representação do imaginário infantil.....</i>	50
2.2.2.3	<i>Um meio de consumismo, mercantilização e espetacularização</i>	52
2.3	Cenários temáticos de aniversários infantis.....	60
2.3.1	Cenários temáticos: temas	61
2.3.2	Cenários temáticos: suas subdivisões e acomodações	63
3	FIRMANDO AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	71
3.1	Relações da LSF, ACD e SS com o objeto de investigação	71
3.1.1	Linguística Sistêmico-Funcional.....	71
3.1.2	Análise Crítica do Discurso.....	74
3.1.3	Semiótica Social	76
3.2	Modo espacial e seus recursos semióticos.....	87
3.2.1	Cenários temáticos e casas de festas como textos espaciais	93
3.3	Análise do Discurso Espacial e suas categorias analíticas	93
3.3.1	Significados representacionais	94
3.3.2	Significados interativos	95
3.3.2.1	<i>Ligação (Binding).....</i>	98
3.3.2.2	<i>Vínculo (Bonding).....</i>	105
3.3.3	Significados organizacionais	108
3.3.3.1	<i>Valor de informação.....</i>	109

3.3.3.2	<i>Saliência</i>	110
4	INDICANDO O TRAJETO METODOLÓGICO	113
4.1	Caracterização da pesquisa	113
4.2	Caraterização dos participantes	117
4.3	Caminhos metodológicos	128
4.3.1	Procedimentos de coleta de dados.....	129
4.3.2	Procedimentos de análise dos dados	133
5	UM OLHAR PARA O DISCURSO ESPACIAL DE CENÁRIOS TEMÁTICOS EM FESTAS INFANTIS	135
5.1	Um olhar para os cenários temáticos à luz da LSF e da ADEsp	135
5.1.1	Cenários da temática Princesa	136
5.1.1.1	<i>Contexto de situação e contexto de cultura</i>	136
5.1.1.2	<i>Categorias ligação, valor de informação e saliência</i>	140
5.1.1.3	<i>Categoria vínculo</i>	153
5.1.2	Cenários da temática Branca de Neve	159
5.1.2.1	<i>Contexto de situação e de cultura</i>	160
5.1.2.2	<i>Categorias ligação, valor de informação e saliência</i>	162
5.1.2.3	<i>Categoria vínculo</i>	172
5.1.3	Cenários da temática Circo.....	177
5.1.3.1	<i>Contexto de situação e de cultura</i>	178
5.1.3.2	<i>Categorias ligação, valor de informação e saliência</i>	180
5.1.3.3	<i>Categoria vínculo</i>	189
5.2	Um olhar para as práticas discursivas e sociais dos discursos espaciais	193
5.3	Discussão dos resultados	205
5.3.1	Respondendo à primeira pergunta de pesquisa	207
5.3.2	Respondendo à segunda pergunta de pesquisa.....	212
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	214
	REFERÊNCIAS	221
	APÊNDICES	229
	ANEXOS	230

1 ACOMODANDO O LEITOR

Com o acelerado empobrecimento do imaginário da infância no Ocidente, as **festas infantis de aniversário** parecem encenar o modo como esse imaginário vem se reorganizando, tanto pela desvalorização e repressão de certas imagens quanto pela emergência de outras (ATIHÉ, 2012, p. 212, grifo nosso).

Eu diria que esses **edifícios são textos**, eles constroem e favorecem significados, eles são construtos socioculturais, e, como tal, precisam ser compreendidos, apreciados, questionados, aplaudidos e criticados, assim como qualquer outro texto pode e deveria ser. Eles fazem parte do nosso mundo social, e é isso que precisamos entender (RAVELLI, 2014, p.223, grifo nosso)³.

As premissas destacadas nas duas epígrafes representam as ideias propulsoras para realização desta pesquisa: festas infantis de aniversário como um modo de representação da infância, mas não apenas isso, e edifícios construídos como textos que comunicam significados socioculturais por meio do discurso espacial. Dessa forma, a discussão se desenvolve a partir do entrelaçamento entre essas festas e as casas de festas infantis com cenários temáticos.

Cada um, proprietário do prédio e usuário do espaço, anfitrião e convidado, você e eu⁴, somos uma parte imprescindível e inerente para construção e constituição desses significados

³ Tradução de Maria Alice Antunes e Bianca Walsh referente ao original *Analysing Space: adapting and extending multimodal semiotics* (RAVELLI, 2008).

⁴ Algumas bancas de defesa, e a academia em geral, prezam pela padronização de uma só voz em textos da esfera acadêmico-científica, seja ela impessoal, em 1ª ou 3ª pessoa. A meu ver, a padronização de uma única voz, como a impessoalidade, não garante uma argumentação consistente, precisa, objetiva ou um “distanciamento do pesquisador” para que o objeto de estudo e os dados sejam protagonistas. Nessa perspectiva, concordo com o posicionamento de Oliveira (2014) quanto ao uso de vozes (no plural) presentes no texto acadêmico e a explicitação de autoria considerando que o uso de determinada pessoa no discurso é intencional, correspondendo ao sentido que se pretende expressar. Seguem essa linha, Nascimento e Bernardino (2014), baseados na heterogeneidade discursiva na perspectiva bakhtiniana e de outros teóricos, afirmando que um texto acadêmico é atravessado por múltiplas vozes marcadas ou não linguisticamente na tessitura textual. Para esses autores, essa tessitura textual é construída pelo sujeito-autor, exercendo funções diversificadas do discurso citado na construção de sentidos do texto. Por sua vez, Bessa (2018), também na perspectiva bakhtiniana, discorre sobre as marcas do dialogismo interlocutivo e suas diversas funções na construção da voz autoral. Para o autor, essa voz autoral é construída tanto por meio do “diálogo com o já-dito quanto [...] o diálogo com o interlocutor a quem se dirige o enunciado [...]” (BESSA, 2018, p. 172), respondendo antecipadamente ao interlocutor presumido e ambos os diálogos constituindo a voz

em razão de nossa capacidade humana de ver, ouvir e sentir, permitindo uma interação com o meio. Esse meio, o espaço construído, também é provido de elementos semióticos que contribuem para nossa compreensão, apreciação e questionamentos sobre ele. E juntos, texto e leitor cooperam para a constituição de múltiplos significados conforme o contexto social em que cada um está inserido. Aos analistas do discurso lhes compete a tarefa de desmaranhar tais significados, apontar seus desdobramentos e nuances, visando a ampliar seus conhecimentos e os do leitor, além de germinar novas reflexões a partir da pesquisa.

Nesse sentido, para acomodar o leitor quanto ao trajeto percorrido nesta introdução, ela se desenvolve em quatro blocos: problematização do estudo; justificativa da pesquisa; breve descrição do seu contexto, questões de pesquisa, objetivos; e estruturação da tese.

1.1 Novas compreensões de texto exigem novas habilidades de letramentos

As atuais Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) bombardeiam o leitor com novas configurações textuais além do texto verbal, incluindo outros modos de comunicação com o mesmo nível de importância para a construção de sentidos. Essas configurações são constituídas por meio de recursos semióticos que, simultaneamente, constroem significados sociais dependendo de como as pessoas usam esses recursos. Essa ideia remete à Semiótica Social⁵ apresentada por van Leeuwen (2005, p. xi)⁶, cujo foco mudou “[...] de ‘signo’ para a forma como as pessoas usam os ‘recursos’ semióticos tanto para produzir artefatos e eventos comunicativos quanto para interpretá-los – que é também uma forma de produção semiótica – no contexto de situações sociais e práticas específicas.”. Desse modo, a Semiótica Social “[...] sugere que as regras, escritas ou não escritas, são feitas por pessoas, e podem, portanto, ser alteradas pelas pessoas.” (VAN LEEUWEN, 2005, p. 47)

autoral. Some-se a isso, a defesa de Lopes e Fabrício (2019) quanto à ‘proximidade crítica’, o não apagamento do sujeito que pesquisa. Desse modo, considerando a dimensão constitutiva da voz autoral por meio do já-dito e do diálogo com o interlocutor/leitor, coconstrutor de sentidos de um texto, esta tese é permeada por várias vozes, sendo algumas delas marcadas linguisticamente: 1ª pessoa do singular, quando trago a responsabilidade direta pelo que digo como autora, pesquisadora; 1ª pessoa do plural, inclusiva, ‘nós’ enquanto autora/leitor, pesquisadora e orientadora, membros de um grupo de pesquisa, membros da comunidade acadêmico-científica, pesquisadores da área, entre outros; 3ª pessoa do singular ou plural quando me refiro ao objeto de estudo, à pesquisa, uma ideia ou aos dados.

⁵ Sobre a Semiótica Social, é válido antecipar que, embora van Leeuwen (2005) tenha sido referenciado inicialmente, a referência principal adotada para este trabalho é Hodge e Kress (1988).

⁶ [...] from the ‘sign’ to the way people use semiotic ‘resources’ both to produce communicative artefacts and events and to interpret them – which is also a form of semiotic production – in the context of specific social situations and practices.(VAN LEEUWEN, 2005, p. xi).

⁷. Essa ideia se contrapõe à semiótica tradicional de Saussure quanto às regras consideradas fixas e imutáveis.

Nas palavras de Kress e van Leeuwen (2006[1996])⁸, os textos⁹ são discursos materializados, integrados por diversos modos semióticos organizados em prol da produção de sentidos. Isso antecipa a noção de multimodalidade que é explicada posteriormente em capítulo específico, como sendo o uso de diferentes e combinados modos de significado e recursos semióticos. Por exemplo, tipografia, escrita, imagem, cores, tamanho, ângulos, leiaute, som, gestos ou espaços – construções, na visão de Ravelli (2008), Ravelli e Heberle (2016) – são alguns dos recursos semióticos utilizados para constituição de significados. O verbal não é imprescindível para constituir um texto. Assim, partimos do pressuposto de que todo texto é multimodal, mesmo predominando um determinado modo semiótico, pois outros modos semióticos também o constituem.

Callow (1999), por exemplo, ao se referir às imagens, afirma que elas perpassam cotidianamente o nosso meio, constroem histórias, registram memórias, constituem-se em verdades absolutas e apresentam ideias como naturais enquanto outras são excluídas. Do mesmo modo acontece com os espaços construídos que visualizamos ou pelos quais circulamos cotidianamente. Sem nos darmos conta, esses espaços são permeados por vários recursos semióticos que se associam e constituem significados por meio das modalidades sensoriais: visão, audição, tato, olfato e paladar.

Esses espaços construídos, quando com fins publicitários, alcançam rápida visibilidade mediante a avalanche das novas TICs que, por sua vez, têm provocado um contexto de mudanças das práticas sociais com circulação de informações advindas de todos os lugares de maneira rápida e dinâmica, além de novas formas de sociabilidade. Tais configurações textuais exigem do leitor habilidades cada vez mais avançadas de letramentos para compreensão de significados, apreciação e questionamento quanto ao que elas comunicam.

Sobre essas habilidades mais avançadas de letramento, Almeida (2009, p. 188) aponta a necessidade de “[...] reconsiderar todo o universo existente por trás do tradicional conceito de letramento, associado ao meio impresso, a fim de se reconhecerem novas formas de texto como referências de comunicação, [...]” Isso implica dizer que o reconhecimento de novas composições textuais exige novos domínios da capacidade de ler e interpretar.

⁷ It suggests that rules, whether written or unwritten, are made by people, and can therefore be changed by people. (VAN LEEUWEN, 2005, p. 47).

⁸ Os autores publicaram uma edição mais recente desta obra em 2021, porém, nesta tese, utilizo-me das edições anteriores devido às leituras e aos fichamentos já realizados.

⁹ A noção de texto aqui sinalizada é explorada no Capítulo 3.

É o que acontece diante da leitura de um texto espacial, como as casas ou salões de festas infantis que surgiram nas últimas duas décadas no contexto brasileiro para festejar os aniversários de crianças. Tais comemorações, antes preparadas pela família e realizadas no âmbito domiciliar para familiares e amigos próximos, atualmente ocupam esses novos espaços sociais que são identificados para o público infantil desde a fachada do prédio, agregando cenários temáticos¹⁰ na sua parte interna e por vezes também na parte externa. Vale ressaltar que eles são montados e desmontados nos espaços, a cada festa, para registrar o território, personalizar o ambiente, identificar certa infância e certa criança. Espaços que podem ampliar ou restringir a forma de interação do usuário/observador com o mundo que o cerca. Assim, esses cenários montados nas casas de festas comunicam mensagens para seus usuários sobre o mundo social em que vivem. Nas palavras de Ravelli e Heberle (2016), textos espaciais são ao mesmo tempo espaços construídos para serem usados e para serem lidos.

É para a leitura crítica dos espaços e dos cenários de festas infantis de aniversários – e como eles interagem conosco – que esta pesquisa se volta. Nesse panorama, a problematização desta pesquisa parte dessa compreensão de espaços internos de casas de festas e seus cenários temáticos enquanto textos espaciais que comunicam significados e discursos sobre infância, buscando compreender como isso ocorre e também refletir sobre as diversas infâncias brasileiras da sociedade contemporânea.

Após essa problematização, segue a justificativa da pesquisa.

1.2 O porquê da pesquisa

O ato de pesquisar se inicia pelo interesse em determinada temática, por questionamentos com relação a uma situação cuja compilação de conhecimento disponível não responde apropriadamente. Pesquisar envolve, então, um processo elaborado de investigação sobre determinado objeto de estudo para comprovar suposições, baseando-se em fundamentos científicos, coleta, análise e discussão de elementos para estudar tal objeto e produzir conhecimento. Envolve também um aperfeiçoamento da capacidade intelectual do pesquisador com tempo de maturação que o acompanha durante todo o processo contínuo de (re) construção do conhecimento.

¹⁰ No capítulo seguinte, discorreremos sobre festas infantis e cenários temáticos.

Nesse sentido, o interesse pela pesquisa foi motivado após a imersão na temática da multimodalidade e infância por meio de estudos no Grupo de Pesquisa em Semiótica Visual e Multimodalidade (GPSM) da Universidade Federal da Paraíba, direcionando um olhar para o discurso espacial que envolve cenários temáticos montados nas casas de festas infantis. Além disso, o comércio, em outros setores, faz parte do meu contexto familiar desde a infância, o que aguçou o olhar enquanto pesquisadora. Nesse âmbito familiar, ações estratégicas de compra, organização do espaço para exposição e venda de mercadorias ainda me são bem peculiares.

Dentre várias leituras proporcionadas pelo GPSM e por disciplinas da pós-graduação voltadas para a perspectiva da multimodalidade, os textos de Louise Ravelli me inquietaram, em especial, Ravelli e Heberle (2016). Isso se justifica, provavelmente, em razão do significativo objeto de investigação no contexto brasileiro: Museu de Língua Portuguesa em São Paulo-SP. Nessa leitura, é perceptível observar como o museu e suas exposições podem apresentar recursos comunicativos tão repletos de significados quanto qualquer texto escrito ou falado. Para as autoras, os textos espaciais são uma parte inerente do nosso mundo social, contribuindo para a forma como vivemos, trabalhamos e brincamos. As construções, assim como as imagens, são partes importantes da cultura e estão inseridas em vários contextos sociais.

Nessa linha de pensamento, seguem três argumentos em prol da relevância desta pesquisa. O primeiro argumento diz respeito às concepções de infância apresentadas na sociedade brasileira contemporânea por meio da visibilidade de aniversários infantis em casas de festas, que geralmente nos passam despercebidas. Tais concepções sugerem uma infância voltada para o consumo, como se a infância se transformasse em mercadoria (BAUMAN, 2008) e assegurasse a felicidade, além de uma infância enclausurada, como garantia de segurança para a criança de uma determinada condição socioeconômica. Essas concepções demandam uma reflexão crítica tanto sobre o conceito de infância, podendo ser fundamentada na Historiografia, quanto sobre a festa infantil enquanto processo de socialização, que pode ser alicerçada na Sociologia da Infância com desdobramentos dessa socialização.

O segundo argumento refere-se ao modo como essas festas infantis brasileiras são caracterizadas, apresentadas e exploradas na mídia pelos proprietários das casas de festas, pelos prestadores de produtos e serviços e pela própria família do aniversariante. Esse fato também merece ser discutido porque pode ser associado à questão da “intimidade como espetáculo”, “o show do eu”, potencializado pelas redes sociais como aponta Sibilia (2016). Segundo a autora, no contexto atual das novas TICs, os modos de ser e estar no mundo

sofreram alterações, criando uma lógica do espetáculo midiático no qual possibilitaram um novo estatuto de poder: “[...] aquele que converteu *você, eu* e todos *nós* nas personalidades do momento.” (SIBILIA, 2016, p. 47, grifos da autora). Nas palavras dessa autora, “Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de vidas privadas que se oferecem despidoradamente aos olhares do mundo inteiro.” (p. 52). A maneira como os cenários temáticos de festas infantis brasileiras são montados nessas casas, com detalhes de decoração, iluminação, cor, disposição dos espaços para presentes, lembrancinhas, buffet e recreação, sinaliza o consumo exacerbado de produtos e serviços, uma espetacularização de valores culturais, sociais e econômicos que constrói uma narrativa visual de si mesmo (FERNANDES; ALMEIDA; SILVEIRA, 2019).

O terceiro argumento é que, entre as novas configurações textuais que extrapolam a concepção de texto verbal, as casas de festas e seus cenários temáticos podem ser lidos como textos espaciais, como aconteceu com o museu e suas exposições, que interagem com o observador/usuário para comunicar significados sobre infância, porém ainda inexplorados enquanto objetos de investigação da Linguística, conforme revelam as buscas realizadas tanto na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações¹¹ quanto no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes¹². Em ambas as plataformas, as palavras-chave que compuseram a busca dos trabalhos foram: textos espaciais, casas de festas infantis, e cenários temáticos¹³. Na primeira plataforma, não houve registro encontrado. Na segunda, houve cinco dissertações encontradas, porém, os títulos e resumos desses trabalhos indicam que não existe relação entre esses termos buscados, o que configura um ineditismo nesse aspecto para a área.

Ademais, estudos anteriores voltados para análise multimodal de textos espaciais como objeto de investigação têm sido realizados mais amplamente no contexto de pesquisas no exterior. Podemos citar alguns: Ravelli (2000), O’Toole (2004), Pang (2004), Alias (2004), Stenglin (2004), Ravelli e Stenglin (2008), Stenglin (2009), Boeriis e Nørgaard (2013), Ravelli e McMurtrie (2016). Já no contexto brasileiro, pesquisas sobre a multimodalidade em textos espaciais são escassas. Encontramos dois estudos, um de Callegaro, Martins e Kader

¹¹ Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

¹² Banco de Teses da Capes, Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/>. Acesso em: 2 mar. 2021.

¹³ Sobre essas três palavras-chave, é válido informar que, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, elas foram digitadas e guiadas por uma busca avançada via a opção ‘resumo em português’. Já no Banco de Teses da Capes, essas palavras-chaves foram digitadas entre aspas por não existir a opção de busca avançada, o que geraria uma infinidade de resultados aleatórios sem relação entre tais palavras. Essa sugestão de busca foi encontrada em um vídeo do You Tube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J1EYi432ZgU&list=WL&index=26&t=5s>. Acesso em: 2 mar. 2021.

(2014), e um de Ravelli e Heberle (2016), porém não abrangem o universo infantil. Nesse universo, podemos citar artigos recentes produzidos por mim no início desta pesquisa, como Fernandes (2019), Fernandes e Santos Júnior (2019). Alguns dos estudos listados são retomados em capítulo posterior, referente à base teórica. Não foram encontrados outros estudos que analisassem textos espaciais no universo infantil durante sondagem bibliográfica.

Assim, é preciso um olhar analítico para esses espaços do cotidiano como textos espaciais que comunicam significados sobre infância, valores culturais, sociais e econômicos, passando despercebidos. Esse olhar pode ser respaldado pela Análise do Discurso Espacial, como ocorre nesta pesquisa, uma ferramenta de análise ampliada para análise de espaços construídos, proposta por Ravelli e McMurtrie (2016), baseada na Gramática Sistêmico-Funcional de Halliday (1978) para a linguagem verbal e na Gramática do Design Visual de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) para linguagem visual. Dessa forma, Ravelli e McMurtrie (2016) propõem a referida Análise do Discurso Espacial, também se apropriando dos estudos anteriores de Stenglin (2004; 2009) e Ravelli (2008), mostrando que os discursos espaciais podem ser analisados pelas metafunções representacional, interativa e organizacional.

A seguir, o breve contexto da pesquisa, questões de pesquisa, e seus objetivos.

1.3 Demarcando a pesquisa: breve contexto, questões e objetivos

Esta pesquisa se insere na linha teórico-metodológica do discurso multimodal, precisamente o discurso espacial, subárea da Linguística. O objeto de investigação é o discurso espacial de cenários temáticos em festas infantis de aniversário na sociedade brasileira contemporânea. Nesta seção, discorreremos sobre um breve contexto da pesquisa, cujos detalhes estão descritos no capítulo de metodologia.

O contexto da pesquisa se volta para o salão de três casas de festas em João Pessoa-PB (*Popótamus*, *Tindolelê Buffet Kids e Teens*, *Javé-Yirê Recepções e Locações*) e seus cenários temáticos. Os dados de pesquisa totalizam um inventário com 258 temáticas distribuídas em 1.671 cenários montados para festas infantis de aniversário¹⁴, festas realizadas entre 2009 e 2019, com faixa etária das crianças entre um e seis anos, visualizadas em fotografias postadas por essas três casas de festas em suas redes sociais *Blog*, *Facebook* e *Instagram*, consultadas entre janeiro e março de 2020. Existem também 94 fotografias registradas por mim, referentes

¹⁴ Cada cenário temático montado e contabilizado representa uma festa, com várias fotografias, como é explicado no capítulo de metodologia. Porém, consideramos os 1.671 cenários montados como o número de fotografias do período.

aos salões de festas vazios, sem cenários montados, a alguns espaços adjacentes, e às fachadas das casas, sendo 36 da *Popótamus*, 32 da *Tindolelê*, e 26 da *Javé-Yirê*. As fotografias coletadas não apresentam pessoas, por elas não serem o foco da pesquisa, mas focalizam os cenários temáticos montados nesses espaços e os espaços sem cenários. É relevante antecipar que houve autorização pelas proprietárias das casas para uso e registro de imagens.

Diante de um inventário amplo de dados, seguimos um direcionamento para recorte de dados que viabilizasse respostas às questões norteadoras elencadas a seguir. Isso ocorreu a partir da identificação das três temáticas mais recorrentes nos cenários dos aniversários infantis ao longo do período (2009-2019), nas três casas de festas da capital paraibana, bem como de critérios de seleção para três cenários representativos de cada temática por casa, entre os vários cenários para o mesmo tema em festas diferentes. As três temáticas mais recorrentes foram consideradas entre as listadas no somatório geral de temáticas (258), a partir da elaboração de listagens individuais de cada casa, já que algumas temáticas se repetem nessas listagens individuais. Isto é, as três temáticas mais recorrentes na listagem geral são as consideradas no recorte de dados, mesmo que elas não apareçam entre as três primeiras nas listagens individuais. Assim, o corpus da pesquisa é composto por nove desses cenários temáticos, sendo três de cada casa de festa.

Duas questões norteadoras instigaram um olhar investigativo: a) Quais são os recursos semióticos utilizados nos espaços destinados aos cenários temáticos, e nesses cenários, sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, promovendo interação entre esses textos espaciais e seus usuários? b) De que maneira a recorrência de determinados cenários temáticos em casas de festas infantis de João Pessoa-PB contribui para comunicar significados e discursos sobre infância? Para responder tais questionamentos, elencamos alguns objetivos.

O objetivo principal foi discutir como os cenários temáticos de aniversários em casas de festas na capital paraibana comunicam significados e discursos sobre infância, sinalizando relações de interação com os usuários enquanto textos espaciais (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; HEBERLE, 2016; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016). Buscando atender esse objetivo, pretendemos especificamente: a) Descrever os contextos de situação e de cultura nos quais os cenários temáticos estão inseridos, pela ótica da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978); b) Analisar, de maneira descritiva e comparativa, os recursos semióticos utilizados nos espaços reservados aos cenários temáticos infantis, e nesses cenários, que sinalizem conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, sugerindo interação entre esses textos espaciais e seus usuários, fundamentando-se em

categorias específicas da Análise do Discurso Espacial (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), advindas da Gramática do *Design* Visual, (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]), a saber: **ligação** e **vínculo**¹⁵ (ADEsp), da metafunção interativa, e o entrelaçamento da **ligação** com as categorias **valor de informação** e **saliência**, da metafunção organizacional; c) Analisar, de forma comparativa e interpretativa, as dimensões da prática discursiva e da prática social que permeiam os cenários, recorrendo à Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005); d) Interpretar como a recorrência de cenários temáticos contribui para comunicar significados sobre infância, moldando discursos socialmente construídos, a partir da Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005) e da Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005).

Considerando que os cenários temáticos montados e desmontados em casas de festas no Brasil parecem *sui generis*¹⁶ devido ao seu caráter alegórico, exuberante e sobrecarregado de informações sinalizadoras de consumo, sendo exibidos em redes sociais, a tese sustentada é que tais cenários comunicam ideias, crenças e valores que se naturalizam, implicando na concepção de determinada infância brasileira a partir de temáticas pré-estabelecidas, de casas de festas escolhidas e da distribuição organizacional desses cenários nos espaços internos dessas casas. Tratando-se de um contexto voltado para o público infantil, as relações de interação com os usuários são potencializadas por variados recursos semióticos sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento.

Decorrido esse bloco de demarcação da pesquisa, segue a estruturação da tese.

1.4 Estruturação da tese

A tese está estruturada em seis capítulos, considerando desde a introdução até as considerações finais.

¹⁵ Para fins de esclarecimentos, o destaque em negrito visa à familiarização dessas categorias por parte do leitor que não as conhece.

¹⁶ Sobre os estrangeirismos não grafados em itálico, segui o Manual de Comunicação do Senado Federal, que traz uma lista de estrangeirismos grafados sem itálico, entre eles “corpus”, “design”, “buffet”, “download”, “drive-in”, “glamour”, “marketing”, “on-line”, “performance”, etc. Segundo o Manual, o uso do itálico é desnecessário em palavras aportuguesadas ou que foram incorporadas à língua portuguesa em sua forma original. Ao mesmo tempo, palavras como ‘blog’, que não é listada como itálico no Manual, aparece em itálico devido à sua igual importância como *Facebook* e *Instagram*. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/manualdecomunicacao/verbetes-acessorio/estrangeirismos-grafados-sem-italico-ou-aspas-1>. Acesso em: 15 mar. 2020.

O Capítulo 1, esta introdução, apresenta as considerações iniciais com uma visão geral da pesquisa, apontando a problematização do estudo, justificativa, breve descrição contexto da pesquisa, questões norteadoras, objetivos e estruturação da tese.

O Capítulo 2 discute sobre o conceito de infância, recorrendo à Historiografia e à Sociologia da Infância para contextualização do objeto de investigação, sobre a noção de festas, cultura das festas infantis de aniversário, e cenários temáticos. Apresenta o aniversário como um tema que mobiliza diferentes áreas do conhecimento: Sociologia, Antropologia, Geografia Cultural e Marketing, e sinaliza as contribuições desta pesquisa para o discurso multimodal no campo da Linguística.

O Capítulo 3 apresenta o aporte teórico-metodológico para a análise e discussão dos dados: Linguística Sistêmico-Funcional, Análise Crítica do Discurso, Semiótica Social, Análise do Discurso Espacial. A primeira alicerça a perspectiva funcional da linguagem e sua função de produzir significados multifuncionais influenciados pelo contexto social; a segunda respalda o mecanismo teórico-metodológico para análise do texto em interação com suas práticas discursivas e sociais; a terceira respalda noções sobre multimodalidade, modos de significados, recursos semióticos, texto e discurso, enfatizando o modo espacial; e a última fundamenta as categorias analíticas, ampliadas da Gramática do *Design* Visual para análise de textos espaciais, destacando duas categorias da metafunção interativa, **ligação** e **vínculo**, e duas da metafunção organizacional, **valor de informação** e **saliência**.

O Capítulo 4 descreve os caminhos metodológicos, detalhando: a caracterização da pesquisa e dos participantes; a delimitação de casas de festas, temáticas e cenários; e os procedimentos de coleta e análise dos dados.

O Capítulo 5 apresenta a análise de nove cenários temáticos de festas infantis de aniversários, considerando os contextos de situação e de cultura, as categorias analíticas citadas e seus recursos semióticos, bem como as práticas discursivas e sociais que envolvem os cenários. Apresenta também a discussão dos resultados e suas implicações.

O Capítulo 6 refere-se às últimas considerações. Sintetiza os capítulos anteriores, relata as descobertas gerais da pesquisa e as reflexões, além de sinalizar futuros estudos.

Esperamos que esta introdução tenha sido satisfatoriamente delineada para o leitor, especialmente o analista do discurso, como uma fachada de um edifício que provoca o desejo de adentrar os outros cômodos de uma construção ainda em acabamento. Nela, permita-se resgatar a memória de aniversários infantis, reviver emoções e sensações em quaisquer espaços que tenham sido vividos.

2 SE HÁ INFÂNCIA, HÁ FESTAS, CENÁRIOS E ESPETÁCULOS?

Que a palavra parede não seja símbolo
de obstáculos à liberdade
nem de desejos reprimidos nem de proibições na
infância etc.[...] (BARROS, 2010, p. 261).

Numa sociedade de consumidores, tornar-se uma
mercadoria desejável e desejada é a matéria de que
são feitos os sonhos e os contos de fada (BAUMAN,
2008, p.22).

O presente capítulo situa o leitor a que infância, festas infantis e cenários temáticos nos referimos. Busca fomentar uma reflexão crítica sobre a infância contemporânea no contexto brasileiro, percorrendo desde a construção inicial do conceito de infância até a infância contemporânea. Busca também instigar reflexões sobre o fenômeno de festas infantis nos moldes em que tem sido realizado no Brasil, como expressão singular de uma infância brasileira de classe socioeconômica privilegiada.

Para alinhar a discussão, seguiremos três itinerários. O primeiro refere-se à construção do conceito de infância, iniciando no contexto europeu, seguindo para o contexto brasileiro, baseado na Historiografia da Infância, bem como para os processos de socialização da criança, ancorados na Sociologia da Infância; e depois, situamos a infância brasileira contemporânea sobre a qual falamos. O segundo ponto diz respeito às festas e culturas da infância, enfatizando festas infantis de aniversário. O terceiro ponto se debruça sobre cenários temáticos.

Acreditamos que esse fio condutor inicial auxilie na reflexão sobre como o discurso espacial no contexto das festas infantis brasileiras comunica significados, contribuindo para os estudos na área da Linguística. Mais ainda, julgamos que esse capítulo seja um dos elementos de sustentação do trajeto argumentativo da tese, assim como a infância é o alicerce da adultidade no trajeto da vida, ambos (trajeto argumentativo e o alicerce da adultidade) em construção.

2.1 Infância: da inexistência à construção do conceito

O crescente número de estudos acerca da infância constitui um fecundo manancial de trabalho para os pesquisadores acadêmicos, ampliando novas visões e ratificando a relevância

da temática para outras áreas do conhecimento, uma vez que a infância fora durante muito tempo objeto de estudo da biologia, psicologia e medicina, mas permanecera à margem dos estudos históricos e sociológicos que a abordavam meramente nas suas relações com a história da família e com a história da mulher (BARBOSA, 2000).

Inicialmente é primordial enfatizar dois aspectos. O primeiro é que as expressões ‘criança’ e ‘infância’ são usadas distintamente, não como sinônimas. De maneira sucinta, entendemos a primeira como um sujeito pertencente a um contexto histórico, social e cultural, enquanto a segunda corresponde à fase inicial da vida do ser humano. Pinto e Sarmiento (1997) diferenciam essas duas categorias, afirmando que crianças existiram desde sempre e que a infância, enquanto construção social, construída por um conjunto de representações sociais e de crenças, com dispositivos de socialização e controle, instituindo-a como categoria social própria, existiu desde os séculos XVII e XVIII. O segundo aspecto é sobre a inexistência de uma concepção universal para criança e infância, uma vez que sua concepção está atrelada aos significados sociais oferecidos pela cultura, à história individual de cada criança, às variáveis de gênero, classe, faixa etária, entre outros, como no escopo desta pesquisa, que envolve temáticas para cenários. Nesse sentido, por exemplo, a temática circo é diferente das temáticas Princesa e Branca de Neve, pois não está atrelada a um único personagem, como os super-heróis, Capitão América, Thor ou Superman. De modo semelhante, nas palavras de Barbosa (2000), faz-se necessária certa universalização objetivando enfrentar a questão e refletir sobre ela, tendo em mente que a infância não é singular, nem é única, é plural: infâncias.

Considerando que infância e criança enquanto conceitos nem sempre existiram e ambas resultam de lentas transformações históricas e sociais, é relevante iniciarmos com um percurso histórico no contexto europeu, da Antiguidade à Idade contemporânea, para compreendermos a concepção de infância brasileira na contemporaneidade, ponto principal desta seção.

Na Antiguidade, podemos inferir o conceito de infância, por exemplo, a partir de crianças retratadas na iconografia. Segundo os estudos de Ferreira (2011), nesse contexto histórico, observamos certa valorização da proteção maternal da infância de divindades e do cotidiano da criança em meio aos adultos em cenas familiares e sociais, envolvendo educação, brincadeiras e cerimônias fúnebres. A nosso ver, esse quadro reflete uma infância idealizada na época, como única, sugerindo o apagamento de outras infâncias, aquelas desvalorizadas, interrompidas, não representadas. Um exemplo disso encontra-se na publicação de *O Globo*,

datada de 20/06/2015¹⁷, indicando a descoberta de restos mortais de 450 crianças, sobretudo bebês considerados imperfeitos, em um poço na Ágora de Atenas, ajudando a compreender a alta taxa de mortalidade infantil da época.

No período referente à Idade Média e à Idade Moderna, os estudos do historiador francês Ariès (2005[1986])¹⁸ são pioneiros na construção do conceito de infância no contexto europeu, vinculando à construção da infância ao contexto sócio-histórico, cultural e econômico. Para ele, até o século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não a representava, pois as crianças eram representadas como adultos em miniatura, sem características infantis, vestidas e apresentadas às mesmas práticas que eles, sendo inseridas na vida adulta logo que adquiriam força e habilidade suficientes para se tornarem úteis na economia familiar e na sociedade. A partir do século XIII, apareceram três tipos de crianças representadas: a angelical, sob a aparência de um rapaz jovem, o pequeno clérigo; a sagrada, sob a aparência do menino Jesus ou Nossa Senhora menina; a nua e assexuada, conforme a arte medieval francesa imaginava a entrada da alma no mundo. A partir de então, no século XIV, o tema da infância sagrada se ampliou e se diversificou como consciência coletiva. No século XV, o retrato e o *putto*¹⁹ surgiram como tipos novos de representação da infância com o anjo adolescente na pintura religiosa. No século XVI, as efígies funerárias, com retratos da criança morta, traziam à tona a história do sentimento de indiferença com relação à infância frágil, sendo desaconselhável investir tempo ou esforço em um ser com tanta probabilidade de morrer. Entre os séculos XVI e XVII, quadros com retratos da família doados à igreja e retratos que representavam a criança sozinha (geralmente crianças de famílias nobres) foram a grande novidade. Foi no século XVIII que houve o surgimento da infância enquanto categoria, sinônimo de evolução da história da sociedade, tendo início uma concepção de criança diferenciada do adulto.

No período histórico referente à Idade Contemporânea, Pinto e Sarmiento (1997), em Portugal, se debruçam sobre a relevância social da infância e da criança. Entre vários aspectos abordados, os autores apontam sobre a questão das culturas infantis. Tais culturas se assentam

¹⁷ Publicação intitulada “Descoberta de 450 bebês em um poço de Atenas evidencia concepção da infância na Grécia Antiga”. Fonte: <https://oglobo.globo.com/sociedade/historia/descoberta-de-450-bebes-em-um-poco-de-atenas-evidencia-concepcao-da-infancia-na-grecia-antiga-16503923>

¹⁸ A edição original data de 1960, publicada em Paris. Neste trabalho, utilizamos a 2ª edição da tradução brasileira, editada em 1986, pela Guanabara (Rio de Janeiro), sob o título *História Social da Criança e da Família*. O historiador se utiliza de profunda análise histórica e corpo documental que inclui iconografia, vestimentas, diários, efígies funerárias, jogos e brinquedos.

¹⁹ *Putto* é um termo que se refere, no campo das artes, a pinturas ou esculturas de um menino nu, geralmente gordinho e representado frequentemente com asas.

nos mundos de vida das crianças e estes mundos se caracterizam pela heterogeneidade, pelas diferentes realizações do processo de produção de sentido e pluralidade dos sistemas de valores, de crenças e de representações sociais das crianças. Por isso, os autores se recusam a falar sobre uma cultura da infância, mas em culturas da infância, já que a infância é produto de processos de colonização dos respectivos mundos de vida usufruídos pelos adultos.

Como fatores de heterogeneidade da infância, Pinto e Sarmiento (1997), assim como Pinto (1997), elencam a variedade das condições sociais em que vivem as crianças: classe social, etnia, gênero e a cultura à qual pertencem. Tais fatores colocam cada criança numa posição específica na estrutura social, reiterando que o conceito de infância, contrariamente ao que se coloca no senso comum, não corresponde a uma categoria universal, natural, homogênea e de significado óbvio, retomando o que Barbosa (2000) classificou como plurais.

Postman (1999) postula que as mudanças de status quo, ao longo dos séculos, tornaram visíveis as diferenças entre crianças e adultos por meio do vestuário, da linguagem, da literatura infantil, de livros escolares seriados e da organização de classes escolares de acordo com a idade cronológica das crianças. Na virada do século XIX para o XX, a infância chegou a ser considerada como direito inato de cada pessoa, um ideal que transcendia a classe social e econômica, sendo assim definida mais como uma categoria biológica do que como um produto da cultura. O autor também considera a infância como um artefato cultural e, como tal, o meio social tem influenciado a maneira de ser infantil e a concepção da ideia de infância. Esse autor nos leva a refletir sobre como as características da infância na atualidade já não correspondem às daquelas dos séculos anteriores, como a sociedade tem perdido aspectos do ser infantil e incorporado outros, pois se pede outras maneiras de ser criança.

Assim, depreendemos desse percurso histórico que as bases teóricas sobre infância foram lançadas no período moderno. Antes desse período, a travessia da criança pela família e pela sociedade era de curta duração, sem importância. Apenas a partir do século XVIII, a infância ganha reconhecimento com um olhar voltado para proteção, direitos e subsídios para o desenvolvimento integral da criança garantido por leis. Na contemporaneidade, o meio social tem influenciado a ideia de infância e de ser criança.

No contexto brasileiro, voltamos um olhar para a infância a partir da Idade Moderna. Iniciamos pelos estudos de Del Priore (2018[1999]) sobre a história da criança no Brasil, ressaltando que a historiografia internacional pode servir de inspiração, mas não de bússola para a história da criança brasileira. Para ela, os historiadores brasileiros devem partir de constatações concretas desde o período da colonização portuguesa, observando as diferenças culturais e desigualdades sociais entre crianças indígenas, africanas, nascidas em solo

brasileiro, pobres, livres e de famílias abastadas, além de assumir observações críticas da realidade para relatar sua própria história. Desse pensamento também partilha Almeida (2006, 2011) ao pontuar sobre as múltiplas histórias de infância que constituem o contexto infantil no Brasil, apontando que a construção da noção de infância na perspectiva brasileira desenvolveu-se com base na sua diversidade, marcada pelas várias histórias sociais, econômicas, políticas e diversos contextos culturais das crianças brasileiras.

Entre tais constatações da sociedade brasileira, Del Priore (2018[1999]) cita a injusta distribuição de riquezas brasileiras, revelada por meio de uma sociedade escravista, do trabalho infantil, de crianças abandonadas, transformadas em máquinas de trabalho e desprovidas das condições básicas de alimentação, saúde, educação e garantias trabalhistas. Além disso, a historiadora alerta para o fato de haver um distanciamento entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, não governamentais e pelas autoridades, daquele mundo no qual a criança se encontra imersa, referindo-se ao primeiro como o mundo que a criança deveria ter, com a imagem ideal da criança feliz, imersa numa sociedade de consumo, e ao segundo, como o mundo em que a criança vive e no qual lhe sobra pouco tempo para o riso e a brincadeira, o mundo real.

Sobre o conceito de infância, Del Priore (2018 [1999]), referindo-se a Galeno que era citado nos manuais de medicina entre os séculos XVI e XVIII, afirma que a infância seria a primeira idade do homem, a puerícia, caracterizada por ser quente e úmida, durando do nascimento até os 14 anos, dividida em três momentos que variavam de acordo com a condição social de pais e filhos. O primeiro durava até o final da amamentação, por volta dos três ou quatro anos. O segundo durava até os sete anos, no qual as crianças cresciam à sombra dos pais, os acompanhando nas tarefas diárias. O terceiro, as crianças trabalhavam, desenvolviam alguma atividade ou estudavam em domicílio.

A partir das informações apresentadas por Priore (2018 [1999]), percebemos que a infância está relacionada a uma série de fatores que não são unicamente vinculados à faixa etária, mas à condição social da família, e modos de vida semelhantes aos pais, por exemplo.

De maneira análoga, Nogueira (2016) discorre sobre o surgimento e desenvolvimento do sentimento de infância no Brasil, como o reconhecimento de direitos de crianças e adolescentes até os dias atuais, afirmando que a ideia de infância se situa em uma sociedade capitalista, urbano-industrial, ao delinear a inserção e o papel social da criança na comunidade. Para essa autora, as diferentes classes sociais impõem diferentes papéis para a criança em seu interior, mas são as classes dominantes que disseminam a ideia de infância universal, baseada no seu modelo padrão de criança, fazendo-nos acreditar numa essência

infantil desvinculada das condições de existência, em uma criança universal – que não existe – e idêntica, independente de qualquer que seja sua classe social e sua cultura.

A referida autora pontua que com o crescimento demográfico desorganizado teve início a chamada “questão do menor”, já que a criança abandonada nas ruas poderia representar um constante perigo para a sociedade, necessitando de políticas públicas renovadas. Com isso, ela afirma que o termo “criança” começa a ser usado exclusivamente para os filhos de famílias bem estruturadas enquanto que as vítimas de uma infância desfavorecida passam a ser chamadas de “menor”. Essa autora ressalta ainda que as crianças abandonadas e sozinhas tinham que trabalhar para sobreviver e poderiam ser encontradas nas ruas vendendo doces e jornais, como entregadoras de encomendas e carregadores de feira.

A autora mencionada postula ainda que apesar desse quadro desolador, a criticidade da situação de vida das crianças despertou a possibilidade de reivindicação de políticas de direitos e contestação às desigualdades no sentido de reconhecimento da criança e do adolescente como sujeitos de direitos antes despercebidos, resultando em vários documentos legais, voltados para infância, disponíveis em domínio público. Ela cita alguns desses documentos, entre eles, destacamos dois. O primeiro é a Constituição Federal, de 1988, trazendo um grande arcabouço institucional necessário a diversas mudanças na sociedade brasileira, inclusive em suas relações com a infância e adolescência, sendo um avanço em termos de reconhecimento de direitos e de necessidade de proteção a esse público. Nesse documento, passou-se a utilizar os termos infância (art. 6º), infância e adolescência (art. 203, I), criança e adolescente (art. 203, II; art. 227), ao invés do termo “menor”, conforme legislações anteriores. O segundo é o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei 8069/1990, dispondo sobre a proteção integral à criança e ao adolescente e sua cidadania, versando sobre o tratamento social e legal que deve ser oferecido às crianças e adolescentes, decorrente da própria Constituição de 1988²⁰.

Acrescentamos a Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, que dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância, especificamente o art. 2º: “Para os efeitos desta Lei, considera-se primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança.” (BRASIL, 2016). Esse acréscimo se justifica pelo fato de neste estudo ser a faixa etária considerada na coleta de dados, crianças de um a seis anos de idade.

²⁰ Não citamos esses dois documentos nas referências devido ao fácil acesso em sites de domínio público.

Ao discorrer sobre a infância contemporânea, Viana (2018) compreende a infância como um período único e especial do desenvolvimento humano, marcado pela ausência de preocupações e responsabilidade no qual a criança tem o direito de brincar – que nem sempre existiu na história da humanidade, principalmente antes da chamada Idade Moderna –, de aprender e ser protegida dos perigos e responsabilidades da vida adulta. Para o autor, não há como negar que houve uma mudança concreta na forma de vivenciar a infância brasileira: não ouvimos mais os barulhos das crianças nas ruas, que hoje se tornaram sinônimo de perigo. O autor situa as décadas de 1960, 1970 e 1980 como marcadas pela forte presença das crianças nas ruas, crianças de diversas idades e classes sociais que realizavam jogos de grupo, brincadeiras de aventura e faz de conta, subiam em árvores, brincavam na areia, praticavam esportes e faziam barulho nas redondezas. A partir da década de 1990, as crianças permanecem em espaços fechados na maior parte do tempo. Ele ressalta que obviamente esse retrato tem uma parcela de idealização, pois não se trata de um relato científico, mas de lembranças compartilhadas por muitos adultos que viveram suas infâncias nesse contexto. Tais lembranças, segundo o autor, certamente ignoram ou deixam em segundo plano os aspectos áridos e difíceis da infância dessa época.

Viana (2018) aponta que, além do aumento da soberania dos meios instantâneos e visuais de comunicação, nas novas tecnologias no século XX e no início do século XXI, também presenciamos outras mudanças sociais bastante intensas e importantes que certamente vem afetando direta ou indiretamente as crianças, como por exemplo, o aumento da publicidade infantil e dos produtos direcionados à infância, o aumento do medo e da insegurança nas ruas e nas comunidades urbanas devido ao trânsito e à violência.

Acrescentamos que possivelmente a criação de novos espaços privados para a criança seja reflexo disso. Enfim, o autor provoca uma reflexão sobre se estamos ou não diante do desaparecimento ou de uma nova modalidade de infância na sociedade atual. Para o autor, a conclusão é que vivemos uma situação complexa, pois por um lado, as crianças levam uma vida muito semelhante aos adultos em vários aspectos: mídia/eletrônicos, comportamento consumista, agenda de atividades, transtornos psiquiátricos; por outro lado, há uma valorização delas enquanto projetos de vida dos adultos, e se a infância realmente está em declínio, não se trata de um retorno ao padrão da Idade Média.

É pertinente ainda uma discussão sobre as diferentes visões da infância em situações sociais distintas no contexto brasileiro contemporâneo, ressaltando que “ser criança não significa ter infância” (A INVENÇÃO, 2000). O direito à infância não implica necessariamente ter direito a viver a infância, pois há exclusão social decorrente não só da

exploração do trabalho infantil, mas também de rotinas exaustivas impostas pelo mundo adulto. Enquanto existem crianças que trabalham para ajudar a família, outras cumprem uma agenda de compromissos, sendo o lazer e festividades uma realidade de poucas crianças.

Tendo em vista esse panorama, percebemos o reconhecimento da infância e um mundo especial direcionado às crianças, criação de ciências, leis, materiais, brinquedos, escolas e outros espaços sociais destinados a elas, mesmo assim, sua efetivação prática não acontece para muitas crianças, como já ressaltou Del Priore (2018 [1999]). Além disso, como aponta Almeida (2006; 2011), a noção de infância na perspectiva brasileira está atrelada à diversidade, às muitas histórias da infância. Nesse sentido, em virtude de algumas diferenças tão exorbitantes entre as diversas infâncias brasileiras, cabe-nos refletir criticamente sobre a infância reluzente e rentável, a dos holofotes da mídia e público-alvo de muitos produtos de consumo para diferentes finalidades, como brincar e festejar.

Assim, infância enquanto conceito evoluiu significativamente ao longo da história, mostrando que existem infâncias, no plural, retomando Barbosa (2000), atreladas às diversas infâncias conforme os contextos históricos, sociais, econômicos e geográficos, sendo necessário demarcar de qual delas se trata em cada estudo, como apontamos no início do capítulo. As imagens seguintes, na Figura 1, ilustram algumas das diversas infâncias pelas lentes do fotógrafo Gabriele Galimberti em seu projeto *Toy Stories*.

Figura 1 – Algumas fotografias de crianças pelo mundo



Chiwa, 4 anos, Malawi



Zi-Yi, 3 anos, China



Tyra, 5 anos, Suécia



Gabriel, 3 anos, Brasil



Luc, 3 anos, Brasil



Pavel, 5 anos, Ucrânia

Fonte: Gabriele Galimberti -*Toy Stories*.²¹

²¹ Projeto envolvendo mais de 50 países registrando imagens de crianças com seus brinquedos. Disponível em: <http://www.gabrielegalimberti.com/toy-stories/>. Acesso em: 23 maio 2020.

A infância enquanto conceito tem despertado e ampliado estudos em diversas áreas do conhecimento, surgindo inclusive um campo teórico especialmente voltado para ela, a Sociologia da Infância, abordada a seguir.

2.1.1 Infância enquanto categoria social

Ao percorremos a construção do conceito de infância, vimos que a criança, ao longo da história, foi atrelada a temas como mortalidade infantil, trabalho infantil, pobreza, escolarização da criança pequena e convivência com a família, sem serem vistas como centro das relações sociais. Sobre esses grandes temas da infância, a Sociologia se preocupou, estudando a criança de uma maneira geral, como ela transforma e como ela é transformada pela sociedade; enquanto que a Sociologia da Infância (SI) se volta para os processos de socialização da criança pequena, do ponto de vista social, considerando-a no centro da cena de relações sociais, como protagonista (ABRAMOWICZ, 2018). Nesse sentido, esta subseção discute sobre infância enquanto categoria social, focando nos processos de socialização.

Pinto e Sarmento (1997), estudiosos no campo da SI na Europa, apontam como indicadores de visibilidade e relevância social da criança e da infância na contemporaneidade, a entrada da criança e das problemáticas relacionadas à infância na pauta das agendas política, midiática e de pesquisas acadêmicas, evidenciando que algo mudou na história para que a criança se tornasse visível dessa forma. Eles apontam que nas pesquisas acadêmicas, por exemplo, foi a partir da década de 1990 que se passou a considerar o fenômeno social da infância como uma categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social, ultrapassando investigações confinadas que de alguma maneira pertenciam aos campos médico, da psicologia do desenvolvimento ou da pedagogia.

Para Pinto (1997), a socialização da criança é vista como um processo pelo qual os indivíduos apreendem, elaboram e assumem normas e valores da sociedade em que se inserem a partir da interação com o seu meio mais próximo, sua família de origem, como membros da mesma sociedade. Conforme esse pensamento do autor, compreendemos que os processos de socialização da criança podem acontecer em casa com a família, no parque, na escola e em outros contextos nos quais diferentes papéis sociais são desempenhados pela criança. No escopo deste trabalho, as festas infantis de aniversário podem ser vistas como entrada da criança no mundo social da infância. O aniversário do primeiro ano, por exemplo, ele antecede, geralmente, a socialização ocorrida no âmbito escolar, e como permanência

desse tipo de socialização, os aniversários posteriores e outras festas infantis. Isso se deve aos aniversários envolverem todo um ritual e regras sociais.

Pinto (1997) afirma ainda que o problema da socialização tem sido delineado em dois aspectos: a partir da sociedade e dos respectivos agentes socializadores; e a partir dos indivíduos em processo de socialização e dos respectivos mundos sociais. No primeiro caso, o questionamento gira em torno de saber como uma dada sociedade transmite valores, crenças, normas e estilos de vidas – a exemplo do que nos interessa neste estudo a respeito dos aniversários infantis. No segundo caso, o foco está nas atividades dos indivíduos, nos processos de apropriação, aprendizagem e de interiorização mediante os quais eles aprendem, considerando a sociedade e cultura em que vivem.

Sirota (2011, p. 570), uma das mais conhecidas pesquisadoras no campo da SI na Europa, afirma que “[...] as figuras da infância se multiplicaram, circulando entre esferas científicas, políticas e midiáticas, refletindo e suscitando ao mesmo tempo emoção, compaixão e paixão.”. Essa autora destaca também o fato de a sociedade mercantil e a publicidade considerarem as crianças como influenciadoras no consumo da família e são, portanto, vistas pela publicidade comercial como consumidores ativos. Nas palavras da autora: “O mercado se endereça diretamente a essa criança, ela é dotada de mesada e a sociedade produz para ela objetos específicos, jogos, vestuário, alimentação e se apoia sobre a cultura do grupo de pares.” (SIROTA, 2011, p. 570).

Delgado e Muller (2005), no contexto brasileiro, asseveram que existe um longo percurso a seguir no que se refere às pesquisas sobre e com as crianças, suas experiências e culturas. Esses autores, citando Graue e Walsh (2003)²², concordam com a importância de que os pesquisadores pensem nas crianças em contextos específicos, com experiências específicas e em situações da vida real, como é o caso desta pesquisa voltada para aniversários infantis.

Para Abramowicz (2018), a SI no Brasil começou a se constituir como campo teórico a partir da década de 1990²³, se evidenciando como um território do saber dirigido à criança. Essa autora aponta que existem pelo menos três premissas que desencadeiam os estudos sociológicos da infância. A primeira refere-se à criança como sujeito portador de direitos, como agente. A segunda refere-se à infância como construção social, histórica e não universal. A terceira diz respeito às crianças como atores sociais, que atuam na dinâmica

²² São citados assim: GRAUE, E.; WALSH, D. *Investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

²³ É interessante ressaltar que a autora situa como trabalho pioneiro, o estudo de Florestan Fernandes, em 1947, sobre as trocinhas do Bom Retiro.

social, transformando a história e a cultura, atuando positiva e ativamente nos processos de socialização, sendo produtoras de cultura.

Esta pesquisa considera a segunda e a terceira premissas: infância como construção social, histórica, não universal, como também infância, na qual crianças são atores sociais que participam de processos de socialização nos aniversários, tanto no papel de protagonistas (aniversariantes) quanto como participantes secundários (outras crianças convidadas) transformando a história e produzindo cultura, no caso das festas infantis.

Feita essa planificação, a pesquisa caminha no encadeamento da relação entre infância e festa infantil numa perspectiva social no campo da SI. Amparamo-nos na compreensão dos processos de socialização da criança na visão de Pinto (1997), discutindo na análise dos dados como a sociedade brasileira do século XXI transmite normas e estilos de vida para as crianças nos aniversários infantis. Além disso, a pesquisa apoia-se na concepção de infância, construída social e historicamente, numa infância na qual as crianças são atores sociais, conforme as duas últimas premissas elencadas por Abramowicz (2018).

Na sequência, situamos a infância brasileira contemporânea sobre a qual falamos.

2.1.2 Infância brasileira contemporânea

Embora já tenhamos adentrado na discussão sobre infância contemporânea, traçando a trajetória gradativa sobre o conceito de infância, é pertinente situarmos a infância brasileira contemporânea no contexto desta pesquisa. Assim, nesta subseção, as ideias se desenvolvem a partir das epígrafes de abertura deste capítulo, referentes a Barros (2010) e a Bauman (2008), impelindo-nos a discorrer sobre dois aspectos pontuais de uma infância posta em evidência na contemporaneidade, vista como a infância ideal. O primeiro é o isolamento e separação do mundo a sua volta, o cerceamento entre paredes. O segundo é o consumo de produtos e serviços que vendem a infância idealizada, mercantilizada.

Na concepção de Barbosa (2000), independente da compreensão sobre infância, os adultos acreditavam na necessidade de certo tipo de educação para as crianças, e dessa forma, foram construídos espaços educacionais específicos para elas com modos distintos de intervenção, por meio de diversas pedagogias, resultando em institucionalização e rotinização da infância. Apesar de esse contexto descrito estar relacionado ao âmbito escolar, Dias e Ferreira (2015) observam que, em outras situações, em prol de uma hipotética segurança, as crianças se enclausuram em espaços especialmente destinados a elas, caracterizados como fechados, artificiais e inspecionados por adultos. Essas outras situações podem ser observadas

nos playgrounds de condomínios residenciais, shoppings, casas de festas²⁴, por exemplo. Isso indica que houve demandas sociais por espaços reservados para crianças, variando conforme o contexto onde elas estão inseridas, com características diferenciadas e específicas para cada universo infantil.

Na contemporaneidade, a infância de crianças brasileiras pertencentes à classe socioeconômica privilegiada permanece cada vez mais atrelada a espaços fechados, na maior parte do tempo, limitando sua liberdade de movimento, as possibilidades de brincar, criar e perceber o mundo a sua volta. Esse confinamento da infância entre paredes pode remeter a uma prisão física, a um mundo no qual as brincadeiras, as histórias, os espaços e o contato com a natureza podem acontecer somente na perspectiva abstrata e ornamental. Por outro lado, dependendo das experiências anteriores da criança e do contexto social no qual está inserida, a infância vivenciada nesses espaços cerceados pode parecer segura, atrativa, identificável. Nesse contexto, vale retornar à primeira epígrafe de abertura deste capítulo, na qual é defendida que a parede, seja ela mental ou física, não represente obstáculo à liberdade, repreensão de desejos ou proibições na infância (BARROS, 2010).

Dias e Ferreira (2015), discutindo sobre espaços públicos e infância urbana no contexto brasileiro, pontuam que a criança se torna refém das limitações impostas pela vida, reduzindo sua visão de sujeito às imagens que lhe são apresentadas, a um mundo específico cercado de fantasias, perigos e monstros fora dos muros em que vive. As autoras, parafraseando o psicopedagogo Francesco Tonucci (2005)²⁵, continuam:

[...] era uma vez... há muito tempo, tínhamos medo do bosque. Era o bosque do lobo, da bruxa, do ogro. Era o lugar onde se podia perder, onde podia acontecer qualquer coisa. Hoje, a cidade tomou o lugar do bosque das fábulas infantis (DIAS; RAMOS FERREIRA, 2015, p. 123).

Para essas autoras, quanto mais a infância é limitada ao espaço privado e enclausurado mais segura parece, sendo a cabana do bosque montada na sala de casa.

Assim, quando nos referimos à infância contemporânea cerceada, referimo-nos àquela caracterizada por ambientes físicos que confinam, limitam, restringem e cercam a criança não somente por paredes, mas também por meio do piso, teto, portas, janelas, móveis, utensílios, cores, luminosidade, temperatura e outros elementos. Tais características podem ser

²⁴ Em capítulo posterior, haverá um tópico voltado para as casas de festas infantis.

²⁵ As autoras o referenciam como: TONUCCI, F. **La città dei bambini. Un modo nuovo di pensare la città**. Bari: Laterza, 2005.

encontradas em residências e escolas como também em alguns espaços privativos para brincadeiras, lazer e comemorações, por exemplo.

Além dessa relação entre infância e cerceamento, o consumo também caracteriza a infância contemporânea. Dias e Ferreira (2015) destacam o fato de que, na contemporaneidade, os espaços caracterizados por relações comerciais e de consumo ganharam importância, embora inadequados ao público infantil por serem constituídos por elementos prontos, já acabados, como os eletrônicos com estímulos constantes e que impossibilita a reelaboração de algo realmente novo.

Concordamos com as autoras no que diz respeito aos espaços caracterizados por relações comerciais e de consumo, constituídos por elementos prontos e acabados à venda para atrair outras crianças, consumidores em potencial. Simultaneamente, a nosso ver, para reelaborar e criar algo realmente novo depende de quais e como os elementos são expostos em alguns estabelecimentos, provocando a imaginação, reelaboração e criação por parte da criança. Nem sempre o que está à venda é um produto em si, mas uma ideia.

É perceptível que existem estabelecimentos comerciais voltados exclusivamente para o público infantil, para atender necessidades variadas já que as crianças são atores sociais que contribuem para a decisão de compra na família. Mas parece que quanto menor a essencialidade do serviço, maiores são os recursos atrativos dos estabelecimentos que apelam à atenção da criança. Ainda não vimos supermercados, farmácias ou hospitais exclusivos para o público infantil com atrativo visual para a criança em suas fachadas, por exemplo. Por outro lado, é possível visualizar fachadas bem atrativas em estabelecimentos comerciais de vestuários, calçados, brinquedos e festas.

Retomando à segunda epígrafe de abertura deste capítulo, sobre a sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008), acreditamos que determinada infância tem se tornado uma mercadoria desejável e desejada, por meio de sonhos e dos contos de fada publicizados em redes sociais e mídia em geral, conforme assinala Bauman (2008, p. 71): “[...] representa o tipo de sociedade que promove, encoraja ou reforça a escolha de um estilo de vida e uma estratégia existencial consumista, e rejeita todas as opções culturais alternativas.” Por sua vez, a sociedade de consumidores se volta para seu treinamento, com pressões coercitivas exercidas sobre seus membros desde a infância, distinguindo-se da sociedade de produtores/soldados como aponta o autor:

Tão logo aprendem a ler, ou talvez bem antes, a ‘dependência das compras’ se estabelece nas crianças. Não há estratégias de treinamento distintas para

meninos e meninas – o papel do consumidor, diferentemente do de produtor, não tem especificidade de gênero. Numa sociedade de consumidores, *todo mundo* precisa ser, dever ser e tem que ser um consumidor por vocação. [...] A esse respeito, a sociedade de consumidores não reconhece diferenças de idade ou gênero [...]. Tampouco reconhece (de modo gritantemente contrafactual) distinções de classe (BAUMAN, 2008, p. 73).

Compreendemos dessa citação que a sociedade de consumidores cultiva nas crianças o hábito de consumo desde a infância, quando começam a perceber o mundo a seu redor e opinar sobre o que querem comprar. Geralmente, são hábitos impulsionados por meio de publicidade infantil em prol do comprar e do mostrar para ser feliz, constituindo uma visibilidade da infância atrelada ao consumismo. Distintamente do papel do produtor, o papel do consumidor não reconhece especificidade de idade, gênero ou classe. As famílias de classes menos favorecidas podem se sentir forçadas a gastar seus poucos recursos financeiros, indo além de suas condições, para não se sentirem humilhados e ridicularizados socialmente, mas pertencentes àquela sociedade.

Podemos resumir esse pensamento de Bauman (2008, p. 26) com uma frase que ele adaptou de René Descartes: “Penso, logo existo” para “Compro, logo sou...”. No caso em questão, por que não adaptarmos para “Comemoro, logo mostro”? Parece ser assim que acontece no contexto das festas infantis brasileiras. A espetacularização do eu (SIBILIA, 2016), diríamos a espetacularização da festa – para pais provavelmente consumistas – é exposta como mercadoria de desejo durante e após a comemoração.

Essa infância brasileira contemporânea, cercada por paredes e mercantilizada, é provavelmente diferente daquela vivida ao ar livre, nas ruas, na calçada de casa, em espaços abertos, com brinquedos manufaturados e festas modestas comemoradas em casa com familiares e poucos amigos. Seja como for, devemos compreender a infância considerando as transformações socioculturais, históricas e políticas, com um olhar para além de uma fase da vida com preparação para a fase adulta, considerando modos diversos pelos quais ela se apresenta atualmente, pois as ideias sobre infância só alcançam significados na sociedade e na época em que são concebidas.

Após situarmos sobre qual infância estamos tratando, seguimos para a próxima seção.

2.2 Entrando nas festas: uma visão panorâmica

Esta seção apresenta um panorama sobre a noção de festas, estruturada em duas subseções que discorrem sobre culturas da infância e festas infantis, com ênfase na última.

Historicamente, as festas são eventos em diferentes configurações, partilhadas socialmente entre grupos de pessoas, incluindo crianças, conforme seus costumes para marcar um acontecimento individual ou coletivo, sendo identificadas como fenômenos históricos de cada povo. Ariès (2005[1986]), no contexto europeu do século XVII, inclui as festas como uma forma de socialização da criança, além de jogos e cerimônias coletivas, que aconteciam fora do âmbito familiar, pois a família tinha como missão a conservação dos bens, a prática comum de um ofício e a proteção da vida, sem implicar uma relação afetiva entre seus membros. O historiador descreve crianças reunidas com os adultos nas festas tradicionais do Natal, de Reis, de São João, que envolviam toda a sociedade, ressaltando que as crianças participavam delas junto a todos os outros membros da sociedade, igualmente, e quase sempre desempenhavam um papel reservado pela tradição.

Delgado (2008), no contexto brasileiro, assevera que essas festividades se caracterizam historicamente pela diversidade de experiências entre tradições culturais portuguesas, nativas e africanas desde o processo de colonização, com a participação de adultos e crianças como práticas culturais, sociais e históricas, nas quais diferentes gerações partilham as mais variadas experiências. Para essa autora, as datas comemorativas, festas religiosas e populares são criações mediadas pela religião católica, civismo, cultivo de valores morais, consumo, adultocentrismo e o controle da população.

Igualmente, Perez (2012) postula que o Brasil é um país festivo, caracterizado por várias raças e aspectos peculiares, com culturas diversas e com variados motivos para comemoração. Nas palavras da autora: “[...] somos o país do carnaval, do futebol e do samba!” (PEREZ, 2012, p. 13). Esse modo de identificação do Brasil como um país festivo pode causar a impressão de que as emoções relacionadas às festas estão sempre atreladas ao contentamento e à euforia, excluindo a dor e o sofrimento possíveis em algumas devido à possibilidade de sensações antagônicas que as manifestações festivas podem provocar, dependendo de cada situação e de cada indivíduo. Essa reflexão é impulsionada pela indagação de Perez (2012) ao questionar o que é festa, mostrando que o termo performa um campo enunciativo que possui vários significados, conforme o contexto cultural em que está inserida. Para Guarinello²⁶ (2001, apud PEREZ, 2012, p.22):

[...] festa é um termo vago, derivado do senso comum, que pode ser aplicado a uma ampla gama de situações sociais concretas. Sabemos todos,

²⁶ Esse autor é referenciado por Perez (2012) da seguinte maneira: GUARINELLO, Norberto Luiz. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org.). *Festa: cultura e sociabilidade na América portuguesa*. São Paulo: Hucitec/Editora da USP/Faspep/Imprensa Oficial, V. I, 2001.

aparentemente, o que é uma festa, usamos a palavra no nosso dia a dia e sentimo-nos capazes de definir se um determinado evento é, ou não uma festa. Contudo, essa concepção quase intuitiva de festa choca-se, frequentemente, com a diversidade de interpretações de um mesmo ato coletivo: o que é festa para uns pode não ser festa para outros.

Essa autora exemplifica seu pensamento referindo-se a alguns eventos denominados como festas no Brasil: comício eleitoral, baile *funk*, procissões religiosas, comemorações cívicas, festa de aniversário, funeral. Na sua visão, é possível que “[...] o(s) sentido(s) atribuído(s) e a(s) interpretação (ções) elaborada(s) de cada evento possa(m) variar grandemente [...]” (PEREZ, 2012, p. 22), pois além de não serem neutros, dependem dos valores e experiências de mundo de cada indivíduo. Dito de outro modo, o significado atribuído à festa varia de indivíduo para indivíduo e de cultura para cultura, assim como a comemoração de um evento pode ocorrer com a realização ou não de uma festa.

Rodrigues (2010), em sua dissertação sobre análise da representação feminina nas letras brasileiras de forró eletrônico, traz o forró associado à ideia de festa, de dança em pares conforme os diversos ritmos desse gênero musical e estilos de dança do sertão nordestino, tão escutados e vistos durante as festas juninas, corroborando com a ideia do Brasil como um país festivo e demarcando a festa como lugar de realização social.

Pensando nesse país festivo, caracterizado tanto por Perez (2012) como por Rodrigues (2010) e considerando os diversos motivos para comemoração, acreditamos que as festas brasileiras podem ser categorizadas em: sazonais (Carnaval, Páscoa, Dia das Crianças, Natal, *Réveillon*), tradicionais (típicas de cada região brasileira) e as biográficas (chá revelação²⁷, chá de bebê ou de fraldas, mesversário²⁸, aniversário, batismo, formatura, casamento, sepultamento). Dentre as festas biográficas, especificamente dessa infância mais favorecida, percebemos aquelas que englobam desde cerimônias com o bebê ainda no ventre até formaturas de alfabetização escolar por volta dos seis anos de idade, sinalizando que a infância é marcada como etapa predominante nessas primeiras festas biográficas.

De qualquer modo, essas comemorações infantis tipicamente contemporâneas, considerando que em outras épocas as festas eram pensadas meramente para adultos com a participação de crianças, sem protagonismo infantil, apontam como a infância e as comemorações que marcam essa fase se tornaram frequentes para a sociedade brasileira em determinada classe social, especialmente os aniversários infantis divulgados em redes sociais. São culturas da infância e festas infantis que abordamos a seguir.

²⁷ Comemoração em que se revela o sexo do bebê.

²⁸ Comemoração em que se registra o crescimento do bebê mês a mês.

2.2.1 Culturas da infância e festas infantis

O fenômeno denominado festas infantis pode ser visto como decorrência do conceito de infância e do protagonismo da criança, processos construídos socialmente e atrelados às mudanças históricas e culturais, constituindo uma cultura da infância. As festas infantis se inserem nesse aspecto, conforme os estudos de Sarmiento (2005; 2004; 2003), como um processo que se atualiza continuamente na prática social, nas interações entre crianças e entre crianças e adultos. Para esse sociólogo, os dispositivos simbólicos, as práticas sociais, e os estilos de vida de crianças e de adultos estão entre os elementos que fazem parte desse processo. Assim, as festas infantis podem ser relacionadas ao que Sarmiento (2004) classifica como reinstitucionalização da infância, sua heterogeneização enquanto categoria social geracional e o investimento das crianças com novos papéis e estatutos sociais, gerando culturas infantis também pluralizadas e diferenciadas. Sobre essas culturas infantis, o autor pontua que elas exprimem a cultura da sociedade nas quais se inserem, embora de maneira distinta das culturas adultas, veiculando formas notadamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo.

No caso específico das festas infantis de aniversário, Sarmiento (2003) considera os serviços de comemorações como uma das formas culturais produzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças, pois possuem uma orientação de mercado configurada pela indústria cultural para a infância, assim como a literatura infantil, jogos e brinquedos, cinema, desenhos animados, vídeo games e outros dispositivos da Internet. Esse pensamento desperta um olhar para três aspectos de festas infantis no contexto brasileiro contemporâneo: ampliação de motivos, mudança de locais para realização e sua exposição em fotografias e vídeos pelas redes sociais.

Com relação ao primeiro aspecto, os motivos de comemoração foram ampliados para os eventos já conhecidos: chás de bebês/de fraldas, batizados, aniversários, formaturas; e os eventos mais recentes citados no tópico anterior: chá revelação e mesversário. Quanto ao segundo aspecto, diferente do espaço residencial em que habitualmente se comemoravam as festas, predominam novos espaços na contemporaneidade: escola, rede de restaurantes e pizzarias, *game stations*²⁹, salões de beleza, cinema, fazenda, e casa de festas, por exemplo. Sobre o último aspecto, as fotografias que antes se limitavam aos álbuns de família, na

²⁹ É um espaço nos Shopping Centers brasileiros, destinado aos jogos eletrônicos e com salas privativas reservadas para festas infantis, podendo acontecer o número de festas correspondente à quantidade de salas disponíveis no horário.

contemporaneidade estão circulando nas redes sociais, mídia impressa e digital por meio de fotografias postadas como um álbum social, uma espécie de espetacularização da intimidade (SIBILIA, 2016), que neste caso seria uma espetacularização da festa no contexto brasileiro. Esse último aspecto desperta a atenção devido às inúmeras postagens realizadas em redes sociais sobre aniversários infantis e a abundância de informações visuais.

Diante desse fio condutor sobre culturas da infância, as festas infantis de aniversários fazem parte do contínuo processo de construção da infância, por serem práticas sociais vivenciadas por famílias (e seus convidados), como um estilo de vida, tanto para apresentar a evolução da criança à sociedade e mantê-la inserida nesse meio quanto para construir memórias e significados da infância. São práticas sociais da cultura da infância, envolvendo diversos sujeitos, práticas discursivas e outros textos, possibilitando análise linguística e social amparada em teorias e metodologias compatíveis.

A seguir, a subseção sobre as festas infantis que interessam para o presente estudo.

2.2.2 Festas infantis de aniversário

Nas leituras realizadas para este estudo, não encontramos textos que datassem precisamente o início das realizações de festas infantis de aniversários; todavia, alguns estudiosos apontam crenças e celebrações de aniversários desde a Antiguidade. Além disso, existem alguns estudos sobre aniversários infantis em diferentes áreas do conhecimento, sendo a partir deles que iniciamos a discussão deste tópico.

Sobre crenças e celebrações de aniversários, Berland (2010) postula que o costume de comemorar aniversário estava relacionado à ideia de que anjos malignos vinham roubar o espírito do aniversariante no dia do seu aniversário e por essa razão, amigos e parentes cercavam-no para protegê-lo, espalhavam presentes e votos de sorte em volta dele para afastá-lo do mal. Essa autora aponta crenças a respeito do bolo e da vela relacionadas à origem grega, pois na Grécia antiga, os aniversariantes levavam um bolo redondo parecido com uma lua e uma vela sobre ele, imitando o brilho e a luz da vida, como oferenda ao templo de Artemisa, deusa da Lua. A referida autora afirma também que alguns povos acreditavam que essa luz espantava os maus espíritos e que a fumaça levaria seus desejos até o céu.

Por sua vez, Pereira, Sardinha e Balsan (2016), baseadas na leitura feita em Ralph Linton e Adelin Linton (1952)³⁰, afirmam que os aniversários já eram comemorados no Egito Antigo, por volta de 3000 a.C, e essas celebrações eram voltadas para seres superiores, como deuses, e que sucessivamente foram ampliados aos mortais. As autoras pontuam que, no princípio do cristianismo, o costume foi abandonado devido às suas origens pagãs e retomado no século IV d.C., quando a Igreja começou a celebrar o nascimento de Cristo. Segundo elas, as festas de aniversário tratam de uma reunião social, composta por um número considerável de participantes para congratular a vida de alguém.

Após essas descrições dos estudos a respeito de crenças e celebrações de aniversários, seguimos para o aniversário como um tema mobilizador de diferentes áreas do conhecimento: Sociologia, Antropologia, Geografia Cultural e Marketing. Esses estudos auxiliam na compreensão de como o fenômeno tem sido estudado e instigam quais contribuições podemos oferecer para a área da Linguística. Tais estudos são resumidos nos próximos parágrafos.

No campo da Sociologia, destacamos dois artigos de Sirota (2005; 2008), ambos no contexto francês, que apresentam os aniversários como um ritual simbólico de socialização da criança, de passagem cíclica da vida, um ritual caracterizado por regras de civilidade, de coisas efêmeras que transmitem uma cultura literária e gastronômica, como também de embelezamento do cotidiano, produzindo uma cultura infantil que representa e produz a infância. No primeiro artigo, o foco está no presente de aniversário como objeto que marca o desejo de parabenização no círculo de sociabilidade entre amigos, participando dessa socialização em termos de celebração do indivíduo, de identidade e construção do vínculo social. O estudo conclui que por meio do ciclo da troca dos presentes de aniversário, que se cria ao participar de aniversários, observa-se a versão moderna de um modo clássico de fabricação do vínculo social e o modo de constituição de uma cultura da infância. No segundo artigo, o foco está no bolo de aniversário, mostrando que o aniversário também transmite uma cultura literária, gastronômica, e ressignifica a infância. O estudo conclui que por meio da decifração das regras desse ritual, e do bolo de aniversário, a construção da identidade da criança se produz como um verdadeiro quebra-cabeça de valores, entre os quais ela mesma construirá sua própria identidade.

Na área de Antropologia, no contexto brasileiro, Atihé (2012) busca uma reflexão imaginativa sobre a festa infantil de aniversário e o cultivo da alma pelo imaginário, promovendo uma relação desse fenômeno com a marcação do tempo, ritual de passagem e

³⁰ As autoras referenciam essa leitura da seguinte maneira: LINTON, Adelin; LINTON, Ralph. *The Lore of Birthdays*. Illustrated by Bunji Tagawa. H. [S.l.]: Schuman, 1952.

infância na sociedade contemporânea brasileira, um estudo etnográfico. A autora expõe sobre as transformações pelas quais essa festa vem passando nas últimas décadas, partindo de uma coleção pessoal com histórias de festas infantis que tem testemunhado. No seu estudo, os modos de comemoração e constituição de memórias são exemplificados em cinco situações de aniversários, entre oito e quinze anos. A primeira situação envolve uma festa realizada com formato luxuoso, em uma limusine; a segunda remete às lembranças de aniversário e suas relações com doenças em consulta ao álbum de fotografias; a terceira envolve conversas durante a escolha de um vestido de alta costura para a debutante; a quarta refere-se a uma festa realizada com menos recursos financeiros, em um salão de beleza; a última é sobre a substituição da festa por dinheiro para atender uma necessidade imediata do aniversariante, a compra de um computador. Atihé (2012) conclui que a festa vivida na infância como ritual coletivo ensina o sujeito a convocar outros ritmos para a experiência, não só diversos, mas também complementares àqueles que configuram o calendário da produtividade do cotidiano.

Na área de Geografia Cultural, no contexto brasileiro, encontramos os estudos de Pereira, Sardinha e Balsan (2016), autoras mencionadas anteriormente. Elas buscam o contexto histórico e origens das festas, celebrações e comemorações de aniversários traçando sua relação com o debate teórico e conceitual da Geografia Cultural, enfatizando as festas, suas simbologias utilizadas, tais como: cartões, convites, balões, doces, música, e a importância do lugar no qual são realizadas, mostrando que os lugares reúnem símbolos de grandezas variadas e que esses lugares são espaços privados para lazer e entretenimento na contemporaneidade. Concluem que a festa enquanto ritual é caracterizada e celebrada pelos momentos vividos na sociedade, rompendo com a rotina diária do trabalho e sendo representação simbólica da vida em comunhão.

Na área de Marketing, são relevantes os trabalhos de Oliveira e Abreu (2015), Magalhães (2017), como também Oliveira, Souza e Pessoa (2019), no contexto brasileiro. O estudo de Oliveira e Abreu (2015) observou os motivos que cercam o consumo realizado pelas mães em festas infantis de um ano, abordando a influência do consumo conspícuo³¹, status e a experiência em serviços nesse contexto, sendo o lugar escolhido para a festa um dos fatores mais influentes. Os autores apontam uma tendência de utilização de cenários temáticos inseridos na estrutura, decoração e fantasias dos aniversariantes. Concluem que as mães vivenciam situações de consumo ostensivo em consequência da influência dos grupos sociais

³¹ Segundo Oliveira e Abreu (2015) e Oliveira, Souza e Pessoa (2019), baseados na visão de Veblen (1988), o consumo conspícuo refere-se ao consumo ostensivo com o intuito de obter destaque, pois expressa a sinalização de status social e prestígio.

e do consumo de experiência, desejando a festa como momento único, lembrado e copiado para outras festas.

Nessa mesma área de estudos, o trabalho de Magalhães (2017) investigou o crescente mercado de festas infantis personalizadas na cidade de Brasília-DF. O objetivo foi pesquisar sobre esse tema, com vista a identificar as motivações dos pais para a realização da festa para seus filhos, observando fatores que se mostram influenciadores nessa decisão, tais como: os culturais, sociais, psicológicos, pessoais, e ostentatórios³². A autora concluiu que as características particulares desses pais e sua experiência de vida interferem diretamente nos seus hábitos e nas suas decisões de consumo, mostrando que entre os tipos de serviços contratados, a decoração de festa e a locação de espaço estão entre os maiores percentuais.

O estudo de Oliveira, Souza e Pessoa (2019), semelhante ao primeiro da área de Marketing, visou analisar as influências externas do consumo realizado pelas mães em festas infantis à luz do consumo conspícuo, que realizaram a comemoração de um ano de seu primeiro e único filho. Entre os fatores externos influenciadores do consumo conspícuo, as autoras destacam a família, os grupos de referências, e a cultura. Concluíram que as mães vivenciaram situações de consumo ostensivo para atender à necessidade de exclusividade do momento da festa, e da festa como referência para outros.

Diante da descrição desses estudos em diferentes áreas, podemos perceber quais aspectos têm sido considerados ao investigar o fenômeno das festas infantis de aniversário, mostrando que esse fenômeno tem sido compreendido por três perspectivas. A primeira, como um ritual de socialização da criança que marca os ciclos da vida e constitui a identidade da criança por meio de simbologias da infância (SIROTA, 2005; 2008; PEREIRA; SARDINHA; BALSAN, 2016). A segunda, como reorganização do imaginário infantil, sua relação com a marcação do tempo e com o rito de passagem (ATIHÉ, 2012). A terceira, como um meio de consumismo ostentatório na infância (OLIVEIRA; ABREU, 2015; MAGALHÃES, 2017; OLIVEIRA; SOUZA; PESSOA, 2019). Nesse sentido, é válido retomar e discutir separadamente sobre as perspectivas sinalizadas nesses estudos para evidenciar o fenômeno

³² Conforme Magalhães (2017), baseada em Kotler (1998), os fatores culturais envolvem: cultura, subcultura (nacionalidades, grupos raciais, regiões geográficas e religiões) e classe social do consumidor, determinando o perfil dos produtos que serão consumidos. Os fatores sociais são grupos de referência, família, papéis sociais e status. Os fatores psicológicos estão relacionados à motivação, percepção, aprendizagem, e crenças e atitudes. Os fatores pessoais são as vivências, experiências e momentos que o indivíduo passa no decorrer da sua vida, cujas decisões são influenciadas pela idade e o estágio do ciclo de vida, ocupação, situação econômica, estilo de vida, personalidade e autoestima. Os fatores ostentatórios relacionam-se à realização, autoestima e reputação, incorporando dimensões de ostentação e sinalização, exclusividade e conformidade social.

da festa de aniversário em si, de modo que possamos trilhar direcionamentos possíveis em uma análise dessa temática, a partir de áreas diferentes, e situar o leitor quanto ao ponto de vista que seguiremos nesta pesquisa.

2.2.2.1 Um processo de socialização da criança

A discussão sobre as três perspectivas inicia-se pelo processo de socialização da criança e fundamenta-se nos estudos na área de Sociologia, de Sirota (2005; 2008), como também nos estudos de Sarmiento (2003; 2004) sobre culturas da infância. Essa ordem de discussão ocorre por defendermos a perspectiva de socialização da criança como objetivo motivador para a realização da festa, não significando ordem hierárquica em uma pesquisa.

Sirota (2005) afirma que o aniversário infantil é um ritual que costuma agrupar crianças da mesma faixa etária e faz surgir uma obrigação de trocar presentes, dádivas e contra dádivas (entrega de presentes e recebimento de lembranças) que regem as sequências da festa de aniversário, sendo os objetos que participam dessa socialização em termos de celebração do indivíduo, de modelagem da identidade e de construção do vínculo social. O recebimento e troca de presentes nos aniversários infantis “[...] marcam ao mesmo tempo a constituição do círculo social e a construção de regras de civilidade: em outras palavras, a aprendizagem da implementação do vínculo social por meio da dádiva.” (SIROTA, 2005, p. 537).

Sirota (2008) postula que essa festa faz parte, por um lado, de uma espécie de relógio social que marca os acontecimentos sociais e culturais, socializando e construindo os indivíduos no interior de uma determinada cultura, com suas regras de civilidade, sua cultura literária e gastronômica como as delícias do aniversário. Por outro lado, a socióloga compreende a festa como uma forma de estetização do cotidiano, a exemplo do bolo decorado com elementos da infância, que é considerado por ela uma obra-prima doméstica por sua estética de arte, embora de forma efêmera, fútil, insignificante e comercial.

Na visão de Sirota (2008), esse ritual encontra-se multiplicado por três ao ser celebrado em três instâncias de socialização: a célula familiar, a instituição escolar e o grupo de amigos por meio do qual se pode nomear o aniversariante entre colegas. Conforme seu pensamento, na terceira instância de socialização há uma sequência com certo número de etapas, de regras a serem seguidas: regra do convite, do presente, das lembrancinhas, da decoração, da roupa, da oferta de comida, da gula, do bolo e sua partição, das velas de aniversário, do canto de celebração, da presença dos pais, das brincadeiras e jogos, da

recordação. A socióloga caracteriza esse tipo de ritual, organizado em torno dessas regras, como um verdadeiro *potlatch*³³ da infância que se estabelece por meio do ciclo de trocas de convites para participar do aniversário ao longo do ano.

Segundo Sirota (2008), celebração do aniversário é um momento efêmero em um dia particular, cuidadosamente preparado para comemorar o aniversário de uma criança, por meio do qual participar de sua celebração, levando presente, repartindo o bolo e brincando com ela, também contribui para a produção de um indivíduo. Conforme suas observações, essa celebração passa pela escolha de um bolo, de um presente ou um tema da festa de aniversário como possibilidades para expressar afetos e amizades, além de ser organizado em torno da experimentação e assumir frequentemente a forma de uma festa temática cujo tema está geralmente expresso desde o convite à decoração da mesa, passando pelo bolo e pelas atividades propostas.

Assim como Sirota (2005; 2008), Sarmento (2003; 2004) compreende essas festas de aniversário como rituais, sendo uma das formas de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo, um dos elementos constitutivos das culturas da infância, a exemplo de jogos, brinquedos, gestos e palavras. Para Sarmento (2003; 2004), as crianças de classe média partilham esses rituais, sendo transmitidos de uma geração de crianças para a seguinte. Isso explica a continuação da comemoração do aniversário das crianças com festa e todas as suas regras.

No contexto brasileiro, Pereira, Sardinha e Balsan (2016) afirmam que as festas de aniversário são simbologias da infância por meio do lugar em que são realizadas, dos costumes e vivências, as chamadas regras sociais. Para as autoras, as festas também estão atreladas à fantasia e às liberdades manifestadas em um território lúdico. Assim sendo, são rituais de socialização permeados por itens simbólicos e ludicidade característicos do universo infantil.

Se observarmos essas festas no contexto brasileiro de classes sociais mais favorecidas, os itens simbólicos aparecem em cada etapa da festa por meio da contratação de serviços que envolvem convites, fotos, vídeo, buffet, bolo, decoração, estrutura, cerimonial, produção, *hairstyle*, doces, balões, lembrancinhas, animação e divulgação, garantindo que regras sociais aconteçam, promovendo uma espécie de comercialização desse ritual, antes preparado pela família e envolvendo a criança no ambiente lúdico da sua própria festa.

³³ No artigo de Sirota (2008), *Potlatch* é definido, conforme o pensamento de Mauss, como o sistema de troca de presentes realizáveis em um aniversário. O valor e a qualidade dos bens dados como presentes sinalizam um prestígio por parte do homenageado.

Sobre esse aspecto, acreditamos que a essência do aniversário infantil esteja no processo de socialização da criança mediante um ritual simbólico marcante para constituição de memórias afetivas da infância que fomenta o imaginário infantil, promove brincadeiras e amplia o número de amigos, sendo essa essencialidade o motivo principal para celebração, evitando possíveis déficits de socialização da criança ao longo da infância e na fase adulta. Na análise dos dados, discutimos o que os aniversários infantis brasileiros têm mostrado, retomando tal aspecto.

Considerando que os objetivos da pesquisa se concentram na maneira como os cenários e os espaços onde eles são dispostos comunicam significados sobre infância, não seguimos na direção de socialização entre crianças sinalizada pela configuração espacial, podendo essa questão ser investigada em outro momento.

Seguimos para a próxima perspectiva em torno das festas infantis de aniversário.

2.2.2.2 Um modo de representação do imaginário infantil

Além da perspectiva da festa de aniversário como ritual de socialização, a festa pode ser estudada como um meio representativo de experiências e de narrativas integradoras que reorganizam o imaginário infantil, favorecendo a permanência e (re)conhecimento de narrativas de si e do(s) outro(s) de geração a geração. A argumentação sobre esse ponto de vista se assenta em estudos de Sarmiento (2003) e Atihé (2012).

Sarmiento (2003) pontua que o imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança que acontece no contexto social e cultural, fornecedor das condições e das possibilidades desses processos. Para o autor, tais condições sociais e culturais são heterogêneas, mas incidem em uma condição infantil comum: a dimensão simbólica nas culturas da infância, como também uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento e que está sob o controle da geração adulta.

Com base nesse pensamento, compreendemos que as crianças desenvolvem seu imaginário infantil por constituir um processo próprio do seu ser, a partir de situações oferecidas pelo contexto social e cultural que lhes permitem observar, experimentar e interpretar tais questões ao longo da infância, compreendendo novas situações e experiências de modo imaginário até incorporarem como experiência vivida. Nessa perspectiva, as festas infantis de aniversário se incluem nessas experiências imaginadas e vividas para algumas

crianças que têm acesso a elas, conforme o contexto sociocultural em que vivem, alimentando o imaginário infantil a partir de imagens escolhidas e oferecidas pelos adultos.

Outro estudo sobre o imaginário infantil é encontrado em Atihé (2012). A autora postula que esse imaginário atravessa um acelerado empobrecimento, na contemporaneidade. Segundo ela, isso ocorre devido à infância ter se tornado um estorvo diante das demandas que a sociedade globalizada impõe, pressionando a criança no sentido de sua escolarização precoce, direcionando-a ao mercado de trabalho e desenvolvendo suas competências de produção e consumo. Para essa autora, a infância tornou-se como um contratempo, uma fase da vida a ser condensada pelos adultos, de afetos e objetos, como forma simbólica de compensação. É nesse sentido que ela aponta para o acelerado empobrecimento do imaginário da infância, no qual as festas infantis de aniversário parecem encenar uma reorganização desse imaginário tanto pela desvalorização e repressão de certas imagens quanto pelo surgimento de outras.

Segundo Atihé (2012), a festa infantil de aniversário enquanto evento familiar é um dos poucos ritos de passagem ainda vigentes na sociedade brasileira industrial e tecnológica, carente de rituais significativos, já que o plano do imaginário infantil padece de um progressivo desencantamento. Na sua visão, essas festas são um modo de reorganização do imaginário da infância e cultivo da alma, realizadas com mais regularidade e frequência nos primeiros anos da criança que, conforme seu crescimento, só valorizam tais festas se compartilhadas com um grupo de convidados mais amplo que o núcleo familiar, modificando-se de acordo com o amadurecimento do aniversariante.

Para Atihé (2012), as festas infantis de aniversário marcam o tempo da infância, são rituais significativos de transição cuja finalidade é iniciar, transmitir e reiterar a criança no mundo de tradições culturais do coletivo para garantir a continuidade desses valores contidos nos vínculos que compõem o imaginário infantil. Segundo ela, esses rituais significativos visam a encenar as narrativas, transferindo e devolvendo o sentido à nossa existência, justamente porque são capazes de remeter o sentido às origens, celebrando a superação cíclica da morte pela família e renovando-a por meio da experiência revivida por meio da dimensão simbólica desse ritual.

Ainda segundo a visão dessa autora, o ponto intrigante sobre essa instância imaginativo-festiva dos aniversários da infância é que as pequenas histórias sobre aniversários infantis relatadas no seu estudo, desde uma festa em limusine até a substituição da festa por dinheiro visando a comprar um computador, evidenciam um processo de esvaziamento mítico do ritual. Para ela, isso leva ao desencantamento da festa como um retorno e desencantamento

da infância, como experiência existencial de festa, uma vez que nessa relação entre festa e infância, a festa é “[...] como um ‘estado coletivo de infância’[...] assim como a infância um ‘estado de festa’ da vida [...]” (ATIHÉ, 2012, p. 231), no qual o primeiro envolve o desfrute, a fantasia, as emoções vivenciadas no coletivo, enquanto o segundo é passageiro, irrevogável, mágico, ambos novamente adquiridos somente pela força da imaginação e da memória, pelos álbuns de fotografias.

Cabe salientar que esse pensamento da autora sobre o desencantamento da instância imaginativo-festiva, decorrente dos relatos dos aniversários nos seus estudos, ocorre com crianças maiores, que já conseguem decidir sobre o modo de comemoração conforme seu desejo e necessidade, diferentemente do que ocorre nos primeiros anos das crianças, cuja instância imaginativo-festiva é proporcionada pelos pais ou responsáveis.

Essa concepção de Atihé (2012) nos leva a refletir sobre as festas no contexto investigado, no sentido de que geralmente não envolvem a criança e a família durante o processo de preparação, aguçando a imaginação da criança. Pelo contrário, a festa é apresentada como produto pronto, acabado, produzido por terceiros que, por mais talentosos que sejam, não estão juntos com o aniversariante durante tais etapas, contribuindo para um desencantamento do imaginário simbólico festivo da criança, se comparado a épocas anteriores.

Essa representação do mundo de experiências e de narrativas integradoras perpassadas pelos cenários é outro aspecto que pode ser investigado, entretanto não é por esse caminho que seguimos. Não buscamos investigar o que é representado nesses cenários, mas como tais cenários estabelecem interação com o leitor e comunicam significados sobre infância.

É na próxima perspectiva que os pontos de interesse desta pesquisa se coadunam.

2.2.2.3 *Um meio de consumismo, mercantilização e espetacularização*

As duas perspectivas anteriores sugerem que os objetivos e efeitos sobre o fenômeno dos aniversários infantis estão restritos à socialização da criança e à composição do imaginário festivo da infância. Contudo, no contexto de crianças brasileiras privilegiadas socioeconomicamente, as festas têm se tornado uma prática social comum para comemoração, um meio de consumismo, mercantilização e exposição nas redes sociais por meio de fotografias. É importante antecipar que nessas fotografias, as imagens dos cenários temáticos despertaram nosso interesse como recursos semióticos centralizadores para produção de

significados no modo visual, bem como os espaços referentes a esses cenários, geralmente posto em plano secundário, passando a ser foco principal neste estudo. Assim, as fotografias servem como registros dos discursos espaciais de cenários temáticos.

Esse interesse advém de aniversários infantis serem caracterizados por comemorações privadas e exuberantes nesse contexto brasileiro, para uma classe social privilegiada, fora do ambiente doméstico, sendo suas imagens exibidas tão cotidianamente que se tornam comuns, familiarizadas, como modelos a serem seguidos, ou melhor, mercadorias a serem exibidas e compradas, constituindo significados sobre as concepções de infância e festa, exercendo poder sobre outras instâncias. É a partir dessa terceira perspectiva que podemos pensar nesse fenômeno no Brasil como um discurso propagador de significados sobre uma infância festiva que não basta ser comemorada, socializada e representada por um imaginário infantil, necessita ser instigadora do consumismo ostentatório (OLIVEIRA; ABREU, 2015; MAGALHÃES, 2017; OLIVEIRA; SOUZA; PESSOA, 2019), transformada em mercadoria (BAUMAN, 2008) e vista como espetáculo (SIBILIA, 2016). Assim, os próximos parágrafos discorrem sobre as festas infantis como meio de consumismo, mercantilização e espetacularização.

A questão do consumo nos aniversários infantis brasileiros acontece de maneira entrelaçada, remetendo à mercantilização e à espetacularização de determinada festa e de determinada infância. A exibição da festa em revistas e redes sociais parece funcionar como sua validação e autopromoção para garantir sua existência e valor. Do contrário, parece ser um desperdício fazer uma festa, performar uma cena da vida privada, da infância vivida, e não exibi-la publicamente.

O consumo para ostentação, no contexto de uma festa infantil, alimenta a ideia de pertencimento à sociedade de consumidores, a um grupo que se comporta de tal forma. Segundo Oliveira e Abreu (2015), bem como Oliveira, Souza e Pessoa (2019), baseados na visão de Veblen (1988)³⁴, o consumo conspícuo é o consumo que ocorre não somente para satisfazer necessidades, mas também para indicar a posição social, como exibição visível da riqueza. Para os autores, essa prática do consumo conspícuo para obter status não é uma prática nova, é uma prática antiga que indica a superioridade atrelada ao ato de consumir.

No Brasil, as festas são para muitos convidados, mais adultos que crianças, com bolos e decorações exuberantes, ocupando espaços que não são residenciais, priorizando o primeiro ano da criança. Isso pode contribuir para o consumismo, para a ideia de uma festa e infância

³⁴ As autoras referenciam esse estudo como VEBLEN, T. A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

mercantilizadas desde muito cedo, conforme temos percebido ao longo da coleta de dados desta pesquisa. Esse modelo de festa brasileira parece não se repetir em outros países, podendo causar estranhamento para eles. Por se tratar de um hábito cultural, cada país tem sua maneira de comemorar aniversário infantil.

A seguir, alguns relatos de brasileiras que moram com a família na França, Áustria, Escócia e Holanda na série “Festas infantis pelo mundo”, uma plataforma colaborativa com mais de 150 colunistas em alguns países, identificada como Brasileiras Pelo Mundo³⁵.

Na França, segundo relato postado pela brasileira Lilian Moritz em 17 de julho de 2017, moradora no país desde 2014, os aniversários são comemorados em casa e entre membros da família, no máximo amigos mais chegados, até pelo menos três anos de idade. Já a partir de quatro anos, a criança começa a convidar os amiguinhos, mas nem sempre, porque também é comum os pais preferirem viajar com a criança no aniversário em vez de fazer festa ou comemorar com a família. Em alguns casos, as festas com amigos são só a partir dos cinco ou seis anos, em casa, em parques fechados de recreação infantil ou em jardins. Os aniversários têm hora para começar e acabar com duração máxima de três horas de festa, sem a enorme variedade de cardápio como no Brasil, priorizando o “feito em casa” quando possível. Nesse caso, o aniversariante adora mostrar o que foi feito por ele, ficando orgulhoso do seu trabalho pronto. Quanto às lembrancinhas, a criança francesa gosta de prepará-las do jeito dela.

Na Áustria, o relato é da brasileira Ana Dietmüller, residente com a família no país desde 2012. Em sua postagem datada de 15 de junho de 2016, ela relata que os aniversários das crianças são realizados em casas, apenas com a família e com, no máximo, sete amigos mais próximos. Os preparativos ocorrem no estilo “faça você mesmo”, geralmente muito praticado, inclusive com ajuda da criança, caso tenha idade suficiente para isso. Os convites são enviados com antecedência, devendo-se confirmar presença.

Na Escócia, Anelise Kaminski, em sua postagem datada de 25 de junho de 2017, relata que lá as festas infantis nem eram comuns até um tempo, sendo comemoradas simplesmente com um bolo depois do jantar. Atualmente, toda criança espera ter algum tipo de festinha em seu aniversário, mas ainda de maneira simples se comparadas ao Brasil. Na Escócia, as pessoas não veem muito sentido em comemorar as festas de um ano pela falta de amigos próprios da criança que fica sem entender o que está acontecendo. Nesse caso, comemoram

³⁵ Plataforma disponível em: <https://www.brasileiraspelomundo.com/category/festas-infantis-pelo-mundo>. Acesso em: 20 jul. 2019.

por meio de um jantar ou almoço, seguido de um bolo simples, em casa ou em um restaurante, convidando os avós, tios e primos. As primeiras festas acontecem depois dos quatro anos de idade, sendo possível acontecer na escola também, geralmente as outras mães nem ficam sabendo, o que ocorre sem presentes, decoração e sem lembrancinhas. As festas de aniversário podem ainda acontecer em casa, em salões de igrejas, parques infantis, em restaurantes, cafés.

Como último exemplo, trazemos um resumo sobre as festas infantis na Holanda por meio do relato de Priscila Sobral, residente há dez anos, em postagem datada de 18 de setembro de 2017. Sua primeira observação é quanto ao hábito de desejar “feliz aniversário” não somente ao aniversariante, mas também para toda a sua família: pai, mãe, tio, tia, avó, avô, irmãos. Nesse país, as festas têm hora para começar e acabar, geralmente com duração de duas a três horas já informadas no convite. O número de convidados varia de acordo com a idade do aniversariante e geralmente inclui poucas crianças. Na Holanda, não existem casas de festas infantis como conhecemos no Brasil, dessa forma, a celebração é feita em casa, em algum parquinho, playground, fazendinha ou em uma sala para entretenimento de poucas crianças, com atividades de arte, pintura, workshop culinário, teatrinho, atividades esportivas. Sobre a decoração, a maioria das festas é temática, e quando existe um tema, está representado no bolo e nas bandeirinhas com o nome da criança ou parabéns, em pratinhos e guardanapos descartáveis que compõem a decoração.

Embora os relatos descritos não sejam de um estudo científico, esboçam um panorama de como festas infantis de aniversário acontecem naqueles países do ponto de vista de brasileiras residentes no exterior. Seus relatos contribuem para percebermos, de modo geral, mais diferenças que semelhanças entre a cultura de festas infantis no Brasil e naqueles países. Neles, as comemorações se voltam para um menor número de convidados (priorizando crianças), simplicidade no bolo e na decoração, residência da criança, e parques como local de comemoração, além de não priorizarem o primeiro aniversário, opondo-se ao consumo ostentatório percebido no Brasil.

Sobre a questão da mercantilização da festa e da infância, podemos recorrer a Bauman (2008), ao mostrar como a sociedade moderna de produtores foi se transformando na sociedade de consumidores na qual os indivíduos se tornam concomitantemente produtores de mercadorias e as próprias mercadorias que produzem, isto é, na sociedade de consumidores, indivíduos são transformados em mercadorias. Segundo o autor, isso acontece quando as pessoas são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável, fazendo uso dos melhores recursos para aumentar o valor de mercado dos produtos

que estão vendendo, que no caso, são elas mesmas. Nas palavras de Bauman (2008, p. 13, grifos do autor): “São, ao mesmo tempo, os promotores *das mercadorias* e as *mercadorias que promovem*. São, simultaneamente, o produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores.”.

Na visão do sociólogo, nessa sociedade de consumidores, os próprios são educados desde a infância e ao longo de sua vida de consumo, sendo desencorajados a desenvolverem uma ligação de longo prazo com qualquer produto que possam adquirir e usufruir, uma vez que “[...] os indivíduos que se satisfazem com um conjunto finito de necessidades, guiando-se somente pelo aquilo que acreditam necessitar, e nunca procuram novas necessidades que poderiam despertar um agradável anseio por satisfação são *consumidores falhos* [...]” (BAUMAN, 2008, p. 128, grifos do autor). Assim, parece que a noção de pertencimento à sociedade passa pelo consumo.

A ideia perpassada pelo consumo ostentatório, aquele que precisa ser exibido como indicador de elevada posição social e poder econômico, é perceptível em festas infantis no contexto deste estudo. Assim, essa ideia de mercantilização da festa e infância deve-se ao pensamento de Bauman (2008) sobre a sociedade consumista, uma vez que existe um arsenal publicitário de marketing voltado para festas infantis de aniversário contribuindo para a comercialização desse pensamento.

Para citar alguns exemplos desse arsenal publicitário, existem revistas impressas e on-line (Revista Acropólis Kids, Revista Crescer, Revista Festas Infantis, Revista Inesquecível Festa Infantil Teen, Revista Artesanato)³⁶; um livro virtual voltado para ideias sobre festas infantis de aniversário (Book Festas Kids)³⁷; lojas virtuais para compra de produtos de festas infantis (Magazine25.com, Festa Box, Rica Festa, Festa Express, Shopfesta, F&O Festa & Oferta, Festejar kids, Alegria Festa)³⁸; sites e *blogs* com dicas para festas (Casa & festa;

³⁶A Acropolis Kids é produzida no contexto local (João Pessoa-PB). Existe na versão digital disponível em: <http://acropolismagazine.com.br/2015/09/acropolis-kids/> e na versão impressa disponibilizada para convidados da festa;

Revista Crescer - <https://revistacrescer.globo.com/Festa-de-aniversario/?status=500>

Revista Festas Infantis- <https://revistafestas.wordpress.com/tag/festa-infantil/>

Revista Inesquecível Festa Infantil Teen- https://issuu.com/inesquecivelfesta/docs/ifit_sp07

Revista Artesanato- <https://www.revistaartesanato.com.br/decoracao-festa-infantil-simples>

³⁷ Book Festas Kids- <http://www.victoriabooks.com.br/livro/book-festas-kids-vol-7/>

³⁸ Magazine25.com - <https://www.magazine25.com.br/>; Festa Box - <http://blog.festabox.com.br/>

Rica Festa - <https://www.ricafesta.com.br/>; Festa Express - <https://www.festaexpress.com/>;

Shopfesta - <https://shopfesta.com.br/>; F&O Festa & Oferta - <https://www.festaefoferta.com.br/>;

Festekids - <https://festekids.com/>; Alegria Festa - <https://alegrafesta.com.br/>

Fazendo minha festa infantil; MultiDicas; Temas infantis; Viva Decora *Blog*)³⁹ e o programa de TV ‘Fazendo a Festa’, no canal GNT. Por meio dessas opções de publicidade, é possível se atualizar constantemente com relação às temáticas infantis, às ideias e novidades para decoração dos cenários, aos tipos de serviços oferecidos, conforme algumas mudanças de tendência do mercado.

Mais um indicador dessa mercantilização é a Expo Parques e Festas que acontece em São Paulo-SP, anualmente. É um evento que representa a maior experiência do mercado de festas na América Latina há mais de 14 anos, proporcionando networking e gerando conteúdo que estimula um novo olhar para o setor. Nesse evento é possível encontrar artigos de festas e decoração, balões infláveis e acessórios, maquiagem e pintura corporal, máquinas e equipamentos, lembrancinhas e presentes, fantasias e uniformes, utensílios e utilidades, móveis, além de oportunidades para participar de seminários e oficinas.

Como outro indicador, a Associação Brasileira de Eventos (ABRAFESTA), em uma pesquisa encomendada ao Instituto Locomotiva, mostra que os gastos dos brasileiros com festas e cerimônias somaram R\$ 17 bilhões em 2016, com a mesma expectativa de valor para 2017. Segundo reportagem da Edição do Brasil, em 2017, o Sudeste representa 51% dos gastos (R\$ 8,8 bilhões), seguido pelo Nordeste (R\$ 3,1 bi), Sul (R\$ 3 bi), Centro-Oeste (R\$ 1,3 bi) e Norte (R\$ 1 bilhão). Assim, o Nordeste representa o segundo maior mercado de festas infantis do país, movimentando milhões de reais por ano. Em reportagem do Paraíba Total⁴⁰, o mercado de festas e eventos cresce 14% ao ano e sinaliza boas projeções para 2019, conforme dados da Associação Brasileira de Empresas e Eventos (ABEOC). Isso sinaliza que o contexto de pesquisa, a capital paraibana, não foge à regra.

É oportuno registrar que, durante a escrita da tese, o Brasil e outros países passam por um período da pandemia do Covid-19, cuja recomendação da Organização Mundial da Saúde é o distanciamento social, o “Fique em casa” como uma segurança real para a família. Nesse caso específico, a infância voltada para o ambiente doméstico é a mais indicada. Mesmo assim, as festas infantis continuaram acontecendo, sendo organizadas por casas de festas e assumindo novas configurações. Nesse caso, as festas foram realizadas na residência da

³⁹ Casa e festa - <https://casaefesta.com/>

Fazendo minha festa infantil - <https://fazendoaminhafestainfantil.blogspot.com/>

MultiDicas - <http://www.multidicas.com.br>

Temas infantis - <http://www.temasinfantis.com.br/>

Viva Decora - <https://www.vivadecora.com.br/revista/decoracao-de-festa-infantil/>

⁴⁰ Disponível em: <https://www.paraibatotal.com.br/2019/02/01/00918-mercado-de-festas-e-eventos-cresce-14-ao-ano-e-tem-boas-projecoes-para-2019/>. Acesso em: set. 2020.

criança, com convidados on-line por videoconferência, no estilo *drive-thru*, drive-in ou *pocket* externa⁴¹, seguindo os protocolos de segurança. Ademais, essas novas configurações de comemorações devido à pandemia, continuaram sendo postadas nas redes sociais de casas de festas locais ou noticiadas em jornais de outras regiões brasileiras⁴².

Considerando que a festa infantil precisa aparecer ao público para existir, ser desejada e vendida como uma ideia, a noção de espetacularização (SIBILIA, 2016) merece destaque. Isso se deve à notoriedade de festas infantis de aniversário no Brasil, exibidas para a sociedade como uma espetacularização, termo cunhado por Sibilía (2016), baseado em Guy Debord (1967)⁴³, o que consequentemente passa a ser uma exibição de uma infância festiva. Essa espetacularização pode ser observada nas postagens de casas de festas em redes sociais onde percebemos uma tendência para publicações de fotografias dos cenários temáticos. Estes se assemelham a uma exposição de produtos e serviços para aquele tema, principalmente reforçada pela ficha técnica que acompanha as postagens e mostram as empresas responsáveis por tais produtos e serviços. Para Sibilía (2016), o que parece ser angustiante nessa sociedade do espetáculo, na qual só se define algo/alguém quando se pode vê-lo, é a possibilidade de ocorrer um tipo de invisibilidade julgado próximo à inexistência. Assim, se outras concepções de festa e de infância não são vistas, elas não existem.

A referida autora, ao discorrer sobre o show do eu como fenômeno contemporâneo da exibição da intimidade, assevera que a rede mundial de computadores é um espaço propício para experimentar e desenvolver novas formas de expressão e comunicação, nascendo modos inovadores de ser e estar no mundo, a exemplo de *blogs*, perfis pessoais nas redes de relacionamentos, *selfies* e vídeos caseiros. A autora incita uma reflexão sobre a possibilidade de os habitantes desses espaços montarem espetáculos de si mesmos para exibir uma intimidade inventada, sendo personagens fictícios ou exibem fielmente a realidade de uma

⁴¹ Sobre as novas configurações de festas infantis, o modelo *drive-thru* é uma espécie de carreta passando em frente à casa de festas em fila única para deixar presentes e receber kits com lanche e lembrancinhas. O modelo drive-in é uma espécie de cine montado no estacionamento da casa de eventos para os convidados assistirem ao filme dentro do carro, comerem e cantarem parabéns, podendo assistir a um show de mágicas ou outro tipo de recreação na comemoração. O modelo festa *pocket* é uma mini festa como antigamente, pequena e para poucos convidados.

⁴² Alguns links de postagens em redes sociais de casas de festas locais: https://www.instagram.com/p/B_XmR9mjTEV/; https://www.instagram.com/p/B_DGwMyn2w8/
Alguns links de sites de jornais: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/divirta-se/aniversario-na-quarentena-com-festa-virtual-para-as-criancas/>; <https://cangurunews.com.br/festas-virtuais/>;
<https://www.cnnbrasil.com.br/estilo/2020/06/10/festas-virtuais-se-popularizam-durante-a-quarentena/>;
<https://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2020/03/criancas-comemoram-aniversarios-com-minifestas-ou-por-video.shtml>

⁴³ A autora o referencia como: DEBORD, Guy. La sociedade del espectáculo. Bueno Aires: La Marca, 1995, p. 27. (Edição brasileira: A sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto. 2007).

vida nua e crua nos relatos e imagens. Em suas palavras, “[...] o espetáculo se transformou em nosso modo de vida e em nossa visão do mundo, na forma como nos relacionamos uns com os outros e na maneira com que o mundo se organiza.” (SIBILIA, 2016, p. 74). Para essa pesquisadora, uma atitude que antes causava estranhamento torna-se familiar, visível e se “naturaliza” rapidamente, exercendo influência no cotidiano das pessoas, para consumir os brilhos da vida alheia e ser visível também.

Essa exibição de festas infantis, potencializada pela internet e tecnologias digitais, remonta a uma classe mais favorecida socioeconomicamente. Cabe observar que essa classe exerce influência sobre os membros das classes sem acesso à festa e à internet, ao menos de forma regular, e que, portanto, não são protagonistas desse tipo de exibição porque são considerados consumidores falhos, aqueles que não consomem tantos produtos (BAUMAN, 2008). As classes pertencentes à sociedade de consumidores são aquelas que definem e informam o que é uma festa infantil e o que é infância.

Voltando à discussão das três perspectivas observáveis nos estudos sobre festas infantis de aniversário, elas indicam como esse fenômeno contemporâneo tem sido analisado. Nesta pesquisa, é na terceira perspectiva, sobre consumo ostentatório, somado à mercantilização e espetacularização, que as discussões se direcionam. Esse direcionamento se justifica pela característica exuberante de informações visuais constituintes dos cenários temáticos, sinalizadoras de consumo, e a exibição de suas imagens em redes sociais, implicando na discussão de como essas festas e seus cenários temáticos comunicam significados sobre infância no contexto brasileiro. A Figura 2 resume essas perspectivas apontadas em torno dos aniversários infantis, como um ciclo, destacando nosso acréscimo.

Figura 2 – Perspectivas observáveis nos estudos sobre festas infantis de aniversário



Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre os cenários temáticos, elementos centrais desta pesquisa, discorreremos a seguir.

2.3 Cenários temáticos de aniversários infantis

Diferentemente do que ocorreu na seção sobre festas, que foi alicerçada em estudos sobre a temática, para esta seção, não encontramos estudos voltados exclusivamente para os cenários temáticos durante inventário bibliográfico, exceto dois artigos de minha autoria publicados ao longo da pesquisa. Assim, a discussão se pauta tanto em informações encontradas em sites de revistas e lojas virtuais voltados para festas infantis quando buscava familiarização inicial com a temática, quanto em relatos informais das proprietárias e impressões pessoais durante pesquisa de campo. A seção inicia definindo cenários temáticos de maneira ampla e parte para uma discussão sobre eles em blocos específicos.

Cenários temáticos, na concepção deste estudo, são compreendidos como o conjunto de elementos para decoração de um ambiente como um todo, formados por um tema central e subdivididos em espaços com itens dispostos sobre mesas, teto, chão, paredes e piso, conforme o tema escolhido para decoração do evento. Esses cenários são montados e desmontados nos espaços delimitados para cada festa, funcionando principalmente para decorar o ambiente, embora outras funções específicas sejam demarcadas no espaço.

Sendo a decoração a função principal dos cenários como algo intrínseco às festas brasileiras, pois sem ela parece impossível imaginar que se trata de uma festa, a decoração, somada ao espaço, pode transmitir diversas sensações, causando-nos maior ou menor impacto. No caso dos cenários temáticos no contexto desta pesquisa, precisamos observar o que está além dessa função. Seguindo as perspectivas pelas quais essas festas podem ser estudadas, discorridas na seção anterior, podemos pensar nos cenários como materialização e representação das regras desse ritual de socialização, das imagens simbólicas do imaginário infantil do aniversariante, mas também como alteração do espaço para interagir com o usuário/observador, gerando novas linguagens, instigando o consumo. Nesse contexto, os cenários são montados por peças prontas, formando uma temática conforme tendências e estilos para atrair adultos e crianças, incentivando uma cultura que fomenta estilos de vida para crianças, uma cultura que não está voltada para a brincadeira, pois os cenários não são montados para brincar, mas para contemplar, observar e posar para fotos.

Neste trabalho, o termo “cenários temáticos” no plural justifica-se por dois aspectos observados durante levantamento inicial de dados. O primeiro diz respeito à ampla variedade de temas infantis para decoração da festa. O segundo é a subdivisão de cenários em uma

mesma festa, com outras funções, além de decorar. Somam-se a esses fatores, suas acomodações para a mesma festa ou em festas diferentes, conforme o tamanho do espaço, a quantidade e a qualidade de itens de decoração. Além disso, é válido mencionar os estilos diferentes de cenários (tradicional, provençal, rústico e *clean*), mas que não são explorados porque não são do interesse desta pesquisa. A Figura 3 sintetiza a perspectiva de discussão sobre cenários temáticos nesta seção.

Figura 3 – Estruturação da discussão sobre cenários temáticos



Fonte: Elaborada pela autora.

2.3.1 Cenários temáticos: temas

O primeiro aspecto observado ao longo da pesquisa é a ampla variedade de temas infantis para decoração de cenários nas festas de aniversário. Ao buscar uma familiarização com esses temas por meio de sites de revistas e lojas virtuais, na fase embrionária da pesquisa em junho de 2018, diversas opções e quantidades de temas foram encontradas, por exemplo, no site da Revista Crescer⁴⁴, uma revista com ideias e reportagens voltadas para crianças, e no site da loja virtual Magazine 25.com.br⁴⁵, onde se pode comprar artigos para festas pela internet). No primeiro site, digitando a informação “tema de festas” na ferramenta de busca e passando sobre o item “todos” até o final das páginas disponíveis na barra inferior de rolagem, encontramos 164 opções (Apêndice A) ao longo de reportagens datadas desde 2013. Já no segundo site, loja virtual Magazine25.com.br, no topo da página, clicando sobre os

⁴⁴Revista Crescer- <https://revistacrescer.globo.com> (1ª edição impressa publicada em 1993)

⁴⁵Loja virtual Magazine 25.com- <https://www.magazine25.com.br/> (na internet desde 2006)

ícones “festa de menino” e “festa de menina”, 169 opções foram encontradas (Apêndice B). É provável que em nova consulta aos mesmos sites, essas opções tenham sido atualizadas com a supressão ou adição de alguns temas.

Dentro desse primeiro aspecto, tanto reportagens de revistas especializadas em festas infantis quanto lojas virtuais com produtos para festas, a exemplo daquelas já citadas em notas de rodapé, mostram que além da variedade de temas infantis com narrativas tradicionais (Chapeuzinho Vermelho, A Branca de Neve e seus sete anões, A Cinderela, A Bela Adormecida, Minnie, O Pequeno Príncipe, Peter Pan, Mickey, super-heróis) e narrativas contemporâneas (O Mundo do Bit, Os Incríveis, *Minions*), existem aniversários comemorados com festas neon, festas à fantasia ou temáticas que enfatizam a identidade da criança, suas brincadeiras, com detalhes que indicam sua personalidade e se voltam para temáticas sem super-heróis ou princesas: circo, borboletas, flores, frutas, floresta, carros, balões, aviões, bonecas, bailarinas, brinquedos antigos, unicórnio, flamingos, bosque, cactos, abacaxi. Essa ideia é reforçada por uma reportagem da Revista Crescer, datada em maio de 2018⁴⁶, informando que os clássicos da literatura infantil predominavam nos temas das festas, mas quando a escolha fica a critério do próprio aniversariante, é comum transitar entre os personagens e as brincadeiras favoritas da criança.

Ademais, a mídia estimula a opção por determinado tema quando um personagem infantil está ou não no auge, o que pode torná-lo um dos favoritos das crianças, como sugerem as reportagens na Revista Crescer, de dezembro de 2014, intitulada “Febre de Frozen nas festas de aniversário”⁴⁷, quando o filme estava em alta nos cinemas brasileiros, como também a reportagem da Casa e Festa, de fevereiro de 2017, com a manchete: “Temas de Aniversário Infantil para Menino: confira os 10 mais usados”⁴⁸. Vale ressaltar que existem outras revistas e sites com manchetes nessa mesma proposta.

Diante dessa ampla variedade de temas, já podemos observar que a festa infantil de aniversário nos moldes brasileiros parece ser prescritiva, isto é, necessariamente temática e com cenários, desconsiderando que o tema principal é o próprio aniversário, e que seus elementos simbólicos, tais como: bolo, vela, doces, balões e a canção “Parabéns pra você” já são representativos desta comemoração. Além disso, a festa pode ser substituída por outra comemoração ou até mesmo não existir comemoração alguma. Isso nos conduz à reflexão de

⁴⁶Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Festa-de-aniversario/noticia/2018/05/festa-com-tema-faroeste-e-opcao-original-para-aniversario-de-meninos-e-meninas.html>. Acesso em: 5 jun. 2020.

⁴⁷Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Festa-de-aniversario/Temas/noticia/2014/12/febre-de-frozen-nas-festas-de-aniversario.html>. Acesso em: 15 jun. 2020.

⁴⁸Fonte: <https://casaefesta.com/temas-de-aniversario-infantil-masculino/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

que as festas também são fatores de exclusão social por serem privadas e representativas de prestígio social e financeiro, excluindo outras crianças que não podem participar como aniversariantes ou convidadas.

Com relação aos cenários temáticos, segue o segundo aspecto observado.

2.3.2 Cenários temáticos: suas subdivisões e acomodações

A partir de informações coletadas para a pesquisa, tanto por meio de postagens de fotografias nas redes sociais das três casas de festas (*Popótamus*, *Tindolelê Buffet Kids e Teens*, *Javé-Yirê Receções e Locações*) quanto de conversas informais com as proprietárias dessas casas e impressões pessoais durante pesquisa de campo, observei que os cenários temáticos são distribuídos em subdivisões menores com posições estratégicas e diferentes funções que compõem o mesmo espaço, algo que anteriormente passava despercebido para mim.

Assim, a partir dessas informações coletadas, compreendi que a divisão do cenário temático em subdivisões depende de demandas dos pais e disponibilidade no espaço para suas acomodações. Além de decorar, é possível encontrar ao menos seis funções: identificar o tema e o aniversariante na fachada do prédio, apresentar o tema no seu interior, depositar presentes, expor itens personalizados⁴⁹, acomodar convidados e expor lembrancinhas para entregar aos convidados ao final da festa. Considerando as informações passadas pelas proprietárias das casas e minhas observações, os cenários visualizados podem ser categorizados em: externo, principal, de presentes, de personalizados, de acomodação de convidados e de lembrancinhas.

Essa subdivisão de cenários ocorre quase de forma similar nas três casas de festas, como um padrão encontrado, mudando somente a quantidade de subdivisões e a acomodação de cada um conforme extensão de cada prédio, pois quanto maior o espaço interno mais subdivisões são possíveis. A visualização dos cenários pode ocorrer de duas maneiras: por meio de fotografias postadas nas redes sociais (olhando para eles) e por acesso ao local (andando pelo exterior e interior do prédio). Nas fotografias postadas, predominam imagens do cenário principal com seus detalhes e o cenário de mesas dos convidados, os cenários menores raramente aparecem para a mesma festa como postagem principal.

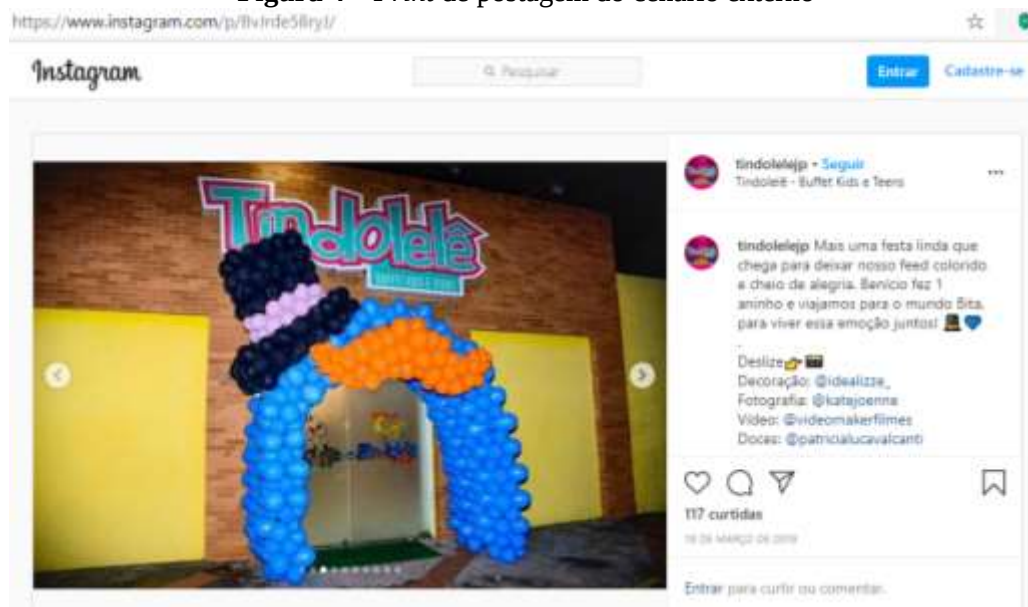
⁴⁹ Itens personalizados são objetos de decoração, de lembrancinhas ou produtos comestíveis (como guloseimas e líquidos), que geralmente identificam o tema, a criança aniversariante e a idade comemorada.

É oportuno registrar que existem também os espaços destinados aos brinquedos e às brincadeiras, que atendem a crianças de diferentes idades, tais como: escorregadores, pular-pula, e jogos eletrônicos; todavia não são decorados com a temática da festa, fazendo parte do próprio prédio, diferente dos cenários. Além disso, as proprietárias das casas de festas relataram que muitas crianças correm para esse espaço, dirigindo-se aos cenários mais para a sessão de fotos e para cantar parabéns.

Para visualização de um exemplo de cada cenário e suas subdivisões na mesma festa, escolhi uma sequência de fotos daquelas mais raras, mostrando cada subdivisão do cenário, postadas em 18 de março de 2019 pela *Tindolele Buffet Kids e Teens*, referentes à festa de aniversário de um ano, com tema Mundo Bitá⁵⁰.

O cenário da parte externa do prédio é geralmente posicionado na base ou na fachada do prédio com um arco de balões, formando um personagem relacionado à temática. Às vezes, há simplesmente um arco com as cores da temática e/ou um letreiro luminoso com o nome do aniversariante para identificar o local da festa, a temática, e o aniversariante. Pelos detalhes de um cenário externo, podemos observar a intensidade de ostentação da festa. Quanto mais detalhes aparecerem, maior é o impacto visual. A Figura 4 ilustra um modelo desse cenário.

Figura 4 – Print de postagem do cenário externo



Fonte: Instagram da tindolelejp⁵¹.

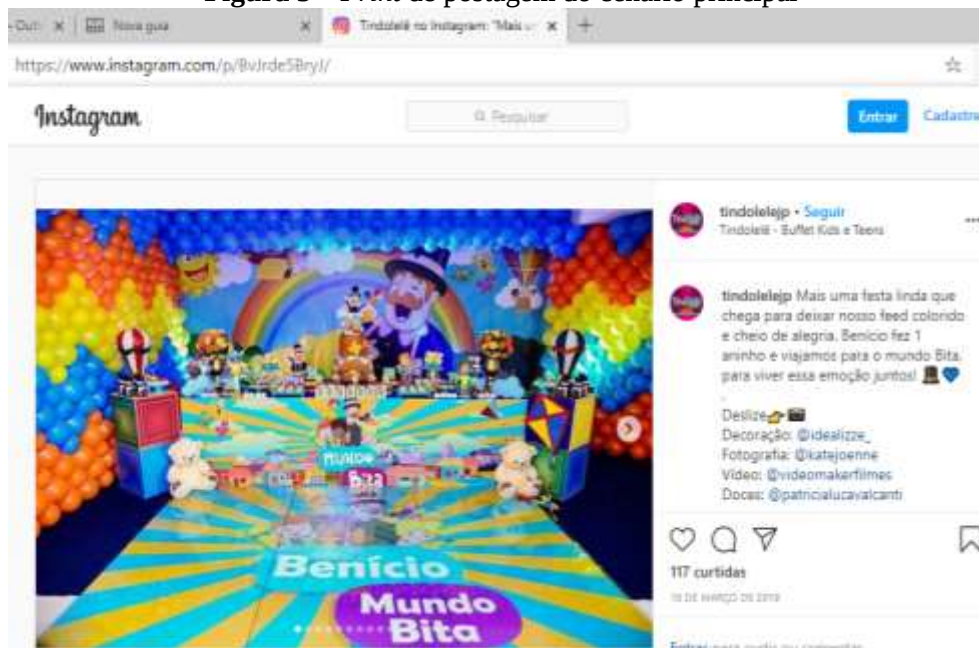
⁵⁰ A permissão para uso das imagens dos cenários postados nas redes sociais e registro próprio de imagens durante minha visita as três casas de festas ocorreu via assinatura de formulário, conforme mostra o Anexo C.

⁵¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvJrde5BryJ/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

O cenário de presentes, como o próprio nome sinaliza, indica o local destinado para depositar os presentes levados ao aniversariante. É posicionado um pouco antes da entrada do cenário principal, decorado conforme a temática, podendo ser montado no piso coberto por um tapete nas cores do ambiente e/ou em mobiliário decorado com a temática. Esse cenário funciona como garantia da regra de entrega dos presentes antes de participar da festa, como o “preço pago” para participar. Nessa festa, na qual os cenários estão sendo apresentados, não houve imagens postadas para esse tipo de cenário, por isso não o ilustramos.

O cenário principal reúne as peças centrais da temática escolhida, exibindo a criatividade e a beleza da decoração. É composto principalmente pela mesa, bolo cenográfico, bandejas com doces personalizados, painel temático, arco e/ou arranjo com balões, e displays *totens*. Em cenários do tipo principal, a mesa tem maior dimensão de comprimento e largura que as demais mesas. Nela, são geralmente colocados itens como: bolo cenográfico, que também pode ser colocado em uma mesa menor, separada, antes desse cenário principal; guloseimas variadas com o tema; o nome e/ou foto do aniversariante. Por trás da mesa principal, costuma-se utilizar um painel temático na parede e um arco com balões coloridos entre teto e parede, conforme as cores da temática. A Figura 5 traz um exemplo dele.

Figura 5 – Print de postagem do cenário principal



Fonte: Instagram da tindolelejp⁵².

⁵² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvJrde5BryJ/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Já o cenário de personalizados é distribuído tanto na mesa principal quanto nas mesas auxiliares ou em outros mobiliários. Esse tipo de cenário é usualmente composto por itens industrializados ou feitos à mão, que podem ser utilizados na mesa principal, na mesa de doces, enfeite de chão, e como mimos para convidados levarem para casa. A quantidade de itens personalizados geralmente depende do tamanho da(s) mesa(s), da variedade de itens que podem ser comestíveis ou não, como também do valor monetário disponível para isso. A Figura 6 exibe particularidades desse tipo de cenário: uma caixa de lembrancinha temática com nome e idade do aniversariante, e doces em formato de árvores.

Figura 6 – Print de postagem de personalizados



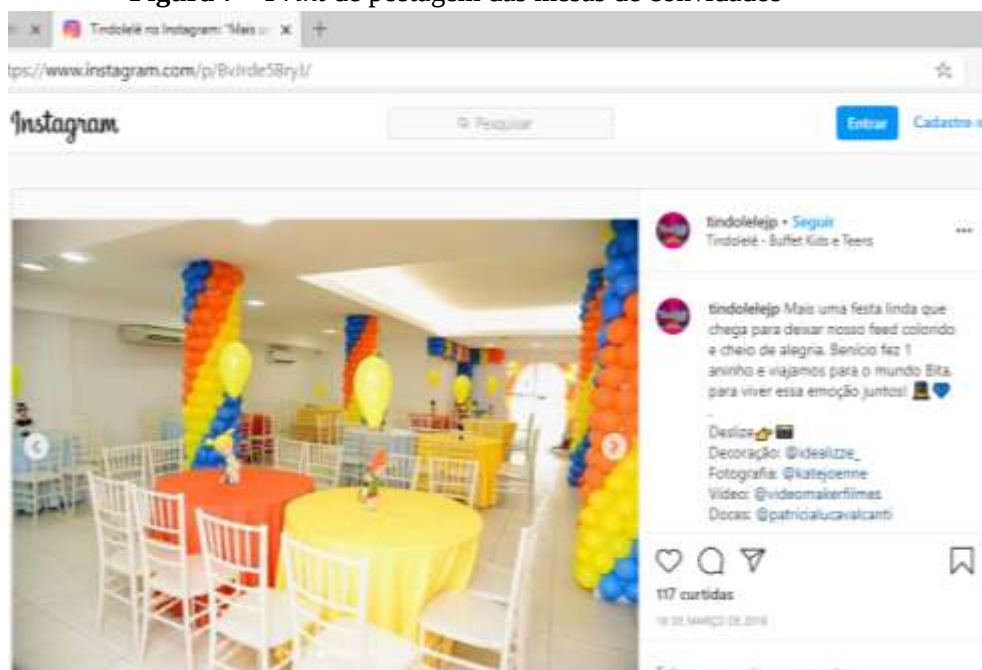
Fonte: Instagram da tindolelejp⁵³.

O cenário de acomodação dos convidados é identificado por fileiras de mesas com cadeiras, distribuídas em corredores conforme número de convidados. É um cenário que acompanha acessórios como toalhas de mesa nas cores da temática, arranjos de mesa feitos com vasilhinhos, *cachepots*, latas, caixinhas em madeira mdf⁵⁴ contendo itens tais como: guloseimas, flores, artigos de papelaria ou outros itens no interior, que podem ser oferecidos aos convidados ou serem exclusivamente parte da decoração. A seguir, a ilustração de um desses cenários na Figura 7.

⁵³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvJrde5BryJ/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

⁵⁴ MDF é a sigla de *Medium Density Fiberboard*, que significa placa de fibra de média densidade. É um painel formado por três camadas de partículas de madeira, uma grossa no miolo e duas finas na superfície. Fonte: <https://www.significados.com.br>

Figura 7 – Print de postagem das mesas de convidados

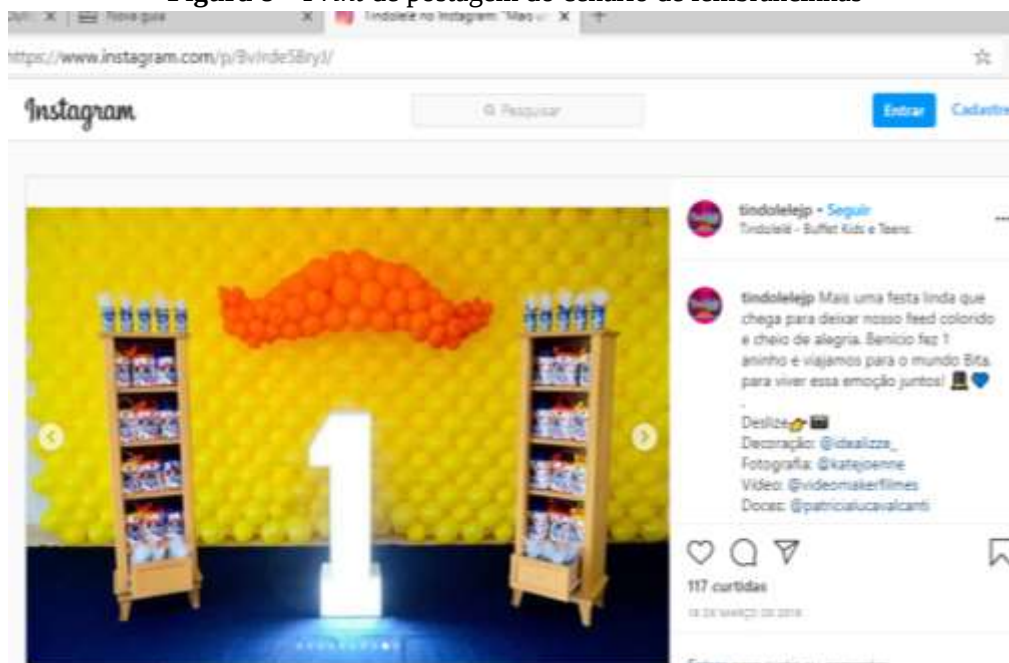


Fonte: Instagram da tindolelejp⁵⁵.

O cenário de lembrancinhas reúne itens que os convidados levam para casa ao final da comemoração, como gratidão de quem convida, pela presença e pelo presente. As lembrancinhas variam conforme a temática e podem ser diferenciadas para meninos e meninas. Geralmente, elas são objetos personalizados com o tema e o nome da criança aniversariante, tais como: pelúcias, cestinhas, estojos, mochilas, kits de desenho e pintura, bolhas de sabão, brinquedos, frascos pequenos com xampu, sabonete líquido e hidratante. A Figura 8, a seguir, ilustra esse tipo de cenário.

⁵⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvJrde5BryJ/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Figura 8 – Print de postagem do cenário de lembrancinhas



Fonte: Instagram da tindolelejp⁵⁶.

Tendo em vista que subdivisões e acomodações devem considerar a lógica de que as crianças e adultos necessitam de espaço para se locomoverem durante a festa, tais subdivisões de cenários temáticos e quantidades variadas de itens decorativos e comestíveis devem acontecer dependendo da extensão do espaço, o que significa que os cenários prontos para um mesmo tema são acomodados diferentemente em cada festa. Todas as subdivisões são possíveis quando a amplitude do espaço permite essa demarcação, acomodando esses cenários ao longo do espaço de modo que a circulação de crianças e convidados não seja comprometida. Algumas subdivisões devem ser reduzidas quando o espaço é muito limitado e não permite outros cenários menores, pois pode causar sensações de enclausuramento. A maneira como eles são montados pode interferir positivamente ou negativamente para a questão da ampliação ou limitação no espaço que por si só já dispõe de uma estrutura fixa. Tais aspectos interessam para esta pesquisa.

Diante do exposto, precisamos destacar três pontos. O primeiro deles é que muito além da discussão sobre festas infantis e seus cenários temáticos, é essencial começarmos a despertar para as imagens que não são mostradas. As imagens de comemorações sonhadas por algumas crianças e que não são realizadas, celebrações de seus aniversários nas quais elas seriam protagonistas por um dia, com ou sem cenário temático, conforme aconteceu com uma menina de periferia em Macapá. Ela sonhava com uma comemoração, mas a família não tinha

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BvJrde5BryJ/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

recursos financeiros para uma festa, então uma simples comemoração foi improvisada, representando o primeiro bolo de aniversário para a menina, e divulgada nas redes sociais, o que resultou na reunião de alguns empresários para promover uma festa para a menina na temática *Frozen*⁵⁷. Isso nos instiga a refletir sobre um mundo de diferenças relacionado a aniversários infantis que não são comemorados, que não contemplam cenários nos moldes exibidos no contexto brasileiro para determinada classe social, mas que constroem o imaginário de cada criança e se constituem como infância.

O segundo ponto é que analisar e discutir sobre infância a partir de imagens em evidência, que brilham, pode provocar uma reflexão sobre as imagens que estão ocultas. Nesse sentido, conforme sinalizado anteriormente, as fotografias de festas infantis e seus cenários temáticos exuberantes despertaram interesse para a pesquisa, impulsionando a enxergar além da imagem, outros modos semióticos constituintes de sentido, outros textos e outras infâncias. Por exemplo, esse enxergar além da imagem está nos espaços nos quais esses cenários são montados, que geralmente ficam em segundo plano, que evidenciam uma infância em detrimento de outras que não são mostradas.

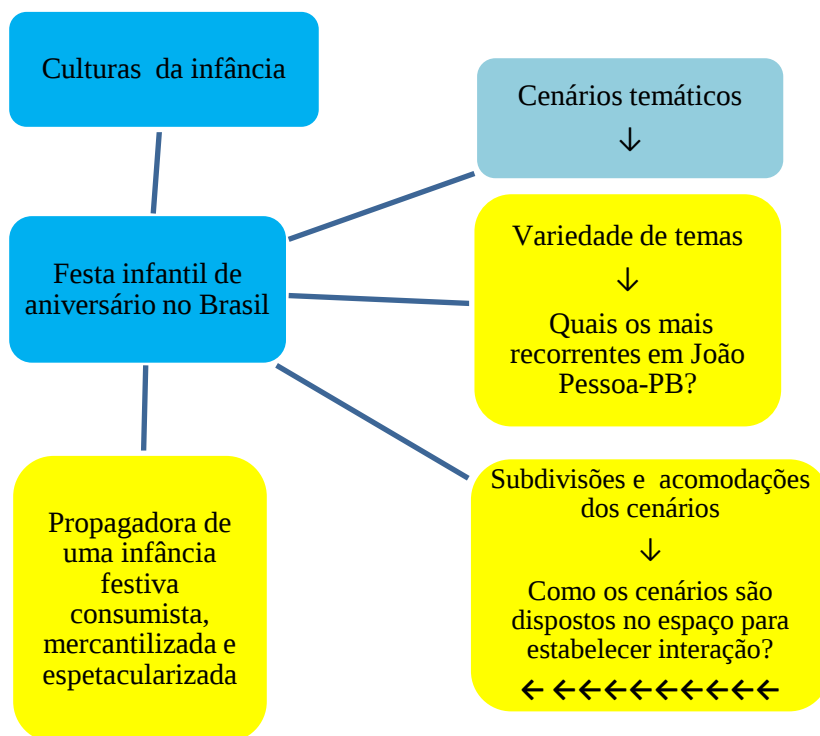
O terceiro ponto é que, a partir da discussão apresentada em torno de festas infantis e cenários temáticos, apontando aspectos sintetizados nas Figuras 2 e 3, compreendemos as festas infantis de aniversário como um elemento constituinte de culturas da infância, produzido e dirigido pelos adultos para as crianças, nos direcionando para um recorte de dados, já sinalizado no capítulo anterior. Mais ainda, isso possibilita um olhar sobre essas festas como um meio propagador de consumismo ostentatório, mercantilização e espetacularização, evidenciado pelos cenários com sua variedade de temas, subdivisões e acomodações, o que exige mais delimitações. Tais aspectos parecem seguir um fluxo cíclico.

Por ora, acreditamos ter situado o leitor sobre festas infantis de aniversário e seus cenários temáticos, instigando uma reflexão crítica sobre a naturalização dessas festas como uma realidade imanente, imutável, que sempre existiu ou pertencente à realidade de toda criança, desconsiderando que essas festas surgiram em algum momento, sendo um produto social, histórico e cultural, portanto podem ser modificadas e até suprimidas. Quanto aos aspectos dos aniversários infantis e seus cenários temáticos que interessam nesta pesquisa, não nos voltamos para aspectos como horário das festas, duração, trilha sonora, convites,

⁵⁷ Uma menina se emocionou ao ganhar um bolo de aniversário em comemoração aos seus sete anos por parte das primas que terminou ganhando outra festa surpresa na temática da *Frozen* em 2018, na cidade de Macapá (AP). Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/pais/menina-que-se-emocionou-ao-ganhar-bolo-de-aniversario-ganha-festa-do-frozen-1.1910246?page=3>. Acesso em: 1 jul. 2018.

convidados adultos ou crianças, mas para o evento da festa infantil de aniversário no Brasil como parte das culturas da infância, como propagador de uma infância festiva, consumista, mercantilizada e espetacularizada, focando no discurso espacial dos cenários temáticos. Tais aspectos estão resumidos no esquema da Figura 9.

Figura 9 – Aspectos sobre festas e cenários a serem observados nesta pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora.

Essa ilustração é também uma antecipação de parte do que é discutido no capítulo seguinte, sobre o alicerce teórico-metodológico da pesquisa, perpassando pelos eixos do contexto de cultura e contexto de situação, preconizados pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978).

3 FIRMANDO AS BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

O presente capítulo situa a pesquisa quanto às bases teóricas e à abordagem metodológica que se alinham com nosso objeto de investigação. Para isso, a discussão está organizada em três seções. A primeira seção discorre sobre a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday (1978), Análise Crítica do Discurso (ACD) pela ótica de Fairclough (2001) e Meurer (2005), e a Semiótica Social (SS) de Hodge e Kress (1988) e van Leeuwen (2005). A segunda seção discute sobre o espaço construído como objeto de investigação em outras pesquisas, enquanto modo de significados e recursos semióticos, relacionando-o às casas de festa. A terceira seção discorre sobre a Análise do Discurso Espacial (ADEsp), de Ravelli e McMurtrie (2016), e suas categorias analíticas, ampliadas da Gramática do *Design Visual* (GDV) de Kress e van Leeuwen (2006[1996]).

3.1 Relações da LSF, ACD e SS com o objeto de investigação

A perspectiva sociosemiótica da linguagem de Halliday (1978) compreende a língua como um sistema de significação atrelado a outros sistemas semióticos, flexível, usada no contexto social em diferentes situações e com diferentes funções pelos usuários, conforme suas escolhas e necessidades. Desse modo, esta seção situa a linguagem em uso e seu contexto social nessa teoria macro, LSF, seguindo para as contribuições da ACD e SS, respectivamente, relacionando-as ao nosso objeto de estudo.

3.1.1 Linguística Sistêmico-Funcional

Nesse paradigma funcionalista da linguagem, Halliday (1978) compreende a análise de um discurso como sendo social e culturalmente situado, no qual o usuário da língua ou de outro sistema semiótico faz escolhas para produzir significados, que são multifuncionais. Essa multifuncionalidade semântica da linguagem, de acordo com o linguista, refere-se às metafunções que ocorrem simultaneamente: ideacional (representação da experiência dos participantes internos); interpessoal (relações de interação social e pessoal entre os participantes); textual (organização da mensagem para produção de sentidos). Sobre essas metafunções de base hallidayana, é relevante esclarecer que elas não são descritas neste estudo, assim como as metafunções da GDV também não são, porque o foco se volta para as

metafunções da ADEsp, descritas na última seção do presente capítulo. Além disso, as metafunções da GSF e da GDV têm sido amplamente descritas em outros trabalhos de pesquisadores na área.

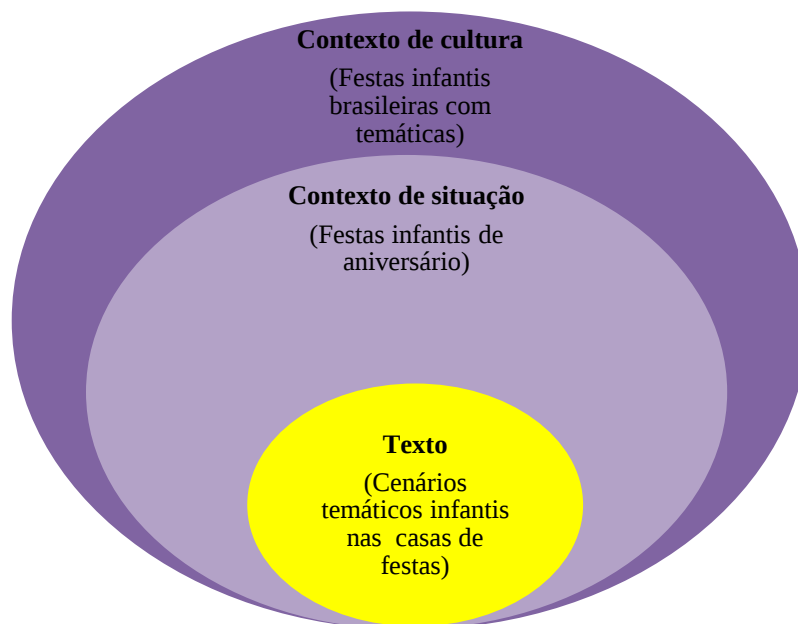
Para o linguista, as escolhas se inserem em uma rede de sistemas, de opções, para produção de significados materializados em textos e tais escolhas são influenciadas pelo contexto social no qual os usuários da linguagem estão inseridos: contexto de situação e contexto de cultura. Assim, observa-se a relação entre a linguagem em uso e seu contexto social como uma premissa dessa perspectiva sociossemiótica da linguagem. Portanto, as noções de contexto de situação e contexto de cultura são relevantes para o presente estudo.

Fuzer e Cabral (2014), baseadas em Halliday (1978), postulam que o potencial de significados da linguagem deve ser interpretado tanto pelo contexto de cultura quanto pelo contexto de situação, considerando que o primeiro está associado a todo sistema semântico da língua, formado por práticas, ideologias, convenções sociais e instituições, ou seja, as variáveis, se assim podemos nomeá-las, referindo-se não só às práticas mais amplas associadas a diferentes países e grupos étnicos, mas também às práticas institucionalizadas em grupos sociais como a escola, a família, a igreja, a justiça; e o segundo, ao sistema semântico particular de situação. Para as autoras, texto e contexto estão imbricados porque o texto carrega aspectos do contexto em que foi produzido, refletindo influências desse contexto e as variáveis do contexto de situação – campo, relações e modo –, que atuam não somente sobre sua configuração linguística, mas que também revelam aspectos histórico-culturais. Sobre essas variáveis do contexto de situação, segundo as autoras, o campo remete à atividade realizada pelos participantes, à ação social, com objetivo específico; as relações envolvem os participantes, a natureza dos papéis que eles desempenham, o grau de controle de um sobre o outro; o modo diz respeito à função que a linguagem exerce e ao veículo utilizado naquela situação, respectivamente relacionadas às metafunções da linguagem, (ideacional, interpessoal, textual) de base hallidayana.

Na visão de Halliday (1989), o contexto de situação explica porque certas coisas têm sido ditas ou escritas de forma particular, enquanto o contexto de cultura está associado ao contexto de situação como complementação para compreensão do texto, sendo um contexto mais amplo, uma vez que somente o contexto de situação poderia ser insatisfatório para compreensão do texto. Seguindo essa visão, Fuzer e Cabral (2014) afirmam que o contexto de situação é o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando, enquanto o contexto de cultura se associa ao ambiente sociocultural.

Quando discutimos sobre culturas da infância, incluindo os aniversários brasileiros e seus cenários temáticos no contexto de João Pessoa-PB e ilustramos a relação cíclica entre esses aspectos (no final do capítulo anterior), antecipamos a concepção da linguagem atrelada aos contextos de situação e de cultura. É oportuno, nesta subseção, apropriarmos-nos desses termos para relacionar os textos que são objetos de investigação neste estudo com esses dois contextos. A camada maior corresponde ao contexto de cultura (festas infantis brasileiras comemoradas com temáticas); a camada intermediária corresponde ao contexto de situação (festas infantis de aniversário); e a camada menor corresponde ao texto espacial (os cenários temáticos nas casas de festas), situando assim os aspectos dessa perspectiva sociosemiótica da linguagem que contribuem para os interesses desta pesquisa e são considerados na descrição dos dados. Dito de outro modo, neste estudo, as análises dos textos espaciais se iniciam pela descrição do contexto de situação, considerando as variáveis identificadas como campo, relações e modo; e do contexto de cultura, considerando a variável ideologia⁵⁸. A Figura 10 ilustra tais aspectos.

Figura 10 – Interface entre o objeto de estudo e LSF



Fonte: Elaborada pela autora. Baseada em Fuzer e Cabral (2014, p. 26).

⁵⁸ Para fins deste trabalho, embora a noção de ideologia esteja atrelada à variável do contexto de cultura (FUZER; CABRAL, 2014), podendo ser interpretada como um conjunto de ideias compartilhadas em grupos sociais, que permanecendo ao longo do tempo, nos apropriamos também do pensamento de Fairclough (2001), definida por Meurer (2005, p.93) como “[...] significações, formas de ver o mundo, que se manifestam em textos, contribuindo para manter ou mudar formas de poder.”.

Essa perspectiva da linguagem tem possibilitado outras teorias, a exemplo da ACD (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005), e da SS (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005), ampliando análises linguísticas que ultrapassam o nível da oração, como a Gramática do *Design* Visual (GDV) de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) para análise de imagens, e a Análise do Discurso Espacial (ADEsp)⁵⁹ de Ravelli e McMurtrie (2016) para o espaço construído, sendo esta última percorrida ao final deste capítulo.

Na sequência, apresentamos as contribuições da Análise Crítica do Discurso.

3.1.2 Análise Crítica do Discurso

Partindo também da visão sociossemiótica da linguagem, a ACD (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005), com seu modelo tridimensional de análise composto por três dimensões interligadas – texto, prática discursiva e prática social –, sendo tais dimensões não necessariamente sequenciais, porque uma análise pode iniciar por qualquer uma dimensão, é uma abordagem teórico-metodológica de estudo da linguagem engajada com o social, proveniente de abordagens multidisciplinares que auxiliam na análise crítica de textos (RESENDE; RAMALHO, 2006; MEURER, 2005; BEZERRA, 2016). É válido salientar que esse modelo de análise é voltado para o modo verbal, mas pode ser aplicado a outros modos, como explicado neste capítulo.

Resende e Ramalho (2006) reforçam que análises de discursos críticas são orientadas linguisticamente e socialmente, sendo impossível separá-las em um trabalho analítico, embora a face linguística e social da análise possa ser discutida de maneiras distintas.

Meurer (2005) e Bezerra (2016) explicam que a dimensão do texto corresponde a uma análise descritiva que privilegia o léxico, opções gramaticais, coesão ou estrutura do texto, como base textual para a interpretação e explicação; a dimensão da prática discursiva busca a análise interpretativa do texto por meio das questões de produção, distribuição e consumo (quem escreve o quê, para quem, em quais circunstâncias, e por que), apontando aspectos de coerência (conexões e inferências), força ilocucionária (intenção do produtor), intertextualidade (relação entre textos), e interdiscursividade (relação entre discursos), como algumas das categorias de análise; a dimensão da prática social busca explicar o que as

⁵⁹ Sigla criada com base na sua abreviação em inglês apresentada pela Routledge, Taylor & Francis Group: *Spatial Discourse Analysis (SpDA)* em: <https://www.taylorfrancis.com/books/9781315880037>

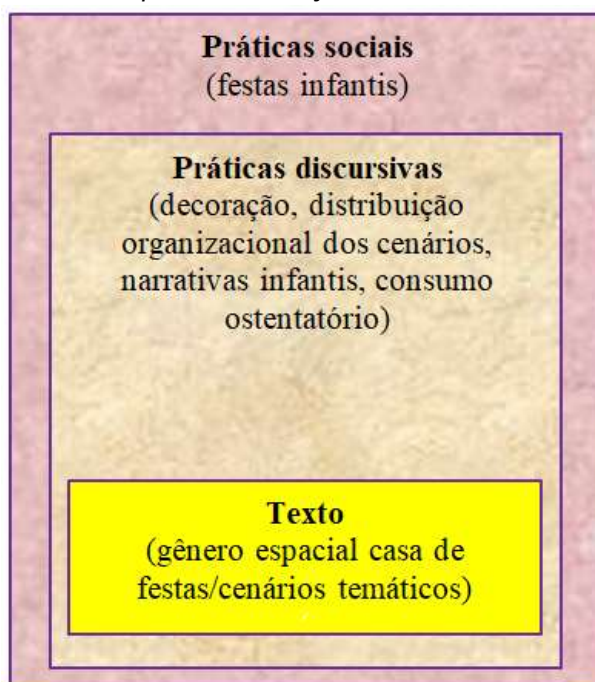
peessoas fazem e como as práticas se imbricam com os textos, revelando questões de ideologia e hegemonia. Sobre essa concepção tridimensional do discurso, Lira e Alves (2018) postulam que a dimensão de análise textual está para descrição, enquanto as dimensões de prática discursiva e prática social estão para interpretação. Entretanto, de acordo com Fairclough (2001), uma análise textual é formada pela interpretação de seu relacionamento com processos discursivos e sociais mais amplos, pois um analista está sempre interpretando e não há uma fase da análise que seja pura descrição. Para o autor, a descrição e a interpretação são não apenas mutuamente necessárias como também se interpenetram, sendo dependentes.

Considerando que as festas infantis são práticas sociais vivenciadas por algumas famílias para construir memórias de infância e apresentar a evolução da criança à sociedade, podendo ser comemoradas de diversas maneiras e em diferentes espaços, e que no Brasil existe uma tendência de comemorações com cenários temáticos glamorosos em casas de festas, postadas em redes sociais, a vertente metodológica da ACD possibilita uma *interface* com a Análise do Discurso Espacial. Essa possível conexão se dá por duas razões: a primeira diz respeito ao fato de Fairclough (2001) considerar o discurso como uma forma de prática social, uma forma de agir sobre o mundo e sobre a sociedade, conectada a outros elementos; a segunda razão diz respeito ao esquema analítico voltado para as dimensões de texto, prática discursiva e prática social. No capítulo de análise, detalhamos sobre essa associação da ACD ao nosso objeto de investigação.

A contribuição desse modelo tridimensional está no esquema metodológico de análise dos dados, com vistas a situar o leitor na dimensão do texto, recorrendo a alguns aspectos das outras dimensões exatamente pelo fato de uma análise crítica do discurso envolver um enfoque social, discursivo e linguístico de maneira indissociável (RESENDE; RAMALHO, 2006). Desse modo, enquanto a LSF contribui como arcabouço teórico amplo no sentido de situar nosso objeto de investigação como um discurso social e culturalmente situado, descrevendo a relação dos cenários temáticos e seu contexto de situação e de cultura, a ACD contribui com sua vertente teórico-metodológica de como descrever e analisar os cenários temáticos atrelados às dimensões da prática discursiva e da prática social.

A Figura 11 ilustra esse modelo tridimensional e uma *interface* entre o objeto de estudo e a ACD.

Figura 11 – Interface entre o objeto de estudo e a ACD



Fonte: Elaborada pela autora. Baseada em Meurer (2005, p. 95).

A seguir, as contribuições da Semiótica Social para o objeto de estudo nesta pesquisa.

3.1.3 Semiótica Social

Seguindo o exemplo de Santos e Pimenta (2014), é relevante pontuar que a semiótica à qual nos referimos se situa na terceira escola da Europa, entre as descritas por Kress e van Leeuwen (2006[1996]), na introdução da obra *Reading Images*, por meio da qual aplicaram ideias do domínio da linguística aos modos de comunicação não linguísticos. Segundo Kress e van Leeuwen (2006[1996]), nessa terceira escola, os conhecimentos da linguística têm sido aplicados a outros modos de representação, inspirados nas ideias de Michael Halliday (1985) com o desenvolvimento da Linguística Sistêmico-Funcional, por vários estudiosos na Austrália na década de 1980, que levou ao esboço de uma teoria que pode abranger outros modos semióticos, como a Semiótica Social de Hodge e Kress (1988). Assim, essa terceira escola marca uma nova fase de estudos, tematizando o significado enquanto processo, situando-o como parte da construção social, seguindo as influências dos estudos pós-estruturalistas (SANTOS; PIMENTA, 2014).

Nesse panorama, a SS desenvolvida por Hodge e Kress (1988) é voltada para os processos de produção de sentidos situados como parte da construção social, despertando uma criticidade mais aguçada diante de textos do nosso cotidiano. Para esses autores, o sentido

reside também em outros sistemas de significado, em uma multiplicidade de modos visuais, auditivos, comportamentais, entre outros, ressaltando que nenhum modo semiótico pode ser estudado com sucesso ou completamente entendido se realizado de forma isolada. Os autores partem da perspectiva semiótica saussuriana que apresenta o signo como algo arbitrário e defendem o signo como motivado, ampliando a definição de Semiótica e caracterizando a SS em três pontos chaves, como citados a seguir:

1.1 A *Semiótica* é o estudo geral da *semiose*, isto é, dos processos e efeitos da produção e reprodução, recepção e circulação de significados em todas as formas, usados por todos os tipos de agentes da comunicação. ('Semiótica' como adjetivo refere-se à gama de objetos deste estudo enquanto 'semiose' se refere especificamente ao processo em si).

1.2 A Semiótica Social preocupa-se primariamente com a semiose humana como um fenômeno inerentemente social em suas fontes, funções, contexto e efeitos. Preocupa-se também com os significados sociais construídos por meio da totalidade de formas semióticas, de textos semióticos e práticas semióticas, em todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana.

1.3 A Semiótica Social estuda todos os sistemas semióticos humanos, uma vez que todos eles são intrinsecamente sociais em suas condições e conteúdos. A semiótica fora da semiótica social incluiria a comunicação inteiramente entre entidades não-animadas (por exemplo, o estudo de códigos genéticos, ou o intercâmbio de energias dentro de um sistema físico). 'No entanto, as trocas de comunicação entre máquinas (por exemplo, comunicação computador-computador) entrariam no âmbito da semiótica social, uma vez que as máquinas são produtos da intencionalidade humana e servem a funções sociais. (HODGE; KRESS, 1988, p. 261, tradução nossa)⁶⁰.

Assim, percebemos que a SS desenvolvida por Hodge e Kress (1988) tem seu foco principal no processo e nos efeitos de construção de significados desde sua produção e reprodução até a recepção e circulação, isto é, refere-se à produção e à interpretação de

⁶⁰ 1.1 The original text: Semiotics is the general study of *semiosis*, that is, the processes and effects of the production and reproduction, reception and circulation of meaning in all forms, used by all kinds of agent of communication ('Semiotic' as an adjective thus refers to the range of objects of this study while 'semiosis' refers specifically to the process itself).

1.2 Social Semiotics is primarily concerned with human semiosis as an inherently social phenomenon in its sources, functions, context and effects. It is also concerned with social meanings constructed through the totality of semiotic forms, semiotic texts, and semiotic practices in all types of human society in all periods of human history.

1.3 Social Semiotics studies all human semiotic systems, since all these are intrinsically social in their conditions and content. Semiotics outside social semiotics would include communication entirely between non-animate entities (e.g the study of genetic codes, or exchanges of energies within a physical system). However, communication exchanges between machines (e.g computer-computer communication) would come within the scope of social semiotics, since machines are products of human intentionality and serve social functions.

signos, sendo estes o resultado da orquestração de formas semióticas e seus significados, do design, de interesses, escolhas, possibilidades. Além disso, os autores postulam que os significados sociais são construídos por meio da totalidade de formas semióticas, de textos semióticos e práticas semióticas, e não por formas isoladas a partir de um único modo semiótico.

Analogamente, van Leeuwen (2005) introduz a SS caracterizando-a em quatro aspectos. O primeiro é que assim como na linguística o foco se alterou da “frase” para o “texto” e seu “contexto”, e da “gramática” para o “discurso”, na SS o foco passou do “signo” para a forma como as pessoas usam “recursos” semióticos no sentido de produzirem e interpretarem artefatos e eventos comunicativos em contextos de situações e práticas sociais específicas. O segundo aspecto é que, ao invés de investigar os modos semióticos separadamente – a “semiótica da imagem”, a “semiótica da música” e assim por diante – a SS compara e contrasta esses modos semióticos, explorando como eles podem ser integrados em artefatos e eventos multimodais, explorando suas semelhanças e diferenças. O terceiro aspecto diz respeito à forma como as pessoas regulam o uso dos recursos semióticos em seus contextos de uso, nas suas diferentes formas e graus, uma vez que os modos semióticos não possuem características intrínsecas e sistemáticas. O quarto discorre a SS como constituinte de uma prática orientada à observação e análise, à abertura de nossos olhos, ouvidos, e outros sentidos para a riqueza e complexidade da produção e interpretação semiótica, e à intervenção social, descobrindo novos recursos semióticos e novas formas de utilização dos recursos semióticos já existentes.

Partindo da perspectiva sociosemiótica da comunicação para descrição do campo da SS (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005), observamos que essa teoria é compatível com nosso objeto de investigação por possibilitar um debruçar para o espaço construído como um modo de representação de significados com a mesma importância que os demais modos. Além disso, a SS possibilita uma discussão com outros tópicos, tais como: multimodalidade, modos de significados e recursos semióticos; texto e discurso, discutidos a seguir.

I) Semiótica Social: multimodalidade, modos e recursos semióticos⁶¹

Para estudiosos de multimodalidade, a exemplo de Descardecí (2002), Kress e van Leeuwen (2006[1996]), Nascimento, Bezerra e Heberle (2011), Dionísio (2011), Gualberto (2017), Pimenta (2017), Gualberto, Pimenta e Santos (2018), entre outros, todo texto é multimodal, mesmo que materializado predominantemente por meio da escrita, ou seja, a multimodalidade é uma característica inerente a qualquer texto. Seguindo o pensamento desses autores, podemos observar que mesmo no modo escrito, além da palavra, existem traços multimodais como cores e fontes diferenciadas, tamanho da fonte, itálico, negrito, sublinhado, disposição tipográfica, formato das letras e pontuação, corroborando, assim, com o pensamento de Hodge e Kress (1988) de que apenas um único modo semiótico seria insuficiente para a produção e compreensão dos significados materializados no texto.

Descardecí (2002) afirma que a escrita é somente um dos modos de representação da mensagem, que são culturalmente determinados e constantemente redefinidos dentro dos grupos sociais nos quais significam. A autora reforça que nenhum código pode ser entendido ou estudado com sucesso em isolamento, pois os modos complementam a composição da mensagem e que quando existe a escolha de uma das formas de representação em detrimento de outras, isso se justifica pelo uso que se pretende fazer delas em situações específicas.

Pimenta (2017) ressalta a relevância de o leitor perceber o mundo de significados multimodais a sua volta e que essa percepção se inicia a partir de análises de diferentes textos, reforçando o pressuposto de que textos são compostos de significados sociais nos mais diversos contextos, por meio de diferentes recursos e modos semióticos.

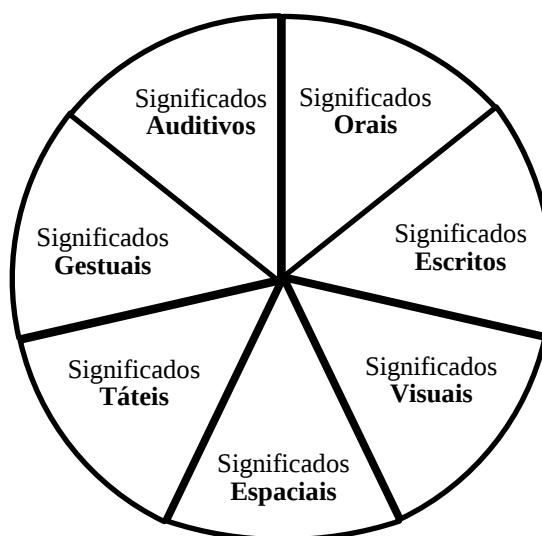
Araújo e Gualberto (2018) afirmam que as expressões como “texto multimodal” e “texto multissemiótico” são vistas como redundantes, já que todo texto é multimodal. A nosso ver, a intenção dessa redundância parece ser reafirmar esse aspecto, ou seja, a multimodalidade intrínseca a qualquer texto, considerando que nossa sociedade ainda é arraigada à palavra escrita ou falada como recursos semióticos válidos.

Para situar os leitores ainda não familiarizados com multimodalidade, os estudos de Kalantzis e Cope (2012), advindos dos trabalhos do Grupo de Nova Londres (1996)⁶²,

⁶¹ Como os termos ‘modos de significados’ e ‘modos ou recursos semióticos’ aparecem com frequência neste capítulo, é oportuno informar que neste trabalho utilizamos distintamente os termos ‘modos de significados’, apresentados por Kalantzis e Cope (2012), e ‘modos ou recursos semióticos’, de Kress e van Leeuwen (2001) como explicaremos adiante.

auxiliam nesse sentido. Esses autores apresentam a multimodalidade como o uso de diferentes e combinados modos para produzirmos significados: oral, escrito, visual, espacial, tátil, gestual, e auditivo, que estão próximos uns dos outros e potencializam o processo de construção e comunicação de significados, conforme ilustra a Figura 12.

Figura 12 – Sete modos de significado



Fonte: Modos de significado em uma teoria multimodal de representação e Comunicação (KALANTZIS; COPE, 2012, p. 278). Traduzido pela autora.

Sobre recursos semióticos, eles são produzidos a partir de uma fusão entre histórias sociais, culturais e políticas que continuam, assim como por meio das novas necessidades sociais, culturais e políticas que surgem e levam a novas formas de comunicação, principalmente pelas tecnologias, demandando novas teorias (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001). Para os autores, um dado discurso não somente pode ser realizado por uma variedade de recursos semióticos, como também pode ser inserido em uma gama de práticas comunicativas, existindo recursos semióticos em diferentes maneiras para diferentes pessoas e grupos.

Van Leeuwen (2005) remete tais recursos às ações e aos artefatos que usamos para comunicar, sejam eles produzidos fisiologicamente com nosso aparelho vocal (a exemplo dos músculos que usamos para criar expressões faciais e gestos) ou por meio de tecnologias (como caneta, tinta e papel; hardware e software de computador; tecidos, tesouras e máquinas

⁶² Os autores referenciam a obra como: New London Group. 1996. 'A Pedagogy of Multiliteracies: Designing Social Futures.' Harvard Educational Review 66: 60–92. Esse grupo contou com Gunther Kress, James Gee, Norman Fairclough, Mary Kalantzis, em New London, Connecticut, USA.

de costura). Para o autor, evita-se assim a impressão de que a representação de um signo é de alguma forma pré-determinada e não é afetada pelo seu uso, quando na verdade os recursos são constantemente refeitos, não deliberada e arbitrariamente, mas de forma precisa de acordo com o que precisamos significar.

Conforme van Leeuwen (2005), na SS, os recursos semióticos têm um potencial de significado constituído por todos os seus usos passados, conhecidos e considerados relevantes pelos usuários do recurso e pelos usos potenciais que possam ser descobertos pelos usuários, conforme seus interesses específicos. Para o autor, as possibilidades/limitações (*affordances*)⁶³ de significados de um recurso semiótico são plurais porque não podemos prevêê-los em contextos específicos.

Em estudos posteriores, tanto Kress e van Leeuwen (2006[1996]) quanto Kress (2010) resumem recursos semióticos como o conjunto de possibilidades e limitações de cada modo de significado. Kress e van Leeuwen (2006[1996]) afirmam que na língua, nos termos de Halliday (1978), seja falada ou escrita, sempre existiu apenas um modo no conjunto de modos envolvidos na produção de textos, mas que um texto falado não é somente verbal, ele é também visual porque combina outros modos semióticos como expressão facial, gesto, postura, assim como um texto escrito que se materializa em algum suporte (papel, madeira, pedra, metal, rocha) e é escrito com algo (ouro, tinta, pontos de tinta.); com letras formadas por diferentes tipos de fonte e leiaute imposto pela substância material. Em outras palavras, todo texto é multimodal por ser composto por mais de um modo semiótico.

Kress (2010) postula que todos os recursos semióticos são capazes de produzir significados, mas não da mesma maneira, pois os produzem diferentemente e essa diferença é significante. Para o autor, as possibilidades de um modo nos permitem produzir significados distintos em relação ao mesmo assunto, possibilitando construir tipos de combinações conjuntas que podem tornar o significado mais rico ou mais completo, o que somente um modo não permitiria. O autor afirma que quando queremos comunicar e significar algo, para que esse significado material se torne evidente, usamos modos de significados distintos para que outros possam ver, ouvir, tocar. Para ele, os modos são o resultado de uma formação social e histórica de materiais escolhidos por uma sociedade para representação, são produzidos socialmente e se tornam recursos culturais para tornar o significado regular na comunidade que os utiliza durante longos períodos e em tipos semelhantes de lugares.

⁶³ Termo advindo do psicólogo Gibson, 1979. Van Leeuwen (2005) o referencia da seguinte maneira: Gibson, J.J. (1979) *The Ecological Approach to Visual Perception*, Boston, Houghton Mifflin.

Neste estudo, utilizamos o termo “modos” para nos referir aos sete modos de significados interconectados nas nossas práticas de representação e comunicação (oral, escrito, visual, espacial, tátil, gestual, e auditivo) conforme apresentam Kalantzis e Cope (2012), e utilizamos o termo “recursos semióticos” para fazer referência aos recursos semióticos geralmente correspondentes a cada modo de significado. Mesmo compreendendo que os recursos semióticos podem se realizar em mais de um modo de significado, elaboramos o Quadro 1 com alguns recursos semióticos correspondentes a cada modo, baseado nas ideias de Kalantzis e Cope (2012, p. 281) e Dias (2018, p. 164).

Quadro 1 – Modos de significados e recursos semióticos correspondentes

Modos de significados	Recursos semióticos correspondentes para representação
Escrito	Caligrafia, página impressa, tela, palavras, orações, sintaxe, linguagem figurativa, hesitações, ‘ <i>filler</i> ’.
Visual	Imagem estática ou em movimento, escultura, arte, visão, vista, cena, perspectiva, imagens, fotos, <i>emojis</i> , cores, tamanhos, localização espacial.
Espacial	Dimensão espacial, transparência e opacidade de elementos, leiaute (disposição de decoração e mobiliário), luz, som, textura, placas, saliência de acessórios e objetos simbólicos, cores, usuários do espaço.
Tátil	Toque, cheiro, sabor, sensação do corpo.
Gestual	Movimento de mãos e braços, expressão facial, olhar, movimento do corpo.
Auditivo	Música, sons ambientes, barulho, alertas, escuta, efeitos sonoros, tonicidade.
Oral	Discurso ao vivo ou gravado, escuta.

Fonte: Elaborado pela autora. Baseado em Cope e Kalantzis (2012, p. 281) e Dias (2018, p.164).

A questão é que um texto pode despertar a atenção por uma diversidade de recursos semióticos e construir discursos por modos de significados distintos. Nesta pesquisa, por exemplo, os cenários temáticos se destacam pelo modo visual (por meio de imagens simbólicas, cores, formas, tamanho, saliência), mas o modo espacial, que geralmente é visto como uma referência contextual, também constitui discursos a partir da disposição espacial dos cenários e da organização de seus elementos constituintes, por exemplo.

Sobre essa questão dos modos de significados distintos e sua multiplicidade de recursos semióticos correspondentes que constituem significados (KRESS, 2010), reiteramos o papel do pesquisador em busca de uma abordagem multimodal compatível com o(s) modo(s) de significados, contribuindo na sua exploração e evidência de tais recursos. Nesse sentido, Colina *et al* (2017, p. 16) postula que: “Devido à especificidade dos modos semióticos, muitos pesquisadores da Semiótica Social vêm se dedicando a elaborar

metodologias de análise que abarquem os aspectos inerentes a determinado modo.” Ao mesmo tempo, os autores destacam que a ênfase de investigação em determinado modo não exclui a relevância de outros modos, mas indica uma escolha baseada na diversidade de recursos semióticos específicos colocados em evidência por um modo e não por outros, construindo significados para determinados discursos que não seriam produzidos com o mesmo efeito por outros modos.

No caso desta pesquisa, é o modo espacial de significados que é enfatizado devido ao interesse na temática dos aniversários infantis em casas de festas como um fenômeno brasileiro que têm despertado atenção, atribuindo igual relevância ao modo visual dos cenários, uma vez que um sem o outro não teria o mesmo efeito de significado. A decisão por esse foco se mostra a partir dos objetivos da pesquisa, selecionando um caminho específico a trilhar entre os demais possíveis. Sobre o modo espacial de significados, voltaremos a ele em uma seção à parte neste capítulo.

A seguir, outros dois conceitos relacionados à SS que são pertinentes para este estudo.

II) Semiótica Social: texto e discurso

Dentro da perspectiva da SS, Hodge e Kress (1988) afirmam que o termo texto é utilizado no sentido semiótico ampliado para se referir a uma estrutura de mensagens com uma unidade socialmente atribuída, sendo algo entrelaçado. Para os autores, embora o termo discurso seja frequentemente usado para o mesmo tipo de objeto como texto, eles os distinguem. Explicam que o texto é o objeto material concreto, produzido no discurso, tendo orientação primária no plano mimético onde ele tem significado à medida que projeta uma versão da realidade, sendo a realização material de sistemas de signos, como também o lugar onde a mudança acontece. Em relação ao discurso, os autores afirmam que é o processo social em que os textos são inseridos, bem como constitui o plano semiótico onde formas de organização social se engajam com sistemas de signos na produção de textos.

Para Kress e van Leeuwen (2001), um texto é o resultado da articulação de um ou mais modos semióticos de um discurso ou uma série de discursos. Já o discurso, é onde se torna possível processar o significado. Na visão dos autores, os discursos são conhecimentos socialmente construídos sobre algum aspecto da realidade no sentido de que eles foram desenvolvidos em contextos sociais específicos, e de maneiras apropriadas aos interesses dos atores sociais nestes contextos. Os autores asseveram que qualquer discurso pode ser realizado de diferentes maneiras: como parte de uma conversa durante o jantar, um

documentário de televisão, um jornal. Seguindo essa mesma linha de raciocínio dos autores citados, Gualberto (2017) nos indaga sobre qual concepção de texto predomina na sociedade, direcionando a reflexão da questão pela ótica da SS e da abordagem multimodal.

Nesta pesquisa, a noção de texto extrapola o verbal, até porque nem sempre o verbal está presente em um texto, seguindo a noção de texto espacial apresentada por Stenglin (2004; 2009), Ravelli e Heberle (2016) e em especial, a de Ravelli e McMurtrie (2016). Stenglin (2004; 2009) afirma que o texto espacial é uma estrutura tridimensional que compreende três planos de interseção: aéreo (telhado e/ou teto), vertical (paredes) e horizontal ou plano baixo (pisos). Ravelli e Heberle (2016) definem texto espacial como mais que um mero edifício físico e sua arquitetura, pois inclui seu conteúdo, além de como é usado pelas pessoas, é uma parte inerente ao nosso mundo social, contribuindo para nossa maneira de viver, trabalhar e brincar. Já Ravelli e McMurtrie (2016) complementam essa noção, afirmando que os textos espaciais são inerentemente multimodais, incluindo os recursos materiais utilizados para construir um edifício; formas de decoração e mobiliário; aspectos de design, tais como dimensões espaciais e layout; o uso de luz ou som. Nas suas palavras:

Os textos espaciais são, portanto, mais completamente a síntese do edifício, espaço, conteúdo e usuário. Usamos o termo *texto espacial* quando nos referimos à estrutura arquitetônica (o edifício), além do espaço interno e externo e o contexto dentro dessa estrutura, e as pessoas e sua interação e engajamento com os aspectos materiais e não materiais do edifício e seu conteúdo [...]. Ou seja, examinamos tanto a estrutura construída, sua forma geral e espaço, o que é colocado dentro e fora do edifício, e como é usado pelas pessoas. O objetivo é entender como os textos espaciais produzem significado e contribuem para o conhecimento socialmente construído (RAVELLI; MCMURTRIE, 2016, p.1)⁶⁴.

Ravelli (2008; 2014) destaca que é importante informar na análise se é o prédio como um todo que está sendo considerado, se são os elementos que o compõem ou mesmo alguma unidade menor. Assim, são os cenários como unidades menores no interior das casas de festas que são considerados como textos no presente estudo.

⁶⁴ Original: “Spatial texts are thus more fully the synthesis of building, space, content and user. We use the term *spatial text* when referring to the architectural structure (the building) in addition to the internal and external space and the context within that structure, and the people and their interaction and engagement with the material and non-material aspects of the building and its content [...]. That is, we examine both the built structure, its overall form and space, what is put inside and outside the building, and how it is used by people. The aim is to understand how spatial texts make meaning and contribute to socially constructed knowledge”.

Nesse aspecto, é válido comparar brevemente o texto espacial em questão com o texto verbal. Neste, enquanto sua análise privilegia a descrição do léxico, opções gramaticais, coesão ou estrutura linguística, fundamentando-se na LSF e ressaltando implicações ideológicas; naquele, a análise privilegia a materialização de discursos ocorrida pelos elementos do cenário, inseridos no espaço interno de cada casa, considerando também os elementos de sua estrutura física.

De forma complementar, apresentamos as noções de texto e discurso encontradas nos estudos de Fairclough (2001) e Meurer (2005) no âmbito da ACD. Para Fairclough (2001), texto é considerado como uma dimensão do discurso, um produto escrito ou falado do processo de produção textual, enquanto o discurso é uma prática social que reflete o social, sendo constituinte e constituído por ele, é um modo de ação “socialmente e historicamente situado numa relação dialética com outras facetas do social.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 33). Meurer (2005), semelhantemente, compreende o texto como uma produção linguística de um ou mais indivíduos e o discurso como um conjunto de princípios, valores e significados imbricados no texto, investido de ideologias e reflexo de certas hegemonias, sendo também exercício de poder e domínio de uns sobre os outros. Embora Fairclough (2001) e Meurer (2005) se voltem para aspectos do texto verbal, os autores indicam a possibilidade de ampliar a noção para outras formas simbólicas, tais como as combinações de palavras e imagens, o que pode ser ampliado também para o espaço.

Um olhar sociosemiótico para o discurso espacial se distingue por ver o significado como sendo multifacetado, pois não há somente um tipo de significado a considerar, mas vários tipos trabalhando juntos para criar um todo coerente (RAVELLI; MCMURTRIE, 2016). Segundo esses autores, as análises de significados devem ser unidas a específicos recursos semióticos para sua produção, sendo o significado não somente revelado por aqueles com um talento de compreensão, mas é algo que pode ser relacionado a recursos específicos, podendo ser analisados e explicados. Os autores ressaltam ainda que um olhar crítico para o discurso espacial pode trazer à tona questões de como os prédios constroem significados sobre uma classe social, como a funcionalidade deles e seus propósitos são indicados, como o conforto é criado ou como a direcionalidade e o fluxo dentro do prédio são indicados.

Dito isso, é oportuno esclarecer que recorreremos à fotografia para ilustração dos textos espaciais analisados no presente estudo. A fotografia é compreendida como uma narrativa visual que pode ser relida e revivida para trazer à lembrança algo da nossa memória, mas também uma fonte de pesquisa pelo fato de a imagem fotografada preexistir à sua apreensão pelo fotógrafo, uma vez que as informações presentes no cotidiano estão à disposição para

serem captadas, exteriorizadas, interpretadas em forma de conhecimento (NOBRE, 2009). Para este autor, a fotografia permite uma narração de um momento da vida por meio da imagem, eternizando-o historicamente, como um escritor o faria utilizando as palavras. No caso das fotografias dos aniversários infantis, elas registram a comemoração, eternizando um momento que pode ser narrado e trazido à memória depois, retratando seus hábitos, costumes, sujeitos sociais, valores, e espaço onde foi realizada.

Nesse sentido, as comemorações de aniversários infantis têm agregado narrativas infantis do outro (personagens) e de si mesmo (aniversariante) por meio dos cenários temáticos que são organizados em um espaço, como se o espaço ficcional da narrativa temática pertencesse ao personagem e o espaço físico real pertencesse ao aniversariante. A questão é que esse espaço real é compreendido meramente como um contexto, algo posto em segundo plano, um detalhe “por trás” das imagens dos cenários, um modo de representação de significado tão importante quanto os demais modos, porque além de um texto para ser visto, lido e transitado, é também um texto ressignificado pelas pessoas, considerando o mundo social e físico que o rodeia.

Esse fio condutor de discussão nos levaria a outro ponto relevante da SS, a semiótica do lugar (SCOLLON; SCOLLON, 2003), válida somente como menção, uma vez que não é utilizada na análise dos dados. Para os autores, toda e qualquer ação social ocorre em algum cruzamento entre: a ordem de interação (uma conversa ou reunião, um passeio com um amigo em uma praça da cidade ou em um shopping, a leitura de um jornal em um café, incluindo fala, movimento, gestos); a semiótica visual (design, leiaute e produção de todos os signos, imagens, livros, jornais, cartazes e outras imagens que estão sendo usadas ou ignoradas pela ordem de interação); e a semiótica do lugar (o ambiente dentro do qual a ação ocorre, todos os outros símbolos não linguísticos representantes da linguagem).

Assim, a contribuição da SS para esta pesquisa reside em fundamentar noções de multimodalidade, modos de significados, recursos semióticos, texto e discurso, estabelecendo relação com a abordagem multimodal e possibilitando fundamentar o espaço para disposição dos cenários e os cenários como modos de significado, conforme ilustra a Figura 13.

Figura 13 – Interface entre o objeto de estudo e a SS



Fonte: Elaborada pela autora.

A próxima seção expõe sobre o modo espacial e seus recursos semióticos.

3.2 Modo espacial e seus recursos semióticos

Esta seção aponta alguns estudos voltados para textos espaciais como objetos de investigação, predominantemente no contexto de pesquisas no exterior, contexto no qual essas pesquisas foram inicialmente desenvolvidas. Em seguida, versa sobre o modo espacial de significados e seus respectivos recursos semióticos, retomando a noção de texto espacial e delimitando noções de significado, sistema, influências no significado, hierarquia e perspectiva, gênero, e pessoa, no âmbito de um texto espacial (RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), relacionando-as às casas de festas e aos cenários temáticos em questão. Por último, discorre sobre cenários temáticos infantis montados nas casas de festas, explicando que ambos são textos espaciais passíveis de análise.

O espaço como modo de significados tem sido objeto de investigação em diferentes textos espaciais por vários estudiosos no contexto de pesquisas no exterior há mais de duas décadas, a exemplo de museus e suas exposições na Austrália e Singapura (STENGLIN, 2004; 2009; PANG, 2004; RAVELLI, 2006); do prédio institucional *The Scientia* na Universidade de Nova Gales do Sul, em Sydney, Austrália (RAVELLI, 2008; 2014; RAVELLI; STENGLIN, 2008); da Casa da Ópera de Sydney, Austrália (O'TOOLE, 2004); Avenida *Orchard* e Hotel *Marriott* em Singapura (ALIAS, 2004); da loja de jogos Olímpicos

de Sydney, Austrália (RAVELLI, 2000); de blocos de apartamentos, biblioteca, shopping e museu de arte, também no contexto australiano (RAVELLI; MCMURTRIE, 2016)⁶⁵; e dos onze pavilhões da atração *The World Showcase*, do parque temático EPCOT, na Flórida, especificamente (HEBERLE; SOUZA; DODL, 2021). No contexto de pesquisas no Brasil, destacamos o estudo de Ravelli e Heberle (2016) sobre o Museu de Língua Portuguesa em São Paulo-SP; o prédio da reitoria da Universidade de Santa Maria - RS (CALLEGARO; MARTINS; CADO, 2014), cenários temáticos infantis em uma casa de festa (FERNANDES, 2019a) e fachadas de casas de festas (FERNANDES, 2019b), esses dois últimos no contexto de João Pessoa-PB, são dois artigos de minha autoria produzidos no início da pesquisa.

É relevante ressaltar dois aspectos sobre esses estudos. Primeiro é que em todos eles as categorias analíticas são fundamentadas nas metafunções da linguagem de Halliday (1985) e de Kress e van Leeuwen (2006[1996]), ampliadas para análise de textos espaciais. O segundo aspecto é que, entre esses estudos, destacamos Ravelli e McMurtrie (2016) pelo caráter teórico-metodológico aplicado à multimodalidade no ambiente construído em textos espaciais diversos, desenvolvendo uma Análise do Discurso Espacial mais completa e detalhada, sendo essencial para este estudo.

Vimos que Ravelli e McMurtrie (2016) compreendem texto espacial como a síntese da construção, espaço, conteúdo e usuário para construir significados. Os autores o relacionam ao prédio, ao espaço interno e externo, considerando o conteúdo dentro e fora dessa estrutura, à forma como o espaço é usado pelas pessoas, ao engajamento com os aspectos materiais e não materiais do prédio. Segundo os autores, trata-se da questão de compreender como textos espaciais produzem significado e contribuem para conhecimentos socialmente construídos. É disso que a Análise do Discurso Espacial trata, podendo ser considerada uma área da análise do discurso multimodal. Para os autores, a abordagem de texto espacial é um estudo que se aproxima das formas familiares de análise da arquitetura, em que a história, estilo, forma e significado podem ser discutidos, mas trata-se de uma análise específica de linguagem e imagem na qual a noção de texto é mais familiar com a LSF e GDV, inspirando alguns estudiosos no contexto de pesquisas no exterior e no Brasil, como os já citados.

Sendo a multimodalidade uma característica inerente a qualquer texto, Ravelli e McMurtrie (2016) pontuam que os significados de um texto espacial são produzidos por recursos semióticos e esses são muito mais que os materiais nos quais são construídos, como tijolos e argamassa, piso, parede, teto. Para os autores, isso inclui outros recursos, tais como

⁶⁵ Neste estudo, referenciamos apenas os textos lidos. Em Ravelli e McMurtrie (2016, p. 3) é possível encontrar mais referências sobre outros estudiosos que se detiveram em analisar textos espaciais.

dimensionalidade espacial, leiaute, luz, som, formas de decoração e mobiliário, textura, placas, cadeados, e os usuários desse espaço. Ademais, na visão dos autores, o ambiente construído está relacionado aos prédios, não importam se maiores, menores, de corporação, privados ou públicos: escritórios, casas, bibliotecas, shoppings, estádios de esportes, tanto nos seus aspectos externos, considerando as impressões que eles produzem de fora, quanto internos, ou seja, como são internamente, como se desenrolam visualmente enquanto caminhamos por eles, como as pessoas podem se sentir dentro deles e como eles indicam suas funções e propósitos, sendo o foco nos elementos observáveis da construção.

Ravelli e McMurtrie (2016) iniciam sua obra⁶⁶ elencando as noções fundamentais que devem ser consideradas antes de realizarmos uma análise do discurso espacial: significado, sistema, influências no significado, hierarquia e perspectiva, gênero, pessoas.

i) Significado (*Meaning*)

Ravelli e McMurtrie (2016) afirmam que embora o significado seja algo incerto e subjetivo em alguns contextos, no quadro analítico proposto por eles, existem maneiras específicas para abordá-lo, seguindo os três tipos principais de significados ou metafunções de base hallidayana, que ampliadas para a Análise do Discurso Espacial (ADEsp) são nomeadas por eles de representacional, interacional e organizacional⁶⁷. Discorreremos sobre essas três metafunções na última seção deste capítulo.

Neste estudo, os significados interacionais atendem ao objetivo da pesquisa, considerando que o interesse principal é investigar como os cenários temáticos de festas infantis na capital paraibana comunicam significados sobre a infância. Para tal, buscamos categorias específicas que auxiliem na identificação de recursos semióticos utilizados nos espaços reservados aos cenários temáticos infantis, e nos cenários, respaldando o olhar sobre as relações de interação. Por outro lado, devemos compreender que os significados representacionais e organizacionais estão imbricados.

⁶⁶ RAVELLI, L. J.; MCMURTRIE, R. J.. **Multimodality in the Built Environment> Spatial Discourse Analysis**. London and New York: Routledge, 2016.

⁶⁷ Essas nomenclaturas já se encontram em estudos anteriores, a exemplo da metafunção representativa e interativa (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]) e organizacional (RAVELLI, 2006).

ii) Sistema (*System*)

O termo sistema é definido por Ravelli e McMurtrie (2016) como a rede de escolhas disponível sistematicamente para produção de textos que auxilia na identificação de significados, como uma possibilidade dentro de um paradigma de opções que não significa necessariamente uma escolha consciente entre todas disponíveis. O que algo significa surge em parte do que não é, das escolhas que foram feitas e as que poderiam ter sido. No caso dos prédios, os autores exemplificam com o número de portas ou janelas, sua posição na frente ou na parte de trás, se sólida ou transparente, se pequena ou grande, pois cada uma dessas escolhas cria um significado particular em um contexto específico. Os autores explicam que a seleção de materiais específicos para fachada de um prédio, vidro ou tijolo, por exemplo, pode construir uma sensação de transparência ou privacidade, mas não significa que ele seja transparente ou privado, embora as escolhas sugiram isso, pois determinadas escolhas constroem um significado específico.

No caso desta pesquisa, por exemplo, a seleção de cenários temáticos pode provocar diferenças significativas entre um cenário e outro para as casas de festas. Tais diferenças podem ser percebidas desde a fachada até a parte interna por meio da variedade de cores, formas, mobiliário, além de elementos fixos da estrutura física da casa: posicionamento, tamanho e materiais de portas e janelas, bem como de pisos, tetos e paredes.

iii) Influências no significado (*Influences on meaning*)

No que diz respeito ao termo influências no significado, Ravelli e McMurtrie (2016) pontuam que se refere à questão da experiência prévia do leitor em relação a esse texto espacial em particular. Os autores afirmam que os significados de um texto espacial são também compreendidos com relação aos significados de outros textos semelhantes já vivenciados, o que relacionam à intertextualidade. Ressaltam que essa conexão de referência intertextual depende do usuário e sua gama de conexões pessoais, históricas e culturais, diferindo de um para outro usuário. Para os autores, as influências no significado também são advindas da sua produção em um contexto, pois um determinado recurso pode significar algo diferente em diferentes lugares, épocas ou culturas. Segundo eles, os significados também dependem do co-texto, os outros recursos co-usados no mesmo texto espacial que também desempenha um papel na limitação de polissemia de um recurso particular.

Nesse sentido, no contexto desta pesquisa, por exemplo, as influências de significados poderiam ocorrer tanto pelas experiências anteriores dos usuários (convidados, aniversariante, funcionários) em relação às outras casas de festas já conhecidas quanto aos temas dos cenários que remetem à intertextualidade de narrativas infantis. Se uma pessoa nunca esteve antes em um ambiente como uma casa de festa, ou não conhece determinada temática do cenário, a experiência pode ser estranha, sem significado, sem expectativa admirável. Porém, para compreender esse aspecto, o foco da pesquisa deveria ser no usuário, o que não é o caso.

iv) Hierarquia e perspectiva (*Rank and Perspective*)

Ravelli e McMurtrie (2016) compreendem a noção de ordem/hierarquia (rank) como um grupo maior de elementos de um texto que se divide em estruturas menores. Os autores recorrem ao exemplo de um prédio como uma unidade maior e seus andares, salas e outros elementos como unidades menores, ou mesmo ao museu como unidade maior e as galerias, áreas e itens como unidades menores, de forma que uma análise pode se concentrar nas características de todo o texto e às vezes em seus componentes ou se mover entre essas diferentes partes. Os autores destacam que independente da ordem/hierarquia que a análise aborde, há também o potencial para diferentes perspectivas sobre as unidades nessa classificação, tais como: “olhar” o texto (quase como se fosse uma imagem bidimensional), “estar dentro dele e movimentar-se através dele” (percorrendo o espaço tridimensional) e “olhar ao redor” do texto (vendo o texto dentro de seu contexto físico mais amplo). O texto espacial produz significados não somente pela aparência geral que apresenta, como também pela realidade de se mover dentro dele, e de outros textos na vizinhança.

Neste estudo, a ordem/hierarquia se volta ora para os cenários como unidades menores das casas de festas, como parte de um todo, ora para os cenários em si como sendo o todo e os elementos que os compõem sendo as partes, trocando a ordem de análise. Quanto às perspectivas de análise adotadas, elas se voltam para as duas primeiras, isto é, olhando os cenários e as casas de festa por meio de fotografias, como se estivéssemos frente a frente a eles, mas também estando dentro dessas casas, movimentando-se por elas para visualizar e registrar seus espaços sem os cenários. A terceira perspectiva não é analisada porque nos concentramos nos espaços internos das casas de festas, ou seja, nos salões de festas de cada casa, não nos outros compartimentos da casa ou nos prédios ao redor dela.

v) Gênero (*Genre*)

No que diz respeito ao gênero, Ravelli e McMurtrie (2016) esperam que esses métodos de análise tenham uma aplicabilidade mais ampla, sobretudo no que diz respeito à compreensão dos gêneros espaciais. Para os autores, o gênero de um texto é o agrupamento reconhecível de textos individuais, baseado em características compartilhadas. Na visão deles, tais características reconhecíveis não são características formais, como o tipo de tijolo utilizado na construção ou o número de janelas, mas a estrutura funcional geral do texto e a sua finalidade social, por exemplo, se existe área para fins de alimentação, ou uma área para fins de trabalho. Segundo eles, para que vários textos espaciais sejam do mesmo gênero, eles devem ser semelhantes e diferentes um do outro ao mesmo tempo. As semelhanças permitem que identifiquemos um texto espacial como pertencente ao mesmo gênero, as diferenças permitem identificá-lo como sendo um texto diferente, embora pertencente ao mesmo gênero. Esses textos pertencentes ao mesmo gênero não possuem regras fixas, são abertos à flexibilidade para atender a mudanças e variações sociais.

No caso desta pesquisa, embora possa causar estranheza, as três casas de festas compõem um gênero espacial devido às suas características semelhantes quanto à estrutura física – quanto a serem prédios comerciais modernos, coloridos, relativamente espaçosos, com salão vazio para montagem dos cenários, área de parque infantil, cozinha, banheiros, fachada com atrativo infantil, nome de identificação na fachada – e ao aspecto funcional, no que se refere à decoração temática, comemoração e divulgação de eventos infantis. Ao mesmo tempo, divergem em sua divisão interna quanto ao número de cômodos, comprimento, largura, altura, cores, material.

vi) Pessoas (*People*)

Outra noção importante quando se trata de Análise do Discurso Espacial é a noção de pessoas. Ravelli e McMurtrie (2016) destacam que a análise nesse sentido não é somente sobre a construção e seu conteúdo, é também sobre as pessoas. Elas são relevantes porque constroem esses prédios e tem a propriedade deles depois, se movem neles, usam e potencialmente transformam esses prédios. Os autores diferenciam dois grupos, um com o termo “instituição”, referente àqueles que são donos e gerenciam um texto espacial específico; e outro com o termo “usuário”, aquele que se engaja com o texto construído.

Nesta pesquisa, as pessoas não são objetos de análise. Entretanto, como elas são constituintes de significados em qualquer texto espacial, é interessante informar que no contexto das festas infantis, elas podem ser identificadas como os proprietários das casas (pessoa jurídica, instituição), usuários (criança aniversariante, demais pessoas) e observadores (eu, você, aqueles que olham os espaços para lê-los como textos).

Na sequência, uma discussão sobre os textos espaciais específicos deste estudo.

3.2.1 Cenários temáticos e casas de festas como textos espaciais

No âmbito desta pesquisa, podemos associar nosso objeto de estudo aos de Stenglin (2004; 2009); Pang (2004); Ravelli (2006); Ravelli e Heberle (2016), quando discorrem sobre museus e suas exposições como textos. Nesse caso, as casas de festas são as instituições e os cenários temáticos são as exposições que fazem parte delas, como também a linguagem escrita (ou seja, a identificação do nome do estabelecimento, sinalizações de ambientes nos espaços internos, nome do aniversariante) que faz parte na construção dos significados nessas casas. Tais significados necessitam ser interpretados em um contexto imediato que é a própria casa de festa como texto espacial que pode ser lido, ampliando a compreensão acerca da comunicação e retomando questões da linguagem.

Neste estudo, o foco é nesse último aspecto de noção ampliada de texto: os cenários temáticos como meios de comunicação por excelência nessas casas de festas, considerando os salões dessas casas que abrigam os cenários como contexto imediato de igual relevância. Os outros espaços dessas casas (escritório, cozinha, banheiros, área de brinquedos/brincadeiras) não são foco de interesse do presente estudo.

A seguir, a última seção do capítulo, a Análise do Discurso Espacial.

3.3 Sobre a Análise do Discurso Espacial e suas categorias analíticas

Esta seção discorre sobre a Análise do Discurso Espacial (ADEsp), uma ferramenta de análise ampliada para análise de espaços construídos, esquematizada por Ravelli e McMurtrie (2016), sendo fundamentada nas estruturas analíticas específicas da GSF de Michael Halliday (1978) para a linguagem verbal e na GDV de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) para linguagem visual por meio de metafunções. Nesta seção, situamos as categorias utilizadas na análise dos dados, possibilitando, assim, respostas para a primeira pergunta de

pesquisa⁶⁸. Tais categorias auxiliam na investigação de como esses cenários comunicam significados sobre infância por meio de recursos semióticos específicos.

Ravelli e McMurtrie (2016), ao ampliarem os esquemas das estruturas visuais para textos espaciais, propõem uma espécie de gramática do espaço como ferramenta teórico-metodológica, também baseada nos estudos anteriores de Stenglin (2004; 2009) e Ravelli (2008). Conforme sinalizamos ao discorrermos sobre significados como uma das noções fundamentais elencadas por Ravelli e McMurtrie (2016) quando se trata de análise de textos espaciais, as três metafunções comunicativas da linguagem se realizam simultaneamente em qualquer texto, mas uma ou outra pode ser aprofundada de acordo com o objetivo proposto pelo pesquisador, a exemplo do que é feito neste trabalho.

Acreditamos ser oportuno descrevê-las devido ao caráter inovador de sua ampliação para textos espaciais, compondo um referencial teórico-metodológico relativamente recente para textos espaciais no contexto de pesquisas no Brasil, uma vez que a maior parte das referências de leitura está em língua inglesa, podendo ser relevantes para futuros trabalhos de pesquisadores que se interessem em desenvolver uma análise multimodal nesse sentido. Assim, as descrições seguintes são fundamentadas nas leituras realizadas em Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), Ravelli e McMurtrie (2016)⁶⁹, Stenglin (2004; 2009) e Ravelli (2006; 2008), destacando à parte somente as categorias utilizadas na análise.

3.3.1 Significados representacionais

Embora a metafunção representacional não seja foco de análise, é importante descrevê-la, mesmo brevemente, devido ao caráter inovador de sua ampliação para textos espaciais, conforme mencionamos. Ravelli e McMurtrie (2016) pontuam que em uma análise inicial dos significados representacionais, o primeiro passo é identificar as funções e usos de um prédio, complementando com a identificação das denotações (o que é) e conotações (o que essas coisas sugerem ou implicam) do texto, o que depende dos seus elementos denotativos, das conotações e dos referentes intertextuais que evocam, devendo-se explorar as funções ou usos que um espaço é projetado para realizar: (i) privado / público; (ii) industrial, comercial,

⁶⁸ Quais são os recursos semióticos utilizados nos espaços destinados aos cenários temáticos, e nesses cenários, sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, promovendo interação entre esses textos espaciais e os usuários?

⁶⁹ Em Ravelli e McMurtrie (2016), obra em língua inglesa, o leitor encontra sobre todas as categorias das três metafunções para textos espaciais. E embora a maior parte das referências de leitura sobre textos espaciais seja em língua inglesa, há o texto de Ravelli (2014), traduzido para língua portuguesa por Maria Alice Antunes e Bianca Walsh.

agrícola, governamental, educacional, médico, cultural, religioso e residencial; e (iii) doméstico ou utilitário.

Os autores destacam que nessa metafunção se identifica o que algo é e como é representado em termos de configurações de processos e participantes. Os processos podem ser **narrativos** e **conceituais**, sendo que cada tipo de processo tem participantes específicos, associados a ele, com base na metafunção representacional da GDV. Os autores pontuam que quando se olha para um prédio, o design pode representar um processo narrativo se algo nele indicar movimento, como se o prédio estivesse fazendo algo, ou representar um processo conceitual, indicando apenas o que o prédio é. Na sua obra, Ravelli e McMurtrie (2016), quando se referem aos processos **narrativos**, citam apenas os **narrativos de ação** (identificado por um vetor visível indicando dinamicidade por meio de direcionamentos), é relevante informar que na GDV, esses processos narrativos são também identificados como **reação, verbal, mental**, com participantes identificados respectivamente por ator/meta, reator/fenômeno, dizente/enunciado, experienciador/fenômeno.

No contexto desta pesquisa, a metafunção representacional poderia ser aprofundada, por exemplo, quanto à identificação do texto espacial como um prédio comercial nomeado “casa de festa infantil”, utilizado com a função de comemorar eventos, receber e acomodar os convidados (adultos e crianças), tocar *playlist* musical, servir alimentação e bebidas, promover brincadeiras e entretenimento.

Seguimos para as descrições da metafunção interativa.

3.3.2 Significados interativos

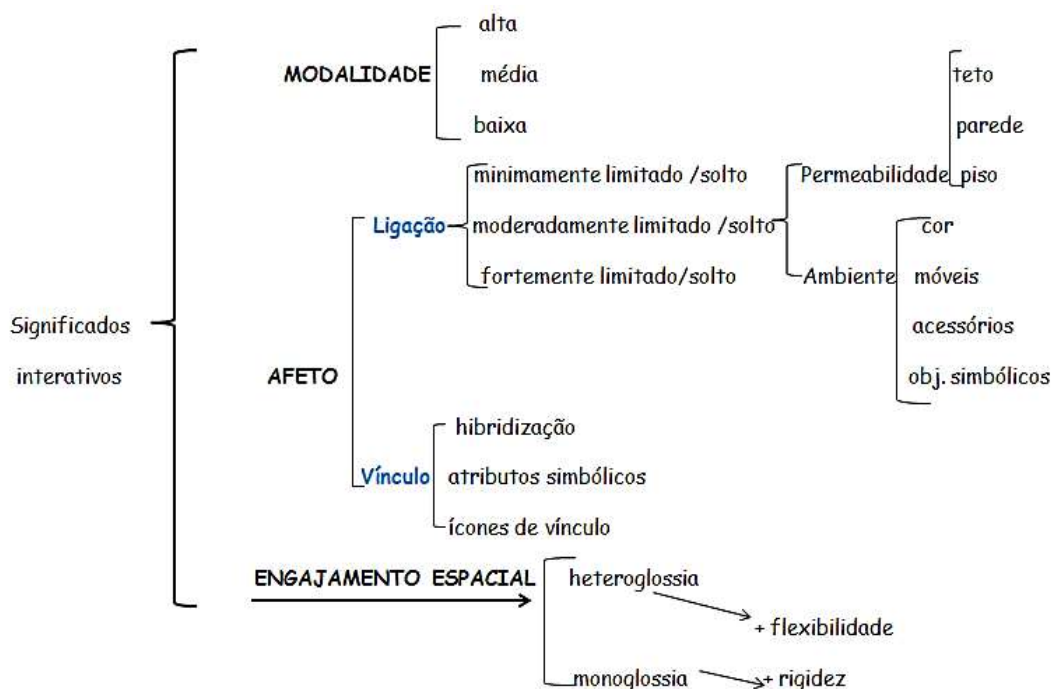
Ravelli e McMurtrie (2016) afirmam que o significado interacional refere-se ao fato de que textos são feitos por pessoas, com pessoas e para pessoas, estabelecendo maneiras de se relacionar uns com os outros, podendo ser autoritária e intimidadora ou acolhedora e convidativa, sendo possível que um prédio pareça esmagador ou tranquilizante, promovendo sensação de liberdade ou de forte controle nas partes internas, de identificação com ele ou sem conexão alguma. Para descrição das categorias analíticas dos significados interacionais, seguimos a ordem dos autores, cuja explanação dessas categorias é dividida em dois capítulos sequenciais na sua obra já referenciada, nomeados nesta pesquisa de blocos para facilitar a ilustração e compreensão das mesmas.

No primeiro bloco, Ravelli e McMurtrie (2016) consideram o posicionamento de olhar para o prédio estando tanto fora dele quanto se movimentando por ele, percorrendo seu interior. Nesse caso, utilizam as ferramentas analíticas divididas em cinco categorias: **contato, poder, envolvimento, distância social** (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006[1996]) e **controle** (RAVELLI, 2008). No segundo bloco, Ravelli e McMurtrie (2016) consideram prioritariamente o posicionamento de estar no interior do prédio, movimentando-se dentro dele, utilizando três categorias: **modalidade** (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]), **afeto** (*binding/bonding* – **ligação/vínculo**) de Stenglin (2004; 2009) e **engajamento espacial** (MCMURTRIE, 2012).

Ravelli e McMurtrie (2016) ressaltam que tais ferramentas analíticas funcionam em conjunto, embora eles apliquem as categorias do primeiro bloco predominantemente ao exterior dos prédios, estando frente a frente, enquanto as categorias do segundo bloco são aplicadas ao interior dos prédios. De maneira complementar, Ravelli e McMurtrie (2016) explicam que o primeiro bloco diz respeito à forma como os interactantes se posicionam uns em relação aos outros – os interactantes aqui se referem tanto à instituição da própria casa de festa quanto às pessoas que a frequentam –; já o segundo bloco de ferramentas diz respeito a como os interactantes se sentem dentro do espaço: quão confortáveis e seguros, assim como o quanto os interactantes se identificam com o texto e se sentem pertencentes a ele. É neste segundo bloco que se concentram as principais categorias de análise do presente estudo, sendo, portanto, irrelevante discorrer sobre as categorias do primeiro bloco.

Assim, na Figura 14, apresentamos uma ilustração seguida de uma síntese descritiva desse segundo bloco baseada nas descrições de Ravelli e McMurtrie (2016) para análise do interior de um prédio. Na ilustração, destacamos na cor azul as categorias utilizadas na análise: **ligação e vínculo**.

Figura 14 – Categorias da metafunção interativa para análise de textos espaciais



Fonte: Elaborada pela autora. Baseado nas descrições de Ravelli e McMurtrie (2016, p. 73-78) e Stenglin (2004).

Ravelli e McMurtrie (2016) afirmam que a **modalidade** diz respeito à questão de veracidade e confiabilidade, dependendo das convenções sociais, pois o que pode ser considerado verdadeiro em um contexto pode não ser igualmente verdadeiro em outro, variando em um contínuo entre alto, médio e baixo no qual a alta modalidade significa que algo é considerado como sendo verdade e baixa modalidade indica que é menos verdade, não real. Na visão dos autores, o **engajamento espacial** diz respeito às maneiras nas quais os usuários são posicionados dentro do espaço, se a instituição (o prédio) tem uma voz autoral, mas também se os usuários do texto espacial têm sua própria voz, manifestada ao se movimentarem no espaço e no que eles podem (ou não) fazer nele. Para eles, os espaços podem ser considerados heteroglóssicos e monoglóssicos em termos de movimento e de atividades. São heteroglóssicos quando existe espaço suficiente para o usuário se mover ao redor e ter perspectivas alternadas dentro do espaço; são monoglóssicos quando o prédio apenas fornece espaço suficiente para ganhar uma perspectiva. Já o **afeto**, para esses autores, envolve os níveis de segurança/insegurança, como também identificação/pertencimento, analisados respectivamente pelas categorias **ligação** (*binding*) e **vínculo** (*bonding*). Sobre o afeto, Ravelli e McMurtrie (2016) se respaldam em Stenglin (2004; 2009), que por sua vez se

fundamenta no Sistema de Avaliatividade de Martin e White (2005)⁷⁰. É nesta subdivisão da categoria afeto, **ligação** (*binding*) e **vínculo** (*bonding*), que nos detemos nas duas subseções seguintes.

A escolha pelas categorias⁷¹ **ligação** e **vínculo** se justifica por elas evidenciarem recursos semióticos que propiciem aos usuários sensações de conforto e proteção, no primeiro caso; e identificação e pertencimento ao espaço, no segundo caso; sugerindo relações de interação entre os textos espaciais e seus usuários/observadores, conforme interesses desta pesquisa. Partimos, então, para a descrição e ilustração da **ligação** (*binding*) e **vínculo** (*bonding*), como categorias analíticas principais.

3.3.2.1 *Ligação (Binding)*

A categoria **ligação** é pensada como uma escala de gradação que organiza espaços ao longo de um contínuo, desde a extrema abertura até o fechamento extremo, com os extremos evocando respostas claustrofóbicas e agorafóbicas, enquanto as escolhas medianas produzem zonas de conforto de segurança e proteção, ou liberdade e possibilidades, sendo tal categoria realizada por uma combinação de elementos (STENGLIN, 2004) percorridos nos próximos parágrafos.

Para Stenglin (2004), bem como Ravelli e McMurtrie (2016), a dimensão de um espaço depende da distância entre os planos aéreos, verticais e de base, assim, um espaço grande e aberto tem um teto alto e seus planos verticais têm muito espaço entre eles, enquanto um espaço pequeno tem um teto baixo e suas paredes são próximas. De acordo com esses três autores, além da dimensão de um espaço, a **ligação** inclui a articulação em conjunto de escolhas de permeabilidade (transparência ou opacidade de elementos estruturais físicos – teto, piso e paredes –, sua forma, profundidade, altura, e isolamento) e escolhas variáveis do ambiente (tais como: cor, luz, textura). Os autores ressaltam que como o grau de **ligação** é realizado por elementos físicos e variáveis do ambiente no espaço, é possível discutir sua interseção com o **enquadramento** da metafunção organizacional e o **contato** da metafunção interacional. No caso desta pesquisa, houve a necessidade de uma interseção da categoria **ligação** com a disposição espacial em termos de **valor de informação** (RAVELLI;

⁷⁰ Essa obra é referenciada por Ravelli e McMurtrie (2016) como Martin, J. and White, P.(2005). *The Language of Evaluation: Appraisal in English*. New York: Palgrave Macmillan.

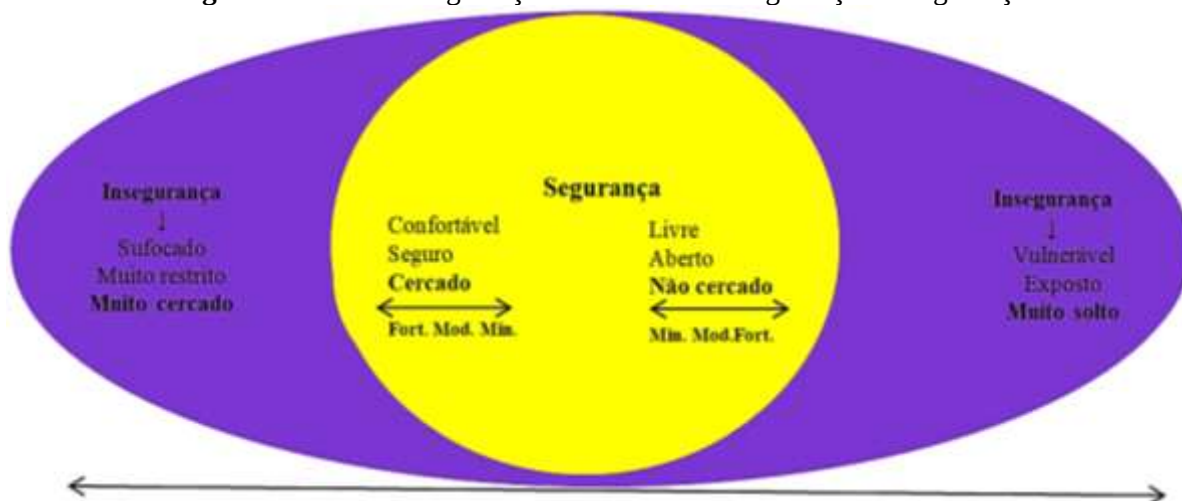
⁷¹ Preferimos nomeá-las como categorias devido ao destaque delas como categorias analíticas neste estudo, embora sejam ramificações da categoria/do sistema Afeto.

MCMURTRIE, 2016), bem como a **saliência** (KRESS; VAN LEEUWEM, 2006[1996]; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016).

Stenglin (2004), em sua tese, se aprofunda nessa categoria, defendendo que a **ligação** trata de como o espaço é construído e organizado para fazer um usuário se sentir seguro ou inseguro, mediante um conjunto de escolhas não definidas claramente sobre o modo pelo qual o usuário pode ser afetado emocionalmente. A teórica se volta para a relação da visão com os espaços construídos, como eles são organizados para fazer com que os ocupantes se sintam seguros ou não, mas informa que essa categoria também se articula ao tato, odor, e som, até porque a relação entre o usuário e o espaço não depende exclusivamente da visão. A teórica mostra que a **ligação** pode ser representada em uma escala de contínuo de gradação que vai desde a extrema abertura do espaço até o seu fechamento extremo, na qual a insegurança é localizada nos pontos finais de um contínuo, formando duas polaridades de insegurança que vai do muito restrito/cercado/fechado/preso (*too bound*) ao muito irrestrito/livre/aberto/solto (*too unbound*), sendo o nível de segurança localizado no centro da escala. Essas extremidades finais da insegurança evocam respostas claustrofóbicas se o espaço é muito fechado; ou respostas agorafóbicas se o espaço é muito aberto.

Essa escala de gradação do contínuo apresentada pela referida teórica é ilustrada na Figura 15.

Figura 15 – Escala de gradação do contínuo de segurança e insegurança



Fonte: Adaptado de Stenglin (2004). Tradução da autora.

Como demonstra Stenglin (2004), as escolhas medianas de segurança estão no nível central da escala do contínuo, são as zonas de conforto de segurança e proteção, ou liberdade e possibilidades estabelecidas pelas dimensões restrita (*bound*) e irrestrita (*unbound*),

respectivamente, nas quais também há extremidades nessa escala, mas menos extremas que os pontos finais da relação de insegurança, funcionando como um meio termo da ligação/cerco. Para ela, como a sensação de insegurança recai nos dois polos finais da ligação, é impossível intensificar ainda mais as dimensões de muito limitado ou muito livre. Já as extremidades da gradação no nível central de segurança de um espaço, na sua visão, podem ser consideradas em distinções mais precisas para as dimensões restrita e irrestrita, podendo ter um valor baixo, médio ou alto, ou seja, minimamente, moderadamente ou fortemente livre/solto, como também fortemente, moderadamente ou minimamente limitado/cercado, possibilitando distinções mais sutis nesse meio termo da ligação. Para a teórica, esse aspecto pode ser comparado à linguagem verbal em que diferentes graus de intensidade são possíveis: um pouco, bastante, muito, extremamente seguro.

Para Stenglin (2004), essa sensação de segurança tanto pode ser estabelecida por escolhas de restrição quanto por escolhas de não restrição, as duas extremidades menos intensas do contínuo no nível central. No primeiro caso, a segurança é estabelecida ao delinear claramente os limites de um espaço de modo que seus usuários se sintam confortáveis, seguros e protegidos fisicamente e visualmente de elementos externos (ar, chuva, sol). Essa segurança no espaço é firmada pelos compartimentos superior, de base e de laterais – teto, piso e paredes – que definem os limites, bem como por sua forma, profundidade, altura, e isolamento, somados a escolha por materiais opacos, recebendo também influências de elementos variáveis do ambiente, a exemplo de: cor, mobília, acessórios, discutidos adiante. No segundo caso, a segurança é estabelecida ao promover certa liberdade e possibilidades decorrentes de um fechamento parcial da estrutura física e escolhas por material transparente. Por exemplo, recuando paredes e elevando o teto proporcionalmente, abrindo mais espaço ao redor dos usuários, mas mantendo uma sensação de segurança ao mesmo tempo, usando janelas ou paredes de vidro para abrir espaços interiores a paisagem externa.

Conforme a referida teórica, um espaço cercado é aquele que estabelece segurança por ser fisicamente protegido de elementos externos e visualmente selado do exterior, enquanto um espaço livre estabelece segurança por ser também fisicamente protegido desses elementos, mas visualmente aberto ao exterior. Para essa teórica, também é preciso considerar três aspectos: o quanto um espaço é aberto ou fechado para o ambiente externo, o que inclui tanto a paisagem quanto os elementos naturais; a firmeza com que a parede real, os planos superiores e os planos de base envolvem um determinado espaço; e como os espaços internos estão conectados, ou separados, dos espaços que lhes são adjacentes. De maneira

complementar, Ravelli e McMurtrie (2016) afirmam que um espaço é potencialmente restrito/cercado quando suas paredes e teto se fecham sobre nós juntamente a materiais opacos, que restringem a visão, e piso macio, que dificulta o movimento; contrariamente, um espaço é potencialmente irrestrito/livre quando paredes e tetos se abrem ao nosso redor juntamente a materiais transparentes, que não restringem a visão, bem como pisos nivelados livres de coberturas, que não dificultam o movimento.

Passamos agora para os pontos finais dessa escala de gradação na categoria **ligação**, relacionada à relação de insegurança, ou seja, as escolhas localizadas nas extremidades finais: muito restrita/limitada e muito irrestrita/solta. Essa sensação de insegurança tanto pode ser estabelecida por escolhas restritas demais, que causem sufocamento e opressão (tais como: túneis longos e profundos, elevadores confinados, habitações subterrâneas, ausência de luz), como também por escolhas demasiadamente irrestritas, que causem vulnerabilidade e medo (tais como: ausência de segurança sob os pés devido ao piso com vidro; ausência de paredes sólidas; insuficiência na cobertura e fechamento na parte superior).

Como informado no início da descrição desta categoria, Stenglin (2004) pontua que a escala de gradação do contínuo é materializada por uma combinação de elementos de permeabilidade relacionados aos elementos físicos e estruturais do espaço, como também por elementos variáveis do ambiente, usados para organizar e ornamentar um espaço. A seguir, com base nessa teórica, explicamos cada caso nos próximos parágrafos.

Para Stenglin (2004), a gradação materializada por elementos físicos e estruturais do espaço refere-se ao grau em que um espaço pode ser penetrado por elementos climáticos, especialmente luz e ar natural, com duas escolhas para esse aspecto: diafania e oclusão. Um espaço diáfano é aquele que pode ser visto de dentro para fora e de fora para dentro, é uma escolha a favor do não enclausuramento, enquanto a oclusão é uma escolha para a dimensão confinada porque envolve contenção, selando o espaço física e visualmente. Seguimos com o pensamento da teórica em termos de plano aéreo, de base e vertical.

Em termos de plano aéreo, composto de duas camadas (teto e telhado), a diafania e a oclusão sugerem, respectivamente, um espaço aberto ou cercado, dependendo de escolhas quanto ao número de telhados, material, profundidade desse material, forma, altura, e isolamento. As escolhas de oclusão envolvem teto de madeira, gesso, e concreto, além de telhado feito de concreto, pedra ou tecido, sua forma, altura e isolamento, variando de cercado a fortemente cercado. As escolhas diáfanas envolvem telhado ou teto com claraboia, desde que apresentem materiais geralmente de vidro ou semitransparente, vigas horizontais que

permitam passagem de luz, ventilação, profundidade, forma, altura, e isolamento, variando do mínimo ao fortemente aberto.

Em termos de plano de base (plano do solo e plano de piso) de uma construção, que tem a função de sustentação, ele pode ser de forma sólida, pesada, com grandes blocos de granito e pedra, mas podem também tocar no solo de forma leve, elevando-se por meio de fundações isoladas para sustentação. Nesse caso, vários aspectos do piso podem torná-lo ocluso ou diáfano: a resiliência dos materiais, graus de diversidade ou uniformidade na cobertura do piso, manutenção ou dissolução de limites, qualidade de isolamento.

Um piso confinado/cercado tende a ser coberto com material leve para amortizar os pés e fornecer segurança em caso de queda, sendo altamente resiliente, enquanto um piso não confinado/cercado tende a ser coberto com materiais duros: pedra, cerâmica, concreto, metal, vidro, madeira, material brilhante, podendo evocar sensações de liberdade. A diversidade ou uniformidade de cobertura de um piso determina se um espaço parece ou não confinado, porque afeta a sua proporção. Para pisos de superfícies já amplas, a uniformidade pode ter um efeito negativo e parecer muito solto. A manutenção ou dissolução de limites em termos de oclusão de piso ocorre no contraste entre divisão de espaço interno e externo; para diafania, isso ocorre na uniformidade do piso que sugere continuidade entre interior e exterior por meio dos mesmos materiais e cores. Quanto à questão do isolamento e clima, para oclusão, em clima frio, o piso contínuo isola a perda do calor; para espaços diáfanos, em climas quentes, materiais duros como concreto e pedra são vantajosos porque esfriam a superfície. No geral, aspectos como estabilidade, uniformidade, base sólida e indicação de mudanças significativas sobre o piso quanto à elevação, depressão, desnivelamento sugerem sensação de segurança.

Para Stenglin (2004), em termos de verticalidade do espaço, a presença de paredes contribui para a construção de cerco de quatro maneiras: suporte para o plano do telhado, suporte para janelas e portas, abrigo vertical e proteção de elementos climáticos. As paredes externas dividem o interior dos espaços externos, enquanto as internas dividem espaços interiores uns dos outros. As paredes fornecem uma sensação de firmeza, fechamento e privacidade dos ocupantes daquele espaço, impactando na relação entre o usuário e o espaço porque estabelecem limites entre eles, deixam o espaço penetrável ou impenetrável, separam espaços um do outro e regulam o conforto térmico. Os níveis de altura, profundidade e qualidade de materiais contribuem para sensações de fechamento e liberdade para penetração ou não de elementos.

Dito de maneira sucinta, um espaço cercado/enclausurado nesses planos de piso, parede e teto são fisicamente protegidos de elementos (como ar, chuva, sol) e visualmente

selados do exterior, enquanto um espaço solto/aberto é também fisicamente protegido desses elementos, mas visualmente aberto ao exterior, como parece ocorrer nos salões de festas em questão. Retornaremos a isso no capítulo de análise.

Seguimos com a explicação de Stenglin (2004) sobre a gradação materializada por elementos variáveis do ambiente. Ela destaca que o ambiente pertence ao domínio vocacional do designer de interiores por serem elementos utilizados para organizar os espaços, especialmente espaços internos, e que é difícil alcançar a gama tão ampla desses elementos intimamente relacionados em uma tese, sendo praticamente impossível dar conta de todos em uma análise. A teórica se concentra nos elementos variáveis do ambiente referentes à cor, luz, textura, e ao padrão de coberturas de piso e paredes, destacando que eles podem ser usados especificamente para modificar as percepções visuais de fechamento ou abertura de um espaço, criando ilusões ópticas de tamanho, proximidade ou distância. Dentre os elementos descritos por ela, nos voltamos para a cor, mas nos voltamos também para outros elementos variáveis não explorados, tais como: mobília, acessórios e objetos simbólicos.

Sobre a cor, a referida teórica informa que determinadas cores e distribuição de luzes podem tornar o ambiente com aparência de mais aberto ou fechado, assim como a textura e padrões de tecidos para coberturas de piso e paredes com persianas e cortinas. Nesse caso, Stenglin (2004) recorre ao estudo de Kress e van Leeuwen (2002). Nele, os autores afirmam que a cor é um recurso semiótico capaz de cumprir as três metafunções simultaneamente. Em termos de metafunção experiencial, a cor é capaz de simbolizar pessoas, lugares, classes de pessoas e ideias. Na metafunção textual, pode diferenciar características ou criar coerências dentro de textos multimodais. Já na interpessoal, os significados são associados a valores do máximo ao mínimo em uma gama de escalas de características distintivas das cores.

Kress e van Leeuwen (2002) distinguem dois tipos de possibilidades para produzir significados com as cores: associação e propriedades. A primeira possibilidade se refere ao local de onde a cor veio, onde ela tem estado cultural e historicamente, onde já foi vista antes. Este onde pode ser uma substância, um objeto, o vestido de certa pessoa, um período ou região, qualquer cor permite muitas dessas associações vistas como comunicativas. Tais associações são geralmente com algo que carrega um valor simbólico significativo em um dado contexto sociocultural. Os autores afirmam que as possibilidades de uma cor podem ser ilimitadas na teoria, já na prática não funcionam assim, pois uma razoável interpretação geralmente pode ser acordada, desde que o contexto de produção e a interpretação sejam considerados, como faremos na análise dos discursos espaciais dos cenários.

A segunda possibilidade apontada por Kress e van Leeuwen (2002) se refere às propriedades distintivas da cor, com valores do máximo ao mínimo em uma gama de escalas, isto é, características com potenciais de significados simbólicos atribuídos por nós conforme nossa experiência de vida, acontecendo em qualquer cultura, embora de maneiras diferentes.

Essa gama de escalas é descrita pelos autores da seguinte maneira: a escala de valor (a do cinzento) é aquela que vai do máximo claro (branco) ao máximo escuro (preto); a escala da saturação é aquela cuja manifestação pura da cor é a mais intensamente saturada, passando por manifestações mais suaves da cor (tons pálidos e pasteis ou opacas e escuras) até sua completa não saturação (preto ou branco), e possibilitando expressar “temperaturas” emotivas, tipos de afeto, indo da intensidade máxima de sentimento ao sentimento máximo subjugado, atenuado e, de fato, neutralizado; a escala da pureza máxima ao hibridismo máximo considera as cores com nomes únicos como puras, enquanto as cores com nomes compostos seriam vistas como híbridas; a escala da modulação considera que a cor vai de totalmente modulada, com diferentes tonalidades, até uma cor lisa, que neste caso pode ser percebida como simples e ousada em um sentido positivo ou como excessivamente básica e simplificada, no sentido negativo, podendo ainda ser considerada como aquela que faz jus à cor real, relacionada à questão da modalidade; a escala da diferenciação vai do monocromático ao uso de uma paleta maximamente variada, e sua própria diversidade ou exuberância é uma de suas principais características semióticas, bem como a restrição envolvida em seu oposto seria a falta de diferenciação; a escala da tonalidade vai do azul ao vermelho, tornando-se apenas um dos fatores que constituem os significados complexos e compostos da cor, pois embora não se possa estabelecer o significado de vermelho em geral, a extremidade vermelha da escala permanece associada com calor, energia, saliência e primeiro plano, e a extremidade azul com frio, calma, distância e fundo.

Embora Stenglin (2004) não tenha se detido aos móveis, aos acessórios e aos objetos simbólicos como elementos variáveis do ambiente, ela afirma que quando um espaço livre é preenchido com muitos objetos, móveis ou pessoas há implicações na redução da sensação de expansividade, parecendo um local muito fechado no plano horizontal. Em uma de suas ilustrações, a teórica pontua como os móveis – mesas e cadeiras – colocados sobre um tapete desempenham um papel fundamental na determinação da função do espaço, que o próprio tapete implica na sensação de cerco de um espaço e definições visuais de diferentes áreas: por exemplo, área do espaço de jantar, de sentar, de leitura, e assim por diante. A teórica menciona que a presença de móveis domésticos somada à escolha de cores suaves para as paredes e texturas dos papéis de parede personaliza o espaço, levando os visitantes a se

sentirem "em casa" por serem informações visuais com as quais eles podem estar acostumados em sua própria experiência pessoal doméstica.

Sobre os acessórios, Stenglin (2004) informa que são objetos móveis e pequenos que personalizam um espaço, tais como pinturas, esculturas, vasos, potes, panelas, copos. No caso desta pesquisa, os acessórios correspondem àqueles itens já mencionados quando discorremos sobre cenários temáticos no capítulo anterior, tais como: painéis, toalhas e arranjos de mesa, tapetes, cortinas, molduras, bandejas, luminárias.

Com relação aos objetos simbólicos, Stenglin (2004) não os menciona na categoria **ligação**, mas nesta pesquisa eles correspondem aos elementos representativos do aniversário, tais como: bolo, vela, balões; e da temática, a exemplo de coroas de princesas, maçãs, espelhos, tendas de circos, displays de personagens infantis, e cores.

Nessa perspectiva, na análise dos dados nos debruçamos sobre os elementos variáveis constituintes dos cenários, a exemplo de móveis, acessórios, objetos simbólicos e cores, que podem restringir ou ampliar o espaço a partir de recursos semióticos atrelados ao modo espacial e visual.

Após apresentação desses aspectos da categoria **ligação**, reiteramos o que Stenglin (2004) informa sobre as relações das pessoas com os espaços de segurança e insegurança. Para ela, essas relações são culturalmente moldadas e influenciadas por uma série de fatores: ambientais, sociais, jurídicos e econômicos. No contexto do seu estudo de museus e exposições, ela considerou o domínio de orientações culturais da Europa ocidental postulando que sentir-se seguro em um espaço é sentir-se protegido, como se estivesse em casa, além da motivação da pessoa para estar naquele espaço. A autora ressalta que variações no modo de experiências individuais com o espaço podem substituir tais orientações culturais.

É oportuno destacar que nessa categoria a descrição é mais extensa devido às subdivisões de elementos estruturais físicos e estruturais do espaço bem como de elementos variáveis do ambiente, apresentando mais detalhes, se comparada à categoria seguinte.

3.3.2.2 Vínculo (*Bonding*)

A outra categoria apresentada por Stenglin (2004) é **vínculo**, embora a teórica não se detenha nela profundamente em seu estudo. Essa categoria está relacionada às maneiras de construir união e solidariedade por meio da conexão, promovendo identificação e pertencimento do usuário com um espaço por meio de três recursos: hibridização, atributos simbólicos e ícones de vínculo (STENGLIN, 2004; 2009). Para a autora, a hibridização é a

projeção do espaço visando a atender a muitas funções, ampliando seu potencial de identificação, incluindo um espaço dentro do outro, transformando-o em um espaço complexo e multifuncional. Os atributos simbólicos são as características de design espacial que podem ser consideradas corporativas, domésticas, de décadas passadas. Esses atributos simbólicos são as referências intertextuais mediadas pelos espaços internos da casa de festa (piso, parede, teto, cômodos) que levam os usuários a se identificarem com a residência onde moram, compartilhando do mesmo conhecimento e desejando estar naquele espaço. Tais atributos conduzem ao terceiro recurso, os ícones de vínculo. Estes são os emblemas sociais de pertença que reúnem as pessoas em volta, a exemplo dos anéis olímpicos, prédios, bandeiras, canções. A autora informa que tais ícones de vínculo também envolvem o valor de recontextualização, de sinalização de ideias associadas ao local em que se encontra. Assim, percebemos que essa categoria também atende aos propósitos deste estudo.

A Figura 16 traz um exemplo de aplicação dessas duas categorias da ADEsp que são utilizadas na análise.

Figura 16 – Cenário de Alice no País das Maravilhas – Festa de 1 ano



Fonte: Facebook da Popótamus⁷². Fernandes (2019a).

A Figura 16, discutida em Fernandes (2019a) em seu estudo embrionário sobre esse objeto de investigação, mostra uma aplicação das duas categorias discutidas (**ligação** e

⁷²Disponível

em: <https://www.facebook.com/Popotamusbuffet/photos/a.860299934065281/1328936427201627/?type=3&theater>. Acesso em: 20 jun. 2019.

vínculo). A autora situa a imagem como referente a uma fotografia de festa de 1º aniversário de uma menina, postada pela *Popótamus* em abril 2017.

Conforme explicado, a categoria **ligação** possibilita analisar o nível de segurança/insegurança do usuário no espaço. Nesse caso mostrado, o usuário acostumado a ambientes fechados, artificialmente climatizados e iluminados, pode se sentir no nível central de segurança da escala de gradação devido à dimensão e à distância relativa entre os elementos estruturais de permeabilidade e aos elementos variáveis do ambiente, tal sensação de segurança pode atingir dimensões de liberdade ou de restrição, variando em um valor baixo, médio ou alto. Assim, Fernandes (2019a) descreve o teto como relativamente alto, o piso amplo e as paredes afastadas uma das outras com janelas na lateral esquerda. A autora aponta que as cores são claras no teto e no piso, semelhantes às cores temáticas do cenário que podem causar uma sensação de amplitude, mas reforça que por outro lado, o usuário pode se sentir de leve a moderadamente limitado, ou claustrofóbico se não estiver acostumado ao ambiente fechado, à quantidade de pessoas concentradas e ao barulho, principalmente porque para esse cenário há uma possibilidade mais acentuada de respostas claustrofóbicas em virtude de as janelas na lateral terem sido cobertas com cortinas.

Quanto à categoria **vínculo**, Fernandes (2019a) pontua que os atributos simbólicos relacionados à narrativa clássica, Alice no País das Maravilhas, estabelecem identificação dos usuários/observadores com o espaço. A autora compreende que o elo de identificação com o espaço é fortalecido por Alice Maria, nome da aniversariante, além do tamanho relativo, posicionamento e repetição de algumas imagens de identificação com a narrativa infantil. Como exemplo, a autora destaca as imagens da Alice em tamanhos variados (no piso aparece em tamanho maior com relação aos outros itens na entrada e às bonecas de pano sobre as mesas que aparecem em tamanhos menores), que podem representar a mudança de tamanho de Alice na narrativa clássica. A autora aponta como um segundo recurso o posicionamento de um coelho branco com colete e relógio (como se estivesse correndo) próximo à Alice, tanto no piso quanto na parede frontal no contexto da natureza, podendo representar a passagem que desperta a curiosidade de Alice por características antropomórficas do coelho ou o ativismo do adulto e da criança. Fernandes (2019a) finaliza afirmando que as repetições de imagens da Alice, do coelho branco, do relógio, do gato e de cartas de baralho em formato de losango (remetendo à personagem Rainha de Copas) podem ser observadas como referência intertextual a trechos da narrativa.

Nesse sentido, considerando os propósitos desta pesquisa, esse estudo embrionário de Fernandes (2019a) instigou um olhar voltado não somente para identificação e combinação

de elementos estruturais fixos do prédio (pisos, paredes, teto), elementos variáveis agregados (móveis, acessórios, objetos simbólicos e cores) e elos de identificação e pertencimento, mas também para como esses cenários comunicam significados e discursos sobre infância.

3.3.3 Significados organizacionais

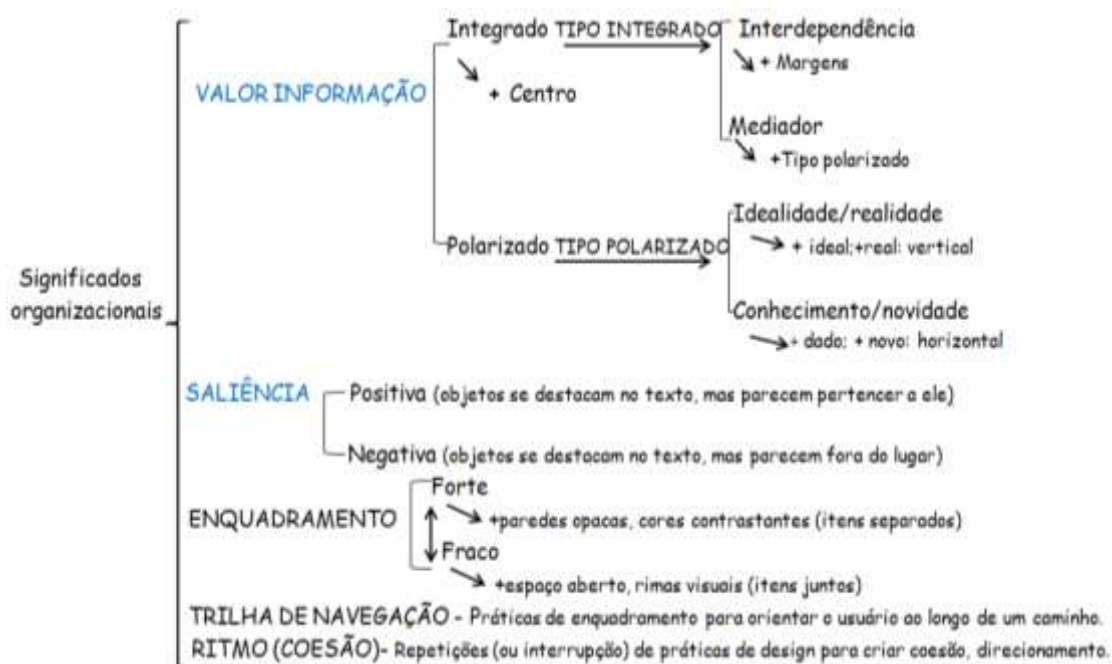
Baseados na estrutura de Kress e van Leeuwen (2006 [1996]), Ravelli e McMurtrie (2016) postulam que os significados organizacionais referem-se às diversas partes que se juntam e se organizam de maneiras diferentes para produzir algo unificado e inteiro, criando coesão ou fragmentação.

Os autores acrescentam que, às vezes, mudanças nos significados organizacionais impactam os outros dois significados, uma vez que todo texto é composto pelos três significados ao mesmo tempo, embora seja possível ser analisado separadamente. Em outras palavras, os significados organizacionais correspondem à maneira como os elementos representacionais e interacionais se relacionam uns com os outros para integrar um todo significativo, de modo que eles possam ser coerentes ou fragmentados, priorizando algumas informações em detrimento de outras. Para os autores, uma vez que os textos espaciais são textos estáticos através dos quais as pessoas se movem, dois tipos de ferramentas analíticas são necessárias para descrever a natureza desses textos: ferramentas para o leiaute estático e ferramentas para a experiência dinâmica do texto, conforme Stenglin (2004; 2009).

Para Stenglin (2004; 2009), o leiaute estático é realizado por quatro categorias inter-relacionadas: **valor da informação**, **enquadramento**, **saliência** e **trilhas de navegação**, esta última acrescentada por Ravelli e McMurtrie (2016). Estes autores incluíram a **coesão** (ou **ritmo**) nessa metafunção, embora ela ocorra nas demais metafunções também. A experiência dinâmica do espaço deve ser olhada em termos do movimento dos usuários através e dentro do prédio, ressaltando que essas quatro categorias mencionadas ocorrem simultaneamente em todo texto espacial.

A Figura 17 apresenta uma síntese ilustrativa dessas categorias, destacando na cor azul as duas que são utilizadas na presente pesquisa, ou seja, **valor da informação** e **saliência** em decorrência da necessidade de seu entrecruzamento com a categoria **ligação**. Essas duas categorias são descritas a seguir.

Figura 17 – Categorias da metafunção organizacional para textos espaciais



Fonte: Adaptado de Ravelli e McMurtrie (2016, p. 109). Tradução da autora.

3.3.3.1 Valor de informação

Ravelli e McMurtrie (2016) descrevem o **valor de informação** como o sistema no qual está presente o leiaute organizacional de um texto espacial, posicionando certos itens em relação a outros, mostrando informações particulares em certas áreas com valores distintos conectados. Para os autores, os elementos podem ser posicionados de maneira polarizada ou integrada, com estrutura vertical versus horizontal ou centro versus margem. Em termos de polarização de verticalidade em estruturas espaciais, um texto é dividido no topo e na base: o elemento do topo é apresentado como o ideal, o que pode ser; e o elemento colocado na base é apresentado como o real, o que é de verdade. Na visão dos autores, não existe uma qualidade intrínseca para os elementos espaciais designarem um elemento como ideal ou real, é sua organização espacial em si que confere este valor, sendo tal polarização associada a outros recursos, não funcionando isoladamente. Para os autores, o real coincide com escolhas representacionais que conotam opções utilitárias e pragmáticas, enquanto o ideal coincide com opções que conotam o luxo, embora não seja sempre assim, pois sua leitura é cultural.

Sobre o leiaute horizontal, Ravelli e McMurtrie (2016) destacam que um texto pode ser dividido com informações do lado esquerdo (informações familiares, já conhecidas) e do

lado direito (as informações novas e promissoras) construindo a relação de dado/esquerdo versus novo/direito. Para os autores, em textos espaciais, essa polaridade horizontal não é tão clara, principalmente quando esses textos são vistos do lado de fora, como uma imagem bidimensional, sendo tal horizontalidade mais perceptível como recurso de produção de significado quando nos movemos pelos textos espaciais. Nesse caso, o que vem na posição frontal, como ponto de partida, seria o dado; o que vem depois mais ao fundo, como ponto de chegada, seria o novo. Destacam que essas funções continuamente se alternam, enquanto nos movemos pelo prédio, pois o atual "novo" torna-se o próximo "dado" em relação ao próximo “novo” e assim por diante.

Além da polarização, os autores relatam que os valores de informação também podem ser integrados, realizados por um elemento central e elementos circundantes, numa relação de interdependência ou mediação, sendo essa relação caracterizada por uma configuração do tipo centro (elemento simbólico, o mais importante) versus margem (múltiplos elementos periféricos dependente do elemento central que são distribuídos ao seu redor), ou seja, centro versus laterais. Relatam ainda a relação tríptica, identificada com um item de mediação posicionado entre dois suportes paralelos, o dado e o novo, ou o real e o ideal. Para os autores, o posicionamento é um construto social, cultural e ideológico.

No caso desta pesquisa, os significados organizacionais permitem observar a disposição espacial de móveis nos cenários temáticos e suas subdivisões, que se organizam de maneiras diferentes para produzir algo que pode ser integrado, polarizado, saliente, unificado e inteiro, coeso ou fragmentado. Assim, a categoria **valor de informação** auxilia a compreender a disposição espacial de móveis dos cenários comunicando visualmente um leiaute com subdivisões (cenário de convidados, cenário do bolo, cenário das lembrancinhas), sugestionando e restringindo comportamentos de usuários nesse espaço festivo. Antecipamos que, nos salões de festas, podemos encontrar os cenários distribuímos com os seguintes valores de informação: lateral-centro-fundo; centro-fundo, frente-fundo; lateral-fundo; frente-centro-lateral-fundo.

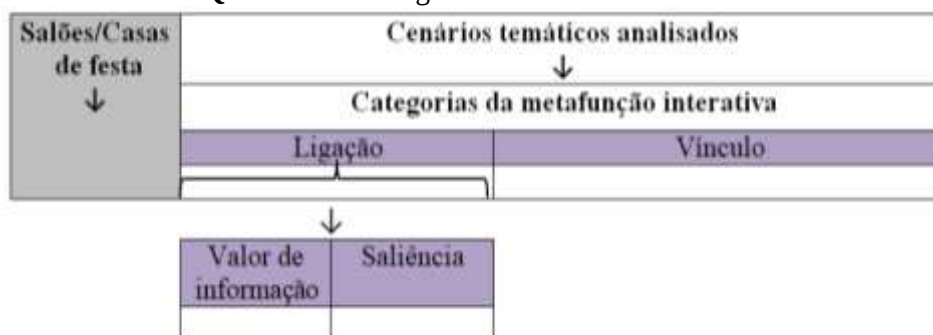
3.3.3.2 *Saliência*

Sobre a **saliência**, Ravelli e McMurtrie (2016) pontuam que é um sistema sinalizador de um elemento particular no texto, destacado por meio de uma variedade de recursos: tamanho, cor contrastante, uso especial de iluminação, nitidez, valores culturais, mostrando uma hierarquia de importância entre elementos diferentes. Os autores afirmam que a saliência

pode ser positiva, quando os objetos se destacam no texto, mas parecem pertencer a ele, ou negativa, quando os objetos se destacam no texto, mas parecem não pertencer ao texto. Nesta pesquisa, o destaque dado a alguns acessórios e objetos simbólicos dos cenários, em termos de posicionamento, tamanho, densidade, formas, altura e cores, pode interferir significativamente na percepção visual da dimensão do espaço, sendo relevante na análise.

Nesse sentido, além das categorias **ligação** e **vínculo** (metafunção interativa) como categorias principais de análise, recorreremos a um entrecruzamento da categoria **ligação** com **valor de informação** e **saliência** (metafunção organizacional), conforme ilustra o Quadro 2.

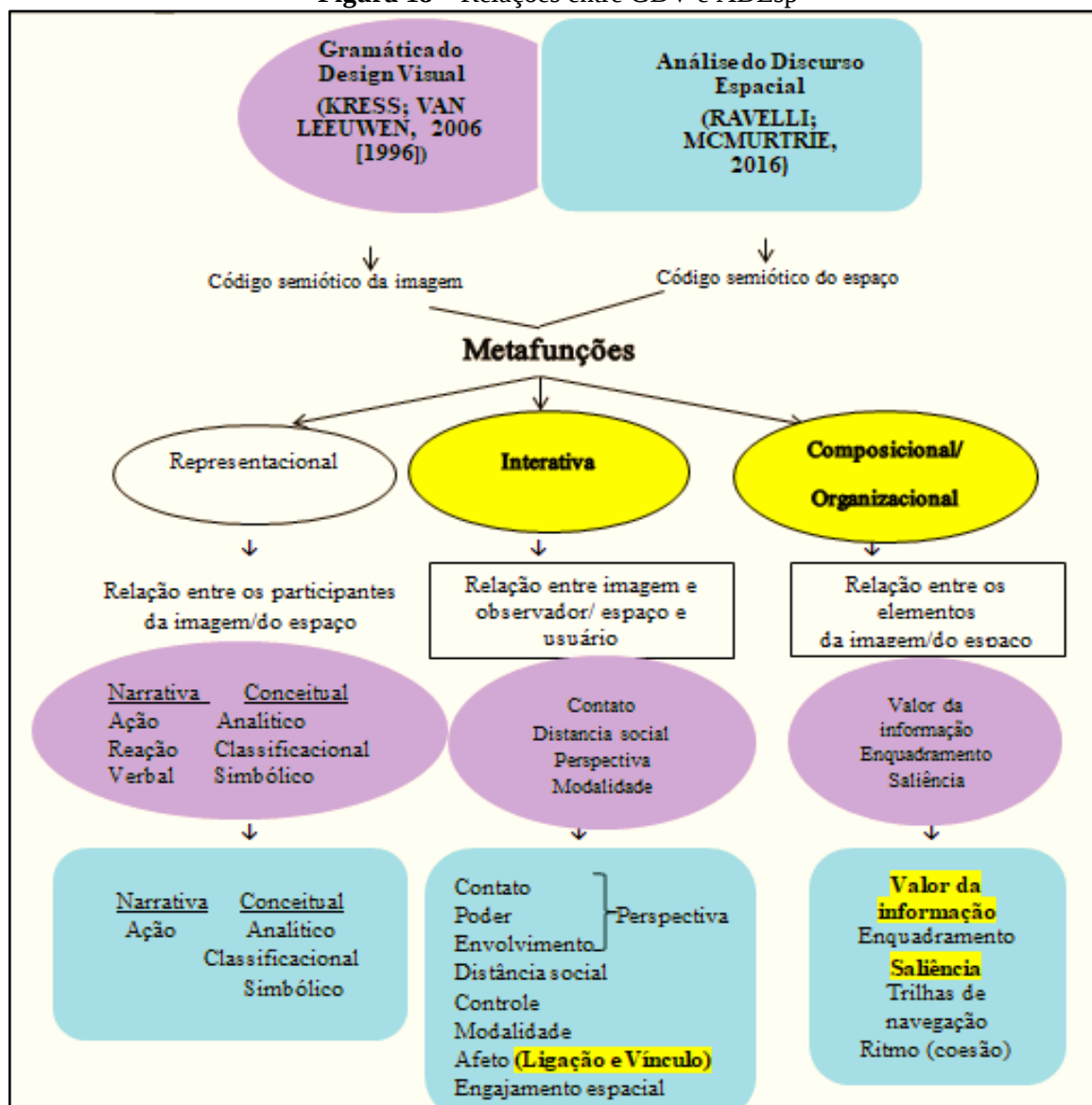
Quadro 2 – Categorias analíticas selecionadas



Fonte: Elaborado pela autora.

Finalizando o capítulo, após esta última seção relacionada à ADEsp (RAVELLI; MCMURTRIE, 2016) e suas respectivas categorias analíticas utilizadas no presente estudo, é interessante uma visualização esquemática para registrar sua interseção com as metafunções da GDV (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996]) – já amplamente divulgadas em estudos sobre análise de imagens – listando não somente as categorias utilizadas aqui, mas as demais categorias que podem ser exploradas em futuras pesquisas. A Figura 18 sintetiza as metafunções na ordem discutida, realçando as categorias utilizadas análise.

Figura 18 – Relações entre GDV e ADEsp



Fonte: Elaborada pela autora. Baseado na ilustração de Almeida (2006).

Este capítulo discutiu as bases teórico-metodológicas que respaldam a pesquisa, enfatizando o espaço como modo de significado, situando os cenários temáticos e as casas de festas como textos espaciais. Além disso, discorreu sobre a ADEsp, delimitando as categorias analíticas que melhor atendem aos propósitos de investigação. Na sequência, o capítulo referente aos caminhos metodológicos adotados na pesquisa.

4 INDICANDO O TRAJETO METODOLÓGICO

Como já sinalizamos no Capítulo 1, o objeto deste estudo é o discurso espacial de cenários temáticos em aniversários infantis brasileiros na contemporaneidade. Neste capítulo, os caminhos metodológicos da pesquisa são apresentados, seguindo as ideias de Lakatos e Marconi (2017), assim como Prodanov e Freitas (2013), que consideram os procedimentos metodológicos parte do desenvolvimento da tese, na qual pode apresentar os elementos da metodologia à parte, por ser um trabalho mais extenso.

Lakatos e Marconi (2017) listam, entre as partes específicas dos procedimentos metodológicos, a formulação do problema, explicitação dos instrumentos de pesquisa, de coleta e tratamento de dados. De maneira análoga, Prodanov e Freitas (2013), ao se referirem às formas clássicas de classificação da pesquisa científica, apresentam uma divisão baseada quanto ao ponto de vista de sua natureza, dos seus objetivos, dos seus procedimentos técnicos e da forma de abordagem do problema. Unindo esses elementos apresentados pelos autores, e considerando que a problematização, justificativa, e demarcação da pesquisa já foram apresentadas na introdução, este capítulo visa expor o trajeto metodológico da pesquisa. Para explicar esse trajeto, o capítulo se desenvolve em três seções: caracterização da pesquisa; caracterização dos participantes; e caminhos metodológicos, descrevendo os procedimentos de coleta e de análise de dados.

4.1 Caracterização da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa básica, de método comparativo, com fins exploratórios e descritivos, de abordagem qualitativa e interpretativa. A referida caracterização segue as classificações dos autores citados, tanto quanto ao método de procedimentos da investigação quanto às formas clássicas de classificação da pesquisa científica: sua natureza, objetivos, procedimentos técnicos e formas de abordagem do problema, conforme discorreremos nos próximos parágrafos.

Quanto aos métodos de procedimentos da investigação, esta pesquisa se caracteriza pelo método comparativo por investigar discursos espaciais de cenários temáticos visando a ressaltar similaridades e diferenças entre eles, enquanto fenômenos de aniversários infantis que comunicam significados sobre infância a partir de uma mesma temática e em diferentes espaços.

Sobre a caracterização da pesquisa, a pesquisa é básica por gerar conhecimentos novos e úteis para o avanço da ciência. Quanto à especificação dos objetivos, a pesquisa tem finalidade exploratória e descritiva. É exploratória porque proporciona informações sobre os textos espaciais por meio de levantamento bibliográfico, de observações e exemplificações com análises que estimulem a compreensão. É descritiva porque registra e descreve os textos espaciais observados sem interferir neles, descrevendo as características do fenômeno dos cenários temáticos infantis.

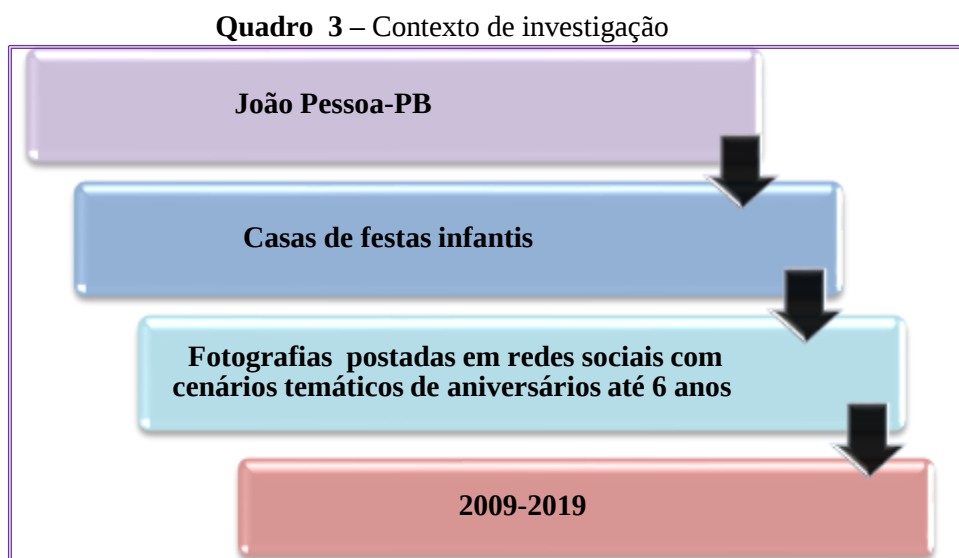
Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, da maneira pela qual os dados necessários para a elaboração da pesquisa foram obtidos, a pesquisa é bibliográfica, de campo, e de observação sistemática. É bibliográfica não somente pelas exigências de uma pesquisa acadêmica em si, com busca das fontes, leituras e fichamentos, mas principalmente pelo fato de a temática sobre multimodalidade de textos espaciais ainda ser pouco explorada no contexto brasileiro, com referencial teórico predominantemente em língua inglesa, sendo uma contribuição para referenciais em língua portuguesa. É de campo em virtude do acesso às redes sociais das casas de festas para observação das imagens dos cenários e devido à visita aos salões de festas vazios nestas casas, em busca de novos fenômenos, das relações entre eles. É de observação sistemática porque se detém na observação das imagens dos cenários via fotografias postadas pelas casas de festas em períodos específicos (olhar permitido por elas), e na observação dos espaços vazios onde eles são dispostos, tanto em loco quanto em fotografias registradas por mim nas próprias casas (olhar de pesquisadora), com o objetivo principal de discutir sobre como o discurso espacial de cenários temáticos em aniversários infantis nestas casas de festas comunicam significados e discursos sobre infância.

Quanto à forma de abordagem do problema, é uma pesquisa qualitativa por ter mantido contato direto com o ambiente e o objeto de estudo, por interpretar e atribuir significados aos dados descritos, conforme embasamento teórico-metodológico discutido no capítulo anterior. Embora o aspecto numérico esteja presente em termos de quantidade de temáticas e de cenários, esse aspecto não é o centro da análise, mas um caminho escolhido para delimitação de dados e de seleção do corpus.

O objeto de estudo – discurso espacial de cenários temáticos em aniversários infantis brasileiros na contemporaneidade – oferece diversos contextos de investigação em termos de cidades, espaço físico, período de realização, idades, temáticas, cenários para temáticas, contexto social e suporte de veiculação em que os cenários aparecem. Nesse sentido, inicialmente, houve o inventário de um amplo acervo de dados, considerando esses contextos para posterior delimitação e recorte (descrito na próxima seção), buscando analisar como a

recorrência de determinados cenários temáticos contribui para comunicar sobre infância e como seu discurso espacial em casas de festas estabelece interação com os usuários/observadores.

Para o amplo acervo de dados de investigação, houve a opção de investigação nos seguintes contextos, conforme ilustra o Quadro 3.



Fonte: Elaborado pela autora.

A capital paraibana foi escolhida porque além de ser a cidade na qual resido – facilitando a pesquisa de campo – parece ser semelhante às diversas capitais brasileiras quanto aos cenários temáticos infantis. A delimitação das casas de festas e dos cenários, no contexto da capital paraibana, ocorreu a partir de alguns critérios explicados adiante, sendo os cenários temáticos montados para aniversários de crianças até seis anos os participantes da pesquisa (e não as crianças), no período de postagens de fotografias de 2009 até 2019.

Para delimitação das casas de festas infantis, houve uma seleção e busca das casas de festas em João Pessoa-PB. A ideia inicial foi selecionar casas destinadas a públicos distintos quanto às classes sociais, estas deduzidas pela localização em bairros diferentes. Essa delimitação ocorreu a partir de etapas de seleção sequenciais e eliminatórias, visando não privilegiar uma ou outra casa de festa. Essas etapas são informadas a seguir:

- Inserção das palavras-chave “salões para festas infantis em João Pessoa-PB” na ferramenta de busca do *Google*, resultando em trinta e três estabelecimentos (Apêndice C);
- Visualização das fachadas dos prédios dessas casas na ferramenta *Google Images* para identificação de recursos visuais relacionados ao universo infantil (mascote, diversidade de cores, formato das letras), resultando em seis casas, sendo que uma delas está localizada em

área metropolitana de João Pessoa, e não em João Pessoa-PB como apareceu na listagem anterior (provavelmente por estar localizada na divisa das cidades). Sendo ela eliminada, restaram cinco;

- Permanência no mercado local há pelo menos uma década; somente quatro atenderam a esse critério;
- Permissão de uso das fotografias postadas em redes sociais e permissão de pesquisa de campo para registro de imagens via formulário (ANEXO C); entre as quatro casas, somente três devolveram o formulário de autorização assinado, sendo duas delas situadas no mesmo bairro, atendendo ao mesmo público em termos de localização e também classe social, não correspondendo exatamente à ideia inicial de seleção. Por esta razão, a opção pelas três casas, incluindo as três que autorizaram a realização da pesquisa.

Quanto a esses aspectos, é interessante esclarecer alguns pontos. Provavelmente, existem estabelecimentos que não estavam cadastrados nessa ferramenta de busca no momento do levantamento de dados. Um segundo ponto é que busquei informações com os proprietários dessas casas de festas sobre o tempo de mercado, mas considerei somente o período referente às datas das primeiras postagens em redes sociais. Um terceiro ponto é que para visualização dos cenários, busquei os perfis dessas três casas em *Blogs*, *Facebook* e *Instagram*, considerando essas três redes sociais no levantamento de dados. Sobre a permissão do uso das imagens para fins acadêmicos e pesquisa de campo no local, entrei em contato com os proprietários inicialmente por mensagens de *Whatsapp*, e depois me dirigindo ao local para entrega do formulário de autorização (ANEXO C), observações e registros de imagens.

Diante de uma gama de opções de festas de aniversários com cenários envolvendo temáticas, decoração, idades e períodos nas casas de festas selecionadas, foi necessária uma delimitação que ocorreu em duas etapas. Primeiro, houve a identificação das três temáticas mais recorrentes para festas de aniversário até seis anos de idade⁷³, considerando um somatório geral nas três casas de festas ao longo do período de postagens (2009-2019). Segundo, houve a verificação do ano de maior recorrência dessas mesmas temáticas em cada casa nesse período, seguida da observação e da seleção de um cenário representativo de cada temática por casa, resultando em nove cenários para análise. Em outras palavras, a pesquisa considera três casas de festas, três temáticas e três cenários da mesma temática em cada casa, conforme explicado na última seção deste capítulo.

⁷³ Essa faixa etária corresponde à Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016, já citada no Capítulo 2 quando discorreremos sobre infância. Nela, no art. 2º, encontramos: “Para os efeitos desta Lei, considera-se primeira infância o período que abrange os primeiros 6 (seis) anos completos ou 72 (setenta e dois) meses de vida da criança.” (BRASIL, 2016).

4.2 Caraterização dos participantes

Nesta pesquisa voltada para o discurso espacial de cenários temáticos em aniversários infantis, os participantes são os cenários inseridos como unidades menores nessas casas de festas, como já informado. As três casas de festas selecionadas foram: *Popótamus*, *Tindolelê Buffet Kids e Teens*, *Javé-Yirê Receções e Locações*, por ordem de contato e de pesquisa de campo. Seguem a ilustração de suas fachadas e dos salões vazios onde os cenários são dispostos. Outros espaços internos podem ser consultados no Anexo B.

i) *Popótamus*

Figura 19 – Fachada da *Popótamus*



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Registrada pela autora em 2019.

A casa de festa *Popótamus* – Figura 19 – é um prédio de dois andares localizado na Rua Santos Coelho Neto, 348, posicionado de esquina com a Avenida João Cândio, no bairro Manaíra⁷⁴, um bairro que pode ser considerado de alta classe média devido às construções residenciais de grande porte. Conforme informações da proprietária, o estabelecimento comercial existe desde 2007. Observei que suas postagens de cenários iniciaram em 2010 em *Blog*, em 2012 no *Facebook*, e em 2014 no *Instagram*. As pessoas interessadas, que visitam o espaço, podem receber um portfólio impresso, disponível no escritório, intitulado:

⁷⁴ Para visualização das partes externa e do salão de festa da Popótamus, acesse os vídeos disponíveis em: <https://www.youtube.com/watch?v=qpKJovy1BW4>; e <https://www.youtube.com/watch?v=onwMYFf8EI>. Acesso em: 4 abr. 2021.

“*Popótamus*, o seu mundo de diversões, realizando sonhos desde 2007”. Entre as descrições encontradas nesse portfólio, constam: um espaço lúdico e moderno, como um convite à imaginação, terreno de aproximadamente 1.000m² e capacidade para 150 pessoas. Tais descrições também podem ser encontradas na sua página do *facebook*, no item “informações adicionais”. O estacionamento, distribuído na calçada do prédio e ao longo das avenidas, não pertence à casa de festa. Durante horário comercial, a porta de entrada permanece aberta e com um funcionário uniformizado para atendimento.

A fachada do prédio é caracterizada por cores roxa, verde, azul e amarelo com alguns elementos estruturais fixos em formato de figuras geométricas, tais como: círculo, retângulo e quadrado, distribuídos na parte frontal e lateral. Um elemento visual em destaque é a imagem de um hipopótamo sorridente (o mascote), de braços abertos no eixo de uma hélice como símbolo de identificação do prédio associado ao seu nome, *Popótamus*. Esses elementos contribuem para que o prédio apresente um design arquitetônico voltado para o universo infantil, conferindo-lhe uma identidade visual e espacial que o diferencia dos demais prédios residenciais e comerciais vizinhos, como também das outras duas casas de festas descritas.

No interior do prédio, além do salão de festa infantil, o prédio dispõe de espaços delimitados para recepção, escritórios, banheiros para adultos e crianças, berçário, parque infantil e salão de festas para adolescentes e adultos. Possui ambiente climatizado com elevador e escadas, som ambiente, *wi-fi*, isolamento acústico de paredes e piso, o que possibilita realizar festas simultâneas para crianças e adultos. Na parte térrea, após passar pela entrada principal, do lado direito, encontra-se a recepção, seguida dos escritórios; do lado esquerdo, encontra-se um salão de festas destinado às festas para adolescentes, formaturas, casamentos, 15 anos e colônia de férias, identificado como *Popótamus Club*, com porta de entrada específica na lateral. No 1º andar, localiza-se o salão de festas infantis e alguns brinquedos do parque infantil, tendo acesso a ele pelo elevador ou escada, logo após a recepção. No 2º andar, encontra-se o parque infantil com uma variedade de brinquedos. Além disso, a casa lançou brinquedos novos no ano de 2019, um por mês, alguns também usados por adultos. Entre os brinquedos desse parque infantil estão: foguete top da galáxia, paredão de escalada, *super tower toy*, cama elástica, mini cozinha interativa, jogo de memória, piscina de bolinhas com escorregador, carrossel, *Xbox one*, *play station 4*, *Kinect adventure*, *central dance*, *lan house*, campo de futebol, tombo legal, *air game*, *play goal*.

Sendo nosso foco voltado para o salão de festas infantis, observe-o na Figura 20.

Figura 20 – Salão de festa da *Popótamus* destinado aos cenários

(A) Visão frontal de entrada

(B) Visão de perfil- lado direito



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Registrada pela autora em 2019.

Na Figura 20-A é possível visualizar o salão com quatro colunas no centro, paredes, tetos e pisos na cor branca, com nove janelas de vidro, em formato circular e tamanhos diferentes, ao longo de toda parede do lado esquerdo; na entrada para o salão, onde se dá a visão mencionada, há uma extensa porta de vidro; do lado direito, visualizado na Figura 20-B, há uma parede parcial ao fundo, que não se estende por toda a lateral devido à área aberta para espaços adjacentes: cozinha e parte do parque infantil. O acesso ao salão de festas infantis se dá pelo elevador ou escada, e depois pela porta de vidro. Sobre as medidas de tamanho, conforme a proprietária, o salão possui uma altura entre piso e teto de 2,92m; a parede frontal – onde fica o cenário principal próximo ao espelho centralizado na visão de quem entra – tem 10,15m de largura; a parede esquerda (das janelas redondas) mede 15m de comprimento, aparentemente a mesma medida do lado direito.

Geralmente, o cenário de presentes é montado no térreo, onde fica a recepção, para verificação da lista de convidados. O cenário principal é posicionado após as quatro pilastras no centro do salão, trazendo a mesa principal ao fundo, próxima à parede com espelho, onde geralmente há um painel com identificação da temática e/ou do aniversariante. O cenário do bolo traz uma mesa posicionada no meio desse corredor de pilastras. O cenário das lembrancinhas tanto pode ser posicionado nas duas laterais do cenário principal, ao fundo, como nas laterais de saída (no caso, nas laterais da mesma porta de vidro de entrada). O cenário das mesas dos convidados é posicionado nas laterais esquerda e direita. Na lateral direita do ângulo de entrada, geralmente há uma mesa de guloseimas e/ou personalizados, mas quando não há essa mesa, mais mesas para convidados são inseridas. Ainda nessa lateral direita, dá-se o acesso para a parte de entretenimento desse piso, embora o 2º andar seja

exclusivo para isso. Essa organização espacial dos cenários pode ser modificada em cada festa, como mostrada no capítulo de análise.

Segundo informações da gerente, as festas duram entre quatro e cinco horas, dispondo de alguns pacotes de serviços oferecidos pela própria casa, porém, os preços parecem mais elevados se considerarmos as outras duas casas, na sequência. Alguns dos serviços oferecidos são: gerente de festa, recepcionista, buffet com garçons e cozinheiro, DJ, monitores, auxiliares de limpeza, e seguranças. Além disso, os interessados podem contratar outras atrações oferecidas pela casa de festa: camarim com pinturas artísticas, máquina dos parabéns (tematizada e com sequencial de luzes, máquina de fumaça e iluminação colorida), chuva de papel picado, lancheirinhas do *Popótamus*, animação com personagens da Popolândia, os mascotes animados (*Popótamus*, *Popotinha*, *Poppy*, *Hippo*, *Pipoco*). Já os serviços de iluminação adicional, fotografias, convites, vídeo, bolo, cerimonial, personalizados, lembrancinhas e decoração dos cenários são terceirizados.

ii) *Tindolelê Buffet Kids e Teens*

Figura 21 – Fachada da *Tindolelê Buffet Kids e Teens*



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Registrada pela autora em 2020.

A casa de festa *Tindolelê Buffet Kids e Teens* – Figura 21 – localiza-se na Avenida João Maurício, 17, também no bairro Manaíra, em uma rua predominantemente comercial e turística por ser de frente à praia⁷⁵. Segundo a proprietária informou à época de coleta de

⁷⁵ Para visualização das partes externa e do salão de festa da Tindolelê em vídeo, acesse o link:

dados, a casa de festa é disposta em um terreno que mede 20m de largura por 80m de comprimento, com altura entre piso e teto menor que 3 metros no salão de festas, com uma área em torno de 800m, sendo toda térrea e com capacidade para 120 pessoas, existindo como estabelecimento comercial desde 2007⁷⁶. Observei que as postagens de cenários em redes sociais iniciaram em 2012 no *Facebook*, e em 2014 no *Instagram*. Antes desse período, as postagens eram realizadas no *Blog*, porém o serviço encontra-se inativo. A casa é descrita nas redes sociais como um ambiente intimista e confortável, objetivando realizar sonhos. O estacionamento é distribuído ao longo da avenida da orla e em uma parte privativa na parte de trás da casa.

A Figura 21 ilustra a fachada do prédio com placa identificadora da casa de festa em formato horizontal e retangular. O nome principal (*Tindolelê*) é escrito em letras arredondadas, em cores verde e rosa, com fundo branco; já o nome indicador do tipo de serviço (*Buffet Kids e Teens*) é escrito em tamanho menor, com letras não arredondadas, na cor branca com fundo verde. A fachada caracteriza-se pela cor amarela com revestimento parcial do tipo pedra em pequenos blocos na cor marrom. Há uma porta de vidro escuro logo abaixo da placa, que não permite visualizar seu interior caso não se aproxime dela e se mantém fechada durante o dia, embora disponha de campainha para chamamento. Esses detalhes cooperam para que o prédio seja caracterizado como destinado ao universo infantil, apresentando uma identidade visual e espacial que o diferencia dos demais estabelecimentos comerciais vizinhos.

Com relação ao interior do prédio, interessa-nos o salão de festa infantil, que neste caso é destinado somente ao público infantil, diferente da anterior. Além dele, o prédio dispõe de espaços para escritório, cozinha, banheiros para adultos e crianças, parque infantil, e climatização. O salão de festas, identificado na Figura 22, é caracterizado por paredes, piso e teto⁷⁷ na cor branca, portas em vidro (a principal é com vidro escuro), e sem janelas.

<https://www.facebook.com/tindolelejp/videos/vb.369005499906102/574708306002486/?type=2&theater>. Acesso em: 4 abr. 2021.

⁷⁶ Faz-se necessário registrar que em março de 2021, ao entrar em contato com a proprietária para confirmar umas informações, soube que a Tindolelê foi vendida novamente e não existe mais. A nova proprietária disse que o prédio está em reforma e será uma casa no setor de eventos. Recentemente (janeiro de 2022) observei que é outra casa de festa infantil.

⁷⁷ Sua dimensão exata entre eles foi solicitada após análise parcial de dados, mas esta informação não foi possível porque o espaço fechou para reforma desde março de 2021.

Figura 22 – Salão de festa da *Tindolelê Buffet Kids e Teens*

(A) Visão frontal de entrada



(B) Visão lateral direita após entrada

**Fonte:** Arquivo pessoal. Foto: Registrada pela autora em 2020.

O acesso ao salão de festas e sua visualização ocorrem assim que se entra no prédio pela porta de vidro principal, localizada logo abaixo do nome, identificada na Figura 22-B. A entrada mostra a mesma porta visualizada na imagem anterior, agora visualizada pela parte interna da casa.

A Figura 22-A mostra a visão frontal assim que se entra no salão. Na imagem é possível observar uma parede em formato de dois arcos ao centro e meia lua nas laterais dos arcos. Neste salão, usualmente, os cenários, principal e de guloseimas, são posicionados à direita de quem entra pela porta principal – Figura 22-B –, já os cenários de presentes e de lembrancinhas se posicionam do lado esquerdo. Nesse lado esquerdo, antes da parede com arcos, há um pequeno corredor (não visualizado na imagem) que dá acesso ao escritório e à cozinha. Essa parede com dois arcos centrais fornece acesso ao corredor para áreas adjacentes, sendo a passagem marcada por uma discreta elevação no piso.

Após essa discreta elevação que dá acesso ao corredor, na Figura 22-A, no lado direito, há o parque infantil separado em duas partes, bebê e crianças maiores, sendo a parte de bebês identificada com um cercado móvel na lateral de acesso ao corredor, logo após o arco. Já a parte destinada às demais crianças dispõe de vídeo game, maquiagem lúdica⁷⁸ na penteadeira, balanço, gangorras, cama elástica, brinquedo para circular entre grades de proteção, totó, arara de fantasias, escorregador, carrossel eletrônico, piscina de bolinhas, campo de futebol e pinturas, ocupando todo esse lado direito. No lado esquerdo desse

⁷⁸ A **maquiagem lúdica** é uma maquiagem exagerada, divertida e repleta de detalhes; ela é perfeita para festas à fantasia, carnaval ou festas temáticas. Na maquiagem lúdica não há regras, você pode fazer o que sua imaginação mandar, aliás, criatividade e muita imaginação são requisitos básicos para fazer uma maquiagem lúdica. Fonte: <https://www.dicasdemoda.com.br>. Acesso em: 24 nov. 2020.

corredor de passagem, visto pela Figura 22-A, encontra-se o espaço para cenário de mesas dos convidados, o acesso aos banheiros e o acesso ao estacionamento pela entrada alternativa, identificada na imagem pela porta de vidro ao fundo. Ao final do corredor, há uma sala como extensão do parque infantil. Como ambas as áreas, parque infantil e cenário de convidados, estão frente a frente, elas podem ser visualizadas totalmente. Para quem está no salão principal, essas paredes em formato de meia lua possibilitam visualizar parcialmente as duas áreas adjacentes, da mesma forma, quem está nessas áreas também tem essa possibilidade. Assim como no caso anterior, a organização espacial dos cenários nesses espaços também pode ser modificada em cada festa.

Segundo informações da proprietária na época de coleta de dados, as festas duram entre três e quatro horas. Há alguns pacotes de serviços oferecidos por esta casa de festa, tais como: decoração com dois cenários, enchimento de bolas, buffet, gerente, monitores, seguranças e fotografias. Esses serviços também podem ser contratados à parte.

iii) *Javé-Yirê Recepções e Locações*

Figura 23 – Fachada da *Javé-Yirê Recepções e Locações*



Fonte: Arquivo pessoal. Foto: Registrada pela autora em 2020.

A casa de festas *Javé-Yirê Recepções e Locações*⁷⁹ – Figura 23 – localiza-se na Rua São Miguel Arcanjo, bairro João Paulo II, próximo ao conjunto Ernesto Geisel, sendo um

⁷⁹ Para visualização de partes internas da casa Javé-Yirê em vídeo, acesse o link: <https://www.facebook.com/ligialocacoes/videos/super-tarde-de-diversao-data-20082017hora-1400-as-1630valor-1500-antecipado-até-/1943852045869938/>.

bairro com construções residenciais de menor porte, se comparado ao bairro Manaíra. Segundo a proprietária, o estabelecimento encontra-se na cidade há mais de dez anos, iniciando suas atividades com o aluguel de brinquedos e festas infantis em escolas no ano 2000, já as festas no prédio iniciaram em 2008 e suas postagens de cenários nas redes sociais iniciaram no *Orkut*. Verifiquei que as postagens migraram para *Blog* em 2009, *Facebook* em 2012⁸⁰ e no *Instagram* em 2014. No salão dessa casa de festa, outros eventos são realizados: casamento, 15 anos e colônia de férias para crianças, por exemplo. O prédio é construído em uma área equivalente a três terrenos do bairro, medindo 10m de frente x 30m de fundo, totalizando uma área de 900m ao todo, somente piso térreo e com capacidade para 200 pessoas, embora a proprietária relate que, para festas infantis, há o limite de até 130 convidados. A casa é apresentada nas suas redes sociais como aquela que realiza sonhos há mais de 18 anos, sendo possível realizar uma festa com preço especial e justo para as duas partes. O estacionamento, distribuído ao longo da rua, não pertence ao estabelecimento.

Na Figura 23, visualizamos a fachada desta casa de festa. A fachada é bastante diferente das duas anteriores, assim como seus espaços internos, uma vez que o prédio é semelhante a uma residência, com muros e um portão de garagem. A identificação do nome – *Javé-Yirê Recepções e Locações* – é em letras grandes e coloridas, em uma placa posicionada na parte frontal e interna da casa (dificultando sua identificação para quem não olha para o interior). O nome é acompanhado do desenho de uma formiga (*Smilinguido*⁸¹), semelhante ao mascote em forma de hipopótamo, porém esse atrativo relacionado ao universo infantil é somente na parede interna, diferenciando-se das casas de festas descritas anteriormente.

O prédio tem uma estrutura com área aberta desde a entrada, área ampla com relação à extensão frente e lateral, piso todo revestido de cerâmica, com uso de ventiladores, sendo o ambiente todo natural. A proprietária relatou que o prédio já passou por reformas de pisos e paredes em 2014. Anteriormente, o piso da área interna frontal e lateral era de lajotas na cor de cimento e havia uma área descoberta com grama, areia e árvores próxima à entrada, mas atualmente o piso é todo revestido em cerâmica desde a entrada. Antes, os muros da parte interna não tinham revestimento, sendo apenas pintados.

No que diz respeito aos espaços internos, interessa-nos o salão de festas, Figura 24.

⁸⁰ Ao longo da coleta, descobri que havia outra página criada a partir de 2014, pela proprietária, para essa mesma casa, porém permaneci na página mais antiga.

⁸¹ Um personagem criado por Márcia D’Haese para retratar a vida em formigueiro, segundo informações do site da página. Disponível em: [https:// www.smilinguido.com.br/2015/historia.php](https://www.smilinguido.com.br/2015/historia.php). Acesso em: jun. 2019.

Figura 24 – Salão de festa da *Javé-Yirê Recepções e Locações*

(A) Visão após entrada



(B) Visão de perfil, lateral direita entrada



(C) Trajeto entre a entrada e a primeira elevação piso



Fonte: Arquivo pessoal. Fotos: Registradas pela autora em 2020.

O acesso ao salão e sua visualização ocorrem assim que se passa pelo portão de garagem, única entrada. O portão mantém-se fechado durante o dia, como em uma residência, dispondo de um interfone para chamar por algum funcionário.

A Figura 24-A mostra o salão de festa com ângulo de visão após entrada pelo portão, no meio do percurso até o salão. A Figura 24-B mostra as diferentes e discretas elevações no piso com ângulo de visão de perfil, voltado para o lado direito de quem entra, também no meio do percurso até o salão. Já a Figura 24-C registra o trajeto entre a entrada e a primeira elevação do piso, mostrando o muro frontal (onde fica o portão) e o muro lateral direito a partir do ângulo de visão em perfil, captado no meio do percurso da entrada. Pelos ângulos das imagens mostradas é possível observar o espaço do salão de festas em conceito aberto, que se estende desde a entrada até os corredores do lado esquerdo, que levam aos banheiros (infantil e adulto), e do lado direito, que leva à recepção e à cozinha.

Conforme a proprietária informou, este salão de festas possui uma altura entre piso e teto de 2,80m; o comprimento entre o portão de entrada (muro) até a parede frontal onde fica o cenário principal é de 23,60m; a medida de largura frontal do muro é de 30m, é a mesma medida entre os espaços livres do lado esquerdo e direito que antecedem as mesas dos convidados.

Neste espaço do salão de festas, todos os cenários (de entrada, principal, de presentes, de lembrancinhas, de convidados, de entretenimento infantil) são montados e possíveis de visualização, desde que não se usem cortinas/telas de tecido para separá-los, uma vez que são colocados no mesmo piso, separados por uma leve mudança de altura e tubos do piso ao teto.

Geralmente, em volta do portão de entrada, há o cenário externo com arco de balões para identificação da festa. Após o portão, no trajeto inicial de entrada, visto na Figura 24-C, na lateral direita próxima ao corredor de passagem para o salão, usualmente se monta o cenário de presentes que funciona como uma recepção móvel, cujo piso é no mesmo nível de altura da entrada do portão. Na lateral direita, no piso mais elevado, conforme Figura 24-B, na parte que antecede a parede com ventiladores, geralmente posicionam-se as mesas de convidados e espaço para dança; ainda na lateral direita nessa mesma imagem, por trás da parede com ventiladores, consta a recepção fixa no piso mais elevado e acesso à cozinha. As mesas de convidados também se concentram na lateral esquerda, Figura 24-A, antes dessas divisórias em tubo. Ao fundo, no centro dessa Figura 24-A se posiciona o cenário principal. No lado esquerdo, após as divisórias em tubo, encontra-se o espaço *kids* com duas camas elásticas, seis gangorras, piscina de bola, balanço individual (duplo e triplo), totó, gira pato, castelo medieval, casinha, *aerorock*, tombo legal, fliperama, basquete, alguns escorregadores, mesa de *ping pong*, mesinha para bate-papo, espaço livre para correr. Assim como as casas anteriores, essa organização espacial dos cenários pode ser modificada em cada festa, sendo detalhada no capítulo seguinte, referente à análise.

Segundo informações da proprietária, as festas duram até quatro horas, com alguns pacotes de serviços com preços mais acessíveis que as anteriores. Entre os serviços, a proprietária listou: mesas e cadeiras, toalhas e capas, garçons, pessoal de apoio, recepcionista, espaço kids completo, barracas de pipoca e algodão doce, mesa envelopada, painel, enchimento com balões trazidos pelo contratante da festa, mobília para lancheiras e presentes, bolo *fake*⁸² de cortesia. Diferentemente das outras casas, a proprietária é quem monta e decora

⁸² O bolo *fake* (falso) é geralmente confeccionado com isopor ou biscoito e totalmente coberto (decorado) com produto comestível. Sua maior vantagem é quanto ao transporte e manutenção porque

os cenários temáticos com seus próprios materiais. Já os demais serviços, tais como: buffet, bolo, personalizados, fotografia e vídeos são contratados por indicações dela ou já selecionados pela parte contratante.

Um aspecto relevante é que, segundo relato das proprietárias dessas casas de festas, geralmente os pais as procuram com uma temática já definida para a festa de seus filhos, embora também ocorra uma sugestão de pacotes com temáticas estabelecidas e estilo de decoração, como ocorre na terceira casa de festa. Sobre a disposição espacial dos cenários no salão, geralmente cada casa de festa segue seu padrão, dispondo de espaços já determinados para os cenários e suas subdivisões.

Outro aspecto a destacar é que, nesta pesquisa, consideramos essas casas de festas destinadas ao público de classes socioeconômicas diferenciadas, podendo ser categorizadas respectivamente na ordem apresentada como alta classe média, média classe média e baixa classe média⁸³. Essa categorização justifica-se por dois motivos: os valores monetários cobrados para realização de um aniversário em cada casa e o critério adotado pela Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas (ABEP) desde 2014, em reportagem publicada pelo G1 Globo Economia⁸⁴, estabelecendo sete estratos sociais a partir de uma renda média familiar para esses grupos de renda da população.

É relevante registrar que, segundo informado pelas proprietárias, os pais podem optar por fazer a própria decoração e escolher quaisquer temáticas para as festas de seus filhos, embora algumas opções de temáticas sejam apresentadas. Porém, acredito que por uma questão de disponibilidade financeira, praticidade diante de uma rotina atribulada, acompanhamento de tendências temáticas e visualização dos modelos que estas festas têm sido realizadas no contexto brasileiro, os pais preferem pagar por serviços tercerizados.

Sobre as três temáticas que envolvem os cenários analisados correspondem às três mais recorrentes, identificadas em uma listagem geral do período entre 2009 e 2019 para as três casas de festas: Princesa, Branca de Neve e Circo. As explicações de como se deu tal processo se encontram no próximo tópico, referente aos procedimentos de coleta de dados.

É oportuno enfatizar que, ao contrário de décadas passadas, nas quais as festas infantis não tinham temáticas definidas e eram comemoradas com um bolo retangular no centro da

não há necessidade de tantos cuidados. Há ainda a opção pelo bolo misto, um bolo com o primeiro andar verdadeiro e os demais falsos. Fonte: <http://www.blog.mariachocolate.com.br>

⁸³Embora esses termos pareçam estranhos, é uma categorização da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE), categorizados em 7 estratos pela Associação Brasileira de Empresas e Pesquisas (ABEP).

⁸⁴Fonte: <http://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2013/08/veja-diferencas-entre-conceitos-que-definem-classes-sociais-no-brasil.html>. Acesso em: 18 set. 2020.

mesa, rodeado por muitos brigadeiros e beijinhos enfileirados, decoração com plaquinhas de isopor e toalha de mesa de crepom, como aponta uma reportagem da Revista Crescer datada de 2018⁸⁵, a partir dos anos 2000, precisamente na última década, são as temáticas que direcionam as cores, estilo, elementos simbólicos para decoração, cardápio, trilha sonora e planejamento para brincadeiras. Tais temáticas são exploradas no capítulo de análise.

Seguimos, então, para a próxima seção.

4.3 Caminhos metodológicos

Os caminhos metodológicos seguidos nesta pesquisa envolveram os procedimentos de coleta e de análise de dados. Os procedimentos pelos quais os dados da pesquisa foram obtidos envolveram três etapas: pesquisa bibliográfica, pesquisa de campo e observação sistemática, já sinalizadas na parte da caracterização da pesquisa. Os procedimentos de análise de dados seguiram as fases de descrição, análise e discussão dos resultados, conforme sintetizados no Quadro 4, explicados na sequência.

Quadro 4 – Caminhos metodológicos



Fonte: Elaborado pela autora.

⁸⁵Fonte: <https://revistacrescer.globo.com/Festa-de-aniversario/noticia/2018/11/evolucao-das-festas-de-crianca.html>

4.3.1 Procedimentos de coleta de dados

A primeira etapa ocorreu predominantemente ao longo de 2018 e 2019, detendo-se no levantamento bibliográfico sobre a temática, leitura e fichamento para recorte do referencial teórico e metodológico.

A segunda etapa envolveu visitas às redes sociais das casas de festas e aos respectivos prédios, sendo realizada entre o final de 2018 e março de 2020. As visitas às redes sociais e o contato com as proprietárias das casas de festas iniciaram em novembro de 2018, sendo o contato com elas por meio de mensagens em *Facebook* e *Whatsapp*. Nesse primeiro contato, a intenção foi informar sobre a pesquisa, coletar algumas informações iniciais, agendar visitas, solicitar autorização para uso de fotografias dos cenários postadas em suas redes sociais e registro fotográfico dos espaços vazios destinados aos cenários, conforme mostram os formulários do Anexo C. Todavia, a pesquisa de campo só foi possível quase um ano depois do contato inicial. Esse longo período considera desde o primeiro contato por redes sociais, no final de 2018, até o último contato presencial envolvendo as três casas de festas⁸⁶. Nesta etapa, 94 fotografias foram registradas por mim, mostrando os salões de festas vazios (sem cenários montados), alguns espaços adjacentes, e as fachadas das casas, sendo 36 fotografias da *Popótamus*, 32 da *Tindolelê*, e 26 da *Javé-Yirê*.

A terceira etapa, observação sistemática, ocorreu entre janeiro e março de 2020, envolvendo as seguintes ações: visualização e familiarização de cenários por meio de fotografias nas redes sociais das casas de festas, download dessas fotografias e catalogação, mapeamento de temáticas, identificação de temáticas mais recorrentes.

As ações de visualização e familiarização dos cenários ocorreram para fins de identificação da temática e idade do aniversariante, buscando publicações de postagens em cada casa, por ano, conforme as redes sociais *Blog*, *Facebook* e *Instagram*. Para tal, foi necessário acesso à barra de rolagem das páginas nas respectivas redes sociais, descendo-a até o final, de modo que permitisse a visualização do início das postagens em cada casa. Entre o período auge de mudança entre uma rede social e outra, algumas festas estavam sendo registradas nas duas redes sociais, exigindo mais atenção para armazená-las nos arquivos.

O download de fotografias (e/ou *prints* recortados) ocorria à medida que as fotografias dos cenários eram selecionadas para catalogação. Houve download para as fotografias postadas em *Blogs* e *Facebook*, e *prints* recortados para as fotografias do *Instagram*. As

⁸⁶ Esse período da pesquisa de campo não se aplicou de forma integral à *Javé-Yirê* devido à pandemia da Covid-19, sendo possível apenas em setembro de 2020, após abertura de casas de festas.

fotografias selecionadas para catalogação foram aquelas com ângulos mais abertos, exibindo o espaço de forma ampla, mostrando os cenários principais e suas subdivisões (quando possível) dispostos nos espaços, preferencialmente sem a presença de pessoas⁸⁷ e sem itens específicos de decoração em foco, desde que possibilitasse a identificação do salão de festas.

As fotografias foram salvas e armazenadas em arquivos únicos de *Word* (já que, em uma única festa, existem várias fotografias) que foram contabilizados como uma festa/cenário, mas que podem conter várias fotografias da mesma festa. Nesses arquivos, há indicação da fonte das fotografias, preferencialmente, as referentes aos cenários principais. Cada arquivo foi identificado pelo nome da criança, idade, temática e data de postagem, mas às vezes, os arquivos eram catalogados e identificados como menino (a), sem idade, devido à falta dessas informações e dedução que se tratava de um cenário para crianças de até seis anos. Quando as temáticas eram desconhecidas, era necessário recorrer às informações verbais descritas nas postagens, aos elementos característicos de cada temática ou buscar informações com os proprietários e colegas do grupo de pesquisa (GPSM).

Os arquivos em *Word* com essas fotografias foram catalogados em pastas no computador. Essas pastas eram identificadas por ano, casa de festa e rede social, de modo que a quantidade de arquivos catalogados em uma pasta corresponde ao número de cenários /festas, postados nas redes sociais para aniversários infantis até seis anos de idade, naquele ano e naquela casa de festa, conforme link disponibilizado nos anexos para acesso aos dados.

O mapeamento de temáticas e quantidades de respectivos cenários montados ocorreu com base nesses arquivos catalogados. Para esse mapeamento, quadros em *Word* foram elaborados, listando as temáticas e anos de ocorrências em cada casa de festa. Esse mapeamento foi elaborado tanto em listagens individuais, por casa de festa (Apêndices D, E, e F), quanto em uma listagem geral (Apêndice G), juntando todo o período (2009-2019) nas três casas, em ambos os casos. Isso revelou uma ampla quantidade de temas e cenários, necessitando de critérios para recorte de dados e seleção de corpus.

Esses critérios foram pensados a partir da identificação das três temáticas recorrentes na listagem geral, advindas de listagens individuais, resultantes da compilação dos dados, conforme resumido no Quadro 5.

⁸⁷ Como o foco da pesquisa é no cenário e no espaço em si, não em pessoas, no recorte de dados e no corpus analisado prezamos por esse detalhe, ou seja, cenários sem a presença de pessoas. Mesmo assim, nos arquivos de dados inventariados constam algumas fotografias mostrando pessoas quando não havia outras possíveis e devido à necessidade daquela fotografia para observação do espaço.

Quadro 5 – Síntese de dados compilados entre 2009-2019 nas três casas de festas

Listagem geral		
Nº de temáticas identificadas	Total de cenários montados	Três temáticas mais recorrentes no total das três casas
258	1.671	1º lugar: Princesa (100x) 2º lugar: Branca de Neve (85x) 3º lugar: Circo (83x)
Listagens individuais		
Casas de festa	Nº de cenários montados	Três temáticas mais recorrentes em cada casa
<i>Popótamus</i>	864	1º lugar: Princesa (44x) 2º lugar: Mickey (42x) 3º lugar: Circo (41x) 4º lugar: Branca de Neve (40x)
<i>Tindolelê Buffet Kids e Teens</i>	529	1º lugar: Branca de Neve (38x) 2º lugar: Circo (33x) 3º lugar: Princesa (29x)
<i>Javé-Yirê Recepções e Locações</i>	278	1º lugar: Princesa (27x) 2º lugar: Fazendinha (23x) 3º lugar: Safari (21x) 4º lugar: Joanhinha/Pequeno Príncipe (11x) 5º lugar: Circo/Jardim/Urso Marinheiro (9x) 6º lugar: Galinha Pintadinha (8x) 7º lugar: Branca de Neve/Mickey/Minnie/Príncipe (7x)

Fonte: Elaborado pela autora.

Na listagem geral, é possível verificar três temáticas recorrentes ao longo da década, nas três casas de festas, que podem ter sido influenciadas pelas opções de temáticas que essas casas oferecem, bem como pela temática que se populariza na época da festa, porém tal aspecto não é foco de análise.

Observem que 258 temáticas são identificadas no período entre 2009 e 2019 nas três casas, somando 1.671 cenários (festas) montados no total. Dessas temáticas, as três mais recorrentes no somatório geral das três casas são: a temática da Princesa em 1º lugar com 100 aparições; a temática da Branca de Neve em 2º lugar com 85 aparições; e a temática Circo em 3º lugar com 83 aparições. Esse “x” que acompanha o número entre parênteses refere-se à quantidade de vezes (aparições) que a mesma temática foi escolhida para decoração da festa de aniversário. Na descrição das listagens individuais, optamos por não elencar o número de temáticas, detendo-nos no número de cenários montados e na recorrência de temáticas em razão de nosso foco ser baseado na listagem geral. Ressaltamos que o número de temáticas individuais não coincide com o total de temáticas da listagem geral, uma vez que algumas

temáticas se repetem nas listagens individuais, todavia, essas informações encontram-se nos Apêndices (D, E, e F).

É por essa listagem geral que a recorrência de temáticas é considerada para delimitação dos dados, mesmo que essas temáticas não tenham sido as três mais recorrentes nas listagens individuais. Estas auxiliaram na retomada específica para seleção do corpus analisado, baseada em três critérios: 1º) identificação do ano de maior recorrência das três temáticas em cada casa; 2º) visualização, seleção e agrupamento de fotografias que mostrassem os cenários principais com identificação espacial do salão de festa de cada casa, ou seja, amplitude do espaço com os cenários principais e suas subdivisões, quando possível; 3º) seleção de um cenário de cada temática recorrente por casa, a partir de semelhanças encontradas nas fotografias agrupadas. Estas foram organizadas por temáticas em arquivos de *Word* (ANEXOS D, E, F, G, H, I, J, K e L), constando a identificação da casa de festa, o ano de maior recorrência, a quantidade de cenários, data da postagem, e idade da criança quando possível. Entre as semelhanças, estão: cenários principais em ângulo frontal; elementos simbólicos; e cores. Dessa maneira, os dados recortados resultaram em um corpus para análise composto por nove cenários: três cenários pertencentes ao tema Princesa, três cenários pertencentes à Branca de Neve, e três cenários do tema Circo, sendo cada trio de cenários montado em casas diferentes.

O Quadro 6 resume os procedimentos de coleta de dados e critérios de seleção do corpus, fechando esta seção. A seguir, apresentamos os procedimentos de análise.

Quadro 6 – Procedimentos de coleta de dados e critérios de seleção do corpus

Etapa 1 Pesquisa bibliográfica	Levantamento bibliográfico referente a textos espaciais, uma temática pouco explorada no contexto brasileiro.
Etapa 2 Pesquisa de campo	- Visitas às casas de festas; - Observação e registros dos espaços.
Etapa 3 Observação sistemática	- Visualização e familiarização de cenários temáticos; <i>Download</i> de fotografias e catalogação dos cenários; - Mapeamento de temáticas e seus cenários; - Identificação de três temáticas mais recorrentes.
Seleção do corpus	- Ano de maior recorrência das três temáticas em cada casa; - Fotografias mostrando os cenários principais e identificação espacial do salão de festa; - Um cenário de cada temática recorrente por casa, a partir de semelhanças. → 9 cenários.

Fonte: Elaborado pela autora.

4.3.2 Procedimentos de análise dos dados

Os procedimentos de análise dos dados se distribuem em três fases: descrição; análise descritiva e comparativa dos salões e dos cenários temáticos enquanto textos espaciais, bem como análise comparativo-interpretativa das práticas discursivas e sociais que envolvem esses textos; e discussão dos resultados.

A primeira fase diz respeito à descrição de cada cenário por bloco temático, fundamentada nas contribuições da LSF quanto à questão de que os significados textuais são influenciados pelo contexto de situação e contexto de cultura.

A segunda fase refere-se à análise descritiva, comparativa e interpretativa desses textos espaciais. Nesta fase, a análise se concentra inicialmente na descrição dos salões de festa de cada casa e nos cenários temáticos montados nesses espaços em termos de dimensão textual, voltando-se para as categorias **ligação** e **vínculo** da ADEsp. Na categoria **ligação**, os recursos semióticos observados são os elementos estruturais fixos (piso, parede e teto) e os elementos variáveis do ambiente (disposição espacial de móveis, ênfase dada a alguns acessórios, objetos simbólicos, e cores), materializadores de conforto e segurança, no sentido do espaço parecer minimamente, moderadamente ou fortemente cercado ou livre – relembrando que são nomenclaturas postuladas por Stenglin (2004) para essa categoria –. Na segunda categoria, **vínculo**, também conforme essa estudiosa, os recursos semióticos observados são hibridização, atributos simbólicos e ícones de vínculo, materializadores de elos de identificação e pertencimento.

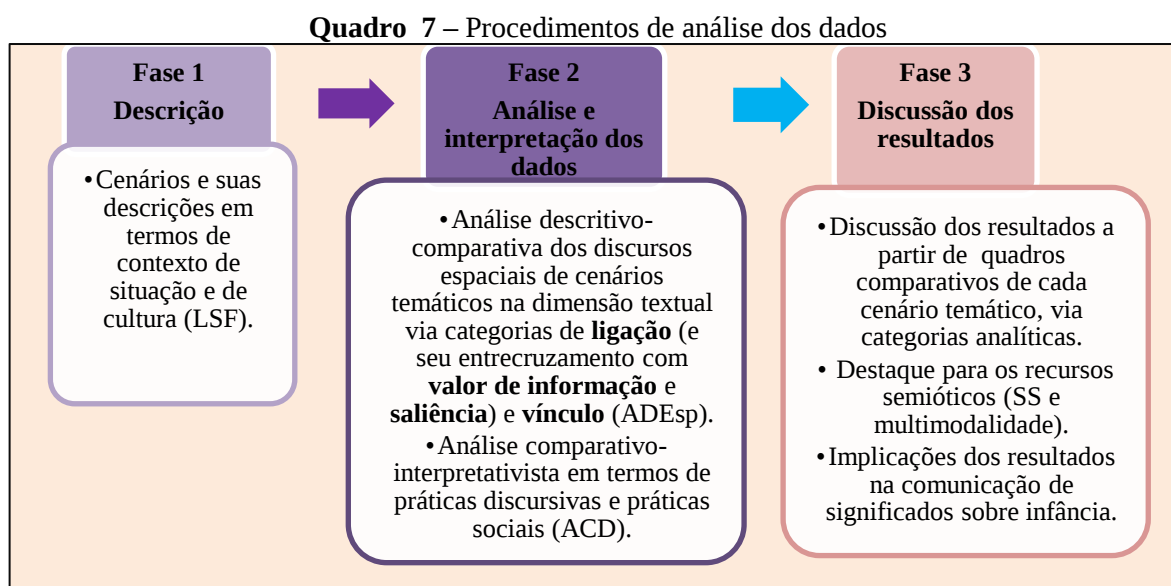
Ainda na segunda fase, desenvolvemos a análise comparativo-interpretativa em termos de práticas discursivas e práticas sociais, recorrendo à ACD, buscando revelar o que está encoberto nesses textos enquanto discursos espaciais, não percebidos imediatamente, e que tendem a se naturalizar. Nesse caso, a ênfase em alguns aspectos foi atribuída conforme a exigência do corpus. Para a dimensão da prática discursiva, nos voltamos para questões de intertextualidade e interdiscursividade; já para a dimensão da prática social, nos detemos no aspecto de ideologia. Essa discussão se realiza ao final dos blocos temáticos apresentados, uma vez que tais dimensões se assemelham nos cenários da mesma temática.

A última fase é a discussão dos resultados. Nela, são exibidos quadros comparativos com os aspectos detectados em cada cenário temático a partir das categorias **ligação** e **vínculo** (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), bem como o entrecruzamento da primeira com as categorias **valor de informação** e **saliência** (RAVELLI; MCMURTRIE,

2016). Nesses quadros, semelhanças e diferenças entre os cenários temáticos dispostos nos salões de festas são discutidas no que concerne a recursos semióticos.

Essa demarcação de nomenclaturas (descrição, análise, comparação e interpretação) visa meramente fins metodológicos, porque são aspectos indissociáveis. Além disso, é válido informar dois aspectos. O primeiro é que as fotografias escolhidas para análise mostram exclusivamente os cenários principais, com ângulo frontal de visão para esses cenários, por ter sido um padrão nas postagens das casas de festas em suas redes sociais, como mencionado. O segundo é que a análise se baseia tanto na observação dessas imagens fotográficas quanto na minha observação pessoal enquanto pesquisadora ao percorrer o espaço.

Sintetizamos esta última parte do capítulo no Quadro 7.



Fonte: Elaborado pela autora.

Sejam quais forem os resultados, eles não implicam em uma verdade absoluta, mas um ponto de vista fundamentado em bases teórico-metodológicas.

Este capítulo esboçou o percurso metodológico adotados na pesquisa, detalhando a caracterização da pesquisa, a caracterização dos participantes, os procedimentos de coleta e os procedimentos de análise de dados. O percurso evidencia que cada etapa assume igual importância, sendo complementares quanto às informações oferecidas ao leitor para comprovação e consistência da pesquisa, fornecendo subsídios para compreender a análise e os resultados encontrados. O próximo capítulo apresenta o ápice da tese.

5 UM OLHAR PARA O DISCURSO ESPACIAL DE CENÁRIOS TEMÁTICOS EM FESTAS INFANTIS

O presente capítulo apresenta um olhar para o discurso espacial de cenários temáticos em festas infantis de aniversários realizadas nos salões das três casas de festas – *Popótamus*, *Tindolelê Buffet Kids e Teens*, e *Javé-Yirê Recepções e Locações* –, e desenvolve-se em três seções. A primeira seção diz respeito à descrição e à apresentação dos achados durante esse olhar analítico para os cenários das três temáticas: Princesa, Branca de Neve, e Circo, sendo três cenários de cada temática, um de cada casa de festa. A segunda seção refere-se ao olhar comparativo-interpretativista das dimensões prática discursiva e prática social (ACD) que envolvem os cenários apresentados. A terceira seção discute os resultados.

Esclarecemos que a organização do capítulo dessa forma auxilia na construção do pensamento, uma vez que parte da descrição e análise multimodal dos textos espaciais para os significados sociais. A primeira seção é mais extensa com relação às demais, em virtude da descrição de alguns aspectos da estrutura física do espaço onde os cenários estão inseridos. Tal aspecto não se repete nas duas seções seguintes, pois tratam dos mesmos espaços. Outro ponto é que as imagens fotográficas dos cenários são repetidas nas subseções para evitar distanciamento entre elas e as discussões. É importante esclarecer que os espaços analisados se voltam para uma visão geral do salão de festas, apresentando os cenários principais com ângulo de captura frontal (um padrão nas postagens), predominantemente, sem nos determos em outros espaços das casas de festa, conforme descrito no capítulo anterior⁸⁸. Por último, lembramos que nosso olhar se volta para observação dos cenários montados e postados nas redes sociais, vistos como uma imagem bidimensional, porém, minha observação pessoal sobre os espaços vazios, sem decoração, durante visita às casas de festas também foi considerada.

5.1 Um olhar para os cenários temáticos à luz da LSF e da ADEsp

Essa primeira seção é subdividida em blocos temáticos, cada um inicia descrevendo o contexto de situação e de cultura (LSF) dos cenários conforme o tema em discussão. Em

⁸⁸ Para melhor visualização dos espaços internos de cada casa, o leitor pode recorrer a algumas ilustrações apresentadas no último capítulo ou aos anexos que mostram sua parte interna. Além disso, lembramos que algumas postagens desses aniversários mostram detalhes da decoração sem mostrar o espaço por trás, e quando mostram, elas focalizam o cenário principal, o que justifica nosso foco.

seguida, a seção apresenta os achados da análise comparativa dos cenários em termos da categoria **ligação** (ADEsp), da metafunção interativa, entrecruzando a categoria **ligação** com as categorias **valor de informação** e **saliência**, da metafunção organizacional; e por último, a categoria **vínculo** (ADEsp), também da metafunção interativa.

5.1.1 Cenários da temática Princesa

A temática Princesa é inspirada no universo dos reis, rainhas, príncipes e princesas, que é decorada geralmente em estilo tradicional. Essa temática também é conhecida como Realeza ou Reino Encantado, correspondendo ao tema Príncipe para meninos. Nessa temática, os elementos em destaque são: coroas, castelos, cores rosa e dourado em tons claros ou escuros, além do branco ou verde das folhagens e azul claro em alguns casos. É uma temática que envolve uma decoração luxuosa e requintada para Princesas da Realeza, sem se referir às princesas específicas dos contos infantis como acontece com as Princesas da Disney, sendo a aniversariante a própria princesa. É relevante esclarecer que, durante análise comparativa para visualização de cenários dessa temática, alguns dos cenários agruparam outras temáticas, como Princesa Peppa Pig e Princesa em Paris. Além disso, existem, ainda, as temáticas referentes às Princesas Disney e à Princesa Sofia, que não entraram nessa inclusão da temática Princesa da Realeza por serem temáticas diferentes, exceto por um cenário das Princesas Disney que passou despercebido por conter elementos semelhantes à temática Princesa.

Vimos, no capítulo de metodologia, que a temática Princesa apareceu em 1º lugar na listagem geral das três casas de festas, com 100 ocorrências entre 2009 e 2019. Nas listagens individuais, ela apareceu em 1º lugar tanto na casa de festa *Popótamus* quanto na *Javé-Yirê*, com 44 e 27 ocorrências respectivamente; na casa de festa *Tindolelê*, ela apareceu em 3º lugar, com 29 ocorrências, considerando o mesmo período. Embora a temática tenha ocorrido em outros anos, coincidentemente, o ano de maior recorrência foi em 2015, nas três casas, sendo nesse contexto de dados inventariados que sucedeu o recorte para análise dos cenários da temática, que podem ser visualizados nos Anexos D, E, e F.

5.1.1.1 Contexto de situação e contexto de cultura

Considerando que a LSF de Halliday (1978) vincula os significados textuais aos contextos de situação e de cultura como sendo influenciadores desses significados, e que a SS

enfoca como as pessoas usam recursos semióticos em práticas sociais específicas, determinadas pelo contexto para produzir significados, também social e culturalmente situados (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005), descrevemos o contexto de situação e de cultura dos três cenários da Princesa, antes de adentrarmos nas categorias analíticas referentes à ADEsp.

As imagens dos cenários de cada casa de festa estão agrupadas na Figura 25, buscando facilitar a visualização de semelhanças e diferenças entre eles.

Figura 25 – Prints⁸⁹ dos três cenários no tema Princesa
(A) (B)



Fonte: Instagram do popotamusbuffet⁹⁰.
(C)



Fonte: Instagram da tindolelejp⁹¹.



Fonte: Facebook da Javé-Yirê⁹².

⁸⁹ Todos os *prints* das postagens neste capítulo foram recortados para mostrar somente as fotografias das redes sociais.

⁹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/--a5H5nMXs/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

⁹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/-VB2H2JXpb/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

⁹² Disponível em: <https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/a.912497875487559/912498538820826/?type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2020.

O primeiro cenário, identificado como (A) na Figura 25, está relacionado ao contexto de situação de decoração para a festa do primeiro aniversário de uma menina na casa de festas *Popótamus*, com fotografia postada em 07 de dezembro de 2015 na sua rede social *Instagram*. Ele é um dos 16 cenários montados para a temática Princesa nessa casa de festas em 2015 (Anexo D). Sua escolha com relação aos demais cenários desse período se justifica por apresentar uma visão central do salão de festas, mostrando parte do cenário de mesas dos convidados nas laterais, mesa separada para o bolo ao centro, o cenário principal e o cenário de lembrancinhas ao fundo da imagem (se o leitor ampliar a ilustração), além de ser semelhante aos demais em termos de cores (rosa, branco e dourado), altura do bolo, balões, e ícone da coroa.

O segundo cenário, visualizado como (B) na Figura 25, também envolve um contexto de situação de decoração para comemoração do primeiro aniversário de uma menina, agora em outra casa de festa, na *Tindolelê Buffet Kids e Teens*. Porém, o foco se volta para o cenário principal, diferenciando-se das outras duas imagens da Figura 25 que mostram o cenário de convidados e de lembrancinhas. Nessa casa de festas, as postagens mostrando esse salão destinado ao cenário principal são comuns, porque os demais cenários são dispostos em espaços adjacentes. Essa fotografia foi postada em 20 de novembro de 2015 na sua rede social *Instagram*. Esse cenário está entre os 11 montados nesta temática na referida casa, postados em 2015 (Anexo E). Ele foi selecionado dentre os demais cenários do período devido à visualização do salão principal (imediatamente após a entrada) mostrando o cenário principal, o cenário do bolo e o de guloseimas, como também por se assemelhar aos demais (do mesmo período) no que diz respeito às cores, aos ícones da coroa e de espelhos vitorianos, às mesas retangulares compridas, à mesa separada para o bolo, e ao painel da parede em formato arabesco⁹³. Ao mesmo tempo, a escolha também se justifica por se diferenciar dos outros dois cenários das duas casas – Figura 25 – com relação às cores (já que este cenário traz a cor azul).

O terceiro cenário da Figura 25, visualizado como (C), envolve um contexto de situação de decoração semelhante ao primeiro, mostrando a decoração para festa do primeiro aniversário de uma menina, que aconteceu na casa de festa *Javé-Yirê Recepções e Locações*, com fotografia postada em 19 de agosto de 2015 na sua rede social *Facebook*. Ele se inclui no grupo dos 9 cenários da temática nessa casa de festas, postados em 2015 (Anexo F). Sua seleção em detrimento dos demais no mesmo período ocorreu devido à visualização de parte

⁹³ Combinação trabalhada de formas geométricas semelhantes às formas de plantas.

principal do salão, mostrando o cenário parcial de mesas dos convidados, a mesa do bolo ao centro, o cenário principal e o cenário de lembrancinhas ao fundo, além de ser semelhante aos demais cenários do período quanto às cores rosa e dourado, e aos seguintes elementos: ícone da coroa, tapete para passarela e folhagens, mesas retangulares compridas, mesa separada para o bolo.

Cada contexto de situação é identificado devido às informações dos elementos visuais que remetem ao aniversário festivo (bolo, balões, vela) e à temática Princesa (ícones da coroa, dourado, estilo arabesco) bem como pelo reconhecimento do espaço interno como pertencente àquela casa de festa, além das informações verbais que geralmente acompanham as postagens.

É interessante registrar que o conhecimento do contexto de situação depende das experiências prévias do leitor/observador, porque para quem desconhece tal contexto, e tem acesso apenas à fotografia sem considerar a postagem na rede social, esses cenários podem causar estranhamento, ou seja, o reconhecimento desses elementos visuais depende do contexto de cultura. Portanto, situar cada cenário temático no contexto no qual ele foi inserido auxilia na leitura do texto, principalmente se ele for lido por pessoas distantes no tempo e no contexto cultural (HODGE: KRESS, 1988) desta prática brasileira, podendo iniciar sua leitura a partir do contexto de situação informado, e agregando seus próprios significados ao mesmo tempo.

A partir da identificação desses elementos visuais e do espaço, podemos observar, nesse primeiro bloco temático, as primeiras semelhanças do contexto de situação que se repetem nos demais cenários das outras duas temáticas: cenários principais de festas infantis de aniversários, fotografados com ângulo de captura frontal; finalidades das fotografias; perfis dos interactantes e dos destinatários; linguagem e veículo utilizados.

Podemos deduzir que a finalidade dessas três fotografias, no contexto de onde foram extraídas, é mostrar uma festa de aniversário que foi realizada nas respectivas casas de festas, mostrando e preservando um fragmento da realidade, correspondendo à variável campo na LSF, fazendo parte do tipo de postagens frequentemente visualizadas pelos seus seguidores nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*. Os interactantes são as casas de festa (os proprietários), o cenário decorado (considerando todos os envolvidos na produção e montagem), e os destinatários (anfitriões, convidados e seguidores da rede social), o que corresponde à variável relações. Se considerarmos a variável modo referente à linguagem (seja ela verbal, visual, espacial) como modos de comunicação, a linguagem utilizada é tanto visual (imagens, cores, tamanhos, formas, objetos simbólicos do cenário) quanto espacial (disposição de cenários e suas subdivisões em cada casa de festa), sendo modos de

comunicação correlacionados, seja via fotografia, na qual o observador vê as imagens e o local em que elas estão inseridas, seja via espaço, no qual os usuários podem transitar e visualizar as imagens de perto. Se considerarmos a variável modo também como veículo empregado para essa comunicação, o veículo é a postagem nessas redes sociais, caracterizada pela inserção de imagens e comentários de fácil acesso e visualização em qualquer lugar para quem dispõe de internet e tecnologias compatíveis.

De maneira complementar, o contexto de cultura é fundamental para situar a história cultural dos interactantes e tipos de práticas sociais em que se engajam, sendo outra semelhança nesses discursos espaciais. Nesse sentido, observamos o costume contemporâneo de um país festivo (PEREZ, 2012), com festas infantis brasileiras comemoradas a partir de cenários temáticos, vistas como ideologias instituídas convencionalmente no contexto de famílias de classe média, seja ela, alta, média ou baixa. Nessa cultura de festas infantis, o acompanhamento de tendências temáticas estabelecidas pela sociedade de consumo (BAUMAN, 2008) parece se instalar como forma de pertencimento ao mesmo grupo social. Entendemos que o contexto de cultura dialoga com a dimensão da prática social, deixando essa discussão para o final, após os blocos temáticos.

Essas primeiras semelhanças do contexto de situação (cenários principais de festas infantis de aniversários, fotografados com ângulo de captura frontal; finalidades das fotografias; perfis dos interactantes e dos destinatários; linguagem e veículo utilizados) se repetem nos demais espaços analisados, de modo que elas são descritas exclusivamente neste primeiro bloco temático.

As subseções seguintes se voltam para um olhar analítico dos textos na dimensão textual, materializadores de discursos explícitos em aniversários infantis de forma visual e espacial. Para tal, consideramos primordialmente as categorias analíticas da ADEsp que atendem ao objetivo desta pesquisa, como explicamos anteriormente.

5.1.1.2 Categorias ligação, valor de informação e saliência

Considerando que esta pesquisa investiga como esses textos espaciais comunicam significados sobre infância e sinalizam relações de interação com os usuários, a categoria **ligação** (STENGLIN, 2004; RAVELLI; MCMURTRIRE, 2016), da metafunção interativa, auxilia na identificação de escolhas estabelecidas pelas dimensões restrita ou irrestrita que possam causar diferentes variações de segurança no espaço para os usuários. Ao mesmo tempo, diante da necessidade de compreender aspectos que surgiram durante a análise desta

categoria, há um entrecruzamento com **valor de informação** e **saliência** (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006 [1996] RAVELLI; MCMURTRIE, 2016) da metafunção organizacional, o que ratifica o fato de que as três metafunções ocorrem simultaneamente na realização de um discurso, independente de enfatizarmos uma ou outra metafunção na análise. Ademais, como já mencionamos, os modos de comunicação espacial e visual reverberam nesses cenários temáticos, instigando-nos a compreender a orquestração desses modos e seus respectivos recursos semióticos, baseados nas categorias informadas, considerando o pensamento de van Leeuwen (2005) de que à medida que a sociedade muda é possível ocorrer uma necessidade de novos recursos semióticos e maneiras de usá-los.

i) Cenário da temática Princesa – Casa de festa *Popótamus*

Em relação ao primeiro cenário temático da Princesa no salão de festas da *Popótamus*, mostrado na Figura 26, adiante, observamos inicialmente a dimensão espacial, as escolhas de permeabilidade⁹⁴ e de ambiente, referentes apenas aos elementos da estrutura física do espaço.

Figura 26 – *Print* do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Princesa



Fonte: *Instagram* da *popotamusbuffet*⁹⁵.

⁹⁴ Os aspectos da dimensão entre os elementos da estrutura física de cada espaço (salão de festas) e suas escolhas de permeabilidade só são descritos nesse primeiro bloco temático, já que esses mesmos espaços aparecem nos demais blocos.

⁹⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/--a5H5nMXs/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

Sobre a dimensão espacial, percebemos uma distância moderada entre as paredes esquerda e direita, assim como entre teto e piso, conforme as medidas já apresentadas e/ou pelo acesso ao salão, o que caracteriza um espaço livre, não cercado, conforme a nomenclatura apresentada nos estudos de Stenglin (2004). Ao mesmo tempo, as quatro colunas centrais limitam a passagem nessa área do espaço.

Em relação às escolhas de permeabilidade da estrutura física, ou seja, escolhas diáfanas ou de oclusão que permitem ou não o espaço ser penetrado física ou visualmente por elementos, na parede esquerda, podemos visualizar parte de uma janela fixa de vidro em formato circular, são 9 delas; na parede direita, próximo ao extintor de incêndio, há saída para cozinha e para uma parte de entretenimento; e na parede de entrada para o salão, há uma porta de vidro localizada atrás do ângulo de captura desta imagem que dá acesso ao corredor do elevador⁹⁶. Essas janelas e porta de vidro são escolhas diáfanas, pois possibilitam visualização para o exterior, e penetração parcial de luz. Em contrapartida, o teto e o piso, com materiais opacos, selam a visão com parte externa superior e inferior, sendo uma escolha de oclusão, embora a distância entre eles alivie essa sensação de cerco. Assim, na estrutura física, predominam escolhas diáfanas que se assemelham ao estilo residencial habitual de alguns usuários que, ao visualizarem as semelhanças, podem sentir conforto e segurança. Essas escolhas de permeabilidade também podem ser materializadas por elementos variáveis do ambiente, implicando em fechamento ou liberação em termos de visão, som e movimento entre as partes internas.

No que diz respeito a esses elementos variáveis do ambiente, podemos considerar não somente aqueles relativamente permanentes do próprio espaço, já que são alterados em alguma época, como também os elementos constitutivos do cenário temático, que se alteram em cada festa e em cada temática. No primeiro caso, elencamos: climatização, pouca iluminação natural, cor branca, e textura lisa da própria estrutura, recursos semióticos materializadores da **ligação**, que juntos à dimensão de grande extensão e às escolhas diáfanas de permeabilidade contribuem para interpretarmos este salão como moderadamente livre na escala de segurança quando vazio, sem a inserção do cenário. No segundo caso, listamos: móveis (mesa, cadeiras, cristaleiras), acessórios (tapetes, cortinas, papel de parede, quatro quadros em formato losango/espelhos com ícones de coroas), elementos simbólicos⁹⁷ (padrão

⁹⁶ Ver Anexos com mais imagens das partes internas desta casa em outros ângulos.

⁹⁷ Sobre os elementos/objetos simbólicos, na categoria **ligação**, eles são analisados como elementos que acentuam ou não a sensação de cerco no nível de segurança. Na categoria **vínculo**, eles são retomados como elementos que estabelecem elos de identificação e pertencimento do espaço com o usuário.

arabesco, ícones de coroas, espelhos vitorianos, balões e bolo), e cores (rosa, branco, e dourado) como elementos variáveis caracterizadores dos cenários temáticos que também materializam a **ligação**, interferindo na percepção visual dessa ampliação do espaço, que a nosso ver, passa a ser interpretado como minimamente livre. Tal percepção é potencializada pelo ângulo de captura da imagem voltada para o centro do salão.

Embora pareça óbvio que os elementos variáveis decorrentes do cenário modifiquem a percepção visual da dimensão espacial, já que o espaço é escolhido exatamente para fins de comemoração com decoração temática, e ele vazio não provocaria os efeitos de significados esperados, reiteramos que esses elementos diferem em cada temática e em cada festa, sendo eles as razões pelas quais a interpretação do mesmo espaço sofra variações quanto a parecer minimamente, moderadamente, ou fortemente livre, bem como fortemente, moderadamente ou minimamente cercado. Como ressalta Stenglin (2004), existem diversos elementos variáveis do ambiente, sendo difícil dar conta de todos eles, o que nos direciona a fazer escolhas. Por isso, nesta categoria analítica, optamos por enfatizar os elementos variáveis do ambiente relacionados ao cenário temático, como a disposição espacial de móveis, a ênfase dada a alguns acessórios, objetos simbólicos, e cores, buscando compreender como ocorre a combinação dos modos espacial e visual para comunicar significados sobre infância, e relações de interação entre espaço e usuário. São esses aspectos que têm despertado nossa atenção, demandando o cruzamento com as categorias **valor de informação** e **saliência** (metafunção organizacional), embasadas nos estudiosos já citados.

É provável que a sensação de segurança de usuários deste espaço – sobretudo crianças no contexto de infância de classe socioeconômica privilegiada – seja favorecida por algumas semelhanças com o contexto doméstico, tais como: relativa ampliação, possibilidade de visualização para o exterior ou por uma temática infantil que lhe é familiar, materializada pelos elementos variáveis do cenário. Possivelmente, esses aspectos estejam entre as justificativas para realização de uma festa nesses salões. Contudo, o que parece ser desconsiderado é que os elementos variáveis do cenário temático possam interferir significativamente na percepção visual da dimensão espacial, tanto olhando o espaço como uma imagem bidimensional quanto pela experiência ao percorrê-lo enquanto texto espacial. Esses elementos comunicam visualmente subdivisões do cenário, sugerem comportamentos por parte dos usuários no espaço, e demarcam regras sociais do aniversário, limitando o espaço nesses aspectos, o que justifica nosso olhar para tais elementos.

Iniciamos pela disposição espacial dos móveis, cujo **valor de informação** comunica visualmente as subdivisões do cenário, aquelas apresentadas no segundo capítulo, e pode

direcionar os usuários a comportamentos esperados, já convencionados, nesse contexto festivo.

Por este ângulo de captura da imagem, o mesmo de entrada no salão, visualizamos móveis distribuídos no formato laterais-centro-fundo. Nas laterais, há fileiras semelhantes de mesas e cadeiras; no centro, no meio do corredor de passagem, há uma mesa redonda, isolada; ao fundo, na parte de trás, há mesas agrupadas em diferentes tamanhos, e cristaleiras. São móveis cuja disposição espacial, quantidade e funcionalidade, independente de seus acessórios agregados, informam visualmente que se referem ao cenário de convidados, cenário do bolo e cenário principal, restringindo a liberdade no espaço. Apesar da relativa quantidade de móveis nessas subdivisões do cenário, por estarem dispostas no mesmo piso⁹⁸, sem paredes, e separadas pelo espaço relativamente vazio no corredor, ocorre permeabilidade entre elas em termos de visão, som e movimento dos usuários. Isso possibilita interação entre usuários e contato mais próximo com cada parte do cenário, caso desejem, podendo favorecer sensações de segurança.

A disposição espacial dos móveis e sua convenção cultural de uso estruturam ações prescritivas, sugerindo comportamentos por parte dos usuários, também limitando a liberdade no espaço. Percebam que as mesas e cadeiras nas fileiras laterais demarcam o local para os convidados adultos se acomodarem e interagirem enquanto contemplam a festa, sentados, mostrando que todos assumem papel igual no evento. Elas podem indicar o posicionamento de convidados em termos de parentesco, parentes maternos da aniversariante de um lado, e paternos do outro, mostrando também a quantidade de convidados. A mesa circular do bolo, no centro do salão, sinaliza o posicionamento e reunião das pessoas no momento de cantar parabéns, trazendo uma evidente mensagem ideológica sobre quem é a pessoa principal da festa e onde ela deve estar nesse momento. Ao fundo, as quatro mesas retangulares sinalizam o espaço de acomodação de guloseimas e objetos em miniaturas, enquanto as quatro cristaleiras indicam a acomodação de lembrancinhas, sugerindo a degustação de doces e recebimento de lembrancinhas ao final da festa.

Seguimos para a **saliência** dada a alguns acessórios e elementos simbólicos em termos de posicionamento, densidade e cores, que também podem interferir significativamente na percepção visual da dimensão espacial. Segundo vimos na teoria, os tapetes, por exemplo, são acessórios que sugerem visualmente mais cercos e demarcam ações. Observando o tapete

⁹⁸ Lembramos que não estamos considerando na análise as outras subdivisões do cenário, como cenário de entrada e cenário de presentes, que são dispostos na parte térrea do prédio, ou mesmo a parte do parque infantil (2º andar) que geralmente não tem decoração temática.

posicionado no centro do salão, ele tanto sinaliza a pista de dança e demarca espaço para a mesa do bolo como uma moldura (com material tipo adesivo transparente, mostrando o ícone da coroa e desenho arabesco em volta) quanto dá acesso ao cenário principal, diferenciando-se dos tapetes ao fundo que setorizam o cenário principal (na cor rosa e tecido liso), delimitando-o àquele espaço. Atrelado a isso, o bolo se destaca pela saliência da altura, posicionamento centralizado no meio do corredor das quatro colunas. Os balões acrescentados nas colunas centrais e nas janelas de vidro restringem visualmente a expansão do corredor e selam parcialmente a visão para o exterior, respectivamente, bem como os quadros em losango nas colunas, que contribuem visualmente para redução da expansão do corredor. Já os acessórios que revestem a parede frontal, cortinas, papel de parede e ícone da coroa, por estarem recuados e em camadas relativamente finas não contribuem para o espaço parecer restrito.

Dando continuidade à observação dos elementos variáveis do cenário, voltemo-nos às cores. A cor rosa predomina em relação à cor branca e ao dourado, repetindo-se nos balões, cortinas, toalhas das mesas dos convidados, lembrancinhas dentro das cristaleiras, nos tapetes ao fundo, no tecido da parede frontal, nos laços e arranjos que envolvem as camadas do bolo; a cor branca aparece no mobiliário, na toalha da mesa do bolo, no bolo; já o dourado aparece nas coroas, no padrão arabesco no piso, no nome da aniversariante, nos lustres e objetos em miniaturas sobre as mesas, nos enfeites do bolo. Embora cores claras contribuam para a expansão do espaço, no caso em questão, ele se torna relativamente escuro devido ao brilho amarelado das luminárias, lustres e refletores, o que pode causar a percepção visual de um espaço restrito, segundo Stenglin (2004).

Sobre as cores, é importante registrar que conforme pontuam Kress e van Leeuwen (2002), a cor funciona como um recurso multifuncional utilizado de acordo com os interesses dos criadores dos símbolos. Neste caso, essas cores parecem funcionar predominantemente de maneira representacional e organizacional. Representacional, porque denotam a identidade do cenário temático, convencionado culturalmente de Princesa; organizacional, porque elas criam coesão, mostrando unidade entre partes do cenário. Esses autores também distinguem dois tipos de possibilidades das cores produzirem significados: associação e propriedades. No caso dos cenários da temática Princesa, as cores produzem significados na primeira possibilidade, já que na cultura brasileira há uma tendência de associamos a cor rosa às meninas, o branco à pureza, o dourado ao luxo.

Sintetizando a categoria **ligação**, e seu entrecruzamento com **valor de informação** e **saliência**, neste primeiro espaço analisado, considerando somente os elementos semióticos

relacionados à estrutura física do salão de festas e aos seus elementos variáveis, pode-se afirmar que eles contribuem para o espaço parecer relativamente amplo, podendo ser interpretado com um espaço moderadamente livre na escala de segurança. Em contrapartida, com as alterações sofridas em decorrência do cenário temático, essa moderada liberdade do espaço diminui, e o salão passa a ser interpretado como minimamente livre, causando a percepção visual de um espaço menor. Esta percepção é materializada, principalmente, pelos seguintes recursos semióticos: quantidade e disposição espacial de móveis, posicionamento e densidade de tapetes e balões, e iluminação artificial um pouco escura sobre um ambiente com elementos predominantemente na cor rosa. Ao mesmo tempo, o recurso semiótico de permeabilidade entre as partes do cenário, que são dispostas no mesmo espaço e sem barreiras físicas, possibilita interações visuais, auditivas e de movimento dos usuários, o que pode aliviar a percepção de um espaço menos livre.

A seguir, apresentamos o segundo cenário na mesma temática em outro salão.

ii) Cenário da temática Princesa – Casa de festa *Tindolelê*

O cenário seguinte – Figura 27 – refere-se ao cenário principal da temática Princesa, posicionado logo na entrada principal da casa de festas *Tindolelê*.

Figura 27 – Print do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Princesa



Fonte: Instagram da tindolelejp⁹⁹.

⁹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/-VB2H2JXpb/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

Primeiramente, observamos a dimensão entre os elementos da estrutura física do espaço. Vejam que as paredes – na lateral esquerda e direita – parecem próximas se comparadas ao salão anterior. O teto possui um nível mais baixo, próximo ao ar condicionado, podendo a dimensão espacial ser mais bem compreendida pelas medidas já descritas no capítulo anterior. Isso nos leva a classificá-lo como de dimensão livre, segundo a teoria (STENGLIN, 2004), embora a proximidade entre paredes, piso e teto pareça diminuir essa amplitude.

Passando para as escolhas de permeabilidade da estrutura física neste espaço reservado ao cenário principal, as escolhas de oclusão parecem prevalecer, causando maior isolamento visual para o exterior. Isso decorre de alguns elementos descritos a seguir. Por exemplo, as paredes são opacas, como mostra a parede frontal nesta imagem, embora existam paredes em meia lua, como mostradas no capítulo anterior, dividindo os espaços internos e permitindo visibilidade parcial entre eles¹⁰⁰. Um segundo elemento é o piso sólido, com acabamento em cerâmica, o que esfria a superfície, mas poderia não amortecer uma queda do usuário, segundo a teoria (STENGLIN, 2004). Outro elemento está na parte de entrada para o corredor, uma discreta elevação no piso, sem sinalização, sendo uma escolha de oclusão. Outra escolha de oclusão é o teto em concreto, que sela a visão com a parte externa superior. Some-se a isso, a ausência de janelas que sela o espaço da luz e ar natural nessa parte da estrutura, sendo um pouco aliviada por duas portas de vidro (uma localizada na entrada e outra na parte de trás)¹⁰¹, que são escolhas diáfanas, mas que só permitem a visualização para o exterior caso o usuário se aproxime delas.

Prosseguindo para os elementos variáveis do ambiente, que podem ser observados tanto com relação aos recursos semióticos relacionados à estrutura física quanto aos decorrentes do cenário temático, listamos como elementos do primeiro: textura lisa, cor branca na estrutura, iluminação, e climatização, que parecem aliviar a percepção de cerco causada pela proximidade entre paredes, piso e teto, e pelas escolhas de oclusão em termos de permeabilidade, podendo este salão ser interpretado como moderadamente livre quando vazio. Quanto aos elementos variáveis decorrentes do cenário temático, destacamos: móveis (mesas e cadeiras); acessórios (tapetes, painéis de parede, toalhas de mesa, revestimento de cadeiras); elementos simbólicos (padrão arabesco, ícones de espelhos vitorianos, pinhas, balões, guloseimas, bolo) e cores (azul, rosa, branco e dourado), que, segundo nossa interpretação, não alteram significativamente essa percepção, continuando um espaço moderadamente livre.

¹⁰⁰ Ver os Anexos com imagens de espaços adjacentes,

¹⁰¹ Ver os Anexos com outros ângulos de espaços internos desta casa de festa.

Sobre a disposição espacial de móveis, observem o **valor de informação** na sua distribuição com formato centro-fundo, com a frente e as laterais totalmente livres devido ao espaço vazio, diferente do cenário anterior, que, com as colunas, sugere impedimento de livre circulação. Do centro do espaço até a parte de trás, visualizamos três cadeiras infantis e três mesas recuadas (respectivamente com as toalhas nas cores rosa, azul e branco), mesas compridas e retangulares em tamanhos diferenciados, cadeiras revestidas como se fossem vestidos de princesas. Essa disposição espacial de móveis, nesse espaço e contexto festivo, informa visualmente que se trata do cenário principal, mesmo que ainda não houvesse os acessórios e objetos sobre as mesas. É um leiaute que facilita interação visual de usuários com o cenário, estimulando sua contemplação de maneira próxima, além de visualização, som e movimentação de usuários neste espaço vazio que se abre frente ao cenário (passagem da entrada do salão para as áreas adjacentes).

No que tange à disposição espacial de móveis como sinalização de comportamentos por parte dos usuários, nas três mesas retangulares recuadas há miniaturas simbólicas da temática, onde estão dispostos doces e o bolo, sugerindo que esses elementos são expostos para contemplação e alguns para serem servidos ao final da festa. A mesa do bolo é posicionada entre duas dessas mesas, e mesmo sem ser posicionada à parte, como ocorreu no cenário anterior, destaca-se pela cor da toalha e pelo tamanho menor, sugerindo a ação de cantar parabéns como uma atração importante. Isso evidencia a contemplação da decoração temática e a parabenização como regras sociais e comportamentos esperados na festa.

Seguindo para a **saliência** atribuída a alguns acessórios e elementos simbólicos, ela se volta para o posicionamento, densidade e cores, uma saliência que não parece comprometer a percepção visual da dimensão do espaço moderadamente livre da própria estrutura. Por exemplo, o tapete demarca o espaço de acesso ao cenário principal e de dança ao ser posicionado na frente das mesas, mas não parece diminuir a dimensão espacial devido à sua espessura relativamente fina, sendo o contrário do que vimos na teoria. Outro exemplo é o revestimento das cadeiras em forma de vestidos com saia volumosa e laços em volta, mas que não parecem comprometer a dimensão espacial. Situações semelhantes parecem ocorrer com o painel na parede de trás, recuado, e com balões, que são dispostos em camadas únicas e lineares nas paredes laterais, bem como os demais elementos (molduras vitorianas, coroas, pinhas douradas, vasos com flores, guloseimas, e o bolo) distribuídos sobre as mesas posicionadas de maneira recuada. Mesmo o bolo e os arranjos se destacando dos outros elementos sobre a mesa em decorrência do tamanho e altura maior, eles não parecem comprometer a percepção visual da dimensão do espaço.

No caso específico das cores, azul predomina, embora ocorra um balanceamento com as cores rosa, branco e tons dourados. Isso não parece causar percepção visual de um espaço menor, porém pode inquietar o usuário pelo fato de causar harmonia de cores e ao mesmo tempo “quebrar” a cor esperada (rosa). A cor azul aparece no tapete, no painel de parede, na parede móvel por trás do painel, na toalha da mesa portadora do bolo, no laço que envolve o revestimento das cadeiras; a cor branca está presente nos balões, na toalha da mesa maior, em algumas bandejas, no bolo; a cor rosa está na toalha de mesa mais baixa, no tecido que reveste as cadeiras infantis, no bolo; a cor dourada se percebe nos objetos de decoração sobre as mesas, no lustre, no bolo. Vejam que as cores branco, dourado e rosa aparecem no bolo.

Considerando as cores de maneira representacional e organizacional (KRESS; VAN LEEUWEN, 2002), por exemplo, no primeiro caso, podemos dizer que elas estão relacionadas à temática Princesa para o universo infantil, destacando a cor azul como principal da temática, rompendo a tendência de associarmos à cor rosa na decoração; e no segundo caso, organiza visualmente as mesas com diferentes finalidades, embora todas com objetos simbólicos em comum: a de toalha rosa para crianças sentarem, a de toalha azul para o bolo, e a de toalha branca para a maior parte das guloseimas.

Resumindo a categoria **ligação** neste segundo espaço analisado, considerando também as categorias **valor de informação** e **saliência**, observamos que quanto à dimensão entre os elementos da estrutura física e a seus elementos de permeabilidade e de ambiente, este espaço pode ser interpretado como moderadamente livre, sem a inserção dos elementos do cenário principal. E mesmo com a inserção do cenário, essa interpretação não sofre alterações significativas devido à quantidade menor de móveis, sua disposição recuada no espaço, ao espaço vazio que os antecede, e à predominância de cores claras como recursos semióticos que contribuem para manter essa interpretação.

Na sequência, vejamos o terceiro cenário da mesma temática em outro salão de festa.

iii) Cenário da temática Princesa – Casa de festa *Javé-Yirê*

O terceiro cenário referente à temática Princesa é na casa de festas *Javé-Yirê*, representado na Figura 28. O ponto de partida é a dimensão entre os elementos da estrutura física do espaço, e a percepção de suas escolhas de permeabilidade e ambiente.

Figura 28 – *Print do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Princesa*



Fonte: Facebook da Javé-Yirê¹⁰².

Quanto à dimensão espacial, há uma distância ampla tanto entre os limites frontais quanto entre os limites laterais, se comparado aos espaços anteriores, devido à ausência de parede física à esquerda e colunas no centro, diferentemente das outras duas casas. Essa percepção decorre das medidas de tamanho desta casa de festa, descritas no capítulo anterior. Nele, vimos que sua estrutura física é em estilo residencial térreo, e com salão de festas funcionando numa espécie de terraço, com uma parcial liberdade visual advinda do muro. É um salão em espaço aberto e mais amplo que os anteriores para disposição dos cenários e suas subdivisões, permitindo visualizar, logo na entrada, o cenário principal, suas subdivisões e o espaço de entretenimento das crianças em um único piso, sem barreiras físicas.

No tocante às escolhas de permeabilidade da estrutura física, a proposta de espaço aberto é potencializada pelos muros na parte frontal e lateral que possibilitam ventilação e visualização para o exterior, sendo escolhas diáfanas. No salão de festas, o teto é relativamente alto, possui parte dele com acabamento em concreto (como a parte do cenário principal) e outra parte com acabamento em telha tipo Brasilit (como na parte de entrada para o salão de festas), que embora sinalize um ambiente mais quente, detalhes como o uso de ventiladores e a ventilação natural que adentra por cima dos muros podem aliviar essa sensação.

¹⁰²Disponível

em:
<https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/a.912497875487559/912498538820826/?type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2020.

Acerca dos elementos variáveis do ambiente, relacionados ao próprio espaço, listamos: iluminação natural, cores bege e branca, e textura lisa. Esses elementos, juntos à dimensão solta e ampla do espaço e às escolhas diáfanas, sugerem um espaço fortemente livre na escala de segurança. Quanto aos elementos variáveis decorrentes do cenário temático, identificamos: móveis (mesas, cadeiras, estantes, *cachepots* de chão); acessórios (tapetes, papel de parede, cortinas); elementos simbólicos (ícones da coroa, balões, guloseimas, e bolo); e cores (rosa, branco, bege e verde). É nesse segundo caso que recai nossa atenção, porque acreditamos que a disposição espacial de móveis e o destaque dado a alguns elementos e cores podem alterar a percepção do espaço visto como fortemente livre, quando vazio, passando a ser interpretado como moderadamente livre após a inserção dos elementos variáveis do cenário.

Partimos da disposição espacial dos móveis, uma vez que ela transmite visualmente um **valor de informação** sobre as subdivisões do cenário, guiando comportamentos por parte dos usuários, e implicando na percepção visual da dimensão espacial. Considerando o ângulo de entrada principal que é o mesmo captado na fotografia, visualizamos um leiaute formado por móveis distribuídos nas laterais-centro-fundo. Nas laterais, logo em primeiro plano, há mesas e cadeiras em fileiras. No centro, uma mesa menor, acompanhada de duas mesas laterais ainda menores e de uma cadeira infantil. Ao fundo, por trás da mesa do bolo, outras mesas retangulares em tamanhos diferentes e duas estantes mais ao lado. Esse leiaute composto por tais móveis informa que se trata do cenário de convidados, do cenário do bolo, e do cenário principal, respectivamente, distribuídos no mesmo piso, e separados pelo espaço relativamente vazio entre eles, o que facilita visualização, som e movimento de usuários, sem restringir fortemente na amplitude do salão.

Em termos de condução de comportamentos por parte dos usuários, as mesas redondas e cadeiras nas laterais sinalizam acomodação para os convidados adultos, mostrando o local para sentarem, contemplarem a decoração, conversarem e serem servidos, atribuindo igual relevância entre eles naquele contexto. Essas mesas redondas e cadeiras para convidados, dispostas nas laterais, podem ainda sugerir parentesco entre eles e quantidade de convidados, como mencionamos no primeiro cenário. A mesa menor no centro do salão, portadora do bolo, sugere o espaço de parabenização, posicionamento e movimento de pessoas em volta. As outras mesas retangulares em tamanhos diferentes, por trás da mesa do bolo, sugerem que as guloseimas sejam degustadas mais ao final da festa, já que estão posicionadas ao fundo, bem como as lembrancinhas a serem entregues aos convidados, localizadas em duas estantes nas laterais mais ao final. Essa disposição espacial de móveis pode representar visual e espacialmente uma sequência de regras sociais nos aniversários infantis: convidados entram,

contemplam o cenário temático, se acomodam, são servidos por terceiros, cantam parabéns, degustam doces, e recebem lembrancinhas ao final como gratidão pela presença na festa.

Seguindo para a **saliência** dada a alguns acessórios e objetos simbólicos, ela ocorre em termos de densidade, formato, posicionamento e cores. O revestimento do piso ocorre por tapetes em camadas finas: no corredor de passagem, há um tapete verde, comprido e retangular, sinalizando o caminho até o cenário principal; no centro do salão, há um tapete branco e rosa, menor, em formato circular, e em estilo adesivo, demarcando a temática e identificando a aniversariante pelo nome; ao fundo, há um tapete retangular na cor rosa correspondente a extensão dos móveis; na lateral direita após as mesas dos convidados, há tapetes na cor verde e na cor rosa, também retangulares e em tamanhos correspondentes a extensão dos móveis. O revestimento da parede frontal é pouco espessa, com painel sobreposto no estilo arabesco, um ícone da coroa centralizado, folhagens e balões nas extremidades e no centro; já nas paredes laterais, direita e esquerda, e em parte do teto, há cortinas de tecido fino do piso ao teto, sem folhagens, e fileiras tênues de balões. Ambos os revestimentos, piso e paredes, não comprometem a amplitude do espaço. Outros elementos, como vasos com flores, pinhas decorativas, bandejas, porta-retratos, ícones da coroa, por serem distribuídos sobre mesas, *cachepots* e cubos de chão, sem demasiada altura, não comprometem a amplitude do espaço, favorecida ainda pela ausência de toalhas de mesa. Mesmo o bolo e os arranjos dispostos na mesa ao centro, destacando-se pelo tamanho e altura dos outros elementos das mesas ao fundo, não parecem restringir a percepção visual da dimensão do espaço por conta do espaço livre ao redor deles.

No caso das cores, observem que as cores rosa e branco, somadas à iluminação clara e natural, funcionam como recursos semióticos que mantêm a sensação de expansão do espaço. Mesmo havendo um contraste entre as cores claras do cenário (e das cores da estrutura física) com a cor verde escuro, as cores claras contribuem para esta expansão porque predominam, se repetindo em vários elementos. Não apenas isso, em termos de cores, Kress e van Leeuwen (2002) nos levam a refletir de onde elas vêm, onde estiveram cultural e historicamente, e onde já foram vistas, traçando assim associações. Segundo os autores, a cor rosa relaxa indivíduos, se devidamente aplicada. Na cultura brasileira, há uma tendência de associarmos a cor rosa às meninas e o branco à inocência e à pureza. Assim, no caso em questão, as cores rosa e branco estão funcionando de maneira representacional, interacional e organizacional. No primeiro caso, porque elas distinguem e denotam a temática Princesa como decoração de cenário infantil; no segundo caso, devido à possibilidade de causar relaxamento no usuário, o que pode ocorrer também nos dois cenários anteriores; e no terceiro caso, em decorrência da

coesão criada entre os vários elementos das subdivisões do cenário, mostrando unidade entre suas partes.

Em suma, neste terceiro cenário, a categoria **ligação**, associada às categorias **valor de informação** e **saliência**, mostra que mesmo se tratando de um espaço mais amplo e aberto, se comparado aos dois anteriores, essa junção de elementos decorrentes da decoração temática em aniversários infantis (convencionado culturalmente) altera a percepção de expansão do espaço. Sem a inserção deles, o salão pode ser interpretado como fortemente livre. Com a inserção do cenário temático, essa percepção de forte amplitude do espaço diminui, passando a ser interpretada como moderadamente livre. Isso se deve à relativa quantidade de móveis no espaço, à saliência em termos de densidade, formato, posicionamento e às cores em tapetes, painel de parede e balões, por exemplo.

Reiteramos que se considerarmos os três salões de festa em termos de sua estrutura física, eles estão inseridos na dimensão ampla, livre, já que são fisicamente protegidos de elementos externos, e visualmente abertos para a parte externa, cada um com escolhas diáfnas diferentes, com maior ou menor visibilidade para o exterior. Já com a inserção dos elementos variáveis do cenário temático, a interpretação varia (como é de se esperar), podendo ser minimamente, moderadamente ou fortemente livre, bem como fortemente, moderadamente ou minimamente cercado, como continuaremos discutindo no próximo bloco temático. Nesse primeiro bloco, o primeiro salão foi interpretado como moderadamente livre quando vazio, passando a minimamente livre com a inserção do cenário; o segundo salão foi interpretado como moderadamente livre, mas sem alterações nessa percepção após a inserção do cenário, permanecendo na mesma interpretação; o terceiro salão foi interpretado como fortemente livre quando vazio, passando a ser moderadamente livre após sua inserção. Ademais, tais elementos do ambiente estabelecem identificação do usuário e sensação de pertencimento ao espaço, sendo determinantes para distinguir e personalizar a festa de determinada criança, como duas vias que se contrapõem. Para mostrar essas questões, recorreremos à categoria **vínculo**, a seguir.

5.1.1.3 Categoria vínculo

A categoria **vínculo** refere-se ao elo de identificação e pertencimento oferecido aos usuários no espaço por meio de atributos simbólicos, hibridização e ícones de vínculo (STENGLIN, 2004; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016). Para esses autores, a hibridização refere-se à multifuncionalidade do espaço, sendo ele projetado para atender muitas funções;

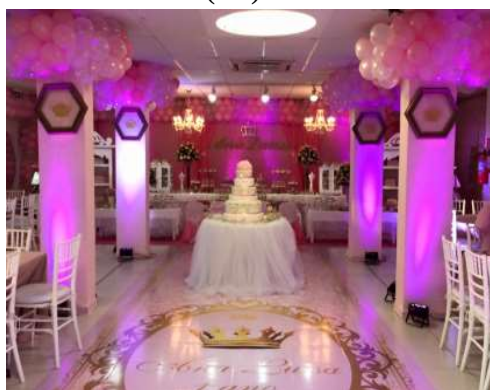
os atributos simbólicos são características de design espacial que sinalizam significados dos mesmos conhecimentos compartilhados pelos usuários, assim como os atributos simbólicos na visão de Kress e Van Leeuwen (2006 [1996]), que referenciam intertextualmente outras pessoas, lugares, valores e ideais; já os ícones de vínculo são os emblemas sociais de pertença, de reunião de pessoas em volta.

Alguns itens mencionados nos elementos variáveis do ambiente na categoria **ligação**, que implicam na percepção visual da dimensão do espaço, funcionam como atributos simbólicos nesta categoria de análise. Por se tratar de cenários para aniversário infantil, baseados em uma temática específica, como é o caso da temática Princesa, supomos que os atributos simbólicos relacionados à temática sobressaíam com relação aos atributos simbólicos do aniversário. No primeiro aspecto, estão os elementos simbólicos que fazem menção às referências intertextuais das narrativas de Realeza (ícones da coroa, espelho vitoriano, lustres, dourado); no segundo, os elementos simbólicos que remetem ao aniversário (bolo, balões, vela). Nesta categoria analítica, a diferença recai na observação de quais e como os elementos de referências intertextuais, caraterísticos de identificação e compartilhamento do mesmo conhecimento dos usuários se realizam na mesma temática em casas de festas diferentes.

Ademais, os cenários da temática Princesa, conforme mostram nossos dados, reforçam estereótipos de menina delicada, educada, confortada, diferentemente dos cenários da temática Circo, como veremos adiante.

A Figura 29 reapresenta os cenários para as discussões não ficarem tão distantes.

Figura 29 – Prints dos três cenários no tema Princesa
(A1) (B1)



Fonte: Instagram do popotamusbuffet¹⁰³.



Fonte: Instagram da tindolelejp¹⁰⁴.

¹⁰³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/--a5H5nMXs/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/-VB2H2JXpb/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

(C1)



Fonte: Facebook da Javé-Yirê¹⁰⁵.

No primeiro cenário, identificado por (A1) na Figura 29, observamos que os atributos simbólicos da temática Princesa predominam com relação aos atributos simbólicos do aniversário, conforme justificamos nos próximos parágrafos.

Com relação à temática Princesa, três elementos simbólicos se destacam pela cor, repetição, posicionamento e/ou tamanho: ícones da coroa, espelho vitoriano e lustres. Os ícones da coroa aparecem na cor dourada e em tamanhos diferentes, se repetindo no piso, no topo do bolo ao centro, nas colunas centrais em quadros emoldurados, e na parede frontal, simbolizando a realeza e expressando uma relação de semelhança com a aniversariante-princesa, já que seu nome aparece duas vezes no cenário – no piso e na parede frontal –, formado por letras douradas e posicionado próximo aos ícones da coroa, conectando essas informações. O espelho vitoriano aparece na cor dourada, no piso, envolvendo o ícone da coroa. Os dois lustres destacam a mesa principal ao final, perpassando um ar de sofisticação e brilho, que é reforçado pela cor dourado ao longo do cenário.

No que tange aos elementos simbólicos que remetem ao aniversário, apontamos o bolo e os balões. O bolo apresenta altura em seis andares, cor branca predominante, mas apresenta bordas douradas, além de laços e arranjo na cor rosa, sua posição, cor e elevação vertical sugerem apreciação detalhada, pureza, imponente comemoração festiva e status econômico, subordinado à temática escolhida. Já os balões simbolizam o aniversário sem relação de dependência com a temática. Eles aparecem na cor rosa (tons variados), no topo das quatro colunas e em três camadas recuadas nas extremidades da parede frontal, o que perpassa menos sobrecarga visual em termos de decoração. Ressaltamos que sua disposição no espaço está

¹⁰⁵Disponível

em:

<https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/a.912497875487559/912498538820826/?type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2020.

mais para decoração do aniversário que para brincadeiras, já que as crianças não têm acesso fácil a eles.

Percebemos, neste primeiro cenário, que os atributos simbólicos relacionados à temática funcionam como um aspecto de identificação e pertencimento dos usuários àquele espaço, reforçado pelo nome da criança em letras douradas, posicionado próximo aos ícones da coroa, identificando-a como a princesa aniversariante. Já a hibridização e os ícones de vínculo acontecem implicitamente. Em termos de hibridização, o espaço escolhido é projetado principalmente para comemorar aniversários infantis com decoração, acomodação de convidados adultos, área própria de brinquedos e brincadeiras, formas de hibridização específicas em festas infantis. Tal categoria também se materializa pelo uso do espaço para outras funções fora desse contexto: distrair crianças durante colônia de férias ou palco de desfile de moda infantil, ampliando seu potencial de identificação do espaço com esse público. Sobre os ícones de vínculo, eles também funcionam como identificação e pertencimento da criança ao contexto de aniversário infantil. Por exemplo, a própria casa de festa e o evento sinalizam comemoração e reunião de pessoas, assim como a canção dos Parabéns cantada em conjunto nos aniversários, o que perpassará nos demais espaços analisados, funcionando como emblemas sociais de pertença para reunir pessoas daquele grupo social no espaço.

No segundo cenário analisado, identificado por (B1) na Figura 29, analogamente, os elementos que se sobressaem são os atributos simbólicos da temática Princesa. A diferença recai na escolha e na ênfase desses atributos simbólicos, entre eles se destaca o padrão arabesco pela repetição e tamanho demasiado. Ele aparece no piso, no painel de parede e nas toalhas de mesa, ocupando parte central de todo o espaço; no piso é acrescentado do nome da aniversariante, e esse padrão arabesco se repete em porta-retratos com a imagem da aniversariante sobre as mesas, mostrando conexão entre ela e o estilo da decoração. Os demais elementos – espelhos venezianos, lustre, vasos gregos e pinhas douradas – complementam a decoração de bailes de princesas. Observem que os ícones da coroa não se destacam como no cenário anterior, pois só aparecem no topo do bolo e em miniaturas sobre as mesas.

Sobre os atributos simbólicos do aniversário, já arraigados culturalmente, o bolo de quatro andares, e com o ícone da coroa no topo, recebe um foco relativo por ser posicionado no centro de uma das três mesas, mas não aparece em primeiro plano, sugerindo sua relação com a temática. Os balões aparecem como revestimento das paredes laterais, na cor branca semelhante às paredes e em camadas relativamente finas, o que não os tornam salientes

visualmente. Além disso, sua disposição no espaço está mais para decoração que para brincadeiras de crianças com eles.

Assim, neste segundo cenário analisado, os atributos simbólicos relacionados à temática são predominantes em detrimento dos atributos do aniversário, sendo um elo de identificação e pertencimento dos usuários àquele espaço, reforçado pelo nome e imagem da aniversariante no cenário, sinalizando quem é a princesa aniversariante. A hibridização do espaço só acontece voltada para esse contexto festivo, sendo percebida pelos espaços adjacentes reservados às mesas e cadeiras de convidados, que sugerem local de conversas e alimentação (típicos dos aniversários infantis no Brasil), e pelo espaço de brinquedos e jogos, que designa possibilidades de brincadeiras e entretenimento para crianças. Tais espaços não aparecem na imagem por não serem o foco da pesquisa. Já os ícones de vínculo também funcionam como identificação e pertencimento da criança ao contexto de aniversário infantil que, nesta pesquisa, são a própria casa de festa para comemoração do aniversário, sugerindo reunião de pessoas no recinto e canção dos Parabéns em conjunto, emblemas sociais de pertencimento aquele grupo social reunido no local.

Passando para o terceiro cenário desta temática Princesa, apresentado como (C1) na Figura 29, parece haver um equilíbrio entre atributos simbólicos relacionados à temática e aos do aniversário. Os argumentos em favor desse ponto de vista recaem em quatro aspectos. Primeiro, embora o ícone da coroa e o padrão arabesco apareçam, respectivamente, em posição de destaque na parede frontal e no piso centralizado, eles não se repetem de maneira saliente em outras partes do espaço, além disso, a coroa não possui brilho. Segundo, o bolo possui quatro andares e traz o ícone da coroa no topo, mostrando sua relação com a temática, mas como é posicionado sobre uma mesa no centro, e é nas cores branco e rosa, ele aparece como uma informação central e simbólica do aniversário nesse discurso espacial, seguido dos balões nas partes frontal e lateral. Terceiro, as cores branco e rosa predominam em relação ao dourado (o dourado é representado pela cor caramelo), contrastando com o verde das folhagens e do tapete, simulando possivelmente uma comemoração ao ar livre, ao invés de um baile fechado com o brilho dos lustres. Quarto, o display com a imagem da aniversariante vestida de princesa próxima ao bolo, somado ao seu nome no piso e na mesa principal, sugerem um equilíbrio entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário.

Assim, neste terceiro cenário, visualizamos um equilíbrio entre os atributos simbólicos relacionados à temática e os relacionados aos do aniversário, sendo eles os elementos de identificação da aniversariante e pertencimento dos usuários àquele espaço. As outras duas formas de realização dessa categoria também acontecem. Por exemplo, a hibridização nesse

contexto festivo é deduzida pelos espaços reservados às mesas e cadeiras de convidados, que sugerem local de conversas e alimentação (característicos dos aniversários infantis brasileiros), e pelo espaço de recreação que sinaliza possibilidades de brincadeiras e entretenimento para crianças. Sobre a hibridização do espaço em outros contextos, lembramos que este salão de festas também funciona como espaço para colônia de férias, aniversários de quinze anos, formaturas, e casamentos. No que tange aos ícones de vínculo, reiteramos a própria casa de festa para comemoração do aniversário como local de reunião de pessoas, somado à canção dos Parabéns, signos que expressam pertencimento daquele grupo social reunido.

Percebemos que os atributos simbólicos da temática Princesa são os elementos semióticos predominantes nos dois primeiros cenários, cada um destacando atributos simbólicos diferentes, enquanto no terceiro ocorre uma relativa harmonia entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário. Isso indica que mesmo os atributos simbólicos relacionados à temática podendo ser aqueles que supostamente se sobressaem quando se trata de festas de aniversários infantis, cada contexto festivo atribui valores diferentes aos elementos semióticos que representam a temática, e podem ainda promover uma harmonia entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário para promover identificação e pertencimento da aniversariante e demais crianças com o espaço escolhido para comemoração. Por outro lado, acreditamos que apenas os elementos simbólicos tradicionais do aniversário, nas cores preferidas da aniversariante, acrescidos pelo seu nome ou imagem, já possibilitariam identificação e pertencimento dela e outras crianças ao espaço escolhido para comemoração.

Entretanto, nesse contexto temático para aniversários infantis brasileiros, os atributos simbólicos salientes no cenário funcionam como elementos intertextuais das Princesas da Realeza em seu momento de baile, de aparição à sociedade, independente de aparecerem com mais ou menos brilho, mais ou menos mobiliário, mais ou menos espaço para circulação das pessoas. O fato é que esses atributos simbólicos salientes contribuem para comunicar como uma princesa é apresentada à sociedade no seu primeiro aniversário, para pertencimento ao grupo social e personalização do ambiente. Este é sugestivo de contemplação pelo usuário adulto, já que a criança geralmente não se detém aos detalhes da decoração no momento da festa, correndo para o espaço de brinquedos e jogos, como relatado pelas proprietárias, que não apresenta a decoração temática da festa.

Podemos associar esses elementos semióticos dessa categoria aos atributos simbólicos descritos pela GDV (KRESS; VAN LEEUVEN, 2006 [1996]), caracterizando o cenário

temático da Princesa como sendo o portador, e os elementos relacionados à temática como sendo os atributos simbólicos; ou o aniversário como portador e os elementos relacionados ao aniversário (independente da temática Princesa) como atributos simbólicos. Possivelmente, o fato de portador e atributos simbólicos estarem inseridos como participantes na metafunção representacional de estrutura conceitual, que representa um estado de coisas, descrições e classificações, organizado em termos do que significam ou são, ratifica que os cenários temáticos estão para contemplação visual.

Dessa forma, por mais que os elementos variáveis do ambiente relacionados ao cenário temático alterem a percepção visual de um espaço quanto a parecer cercado ou livre, é a inserção do cenário que estabelece identificação com os usuários enquanto forma de narrativa de si mesmo (comemoração do aniversário) e da narrativa do outro (narrativa da Princesa), personalizando o ambiente, comunicando significados por meio de escolhas semióticas referentes a essas narrativas. Em contrapartida, essa inserção do cenário temático não garante interação entre espaço e usuários-crianças; já a disposição espacial dos cenários e suas subdivisões demarcam ações de dar e receber presentes, de cantar parabéns em volta da mesa central. A interação parecer ocorrer principalmente pela situação do aniversário e pelo espaço dos brinquedos no qual não tem decoração na temática escolhida para o aniversário.

A seguir, discuto os três cenários da temática Branca de Neve.

5.1.2 Cenários da temática Branca de Neve

O tema da Branca de Neve é inspirado nos contos de fadas mais populares das releituras Disney, sendo um tema clássico específico para meninas. Nessa temática, os elementos em destaque variam entre maçãs, anões, bruxa, laços, espelhos, passarinhos, muro inglês com folhagens que remetem à floresta onde passa toda a história dessa princesa. Podem incluir além dos passarinhos, animais como cervo e esquilo. É possível encontrar frases famosas do conto distribuídas nos cenários. Estes podem mostrar a princesa posicionada em meio à floresta, em frente à casa onde vive com os sete anões, em frente ao castelo ou comendo uma maçã. As cores características são azul, vermelho e amarelo, mas o verde das florestas e o dourado também são usados. Além da Branca de Neve, outros personagens podem ser enfatizados no cenário por meio de bonecos espalhados e personalizados, como os sete anões, a bruxa e o príncipe, diferenciando cada um com traços de sua personalidade.

Vimos, no capítulo de metodologia, que a temática Branca de Neve apareceu em 2º lugar com 85 recorrências na listagem geral, sendo o 1º lugar somente na casa de festas *Tindolelê* com 38 recorrências ao longo do período de dados coletados (2009-2019). Nas demais casas, ela aparece entre as outras temáticas, mas não entre as três temáticas mais recorrentes, conforme o Quadro 5 do capítulo anterior. Por exemplo, na *Popótamus*, houve 40 ocorrências ao longo do período coletado, já na *Javé-Yirê*, houve 7. A maior recorrência de cenários dessa temática aconteceu em anos diferentes nas três casas, diferentemente da temática Princesa. Na *Popótamus*, houve 12 ocorrências em 2016; na *Tindolelê*, 11 ocorrências em 2017; na *Javé-Yirê*, houve 4 ocorrências, sendo 2 em 2014 e 2 em 2013. São esses os períodos considerados para recorte e análise dos cenários desta temática, os quais podem ser visualizados nos Anexos G, H, e I.

5.1.2.1 Contexto de situação e de cultura

Inicialmente, precisamos discorrer sobre os contextos de situação e de cultura vinculados aos significados textuais dos três próximos cenários, na Figura 30, como postulado por Halliday (1978), por exercerem influências sobre esses significados.

Figura 30 – Prints dos três cenários no tema Branca de Neve
(D) (E)



Fonte: Instagram da popotamusbuffet¹⁰⁶.



Fonte: Instagram da tindolelejp¹⁰⁷.

¹⁰⁶Disponível em: <https://instagram.com/p/BH6HJVvg3P0/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

¹⁰⁷Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbtsZBRFfz8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

(F)



Fonte: Facebook da Javé-Yirê ¹⁰⁸.

O quarto cenário, identificado por (D) na Figura 30, envolve um contexto de situação referente à decoração do primeiro aniversário de uma menina comemorado com a temática Branca de Neve no salão de festas da casa *Popótamus*, sendo uma fotografia postada na sua rede social *Instagram* em 18 de julho de 2016. Ele é um dos 12 cenários mostrados para a temática Branca de Neve nessa casa de festas em 2016 (Anexo G). Sua escolha se deve ao ângulo de captura da imagem, que mostra uma visão geral do salão, possibilitando visualizar o espaço reservado ao cenário de convidados, cenário do bolo e cenário principal, dispostos no mesmo piso, bem como à sua semelhança com a maioria dos cenários montados para a temática nesse período no que diz respeito aos tons vermelho, amarelo, azul e verde, correspondendo à maçã, à vestimenta da Branca de Neve e à floresta, respectivamente.

O quinto cenário, identificado por (E) na Figura 30, inclui-se no contexto de situação de decoração para festa do 5º aniversário de uma menina, apresentando o cenário principal com a temática Branca de Neve em festa realizada na casa de festa *Tindolelê*, com fotografia postada em 20 de novembro de 2017 na sua rede social *Instagram*. Ele está entre os 11 cenários da temática na referida casa, postados em 2017 (Anexo H). Sua escolha se justifica devido à visualização do espaço destinado ao cenário principal, comumente postado nas imagens desta casa de festas, e pelas semelhanças com alguns cenários do período em termos de cores, vermelha e amarela.

¹⁰⁸Disponível

em:

https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/ms.c.eJw9ktkNxEAMQjta~_T76b2wlE~_bzCQdjJilRZu62oT3xS3CUdaoWecH6cejNN~;WQLZkIJztYyIl5I9fp3o~;PX7g~;5eaLeho4ychbbx5~_9ubn9Fzy5Zdl~;vLj4XwFmPdUgelfe~;5Kbj296d8Gnf4dx~;J05BPu6wZzXw~_Y901cfmefg~;6c~;Q3yvftnwNRXwOx~;kff1sZfXXx~_bxzPkATPP7u3XT3fBe2iSkVedfPd6NxnvwT5cBTm1S6f01~;xvwwf3O5~;qy1yg~_XxfW~;0M~_TP~;ANu5JR4.bps.a.504622279608456/504622596275091/?type=3&theater. Acesso em: 27 fev. 2020.

O sexto cenário, visualizado como (F) na Figura 30, está inserido no contexto de situação referente à decoração montada para festa do 1º aniversário de uma menina com essa temática, mostrando o salão principal da casa de festa *Javé-Yirê*, sendo a fotografia postada dia 12 de julho de 2013 no *Facebook*. Ele está entre os 4 cenários da temática na referida casa, postados em 2014 e 2013 (Anexo I). Tal escolha dentre os cenários do período decorre tanto do ângulo de captura da imagem – que possibilita visualizar boa parte do salão, mostrando parte do cenário de mesas dos convidados, mesa do bolo, e o cenário principal com mesas para guloseimas ao fundo – quanto de suas semelhanças com os demais cenários desta casa nesses anos de maior ocorrência de cenários da temática Branca de Neve. Essas semelhanças dizem respeito às cores (vermelho, azul, amarelo e verde), aos ícones da maçã e da Branca de Neve. É notório que este cenário apresenta menos informação visual em termos de decoração e quantidade de itens simbólicos tão característicos dos dois cenários anteriores para essa temática, o que sugere menor gasto financeiro. Isso se deve, possivelmente, ao menor valor monetário da festa e à localização em bairro com moradias de menor custo, se comparadas ao bairro Manaíra, por exemplo, com prédios altos e luxuosos.

Cada contexto de situação é inferido tanto pela visualização de imagens simbólicas de aniversário infantil festivo (bolo, balões, vela) quanto da temática Branca de Neve (ícones da personagem principal da animação de *Walt Disney*, da maçã, da floresta, dos sete anões), convencionadas culturalmente, assim como pelo reconhecimento do espaço interno como pertencente a cada casa de festa, e pelas informações verbais sobre o evento. Como já informado, o contexto de cultura dialoga com a dimensão da prática social, discutida ao final, após os blocos temáticos.

Prosseguimos para um olhar analítico dos textos espaciais. Nesse olhar analítico pela dimensão textual, lembramos que nos voltamos para as categorias da ADEsp: **ligação**, e seu entrecruzamento com **valor de informação** e **saliência**, e em seguida para a categoria **vínculo**. Vejamos essas categorias na sequência.

5.1.2.2 Categorias ligação, valor de informação e saliência

iv) Cenário da temática Branca de Neve - Casa de festa *Popótamus*

A Figura 31 mostra o quarto cenário, montado no mesmo espaço do primeiro analisado, quase no mesmo ângulo, exceto por ser captado mais atrás das quatro colunas centrais, destacando o corredor, e mostrando uma das janelas circulares de forma completa.

Figura 31 – *Print* do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Branca de Neve



Fonte: *Instagram* da popotamusbuffet¹⁰⁹.

Quando analisamos este espaço no cenário referente à temática Princesa, o classificamos como moderadamente livre sem a inserção dos elementos do cenário, passando a minimamente livre com sua inserção, conforme as justificativas discorridas. Já neste caso, com a inserção do cenário Branca de Neve, interpretamos o espaço como moderadamente cercado, mudando da dimensão livre para a dimensão cercada, conforme argumentamos nos parágrafos seguintes.

Rememoramos que um espaço cercado é aquele que estabelece segurança por ser fisicamente protegido de elementos externos e visualmente selado do exterior, enquanto um espaço livre estabelece segurança por ser também fisicamente protegido desses elementos, mas visualmente aberto ao exterior (STENGLIN, 2004), ou seja, a segurança é estabelecida por escolhas das dimensões cercada e livre. Porém, na visão de Stenglin (2004), também é preciso considerar três aspectos, já elencados no capítulo teórico: o quanto um espaço é aberto ou fechado para o ambiente externo, o que inclui tanto a paisagem quanto os elementos naturais; a firmeza com que a parede real, os planos superiores e os planos de base envolvem um determinado espaço; e como os espaços internos estão conectados, ou separados, dos espaços que lhes são adjacentes. Nesse sentido, acreditamos que quando essa liberdade visual para o exterior não é tão evidente, dependendo da aproximação do usuário para tal, como ocorre neste salão (já que as janelas de vidro não estão no nível do olhar), e quando os

¹⁰⁹ Disponível em: <https://instagram.com/p/BH6HJVvg3P0/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

elementos dos cenários são em relativa quantidade e saliência, podendo interferir na circulação dos usuários, tal espaço considerado na dimensão livre pode ser interpretado na dimensão cercada.

Como argumento inicial dessa interpretação, pontuamos a disposição espacial de móveis apresentando um **valor de informação** no formato laterais-centro-fundo, semelhante ao primeiro cenário, diferindo quanto à organização de cadeiras mais próximas ao corredor, causando a impressão de um espaço mais fechado, mesmo com ângulo de captura da imagem recuado atrás das colunas, que mostra visão mais ampla do espaço. Embora tal ângulo provoque a impressão de disposição dos móveis no formato laterais-fundo, como se a mesa do bolo estivesse ao fundo, eles são dispostos no formato laterais-centro-fundo. Nas laterais, existem fileiras de mesas e cadeiras que adentram um pouco no corredor antes e após as colunas, ultrapassando-as, diferente do primeiro cenário analisado; no centro, no meio das quatro colunas no corredor de passagem, existe uma mesa redonda; ao fundo, mesas retangulares em diferentes tamanhos, informando respectivamente o espaço reservado ao cenário de convidados, cenário do bolo e cenário principal, que são dispostos no mesmo piso – sem barreiras físicas visuais –, independente dos acessórios que os acompanham.

Essa disposição espacial de móveis pode inibir a circulação de pessoas pelo salão, suscitando um cenário montado mais para contemplação visual. Ao mesmo tempo, ocorre permeabilidade em termos de visão, som, e movimento dos usuários entre as partes do cenário caso eles desejem, aliviando a percepção visual moderada de cerco ou intensificando tal percepção, dependendo de suas experiências individuais. Ademais, a disposição espacial de móveis pode sugerir comportamentos por parte dos usuários, potencializada pelos acessórios e objetos simbólicos que acompanham os móveis. As mesas e cadeiras laterais para convidados adultos, com toalhas, pratos e guardanapos sobre elas, caracterizam o cenário deles, sugestionam o espaço destinado à acomodação, e atribuem igual importância entre eles no evento. A mesa portadora do bolo, no centro do corredor, é cercada de objetos simbólicos da temática Branca de Neve em volta dela e no piso, caracterizando o cenário do bolo separado das demais mesas. Ela sugere o espaço de parabenização, induzindo o posicionamento e o movimento de pessoas ao redor, sinalizando a posição da aniversariante ali como núcleo do evento. As mesas retangulares em tamanhos diferentes, ao fundo, servem para exposição de guloseimas, de objetos decorativos e personalizados em miniatura a serem apreciados pelos convidados; enquanto as estantes, nas laterais finais, armazenam lembrancinhas para serem entregues às crianças ao final da festa como gratidão pela presença. Isso sugere uma sequência de ações prescritivas no espaço, representando regras sociais de uma festa de

aniversário, valorizadas por adultos, que projetam tais ações para as crianças. Embora as imagens deste estudo se concentrem nos espaços com os cenários principais, por terem sido recorrentes, já ilustramos modelos dos demais cenários, no Capítulo 2.

Como segundo argumento dessa interpretação de um espaço moderadamente cercado, observamos a **saliência** atribuída a alguns acessórios e objetos simbólicos da decoração, realçados por meio do tamanho, formato, densidade e cores. O tapete comprido e retangular é coberto de folhagens, balões, e miniaturas dos sete anões (em volta da mesa do bolo), o que parece aumentar sua densidade e dificultar a circulação de pessoas no corredor, além de diminuir a visibilidade do cenário principal por trás. O revestimento das quatro colunas centrais, com tecidos e cachos de balões volumosos ao redor delas, formando árvores, também contribui para a percepção visual de um espaço cercado. De maneira análoga, as toalhas de mesa em tecido opaco e comprido, acrescidas de miniaturas da Branca de Neve, corações infláveis, guardanapos, pratos, talheres, e vasilhas com flores, acentuam essa percepção.

Seguimos para as cores como elementos também salientes no referido cenário temático. Elas parecem se destacar como recursos semióticos sinalizadores de representações de mundo e de coesão e coerência entre elementos do texto, conforme o pensamento de Kress e van Leeuwen (2002). Como sinalizamos, as cores variadas estão relacionadas à temática Branca de Neve, sendo as cores primárias, amarelo, azul, e vermelho, associadas à vestimenta da personagem principal da narrativa de *Walt Disney*, Branca de Neve; essas cores, somadas às cores verde e marrom, estabelecem coesão entre os elementos variáveis de cada subdivisão do cenário.

A cor amarela aparece na saia da Branca de Neve, em algumas roupas dos sete anões, nos guardanapos, e no bolo. A cor azul aparece na blusa da Branca de Neve e nas toalhas de mesa. A cor vermelha aparece nos acessórios de vestimenta da Branca de Neve, nos balões, nos pratos, nas argolas dos guardanapos, nos corações infláveis, e no bolo. A cor verde aparece no tapete estendido ao longo do corredor, nas folhagens, nos balões, e no painel de parede. Essa cor somada à cor marrom, no revestimento das colunas, representa a floresta tão comum na narrativa infantil. Podemos relacionar essas cores alegres do figurino da Branca de Neve e no ambiente ao redor – amarelo, azul, e vermelho – à alegria da comemoração ao estar em uma festa. Já as cores verde e marrom, combinadas no formato de árvore e grama no corredor, podem potencializar sensações de estar na floresta, cenário da narrativa clássica. São cores que representam essa narrativa infantil como temática de decoração, mas também se

estendem ao motivo da comemoração, o aniversário infantil, criando conexão harmônica entre os elementos, e influenciando na percepção visual de cerco por serem cores fortes.

É importante registrar que mesmo havendo cores variadas em cada subdivisão, tal contraste de cores não é um recurso semiótico de separação, mas de conexão entre elementos da temática porque o contraste se repete nas subdivisões, corroborando a ideia de van Leeuwen (2002) de que as cores não são um modo semiótico relativamente independente por elas mesmas.

Em síntese, neste cenário, ao analisarmos a categoria **ligação** somada às categorias **valor de informação** e **saliência**, o espaço passa a ser interpretado como moderadamente cercado após inserção do cenário da Branca de Neve. Esta interpretação, mudando da dimensão livre para cercada, se justifica porque embora o espaço seja categorizado estruturalmente na dimensão livre, a visualização para o exterior ocorre somente ao se aproximar das janelas. Além disso, a relativa quantidade de móveis dispostos no salão, a saliência de acessórios e objetos simbólicos, por meio do tamanho, formato, densidade, e, as cores escuras, funcionam como recursos semióticos para percepção visual de um espaço razoavelmente cercado, podendo interferir na liberdade de circulação de usuários devido à abundância de informações dispostas no salão e causar-lhes uma possível claustrofobia mesmo com relativo espaço vazio entre as partes do cenário. Devemos lembrar que se trata de uma prática social no contexto infantil, que deveria estimular a movimentação de crianças e não restringi-la.

Na sequência, vejamos o quinto cenário.

v) Cenário da temática Branca de Neve - Casa de festa *Tindolelê*

O quinto cenário é este mostrado na Figura 32, a seguir. Trata-se de um cenário montado no mesmo espaço do segundo cenário da temática Princesa, com imagem captada no mesmo ângulo.

Figura 32 – *Print do cenário principal em festa de 5 anos – Tema Branca de Neve*



Fonte: *Instagram da tindolelejp*¹¹⁰.

Por se tratar do mesmo espaço, interpretado sem a inserção do cenário temático como minimamente livre no nível central de segurança, é desnecessário discorremos sobre a dimensão entre os elementos da estrutura física do espaço e suas escolhas de permeabilidade e do ambiente. A diferença recai nas modificações sofridas no espaço, provenientes da inserção dos elementos do cenário, que implicam na percepção visual da dimensão espacial, levando-nos a interpretá-lo, neste caso, como fortemente cercado após sua inserção.

Quando mostramos este espaço no cenário referente à temática Princesa, o classificamos no nível de segurança como moderadamente livre, e mesmo com a inserção do cenário não houve alterações significativas, já que o espaço é reservado para fins de decoração temática. Isso se justificou devido à estrutura física, à decoração temática com tons claros e à quantidade reduzida de mobiliário que não impactou na percepção visual da dimensão espacial. O oposto parece ocorrer com a inserção deste cenário da temática Branca de Neve, apresentando alguns aspectos que contribuem para que ele pareça fortemente cercado: a disposição agrupada de móveis; a quantidade maior deles com relação ao cenário anterior montado na mesma casa; a saliência de acessórios, de objetos simbólicos e a predominância da cor vermelha, discutidos adiante. Esses aspectos contribuem para essa percepção, mesmo com ângulo de captura da imagem sendo semelhante ao cenário anterior, cujo ângulo é identificado pelo ar condicionado no teto, que não aparece por completo.

¹¹⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbtsZBRFfz8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

Assim como nos cenários anteriores, a disposição de móveis e suas especificidades apresentam um **valor de informação** visual que comunica uma referida parte do cenário. Vejam que os móveis estão agrupados no leiaute laterais-centro-fundo. Nas laterais, há duas jardineiras seguidas de dois criados-mudos e duas mesas circulares; no centro, há duas cadeiras de braço; ao fundo, há uma mesa retangular comprida, portadora do bolo. Tal leiaute espacial indica visualmente que se trata do cenário principal, mesmo sem os acessórios que os acompanham, caso o usuário seja familiarizado com esse contexto festivo, e causa a percepção visual de um espaço cercado. Por outro lado, o espaço vazio facilita a aproximação e visualização do cenário principal por parte dos usuários, podendo promover interação entre eles durante uma conversa e aliviar essa percepção.

No que tange à disposição do mobiliário como sugestiva de comportamento dos usuários, vimos que o objetivo principal do cenário temático é decorar o ambiente, que deve ser apreciado pelos usuários. No caso em questão, o cenário principal enfatiza a decoração do ambiente, o momento da parabenização e da degustação do bolo e guloseimas como regras sociais. Estas são inferidas pela mesa principal com o bolo e as guloseimas que sugere reunião de pessoas acomodadas à frente para cantar parabéns. Por mais que as cadeiras de braço sinalizem acomodação de duas pessoas para fazer um lanche, ao lado das mesas com bolo e doces, geralmente não é essa ação esperada nos aniversários, porque as cadeiras estão para decorar, remetendo ao ambiente doméstico.

Outro aspecto que contribui para o espaço parecer fortemente cercado é a **saliência** de alguns acessórios e elementos simbólicos do cenário por meio do tamanho, densidade, formato e cores. Observem os tapetes, os balões, o papel de parede, as toalhas de mesa e demais itens sobre ela (vasos com flores, guloseimas, bolo, ícones da Branca de Neve e da maçã), como eles parecem reduzir a extensão do espaço. O tapete comprido, em veludo, sinaliza a passagem para o cenário principal enquanto o tapete de vidro delimita-o. Os balões em camadas alongadas do teto ao piso, em formato de losango, parecem aumentar a densidade das paredes. O papel de parede, em formato de moldura, destaca a Branca de Neve, atraindo nosso olhar para ela. As toalhas de mesa em tecido opaco vedam quaisquer possibilidades de visualização do que está embaixo das mesas e por trás delas.

Por último, observem a saliência da cor vermelha, predominante nos objetos do cenário, embora as cores amarelo e branco apareçam. A intensidade e a repetição da cor vermelha podem causar a percepção visual de um espaço fechado, mesmo havendo um espaço vazio, aberto, e bem iluminado para visualização do cenário. Ademais, a escolha de cores deste cenário difere dos outros dois da temática Branca de Neve e dos demais cenários

montados no mesmo período; neste caso, o foco está no vermelho. Isso demonstra como elementos variáveis na decoração e a disposição organizacional de um cenário contribuem para variações na percepção de segurança em um mesmo espaço.

Finalizando a categoria **ligação**, somada às categorias **valor de informação** e **saliência**, este espaço é interpretado como fortemente cercado após inserção do cenário na temática Branca de Neve. Nesse caso, mais uma vez, registramos que mesmo um espaço sendo categorizado na sua estrutura física na dimensão livre – em decorrência da possibilidade de visualização para o exterior –, quando tal visualização é mínima e depende da aproximação do usuário para tal, como é o caso deste salão, os elementos variáveis do cenário podem contribuir significativamente para o espaço parecer menor. A nosso ver, a quantidade relativa de mobiliário, sua disposição espacial no formato laterais-centro-fundo, a saliência em termos de tamanho, formato, densidade, e cor vermelha nos tapetes, balões, painel de parede, e toalhas de mesa são recursos semióticos que tornam o espaço com percepção visual de fortemente cercado, embora ocorra uma relativa liberdade visual e de movimento pela frente do cenário devido ao espaço vazio. Essa percepção visual de um espaço fortemente cercado pode causar claustrofobia em alguns usuários não acostumados com espaços dessa forma, implicando na sensação de segurança.

Seguimos para o último cenário da temática Branca de Neve na Figura 33.

vi) Cenário da temática Branca de Neve - Casa de festa *Javé-Yirê*

O sexto cenário, mostrado na Figura 33 a seguir, referente à temática Branca de Neve, está disposto no mesmo espaço do terceiro cenário da temática Princesa, interpretado como fortemente livre na escala central de segurança, sem a inserção do cenário temático. Por esse motivo, trataremos diretamente dos elementos variáveis constituintes do cenário temático em questão, como a disposição espacial dos móveis e o destaque dado aos acessórios, aos objetos simbólicos e às cores que interferem nessa percepção visual de dimensão espacial. Neste caso, como não observamos fortes restrições no espaço, ele passa a ser interpretado também como moderadamente livre, conforme explicamos.

Figura 33 – *Print do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Branca de Neve*



Fonte: Facebook da Javé-Yirê¹¹¹.

Primeiramente, podemos observar que além do ângulo de captura da imagem (que é o mesmo de entrada no salão), o **valor de informação** percebido na disposição de móveis – formato de laterais-fundo, com relativo espaço vazio entre as partes – é análogo ao cenário da temática Princesa no mesmo salão. Nas laterais de entrada, há fileiras de mesas e cadeiras agrupadas, porém com espaço entre as mesas; na lateral direita, há a mesa do bolo; no centro, no corredor de passagem, há um espaço vazio; ao fundo, existem mesas em diferentes tamanhos. Esse leiaute espacial de móveis no salão informa visualmente o local destinado ao cenário de convidados, cenário do bolo e cenário principal, respectivamente, independente dos acessórios que os acompanham.

Acreditamos que esse leiaute organizacional não altere significativamente a percepção visual de amplitude do salão. Provavelmente, isso se justifique devido ao espaço vazio entre as partes que estão no mesmo piso, sem barreiras físicas, favorecendo a permeabilidade quanto à visão, som, e movimento de usuários. Estes usuários tanto podem contemplar cada subdivisão do cenário mais de perto, como conversar e transitar no espaço, interagindo entre eles, principalmente as crianças que estão em pleno desenvolvimento de suas relações sociais.

¹¹¹Disponível

em:

https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/ms.c.eJw9ktkNxEAMQjta~_T76b2wlE~_bzCQdjJilRZu62oT3xS3CUdaoWecH6cejNN~;WQLZkIJztYyIl5I9fp3o~;PX7g~;5eaLeho4ychbbx5~_9ubn9Fzy5Zdl~;vLj4XwFmPdUgelfe~;5Kbj296d8Gnf4dx~;J05BPu6wZzXw~_Y901cfmefg~;6c~;Q3yvftnwNRXwOx~;kff1sZfXXx~_bxzPkATPP7u3XT3fBe2iSkVedfPd6NxnvwT5cBTm1S6f01~;xvwwf3O5~;qy1yg~_XxfW~;0M~_TP~;ANu5JR4.bps.a.504622279608456/504622596275091/?type=3&theater. Acesso em: 27 fev. 2020.

Conforme temos discutido, a disposição espacial dos móveis também sugestiona comportamentos por partes dos usuários no espaço. As fileiras de mesas e cadeiras dos convidados direcionam o espaço no qual eles devem se acomodar, permanecendo sentados, sugerindo semelhante papel entre eles. Já a mesa do bolo, posicionada na lateral direita, continua separada das demais mesas, enunciando o espaço de parabenização, movendo provavelmente a atenção para a aniversariante que se posicionará ali como atração principal durante esse momento. As mesas ao fundo portam guloseimas, objetos decorativos e simbólicos, demandando admiração sobre elas, e sugerindo sua degustação ao final da festa. Já as estantes no estilo escada, no lado esquerdo mais ao centro, acomodam as lembrancinhas a serem entregues às crianças. Dessa vez, elas não estão posicionadas por último, mas convencionalmente elas são entregues ao final da festa, ou depois da parabenização, talvez por isso a disposição seja assim. Essa disposição espacial de móveis e subdivisões do cenário sinalizam as regras sociais de aniversários infantis brasileiros, com ações sequenciais e prescritivas que demonstram uma valorização do comportamento nesse contexto enquanto projetos de vida dos adultos para as crianças.

Passamos para a **saliência** de alguns acessórios e elementos simbólicos em termos de tamanho, formato, densidade, posicionamento e cores. O tapete comprido e retangular serve de passagem para o cenário principal, sem nenhum móvel sobre ele que dificulte o trânsito. As cortinas da parede frontal, lateral direita, e lateral esquerda são em camadas finas e transparentes, possibilitando a visualização para o espaço dos brinquedos do lado esquerdo. Os balões são distribuídos em camadas finas, alinhadas verticalmente. As folhagens no lado direito, recuadas na parede, não ocupam muito espaço. E embora o bolo seja alto, estando sobre a mesa separada e acompanhada dessas folhagens, ele é posicionado nessa lateral direita. Tais elementos não parecem interferir na extensão do espaço.

Destacamos as cores como últimos elementos variáveis e salientes no cenário. Vimos que Kress e van Leeuwen (2002) compreendem as cores como recursos semióticos potenciais de significados. Assim como nos dois discursos espaciais anteriores, as cores estão associadas à temática Branca de Neve e à coesão entre elementos de decoração, embora cada cenário tenha explorado cores diferentes da temática. No caso deste cenário, parece haver um equilíbrio entre as cores amarelo, azul, e vermelho, remetendo-nos à personagem principal da narrativa Branca de Neve de *Walt Disney*, somando-se às cores branca e verde como representativas da floresta e da neve. Neste caso, o branco predomina em relação às demais cores – no revestimento das mesas e cadeiras para convidados, nos porta-retratos, nos móveis

do cenário principal – juntando-se às cores claras da estrutura, contribuindo para relativa expansão do espaço.

Resumindo, neste cenário da temática Branca de Neve, a categoria **ligação** associada às categorias **valor de informação** e à **saliência** leva-nos a interpretar o espaço da mesma maneira que ocorreu com o cenário da temática Princesa, como moderadamente livre. Tal interpretação decorre dos recursos semióticos relativos à disposição dos móveis no formato laterais-fundo, à permeabilidade entre as partes do cenário ocasionada pelo espaço vazio – que facilita a circulação de usuários no espaço –, à saliência de acessórios e de objetos simbólicos, e à distribuição de cores da temática de maneira equilibrada.

Assim, nesse bloco da temática Branca de Neve, o primeiro salão, que é interpretado como moderadamente livre quando vazio, passa a ser interpretado como moderadamente cercado com a inserção do cenário na temática Branca de Neve, mudando da dimensão livre para a dimensão cercada. O segundo salão, já interpretado como moderadamente livre quando está vazio, desta vez é interpretado como fortemente cercado após inserção do cenário temático, sendo o contrário do que ocorreu com o cenário na temática Princesa, cujos elementos variáveis não pareceram provocar alterações na percepção da dimensão espacial. Este terceiro salão, que é interpretado como fortemente livre quando vazio, passa a ser visto como moderadamente livre após sua inserção, a mesma interpretação ocorrida com o cenário da temática Princesa nesse salão.

Levando em conta que a inserção dos cenários temáticos pode aumentar ou diminuir a sensação de cerco ou de amplitude de um espaço, mas ao mesmo tempo é por meio dos cenários temáticos que o espaço promove identificação e pertencimento com o público infantil, recorreremos novamente à categoria **vínculo** para compreender esses aspectos.

5.1.2.3 *Categoria vínculo*

Sabendo-se que esta categoria trata dos aspectos relacionados aos elos de identificação e pertencimento oferecidos aos usuários no espaço a partir de atributos simbólicos, hibridização e ícones de vínculo (STENGLIN, 2004; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016), como relembramos no bloco anterior, itens já mencionados como elementos variáveis do cenário funcionam nesta categoria analítica como atributos simbólicos referentes tanto à temática Branca de Neve quanto ao aniversário. Aqueles provavelmente predominam visualmente sobre estes porque a temática perpassa toda a decoração do espaço, formando um cenário que adapta os atributos simbólicos do aniversário à temática como se eles fossem

insuficientes para estabelecer referências intertextuais, identificação e compartilhamento de conhecimento dos usuários com o espaço.

Embora essa questão de intertextualidade referente à temática Branca de Neve seja discutida na seção seguinte, todos os cenários dessa temática também são baseados em uma princesa, esta referente à personagem principal da animação na versão de Walt Disney, reforçando estereótipos de beleza, ternura e delicadeza, semelhantes aos cenários da temática Princesa.

A seguir, reapresentamos os três cenários da temática Branca de Neve na Figura 34.

Figura 34 – Prints dos três cenários com o tema Branca de Neve
(D1) (E1)



Fonte: Instagram da tindolelejp¹¹².



Fonte: Instagram da popotamusbuffet¹¹³.

(F1)



Fonte: Facebook da Javé-Yirê¹¹⁴.

¹¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbtsZBRFfz8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹¹³ Disponível em: <https://instagram.com/p/BH6HJVvg3P0/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

¹¹⁴ Disponível em: https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/ms.c.eJw9ktkNxEAMQjta~_T76b2wlE~_bzCQdjJilRZu62oT3xS3CUdaoWecH6cejNN~;WQLZkIJztYyIl5I9fp3o~;PX7g~;5eaLeho4ychbbx5~_9ubn9Fzy5Zdl~;vLj4XwFmPdUgelfe~;5Kbj296d8Gnf4dx~;J05BPu6wZzXw~_Y901cfmefg~;6c~;Q3yvftnwNRXwOx~;kff1sZfXXx~_bxzPkATPP7u3XT3fBe2iSkVedfPd6NxnvwT5cBTm1S6f01~;xvwwf3O5~;qy1yg~_XxfW~;0M~_TP~;ANu5JR4.bps.a.504622279608456/504622596275091/?type=3&theater. Acesso em: 27 fev. 2020.

Neste quarto cenário – (D1) na Figura 34 –, são os atributos simbólicos da temática que parecem sobressair visualmente com relação aos do aniversário, podendo causar estranheza para quem desconhece o contexto de aniversários infantis brasileiros.

No primeiro caso, apontamos os ícones em miniaturas da Branca de Neve, dos sete anões e da floresta como elementos que remetem à narrativa clássica. Os ícones da Branca de Neve se repetem sobre a mesa dos convidados, no bolo, na mesa principal, e no painel de parede frontal (que traz um pôster da aniversariante vestida de Branca de Neve), simbolizando a personagem principal do conto infantil e expressando uma relação de semelhança com a aniversariante. Os ícones dos sete anões se repetem ao redor da mesa do bolo, no piso, e na mesa principal por trás, perpassam a ideia dos demais personagens, potencializando sua relação com o conto. Os ícones da floresta se repetem no corredor e no painel de parede ao fundo, contribuindo para mostrar o cenário no qual acontece a narrativa clássica como aspecto de intertextualidade (tal aspecto é discutido ao final dos blocos temáticos).

Já no caso dos atributos simbólicos do aniversário, visualizamos além dos elementos tradicionais – bolo e balões –, acessórios para refeição sobre a mesa, todos adaptados à temática. Por exemplo, o bolo redondo se estende em seis andares, é nas cores vermelho e amarelo, apresenta ícones da Branca de Neve e é cercado por ícones dos sete anões. Os balões aparecem predominantemente nas cores verde e vermelha, no topo das quatro colunas para formar folhas de árvores; aparecem no piso, formando arranjos de flores; e aparecem nas extremidades das paredes frontal e laterais, emoldurando-as parcialmente. Por mais que os balões remetam às comemorações festivas infantis, eles também estão atendendo à temática quando representam árvores e arranjos de flores. Ademais, embora o posicionamento de alguns balões no piso e no topo possa facilitar a brincadeira, provavelmente, eles não são colocados para essa finalidade. Os acessórios para refeição sobre a mesa, como pratos e guardanapos envolvidos em argolas, também favorecem à temática, sugestionam fartura de alimentos e requinte de decoração. Neste último caso, mesmo que jantares sejam servidos em alguns aniversários infantis, tal requinte é voltado para adultos e não para crianças.

Desta forma, são os atributos simbólicos da temática que sobressaem visualmente com relação aos do aniversário neste quarto cenário analisado. Já as outras duas formas de realização desta categoria, hibridização e ícones de vínculo, inferidas pelo espaço em si, foram discutidas no primeiro cenário.

Prosseguindo para o quinto cenário – (E1) na Figura 34 –, outra vez, são os atributos simbólicos da temática que se destacam com relação aos atributos simbólicos do aniversário.

No primeiro caso, percebemos que mesmo se tratando de temática idêntica, os atributos simbólicos são bem diferentes do anterior. Neste caso, a maçã e a cor vermelha se destacam como atributos simbólicos da temática, já a Branca de Neve e os sete anões aparecem em segundo plano. A maçã aparece no piso, nas macieiras laterais, e sobre os criados mudos. A cor vermelha se destaca em todo cenário, aparecendo no tapete, na toalha da mesa principal, nos balões, nas jardineiras com maçãs, e nas maçãs. A Branca de Neve aparece em segundo plano, na parede por trás da mesa principal e em miniaturas sobre a mesa; e em menor destaque ainda os sete anões, que somente se apresentam em miniaturas sobre a mesa.

No segundo caso, os atributos simbólicos que remetem ao aniversário – ou seja, tradicionalmente o bolo e os balões –, são associados aos ícones e às cores da temática, como temos percebido. O bolo com altura de seis andares, no formato redondo, tem cores vermelha e dourado, com uma maçã no topo. Os balões aparecem predominantemente nas cores vermelha e dourado, emoldurando as extremidades das paredes frontal e laterais, remetendo mais à decoração do espaço enquanto comemoração que a alguma passagem na narrativa Branca de Neve (como aconteceu com os balões em formato de árvores e arranjo de flores no cenário anterior), e também não remetem à brincadeira, já que seu acesso não facilita tal prática. É relevante pontuar que o nome e a imagem da aniversariante não aparecem no cenário, sendo impossível identificar a quem pertence esse aniversário. Provavelmente, tal identificação ocorra no cenário de lembrancinhas. Isso significa que os elos de identificação recaem na temática escolhida, pelos itens exibidos na decoração, embora possamos inferir que a festa pertence a uma criança que aprecia a narrativa da Branca de Neve, considerando que a aniversariante completa cinco anos e ela mesma pode ter escolhido o tema.

Portanto, neste caso, são os atributos simbólicos da temática que sobressaem visualmente com relação aos do aniversário. Quanto às outras formas de realização desta categoria, em termos do espaço em si, elas ocorrem semelhantemente ao segundo cenário na mesma casa de festa.

Conduzindo-nos para o sexto cenário – (F1) na Figura 34 –, nele parece ocorrer um equilíbrio entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário, diferentemente dos dois anteriores.

Os atributos simbólicos da temática em destaque são as cores amarelo, azul, vermelho, branco e verde, as quais somente são possíveis de ser identificadas como pertencentes à temática devido aos ícones da Branca de Neve, floresta e maçã que aparecem em segundo plano. Porém, essas cores estão relativamente bem distribuídas nos atributos simbólicos do

aniversário, tais como: balões, bolo, toalhas de mesa, e cortinas, que podem ser identificados como pertencentes ao aniversário, independente da cor. Os balões são distribuídos na frente, nas laterais e ao fundo, parte deles acompanhando as cortinas, mas não representam partes da narrativa clássica. Já o bolo traz o ícone da Branca de Neve no topo, sendo acomodado em mesa separada na lateral, aquela com as folhagens que lembram a temática. Esse balanceamento entre os atributos da temática e do aniversário é perceptível também nas toalhas de mesa em tecido liso que são associadas às imagens da aniversariante vestida de Branca de Neve em porta-retratos. Esses detalhes colaboram para um equilíbrio entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário, visível pelas imagens da aniversariante vestida de Branca de Neve ao longo do cenário, estabelecendo elos de identificação e pertencimento do espaço para com a aniversariante e os demais usuários.

Assim, neste sexto cenário, os elos de identificação recaem tanto sobre os atributos simbólicos da temática escolhida quanto do aniversário que identifica tal criança como apreciadora da narrativa da Branca de Neve, contribuindo para uma possível harmonia entre ambos. De qualquer maneira, mais uma vez, entre as três formas de realização desta categoria analítica (atributos simbólicos, hibridização e ícones de vínculo), são os atributos simbólicos que predominam como os aspectos de identificação e pertencimento do espaço para com a aniversariante e demais usuários. A hibridização e ícones de vínculo, em termos do espaço em si, ocorrem analogamente ao que discutimos no bloco anterior sobre este salão.

Neste segundo bloco temático, vimos que a categoria **vínculo** é realizada, predominantemente, pelos atributos simbólicos da temática Branca de Neve nos dois primeiros discursos, embora ocorram destaques em elementos semióticos diferentes, enquanto no terceiro cenário ocorre uma harmonia entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário. Isso sinaliza que cada cenário é estabelecido pelo contexto social no qual está inserido, considerando as preferências individuais e a atribuição de valores diferentes aos elementos semióticos que representam a temática, podendo promover uma harmonia entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário ou exaltando a temática.

A inquietação que surge com relação aos atributos simbólicos que compõem a decoração temática, sobretudo para o primeiro aniversário de uma criança, é que eles se caracterizam por uma sobrecarga de informações visuais, funcionando mais para contemplação do usuário adulto que para brincadeiras voltadas para as crianças, já que elas, geralmente, preferem o espaço de brinquedos e jogos, como já relatado. Isso se justifica quando associamos os atributos simbólicos dessa categoria à metafunção representacional conceitual da GDV (KRESS; VAN LEEUVEN, 2006 [1996]), caracterizando o cenário

temático como portador, e os elementos relacionados à temática como os atributos simbólicos que representam as festas de aniversários infantis em termos do que significam ou são.

Nesse sentido, é oportuno associarmos esse valor festivo de aniversários infantis com cenários envolvendo outra temática (além do aniversário que já é uma temática) ao que Sarmiento (2003) considera como serviços de comemorações desses aniversários, uma das formas culturais produzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças por possuírem uma orientação de mercado configurada pela indústria cultural para a infância, do mesmo modo que a literatura infantil, jogos e brinquedos, conforme já discutido quando discorremos festas infantis. Por mais que a temática Branca de Neve conduza às referências intertextuais dessa narrativa clássica por meio dos personagens e do ambiente fictício, a narrativa real é a festa de aniversário. Por isso, os elementos simbólicos tradicionais do aniversário, acrescidos pelo nome ou imagem da aniversariante, por suas cores preferidas, já funcionam como elos de identificação e pertencimento da aniversariante e de outras crianças com o espaço escolhido.

A seguir, apresentamos os três cenários da temática Circo.

5.1.3 Cenários da temática Circo

O tema Circo é inspirado na diversão, alegria e encantamento. É um universo colorido relacionado ao picadeiro, malabaristas, palhaços, mágicos, dançarinos, elefante, foca, equilibristas, acrobatas, trapezistas, tenda e tickets circenses, bolinhas e listras, chapéus, nariz de palhaço, luzes, carrinho de pipoca, bigodes, gravatas, bandeirinhas, sapatilhas. É uma temática voltada tanto para meninas como para meninos. As cores clássicas da temática são vermelho, azul e amarelo, embora tons pastéis voltados para o rosa, azul bebê e amarelo sejam comuns para uma festa mais feminina e delicada.

No capítulo anterior, vimos que a temática Circo apareceu em 3º lugar com 83 recorrências na listagem geral, aparecendo entre as três temáticas recorrentes nas casas de festas. Na casa de festas *Tindolelê*, ela aparece com 33 recorrências (2º lugar) e na casa de festas *Popótamus* com 41 ocorrências (3º lugar), já na *Javé-Yirê*, ela aparece entre as outras temáticas, mas não entre as três mais recorrentes, considerando o período de dados coletados (2009-2019), como mostramos no Quadro 5 do capítulo anterior. A maior recorrência de cenários dessa temática aconteceu em anos diferentes em cada casa: na *Popótamus*, houve 9 ocorrências em 2014; na *Tindolelê*, 10 ocorrências em 2017; e na *Javé-Yirê*, houve 4 ocorrências, sendo 2 em 2019 e 2 em 2016. São os discursos espaciais desses períodos mais

recorrentes que consideramos para recorte e análise de um discurso de cada casa, podendo ser visualizados nos Anexos J, K, e L.

5.1.3.1 Contexto de situação e de cultura

Considerando, mais uma vez, que os contextos de situação e de cultura estão vinculados aos significados textuais (HALLIDAY, 1978), pois desempenham influências sobre esses significados, é relevante analisarmos esses discursos partindo da descrição desses contextos. Mostramos na Figura 35 os três últimos cenários.

Figura 35 – Prints dos três cenários no tema Circo
(G) (H)



Fonte: Blogdopotamus¹¹⁵.



Fonte: Instagram da tindolelejp¹¹⁶.

(I)



Fonte: Instagram da Javé-Yirê¹¹⁷.

¹¹⁵ Disponível em: <https://blogdopotamus.blogspot.com/2014/02/01-ano-de-davi.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

¹¹⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcE3U2MgyD8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BFc8RNQO2vm/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

O sétimo cenário, identificado por (G) na Figura 35, traz um contexto de situação referente à decoração para a festa do primeiro aniversário de um menino, comemorado com o tema Circo no salão de festas da *Popótamus*, cuja fotografia foi postada no *Blog* da referida casa em 11 de fevereiro de 2014. É um dos 9 montados para a temática em 2014 (Anexo J). Sua escolha dentre os cenários desse ano se deu devido à imagem mostrar parte do salão, mesmo com foco no cenário da mesa do bolo – no centro do corredor –, e devido à sua semelhança com a maioria dos cenários montados para a temática nessa casa de festa em termos de cores vermelho, azul, amarelo e branco, correspondendo à vestimenta de palhaços e tenda de circos.

O oitavo cenário, visualizado como (H) na Figura 35, envolve o contexto de situação da decoração do primeiro aniversário de um menino comemorado com a temática Circo nessa casa de festa *Tindolelê*, cuja fotografia foi postada na sua rede social *Instagram* em 28 de novembro de 2017. É um dos 10 montados para a temática na referida casa de festa em 2017 (Anexo K). Sua seleção entre os demais desse período se explica devido à visualização da maior parte do espaço destinado ao cenário principal – como é comumente postado nas imagens desta casa –, e devido às semelhanças com os cenários do período em termos de cores, vermelha e amarela para meninos, já que para meninas, as cores escolhidas foram em tons de rosa.

O nono cenário, identificado por (I) na Figura 35, também apresenta o contexto de situação referente à decoração para festa do 1º aniversário de um menino com o tema Circo, realizada na casa de festa *Javé-Yirê*, cuja fotografia foi postada em 15 de maio de 2016 na sua rede social *Instagram*. É um dos 4 montados para a temática na casa referenciada, 2 em 2019 e 2 em 2016 (Anexo L). A escolha dele entre os demais desses anos se justifica prioritariamente pela imagem mostrar parte do salão – com parte do cenário de mesas dos convidados, mesa do bolo, e cenário principal –, já que sua semelhança em termos de cores e objetos simbólicos da temática ocorre somente com o outro cenário de 2016.

Semelhantemente ao ocorrido nos outros dois blocos temáticos, cada contexto de situação é inferido tanto pela visualização de elementos simbólicos do aniversário infantil festivo (bolo, balões, vela) e do tema (tendas de circo, palhaços, malabaristas) como imagens simbólicas que foram convencionadas na nossa cultura, bem como pelo reconhecimento do espaço interno como pertencente àquela casa de festa e pelas informações verbais sobre o evento nas postagens nas redes sociais.

Sobre o contexto de cultura, assim como nos discursos espaciais anteriores, estes três últimos cenários se incluem nos modelos de aniversários infantis brasileiros comemorados a partir de uma temática. Lembramos que retomaremos esses aspectos adiante.

Seguimos com um olhar para as próximas categorias.

5.1.3.2 *Categorias ligação, valor de informação e saliência*

vii) Cenário temático Circo - Casa de festa *Popótamus*

O sétimo cenário, Figura 36, foi montado no mesmo espaço do primeiro e quarto cenários temáticos (Princesa e Branca de Neve, respectivamente), dessa vez com ângulo de captura da imagem mais próximo às quatro colunas centrais, destacando o corredor decorado como uma espécie de palco e arquibancada, antes do acesso ao cenário principal, além de mostrar parte do cenário de mesas de convidados nas laterais.

Figura 36 – Print do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Circo



Fonte: Blogdopotamus¹¹⁸.

Vimos que este salão de festas da *Popótamus* é interpretado como moderadamente livre na escala de segurança sem a inserção do cenário, sendo desnecessário retomarmos a questão da dimensão entre os elementos da estrutura física do espaço e suas questões de

¹¹⁸ Disponível em: <https://blogdopotamus.blogspot.com/2014/02/01-ano-de-davi.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

permeabilidade e de ambiente, prosseguindo com nosso olhar para as modificações provenientes da inserção do cenário no tema Circo.

Quando apresentamos este espaço com a inserção dos cenários nas temáticas anteriores, o espaço passou a ser interpretado respectivamente como minimamente livre e moderadamente cercado, no caso em discussão o espaço passa a ser interpretado como fortemente cercado, mudando da dimensão não cercada para a cercada. Isso se assemelha ao que observamos no cenário referente à temática Branca de Neve, pois mesmo o espaço sendo fisicamente protegido e visualmente aberto para o exterior, devido às janelas de vidro em formato circular (o que caracteriza um espaço como não cercado), ele pode ser interpretado na dimensão cercada quando a visualização para o exterior só é possível pela aproximação do usuário às janelas e portas transparentes, e quando as configurações específicas de cada cenário causam essa percepção visual de cerco, tais como: disposição e quantidade relativa de móveis concentrada de maneira próxima; saliência de acessórios, objetos; cores fortes.

Temos visto que a disposição espacial dos móveis comunica visualmente as subdivisões do cenário. No caso em questão, observamos novamente **o valor de informação** distribuído no formato laterais-centro-fundo, semelhante aos dois discursos espaciais anteriores no mesmo espaço, considerando o ângulo de captura da imagem como o mesmo de entrada no salão, embora o foco de visão, bem próximo às quatro colunas centrais, cause a impressão de um espaço menor. Nas laterais da esquerda e direita, há fileiras de mesas e cadeiras que adentram um pouco o corredor; no centro, no corredor de passagem, há uma mesa redonda sobre uma base em formato de palhaço que sustenta o bolo e bancos ao redor da mesa, focalizando estes móveis no centro do corredor; ao fundo, existem mesas retangulares em diferentes tamanhos, ou seja, um leiaute de móveis que corresponde ao cenário de convidados, cenário do bolo e cenário principal, integrados no mesmo piso. São subdivisões do cenário permeáveis entre si em termos de visão, som, e movimento de usuários que podem conversar enquanto estão sentados ou circulam no espaço, mesmo que esta circulação seja desencorajada devido à quantidade de móveis, podendo aliviar a percepção visual de cerco ou intensificá-la, conforme as experiências anteriores de cada usuário.

A disposição espacial de móveis também sugere comportamentos dos usuários, restringindo-os. Por exemplo, os móveis dispostos no centro – cenário do bolo – sugerem ações um pouco diferentes com relação aos discursos anteriores porque a mesa portadora do bolo recebe uma atenção maior. Ela possui uma base sustentadora em forma de palhaço, cercada de bancos ao redor, sugerindo o espaço de parabenização com usuários sentados,

assistindo a esse momento. Já a disposição dos demais móveis sugere ações semelhantes às realizadas nessa mesma casa de festa, conforme descritas anteriormente.

Outro aspecto que parece reduzir a extensão do espaço é a **saliência** de alguns acessórios e objetos simbólicos em termos de formas e cores. Por exemplo, o tapete redondo e estrelado no meio do corredor é visualmente chamativo pela predominância das cores azul e vermelho, delimitando uma espécie de palco no centro para a parabenização, potencializado pelos bancos ao redor; de igual modo o tapete vermelho e retangular ao fundo, delimitando o espaço das mesas principais. O revestimento vermelho das quatro pilastras centrais e o revestimento azul e vermelho na parede frontal (em forma de cortina) são elementos que também contribuem para a impressão de um espaço restrito. Somem-se a isso, os balões alongados, formando corpos de palhaço direcionados para o corredor.

As cores merecem atenção à parte, conforme temos discutido com base em Kress e van Leeuwen (2002). Assim como na temática Branca de Neve, as cores variadas pertencem à temática, mas enquanto naquela as cores correspondiam à protagonista, nesta podem ser associadas à vestimenta dos palhaços, a tenda de circos, arquibancada, como também à alegria e à diversão durante um espetáculo caracterizado pela ação, movimento, cambalhotas dos personagens, estabelecendo conexão harmônica entre os elementos do cenário, mas também influenciando na percepção de cerco porque o vermelho, azul e amarelo são cores fortes, repetidas em vários elementos. Isso ratifica, novamente, o pensamento desses teóricos quanto às cores não serem um modo semiótico relativamente independente por elas mesmas.

Resumidamente, neste sétimo cenário, ao analisarmos a categoria **ligação** associada às categorias **valor de informação** e **saliência**, a inserção dos elementos do cenário no tema Circo leva-nos a interpretar o espaço como fortemente cercado, potencializado pelo ângulo de captura da imagem mais próximo às colunas, pela disposição e quantidade relativa de móveis agrupados de maneira próxima; pela saliência do tapete e do revestimento de paredes quanto ao formato e às cores fortes. Neste caso, como já mencionado, a interpretação se assemelha ao que observamos ao cenário referente à temática Branca de Neve quanto à mudança da dimensão não cercada para a cercada devido aos aspectos discutidos.

Na sequência, discorreremos sobre o oitavo cenário.

viii) Cenário temático Circo – Casa de festa Tindolelê

Trata-se de um cenário montado no mesmo espaço do segundo e quinto cenários espaciais, referentes às temáticas Princesa e Branca de Neve, respectivamente. A identificação

do espaço ocorre ao visualizarmos a estrutura física na cor branca, distância relativa entre paredes, e teto com nível mais baixo no lado direito da imagem. Neste caso, houve a ampliação do ângulo de captura da imagem, mostrando o espaço de maneira mais distante (observem que visualizamos todo ar condicionado no teto, diferentemente das duas imagens anteriores no mesmo espaço).

O oitavo cenário é mostrado na Figura 37, a seguir.

Figura 37 – *Print do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Circo*



Fonte: *Instagram da tindolelejp*¹¹⁹.

Vimos que este espaço é interpretado como moderadamente livre no nível central de segurança, em termos de dimensão, permeabilidade e elementos variáveis do próprio espaço, sem a inserção do cenário temático, ou seja, na dimensão não cercada, já que existe uma mínima liberdade visual para o exterior mediada pelas portas de vidro escuro. Ao mesmo tempo, temos discutido que mudanças significativas nessa interpretação podem ocorrer dependendo da inserção de elementos provenientes do cenário e da liberdade visual para o exterior, quando esta é condicionada à aproximação do usuário em direção às janelas e portas.

Ao analisarmos este espaço referente à temática Princesa, as alterações não implicaram em uma mudança severa da dimensão espacial devido aos tons claros e à quantidade reduzida de mobiliário, sendo interpretado da mesma maneira, como moderadamente livre. O oposto aconteceu com a inserção do cenário na temática Branca de Neve, que apresentou maior quantidade de mobiliário com relação ao cenário anterior,

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcE3U2MgyD8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

agrupamento de móveis próximos, e intensidade da cor vermelha, causando impressão de um espaço fortemente cercado, mesmo sendo um espaço categorizado na dimensão não cercada pelas características da estrutura. No caso em discussão, relacionado ao tema Circo, mesmo havendo uma relativa quantidade de móveis agrupados e saliência de alguns objetos simbólicos e cores, como esses elementos se concentram de maneira recuada mais do centro ao fundo que nas laterais, tais aspectos causam a percepção visual de um espaço minimamente cercado, como explicamos nos próximos parágrafos.

O primeiro aspecto é a disposição espacial dos móveis, que aparece com um **valor de informação** no formato laterais-centro-fundo. Nas laterais, mais do centro em direção ao fundo, há duas cômodas; no centro, há dois criados-mudos, seguidos da única mesa retangular ao fundo, portadora do bolo, das guloseimas, e de miniaturas personalizadas. Tais informações comunicam visualmente que se trata do cenário principal. Esse espaço vazio, geralmente deixado na frente, facilita sua visualização e a circulação de usuários, até porque é o caminho de passagem para as áreas adjacentes assim que se entra no salão, e não deve ser ocupado. Essa quantidade relativa de móveis concentrados no piso, somada a outros aspectos (discutidos a seguir) causam a percepção visual de um espaço minimamente cercado.

A disposição de móveis, além de comunicar visualmente de qual parte do cenário se trata, instiga comportamentos por parte dos usuários. Como neste cenário se concentra somente o cenário principal com bolo incluso, sem mesa separada para ele, podemos dizer que a apreciação da decoração temática e a parabenização são as regras sociais em evidência. O espaço para parabenização é percebido pela mesa principal com o bolo no centro dela, sinalizando o posicionamento da aniversariante como atração principal, e sugerindo junção de pessoas tanto ao redor quanto à frente para cantar parabéns provavelmente mais ao final da festa, já que a mesa é posicionada ao final.

O segundo aspecto que contribui para o espaço parecer minimamente cercado é a **saliência** atribuída a alguns acessórios e elementos simbólicos do cenário por meio da altura, formato e cores. Por exemplo, os displays de animais e palhaços no piso, embora em camadas finas, têm altura semelhante aos móveis. Os balões, que revestem as paredes laterais em formato de losango, parecem aumentar a densidade das paredes porque se estendem do piso ao teto. A mesa é coberta por uma toalha opaca na cor preta e branca, que acrescida do bolo em seis andares e diversos objetos sobre a mesa, dificulta a visualização da parte inferior de trás do cenário principal.

O terceiro aspecto está relacionado às cores, funcionando de maneira representacional, interativa e organizacional (KRESS; VAN LEEUWEN, 2002). No primeiro caso, as cores

variadas (vermelho, amarelo, azul, verde, preto e branco) pertencem à temática Circo quando é geralmente voltada para meninos, já que quando se refere aos aniversários de meninas, a mesma temática aparece em tons de rosa, como pode ser visualizado nos Anexos J, K e L. No segundo caso, são cores que remetem à alegria e à diversão no espetáculo de circo, como uma temática sugestiva de ação e movimento, trazida para o contexto de aniversário infantil, cuja diversão da criança é esperada como um meio de interação. No terceiro caso, as cores organizam elementos simbólicos da temática e do aniversário, embora a cor vermelha sobressaia, contribuindo para que o espaço pareça minimamente cercado. O vermelho aparece junto ao branco no tapete, no papel de parede e no bolo, representando a tenda do circo da temática; aparece junto ao amarelo, azul, e verde nos balões das paredes laterais, representando o colorido da temática. De igual modo, o preto que aparece na toalha de mesa, junto à cor branca, lembrando as cores da cartola mágica, pode contribuir para tal percepção. Sobre as cores vermelho, amarelo, azul e verde, elas também aparecem na temática Branca de Neve, sendo que neste cenário do tema Circo elas estão associadas à decoração com balões, e não a um personagem específico.

Resumindo, neste caso, após a inserção do cenário temático Circo, ao analisarmos a categoria **ligação** associada às categorias **valor de informação** e **saliência**, o espaço passa a ser interpretado como minimamente cercado. Isso se justifica devido à visualização mínima para o exterior ocorrer quando o usuário se aproxima para tal, à disposição agrupada e à quantidade relativa de mobiliário, à saliência de acessórios e de objetos simbólicos por meio da altura, formato, e cor predominantemente vermelha, sendo recursos semióticos que contribuem para a percepção de um espaço antes considerado moderadamente livre passar a ser interpretado como minimamente cercado.

Mais uma vez, tais detalhes parecem ser pensados para contemplação dos adultos, desconsiderando que nessa prática social o público-alvo deveria ser a criança, buscando assim cenários que favorecessem também a interação e não somente a contemplação, principalmente com uma temática como essa tão instigadora de brincadeiras. Essas escolhas mostram como as festas de aniversário são comemoradas, reforçando ações sequenciais e prescritivas, enquanto projetos de vida dos adultos para as crianças.

Vejamos o último cenário analisado nesta pesquisa.

ix) Cenário temático Circo – Casa de festa *Javé-Yirê*

O nono cenário aparece na Figura 38, na sequência. Trata-se de um cenário montado no mesmo espaço dos últimos cenários de cada bloco temático, conforme podemos identificar pela estrutura física.

Vimos nos cenários analisados neste mesmo espaço que se considerarmos somente os elementos da estrutura física, seus elementos de permeabilidade e de ambiente, ele pode ser interpretado como fortemente livre na escala de segurança, isso sem a inserção dos cenários temáticos. Nos cenários referentes às temáticas Princesa e Branca de Neve, o espaço passou a ser interpretado como moderadamente livre em ambos os casos; já no cenário em questão, com o tema Circo, o espaço é interpretado como minimamente livre, conforme discutimos na sequência.

Figura 38 – Print do cenário principal em festa de 1 ano – Tema Circo



Fonte: Instagram da Javé-Yirê¹²⁰.

O primeiro aspecto que nos leva a essa interpretação é a disposição espacial dos móveis, que expressa um **valor de informação** visual no formato frente-centro-laterais-fundo, em segundo plano, embora em primeiro plano apresente uma mesa para convidados. Considerando o leiaute do segundo plano, na frente, há um picadeiro com o nome do aniversariante e duas jardineiras que formam uma linha frontal; no centro, há uma mesa redonda branca; nas laterais, há bonecos de animais, picadeiros, mesas de centro, estantes e

¹²⁰ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BFc8RNQO2vm/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

vasos com flores; e ao fundo, há mesas retangulares na cor branca e no estilo provençal, destinadas às guloseimas. São informações que comunicam o espaço destinado ao cenário principal, com cenário do bolo incluso no centro, e com cenário dos convidados nas laterais frontais, em primeiro plano na imagem, caso o usuário compartilhe desse contexto espacial festivo. Essa barreira física na frente – que já parece pertencente ao cenário principal –, a quantidade e a disposição do mobiliário parecem dificultar o trânsito no cenário principal, impedindo o acesso direto ao mesmo, diferente do que ocorreu nos dois cenários anteriores no mesmo salão. Por outro lado, o espaço vazio entre as partes do cenário as tornam permeáveis entre si quanto à visão, som e movimento, mesmo que este último seja dificultado para acesso direto ao cenário principal, isso não impede que os usuários interajam nesses aspectos.

A disposição dos móveis no espaço também sugere determinados comportamentos, como temos visto. No caso, o cenário de mesas para convidados é distribuído nas laterais do corredor que dá acesso ao cenário principal, como nos cenários anteriores na mesma casa, sinalizando o local de sua acomodação e semelhante papel entre eles. A mesa do bolo, embora posicionada no centro do salão e separada das demais mesas, não é posicionada em primeiro plano, sendo colocada por trás do picadeiro, ou seja, o espaço para parabenização e posicionamento da aniversariante durante esse momento culminante da festa não é acessado livremente como nos dois cenários anteriores neste salão. Os momentos finais podem ser sinalizados pelas mesas ao fundo com guloseimas, sugerindo sua degustação mais ao final, bem como as estantes laterais finais no estilo escada, que acomodam as lembrancinhas a serem entregues às crianças como gratidão pela presença. Essas são as regras sociais do aniversário infantil brasileiro, as mesmas dos cenários anteriores, projetadas pelos adultos para as crianças, que além de restringirem o comportamento dos usuários (convidados sentados, cenário principal a ser apreciado, parabenização em volta do bolo, degustação de guloseimas, entrega de lembrancinhas), diminuem a liberdade de movimento no espaço, e reforça sua valorização.

O segundo aspecto que contribui para o espaço ser interpretado como minimamente livre é a **saliência** atribuída a alguns acessórios e objetos simbólicos, seja pelo formato, tamanho ou cor. Observem como tapetes, cortinas, balões, e bonecos de animais parecem restringir a liberdade do espaço. O tapete retangular aparece no meio do corredor e se estende por todo o cenário principal formando um retângulo, servindo de passagem para o cenário principal e para acomodação de todo mobiliário. As cortinas vermelhas que seguem da parede frontal à parede lateral direita formam uma espécie de cerco no palco. Os balões nas cores da temática formam uma moldura sobre as cortinas em formato vertical. Os bonecos de animais

são espalhados no piso, nas laterais, dificultando a passagem, contribuindo para restrição do espaço, que pode ser interpretado como minimamente livre, segundo a teoria.

O terceiro aspecto que contribui para tal interpretação do espaço são as cores. Apoiamo-nos novamente na ideia compreendida por Kress e van Leeuwen (2002). No cenário em questão, podemos visualizar as cores vermelho, amarelo, azul e verde, semelhantes ao anterior (embora com tons mais suaves), e também em outros cenários dos dados desta pesquisa, como as cores escolhidas geralmente quando se trata da temática Circo para meninos. Neste cenário, a cor vermelha se destaca, remetendo à tenda do circo. E como mencionamos, a saliência da cor somada à saliência de alguns objetos coloridos e à quantidade de móveis parece sobrecarregar as informações visuais, contribuindo para a percepção visual de um espaço menor. Ao mesmo tempo, essas cores mostram uma conexão entre os elementos do cenário, por exemplo, as cores vermelho, amarelo, azul e verde se repetem nos balões, no picadeiro, e nos bonecos palhaços; já o vermelho se repete no tapete e na cortina.

Sintetizando, neste nono cenário, ao analisarmos a categoria **ligação**, e relacioná-la às categorias **valor de informação** e **saliência**, este espaço pode ser interpretado como minimamente livre devido: à disposição dos móveis no formato frente-laterais-fundo, que dificulta a passagem direta para o cenário principal no espaço; à saliência de tamanho comprido e formato retangular de tapetes, cortinas e balões, formando cercos; e à predominância da cor vermelha.

Temos relatado que tais elementos dos cenários temáticos implicam as variações de segurança na dimensão livre ou cercada, no sentido de o espaço parecer fortemente, moderadamente ou minimamente cercado/livre, mesmo contribuindo a favor da sensação de segurança dos usuários no espaço devido aos elementos com características semelhantes ao ambiente doméstico. Nesse bloco com o tema Circo, o primeiro salão, já interpretado como moderadamente livre quando vazio, passa a ser interpretado como fortemente cercado com a inserção do cenário, mudando da dimensão livre para a dimensão cercada. O segundo salão, compreendido como moderadamente livre sem os cenários, é interpretado como minimamente cercado após inserção do cenário. Já o terceiro, que é interpretado como fortemente livre se estiver vazio, é visto como minimamente livre após a inserção do cenário.

Na sequência, partimos para a categoria **vínculo**.

5.1.3.3 Categoria vínculo

Vimos que esta categoria analítica possibilita observar, por exemplo, quais e como os elementos variáveis do cenário, sejam eles atributos simbólicos referentes à temática ou ao aniversário, proporcionam elos de identificação e pertencimento com os usuários. Nos cenários analisados anteriormente, verificamos que os elementos simbólicos das temáticas têm sobressaído com relação aos elementos do aniversário, seja pela cor, repetição de elementos, tamanho, e posicionamento. Embora as razões para que isso ocorra pareçam óbvias, traremos à tona reflexões a esse respeito na seção das práticas discursivas e sociais.

Sobre a questão de intertextualidade referente à temática em questão, explorada na seção seguinte, é interessante antecipar como os cenários da temática Circo, opostamente ao que ocorreu com os cenários das temáticas Princesa e Branca de Neve, são inspirados em personagens voltados para ação, diversão, travessuras, reforçando essas características para meninos.

A seguir, reapresentamos os três cenários do tema Circo na Figura 39.

Figura 39 – Print dos três cenários no tema Circo (G1)



Fonte: Blogdopotamus¹²¹.



Fonte: Instagram da tindolelejp¹²².

¹²¹ Disponível em: <https://blogdopotamus.blogspot.com/2014/02/01-ano-de-davi.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

¹²² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcE3U2MgyD8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

(I1)



Fonte: Instagram da Javé-Yirê¹²³.

Observando o sétimo cenário – (G1) da esquerda para direita na parte superior da Figura 40 –, visualizamos os atributos simbólicos do tema Circo predominando com relação aos do aniversário.

Aparecem em destaque os ícones de palhaço, as arquibancadas, cortinas do palco, e cores vermelha e azul, enquanto o bolo, a vela e os balões – típicos de um aniversário infantil – não aparecem de maneira saliente (mesmo sendo posicionados no centro), mas relacionados aos elementos da temática como de costume. Os ícones de palhaços se repetem não somente na mesa do bolo, mas em miniaturas sobre as mesas do cenário principal, ao fundo, e nos balões próximos às colunas ao centro, fazendo uma referência intertextual com esse personagem característico de um espetáculo circense, que é trazido para um espaço fechado, o aniversário infantil como espetáculo, interconectando-os.

Acerca dos elementos que remetem ao aniversário, como já mencionamos, eles não se sobressaem. Se o leitor ampliar a imagem, pode visualizar o bolo de três andares no formato de tenda de circo (listras vermelhas e brancas) sobre a base de uma mesa parcialmente antropomórfica, que remete ao corpo do palhaço. A visualização da imagem, sem ampliação, pode causar a impressão que a mesa do bolo é totalmente antropomórfica porque as três mesas ao fundo do cenário principal, junto ao painel arredondado com nome do aniversariante, parecem funcionar como cabeça e mãos do palhaço. A vela, no topo do bolo, também aparece em listras vermelhas e brancas, remetendo à tenda do circo. Já os balões, que remetem às comemorações, decorações e brincadeiras, mas também ao circo, são bastante reduzidos.

Percebemos que neste sétimo cenário, a referida categoria é realizada pelos atributos simbólicos relacionados à temática – ícones de palhaço, arquibancadas, cortinas do palco,

¹²³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BFc8RNQO2vm/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

cores vermelha e azul – como elementos que estabelecem identificação e pertencimento das crianças àquele espaço, cujo cenário montado em forma de espetáculo circense provoca significados intertextuais que o espaço vazio não provocaria. Ao mesmo tempo, elos de identificação e pertencimento do aniversariante com o espaço também são sinalizados pelo bolo com a vela de um ano, pelos balões, pelo nome de identificação no painel frontal, e pelas fotografias em porta-retratos sobre as mesas ao fundo, ou seja, elementos que mesmo sem alusão à temática, identificam que se trata do primeiro aniversário daquela criança. Ademais, outras formas de realização da categoria **vínculo** (hibridização e ícones de vínculo), relacionadas ao mesmo espaço, já foram informadas no primeiro bloco temático.

Passando para o oitavo cenário – identificado por (H1) na Figura 40, o segundo da esquerda para direita –, observamos, mais uma vez, que os atributos simbólicos da temática se destacam visualmente se comparados aqueles do aniversário em si. Sobre os elementos referentes à temática, os atributos simbólicos realçados são diferentes do anterior. No caso em discussão, o foco está na tenda do circo, nos ícones de palhaço e de animais, e nas cores vermelho, amarelo, azul e verde. A tenda do circo aparece no tapete, no painel de parede e no bolo, enquanto os ícones de animais e palhaços aparecem em displays de miniaturas no piso e sobre os móveis, representando o espaço circense.

No que tange aos atributos simbólicos referentes ao aniversário, o bolo e os balões se sobressaem mais que o cenário anterior, mas não se destacam com relação aos atributos simbólicos do tema Circo. O bolo é de seis andares, redondo, decorado no formato de tenda de circo, e os balões revestem as duas paredes laterais de maneira completa, do piso ao teto, nas cores da temática, favorecendo mais à decoração que à comemoração com brincadeiras. É interessante destacar que o nome da criança no piso relaciona-o à temática escolhida para seu aniversário, promovendo uma identificação e entrecruzamento entre temática e aniversariante.

Constatamos, neste oitavo cenário, que os atributos simbólicos relacionados à temática (tenda do circo, ícones de palhaço e de animais, cores vermelho, amarelo, azul e verde) são os elementos que estabelecem identificação e pertencimento das crianças ao espaço de forma predominante, trazendo referências ao espetáculo circense com personagens característicos da temática, cujo espaço sem eles não chamaria tanta atenção. Por outro lado, os elementos simbólicos tradicionais do aniversário, acrescido do nome do aniversariante no piso também perpassam identificação e pertencimento do aniversariante àquele espaço, podendo ser reforçado por uma vela indicativa da idade e imagem da criança, considerando que o espaço escolhido também sugere a identificação do evento. Acerca da hibridização e ícones de

vínculo, as outras formas de realização desta categoria analítica, assemelham-se às discussões no primeiro bloco temático referente ao mesmo espaço.

Prosseguindo para o nono cenário – mostrado como o último na Figura 40, (I1) –, parece ocorrer um equilíbrio entre os atributos simbólicos referentes à temática e ao aniversário. Como atributos simbólicos da temática, encontram-se as cores (amarelo, azul, vermelho, branco e verde), bonecos de palhaço, ícone de mágico, e animais; já como atributos simbólicos do aniversário, os elementos tradicionais se repetem seguindo a temática, mas não visualizamos um destaque específico da temática ou do aniversário. Observem que o picadeiro colorido aparece em primeiro plano, mas é composto pelo nome do aniversariante em letras relativamente grandes (considerando apenas o cenário principal sem essa mesa de convidados à frente), com um boneco de palhaço sobre o picadeiro, e com o display com imagem do aniversariante vestido de mágico ao lado, relacionando-o a um dos personagens da temática escolhida para seu aniversário, promovendo esse entrecruzamento entre a temática e o aniversário. Nas laterais e por trás, concentram-se os animais, outros ícones de palhaço, o bolo, os balões, as lembrancinhas.

Acreditamos que, neste nono cenário, ocorra certo equilíbrio entre os atributos simbólicos relacionados à temática e ao aniversário como elementos que estabelecem identificação e pertencimento das crianças ao espaço. As referências ao contexto fictício circense são identificadas pelo colorido, palhaço, mágico, e pelos animais, enquanto as referências ao contexto real do aniversário são reconhecidas predominantemente por balões, bolo, lembrancinhas, imagem e nome do aniversariante, que personalizam o espaço e promovem identificação e pertencimento do aniversariante ao mesmo. Por outro lado, os elementos simbólicos do aniversário, sem associação à temática adicional (Circo), são suficientes para mostrar que o salão de festas é um espaço destinado para essa finalidade, e não estaria vazio.

Temos observado que, mesmo havendo um equilíbrio entre os atributos simbólicos da temática e do aniversário, os atributos simbólicos da temática continuam funcionando como aspectos de identificação e pertencimento que comunicam significados sobre uma infância festiva, que não basta o aniversário como motivo de comemoração, de festas, pois algo mais deve marcar essa fase da vida: uma temática adicional que também a represente. Além dos atributos simbólicos, outros aspectos da categoria **vínculo** acontecem de maneira implícita no referido espaço, como já percorrido no primeiro bloco temático.

Como se trata de uma decoração temática baseada no tema Circo, o cenário temático pode ser considerado o portador e os elementos destacados (por cores, posicionamento,

repetição de ícones relacionados ao Circo) os atributos simbólicos, de acordo com a GDV. Reiteramos o valor festivo de aniversários infantis com cenários temáticos ao que Sarmiento (2003) indica como serviços de comemorações desses aniversários, sendo uma das formas culturais produzidas e dirigidas pelos adultos para as crianças, com orientação mercadológica voltada para a infância, bem como vestimentas, jogos, brinquedos, já mencionados no segundo capítulo desta tese.

Após esse olhar descritivo e interpretativo na dimensão textual, não há como um analista do discurso, seja esse discurso verbal, visual, espacial, tecer uma análise textual sem proferir interpretações em termos de práticas discursivas e sociais que cercam esses textos, contempladas a seguir.

5.2 Um olhar para as práticas discursivas e sociais dos discursos espaciais

Sinalizamos no capítulo teórico a associação da ACD ao nosso objeto de investigação para análise dos dados. Nesse sentido, a dimensão do texto possibilitou descrever os cenários como unidades menores inseridas nos espaços internos das casas, como modos de materialidade e visibilidade de discursos, compreendendo os cenários e as casas de festas como textos espaciais, e considerando essas casas como um gênero espacial.

Já a dimensão da prática discursiva permite interpretar questões relacionadas às intenções dos produtores, à recepção e à interpretação, atentando às presenças de outros textos e discursos. Por exemplo, se visitarmos uma dessas casas de festas durante a preparação do evento, é possível observar que as intenções imediatas dos produtores dos cenários temáticos e dos espaços são decorar o ambiente e acomodar os convidados para a festa, o que geralmente envolve narrativas infantis preferidas da família ou da criança, identificadas pela temática, e discursos de consumo ostentatório perpassados pela decoração e pelo espaço escolhido para comemoração.

Por sua vez, a dimensão da prática social permite analisar as festas infantis de aniversário, nos moldes como são comemoradas no Brasil, como uma “[...] *naturalização* de realidades criadas discursivamente. [...] como algo *natural*, imutável, parte da sua própria natureza.” (MEURER, 2005, p. 91, grifos do autor), podendo contribuir para a (re)produção, manutenção ou mudanças de certas práticas sociais. No caso dessas festas, a (re)produção ocorre quando outras famílias “imitam” ou “produzem” um modelo para a festa; a manutenção se dá quando as festas continuam acontecendo da mesma maneira; as mudanças,

quando existem, residem em um modo de comemoração diferente, substituindo a festa por uma viagem ou algo semelhante, por exemplo.

Primeiramente, adentramos na dimensão desses textos enquanto práticas discursivas no sentido apresentado por Meurer (2005), depois seguimos para uma discussão sobre as práticas sociais. Em termos de práticas discursivas, voltamo-nos especificamente para dois elementos que parecem eclodir nesses textos: intertextualidade e interdiscursividade. Dessa maneira, buscamos considerar quem os produz, quem os registra e posta suas imagens, para quem, em quais circunstâncias e o porquê, atentando para outros textos e outros discursos que se manifestam por trás desses discursos espaciais dos cenários, trazendo-os à tona ao leitor.

Um aspecto relevante é que essas postagens, embora feitas pelas proprietárias das casas de festas, contemplam cenários que foram produzidos coletivamente por meio de muitas mãos, como as pessoas responsáveis pela decoração, flores, bolo, iluminação, painel, doces, lembrancinhas, personalizados. De igual modo, os aspectos de consumo e distribuição desses textos são distintos, pois os textos podem ser consumidos diferentemente, conforme o contexto. No contexto de cenários temáticos para aniversários infantis, dispostos nas casas de festas, existe uma tendência de interpretação imediata desses cenários como voltados para a decoração temática representativa da criança aniversariante, enquanto escolha dela ou dos pais, diferentemente do que aconteceria se eles estivessem em feiras de exposições ou vitrines de lojas sobre festas, que seriam com fins de demonstração dos elementos do cenário ou lançamento de temática. Podem ainda ser interpretados conforme o espaço escolhido, estilo da decoração, quantidade e qualidade de itens personalizados como sinalizadores de classes médias distintas. Além disso, esses textos, no contexto de festas infantis, podem ser consumidos (lidos) de forma coletiva por diversas pessoas no momento da festa ou de forma individual quando, por exemplo, ocorre visualização de fotografias em redes sociais, revistas, álbuns de família.

Tais cenários servem como decoração de uma festa infantil específica da criança, mas também sinalizam a publicidade dos serviços de produtores coletivos ligados às casas de festas, que fazem constantes postagens de fotografias dos cenários em suas redes sociais. É como uma teia emaranhada de serviços comerciais, na qual um serviço leva a outro. Nesse caso, a intenção mais imediata é ocupar o tempo dos seguidores com visualizações de tais fotografias e seus comentários, principalmente aqueles que estiveram na festa ou procuram modelos de decoração para essa temática, locais para comemoração, ratificando o que diz a expressão popular: “Uma imagem vale mais que mil palavras”. Essa expressão sinaliza a comunicação visual como mais apelativa em termos publicitários, mas devemos considerar

que uma imagem também pode distorcer a realidade. Dessa forma, os seguidores fazem conexões e inferências desses cenários montados nesses espaços com outros já visualizados e chegam a conclusões.

Quanto aos aspectos de intertextualidade, os cenários recebem influências intertextuais tanto por exigências do gênero espacial casa de festa infantil quanto por exigências da temática. Pela perspectiva do gênero espacial, existem as convenções de espaço fechado, climatizado, particular, reservado e pago antecipadamente para uso, com espaços internos demarcados para montagem dos cenários, além de elementos semióticos fixos da estrutura física (leiaute de paredes, piso, teto) e seus elementos variáveis (cor, mobília, acessórios, objetos simbólicos, luz, texto verbal) remetendo a outros salões de festas, outros textos espaciais com características semelhantes. Pela perspectiva temática, precisamos considerar as temáticas Princesas, Branca de Neve e Circo, separadamente. Portanto, discutiremos os aspectos de intertextualidade e interdiscursividade por temática.

i) Sobre a temática Princesa: “Era uma vez uma princesa!”

Na temática da Princesa, elementos convencionalmente relacionados à Realeza, que são vistos em desenhos animados, filmes e séries, são utilizados e reforçados para conseguir efeitos de significados nos cenários temáticos, unindo-se aos elementos que são convencionalmente relacionados ao aniversário. Dessa maneira, na decoração da festa é comum encontrarmos coroas, pista de dança/baile, mesas e cadeiras para convidados, bolo com andares, balões, mobília provençal, arranjos florais, bandejas em pedestais, pinhas, carruagens, porta retratos dourados, cores, padrão arabesco, lustres, cortinas. O ser princesa funciona como referência intertextual para compor o imaginário infantil dos primeiros aniversários da criança.

Passando para a perspectiva de interdiscursividade, esses discursos espaciais dos cenários temáticos expressam a maneira de comemoração com festa, comunicando regras sociais já discutidas, tais como: receber presentes, acomodar convidados, oferecer buffet, parabenizar a aniversariante em volta do bolo, terceirizar a diversão de crianças, entregar lembrancinhas para crianças convidadas. Esses cenários estão amalgamados a outros discursos: consumo ostentatório, mercantilização de serviços, posição social.

Embora o foco desta tese não esteja em identidades das pessoas envolvidas, registramos que a escolha do espaço e a decoração do cenário podem representar maneiras de ser e agir nessa prática social. No caso dos cenários da temática Princesa, pressupomos que

além da aniversariante, projetada como uma filha princesa, outras identidades se encontram presentes nesse evento: pais da princesa (reis e rainhas), convidados (pessoas da Realeza) e funcionários (subalternos), contribuindo para naturalizar a percepção de aniversários infantis dessa forma. No caso das aniversariantes, elas são representadas como princesas que usam uma coroa e vestido longo em salões de festas, elementos indicativos de papel social, beleza e luxo – padrões estabelecidos para esse título –. São princesas comedidas, prontas para poses em frente aos cenários ao invés de ação, como as princesas tradicionais em contexto de gala, moldadas pela sociedade. Princesas que brilham em salões de festas onde outras crianças de classe média geralmente costumam transitar, revelando uma posição social desde a infância a partir desses espaços festivos reverberados pelo luxo e sofisticação, remetendo ao modo como esses pais retratam sua filha e desejam que ela seja vista pela sociedade: uma princesa. Porém, essa princesa está servindo de estereótipo de submissão ao modelo de beleza e glamour, reforçado pela imagem da coroa tão recorrente nesses cenários. Afinal, assim como não existe uma maneira universal e imutável de ser mulher, não existe uma maneira certa ou errada de ser princesa.

Sobre a coroa, a descrição encontrada no dicionário de símbolos¹²⁴ é que ela denota poder, autoridade, liderança, legitimidade, imortalidade e humildade por meio de três fatores principais: o local do corpo onde é colocada, sua forma em círculo e o material de que é feito, já que existem coroas de flores, de louros, de espinhos. Já sobre o significado da palavra Realeza no Dicionário de Português Online¹²⁵, entre os significados, encontra-se a designação atribuída à distinção ou honra da rainha e do rei, além do significado figurado expressando resplendor, pompa, grandiosidade ou magnificência. Já como antônimo, aparece plebe. Remetendo tais significados aos cenários temáticos infantis, tal resplendor, pompa, grandiosidade e magnificência são atribuídos, principalmente, à decoração requintada dos cenários, mas também ao local selecionado para a festa.

É fato que essa prática discursiva, nos três cenários, se assemelha quanto às regras sociais, ao consumo ostentatório, à mercantilização de serviços, mas diferem em termos de condições sugestivas de elevada posição social em cada casa de festa e de valores atribuídos aos elementos semióticos do evento. Tal diferença se percebe a partir do espaço escolhido, quantidade e variedade de elementos que compõem a decoração dos cenários, sua distribuição organizacional com mais ou menos subdivisões, e foco em diferentes elementos simbólicos.

¹²⁴ Fonte: <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/coroea/>

¹²⁵ Fonte: <https://www.lexico.pt/realeza/>

Parece que quanto mais renomado é o salão de festas, mais detalhes são inseridos na decoração, valendo a máxima de que quanto mais se mostra, mais se tem.

É oportuno reapresentarmos os três cenários da temática Princesa, na Figura 40.

Figura 40 – Prints dos três cenários no tema Princesa



Fonte: Instagram do popotamusbuffet¹²⁶.



Fonte: Instagram da tindolelejp¹²⁷.



Fonte: Facebook da Javé-Yirê¹²⁸.

O primeiro aparenta mais luxo a partir do espaço físico em si, da quantidade de itens e dos detalhes do cenário. O foco está na coroa de princesa, complementado pelos lustres, luminárias e refletores, bolo em seis andares, pista de dança/baile em tapete de vidro, mobília branca provençal, cadeiras infantis revestidas em tecido fino, tons dourados nos vasos altos com arranjos florais, bandejas em pedestais para doces e personalizados, pinhas, carruagens, porta retratos decorativos em tons dourados. O segundo aparenta um salão menos luxuoso, mais espaçoso com relação à visualização do cenário principal, já que existe um espaço livre que o envolve. É um cenário que sugere mais leveza na decoração e moderada ostentação de consumo. A coroa não aparece como foco, o bolo é mais baixo, e há menos mobiliário para acomodar personalizados e guloseimas. O terceiro cenário analisado sugere um salão menos

¹²⁶Disponível em: <https://www.instagram.com/p/--a5H5nMXs/>. Acesso em: 11 fev. 2020.

¹²⁷Disponível em: <https://www.instagram.com/p/-VB2H2JXpb/>. Acesso em: 14 fev. 2020.

¹²⁸Disponível em: <https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/a.912497875487559/912498538820826/?type=3&theater>. Acesso em: 27 fev. 2020.

luxuoso se comparado aos dois anteriores, com decoração compatível para famílias de classes sociais com poucos recursos financeiros e menos ostentação de consumo, mas se assemelha às exigências convencionais da decoração temática e do aniversário. A coroa destacada é na cor branca e os tons dourados não aparecem em destaque, mostrando um equilíbrio entre os elementos semióticos da temática e do aniversário, pois aparece um display com a imagem da aniversariante próxima ao bolo.

Na sequência, os aspectos de intertextualidade e interdiscursividade referentes aos cenários da Branca de Neve.

ii) Sobre a temática Branca de Neve: “Espelho, espelho meu!”.

Existem elementos semióticos utilizados na decoração que podem ser relacionados à narrativa da Branca de Neve em livros, desenhos animados, filmes, artigos de papelaria, de vestimenta, de higiene pessoal e de alimentação, na perspectiva dos filmes da *Walt Disney*. Tais elementos são as cores azul, vermelho e amarelo, a personagem da Branca de Neve com cabelo preto, os sete anões, a maçã e a floresta, elementos misturados às mesas e cadeiras para convidados, bolo, balões, mobília, arranjos florais que caracterizam o aniversário. Esses aspectos revelam a intertextualidade entre o conto e o cenário temático do aniversário infantil, possibilitando uma narrativa visual da Branca de Neve nesse contexto, inferindo um apreço pela leitura de clássicos infantis de *Walt Disney* por parte dos pais, estimulando a criança. É uma temática que compõe o imaginário infantil, mostrando possivelmente como os pais desejam que sua filha seja vista pela sociedade: uma menina que aprecia leitura de contos infantis, que é dócil e delicada, mas forte ao mesmo tempo, que enfrenta situações de perigo. Outra informação relevante é a possível associação das cores da vestimenta da Branca de Neve com a vestimenta do Superman, personagens lançados quase no mesmo período, 1937 e 1938.

Especificamente nesse aspecto intertextual, Ramalho (2017) informa que Branca de Neve é uma narrativa adaptada de um conto de fadas de tradição oral alemã, compilado pelos Irmãos Grimm, publicado entre os anos de 1812 e 1822, sendo também o primeiro longa-metragem de animação na versão de *Walt Disney* em 1937 – há mais de 80 anos – e a primeira princesa *Disney*. Nessa versão, uma rainha má e bela manda matar sua enteada, Branca de Neve, a mulher mais linda de todo o reino. Todavia, o encarregado de assassiná-la não cumpre sua tarefa. Nessa circunstância, Branca de Neve foge pela floresta, encontra os sete anões que trabalham em uma mina e passam a protegê-la. Ao saber que Branca de Neve

continua viva, a rainha má vai atrás dela com uma maçã envenenada que a faz cair em um sono profundo, sendo despertada somente pelo beijo de amor verdadeiro do príncipe encantado.

No que se refere à interdiscursividade advinda da temática Branca de Neve, nesse contexto de aniversários infantis, existem outros discursos instaurados. Assim como ocorreu nos cenários anteriores, não se trata somente da comemoração do aniversário, com regras sociais a serem cumpridas nos moldes brasileiros, ou dos discursos voltados para consumo, mercantilização de serviços e posição social.

Além desses discursos, a temática reproduz valores, preceitos morais e sentidos oriundos de discursos relacionados ao binarismo do bem e do mal, do belo e do feio, como também relacionados à família, à representação da mulher, à amizade. Observem como os arquétipos simbólicos do bem e do belo são comunicados como o lado selecionado nesse binarismo do bem versus mal e bonito versus feio, respectivamente. Isso ocorre, semelhantemente, por meio de cores fortes (vermelho, azul, amarelo), da Branca de Neve com expressão dócil, dos sete anões sorridentes, dos animais mansos (veados, esquilos, pássaros, coelhos), das flores e folhas, e da maçã. Percebam que não optaram por cores escuras, sombrias, animais perniciosos, expressões faciais de ódio, vingança, crueldade, força ou luta, que o estereótipo físico e características escolhidas para representar a Branca de Neve se voltam para corpo esguio, cabelo liso, pele branca, bem vestida, bondosa, bonita, se estabelecendo como um modelo da série Princesas Disney. A personagem também é ao mesmo tempo submissa, trabalhadora e dedicada.

Outro aspecto está nos elementos semióticos da temática, entre eles, a cor vermelha e a maçã nos impressionam. Aquela faz parte dos acessórios da roupa da Branca de Neve, remete à maçã, ao sangue, à paixão, à força. Esta remete à beleza, ao sabor agradável, ao encantamento da fruta no conto, mas também ao mal disfarçado pela beleza atrativa da fruta que por dentro está envenenada, simbolizando momentos de tentação. Assim como em Adão e Eva, Branca de Neve também aceitou a maçã.

Além disso, destacamos que essas características da Branca de Neve reforçam o papel de mulher submissa, que não deve ceder aos impulsos e aos desejos, do contrário, é castigada com o sono eterno, despertado pelo amor verdadeiro de um príncipe. Este amor, por sua vez, guardará os valores mais tradicionais da família e casamento, por isso, o beijo não poderia ser de qualquer um. Tais valores são os mesmos intrinsecamente difundidos durante as festas: tradição e família.

Assim como nos cenários da temática Princesa, estes três cenários da Branca de Neve se assemelham quanto às regras sociais, consumo, serviços terceirizados, diferindo em termos de posição social em cada casa de festa a partir do espaço escolhido, da variedade e quantidade de elementos na decoração dos cenários, e valores atribuídos aos elementos semióticos da comemoração. A Figura 41 reapresenta os três cenários.

Figura 41 – Prints dos três cenários no tema Branca de Neve



Fonte: Instagram da popotamusbuffet¹²⁹.



Fonte: Instagram da tindolelejp¹³⁰.



Fonte: Facebook da Javé-Yirê¹³¹.

No primeiro e terceiro cenários, por exemplo, existem representações da Branca de Neve sobre as mesas com vestido nas cores da temática (vermelho, azul, amarelo), miniaturas dos sete anões, animais, tapete verde comprido para sinalizar o caminho de acesso à mesa do bolo e cenário principal, representando a estadia dela na floresta, focalizando a temática. Por

¹²⁹Disponível em: <https://instagram.com/p/BH6HJVvg3P0/>. Acesso em: 19 fev. 2020.

¹³⁰Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BbtsZBRFfz8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹³¹Disponível em: https://www.facebook.com/JaveYireRecepcoes/photos/ms.c.eJw9ktkNxEAMQjta~_T76b2wlE~_bzCQdjJilRZu62oT3xS3CUdaoWecH6cejNN~;WQLZkIJztYyIl5I9fp3o~;PX7g~;5eaLeho4ychbbx5~_9ubn9Fzy5Zdl~;vLj4XwFmPdUgelfe~;5Kbj296d8Gnf4dx~;J05BPu6wZzXw~_Y901cfmefg~;6c~;Q3yvftnwNRXwOx~;kff1sZfXXx~_bxzPkATPP7u3XT3fBe2iSkVedfPd6NxnvwT5cBTm1S6f01~;xvwwf3O5~;qy1yg~_XxfW~;0M~_TP~;ANu5JR4.bps.a.504622279608456/504622596275091/?type=3&theater. Acesso em: 27 fev. 2020.

outro lado, no primeiro cenário, ocorre associação da aniversariante à personagem do conto por meio da sua imagem vestida de Branca de Neve que aparece na parede frontal. Tal associação é mais proeminente no terceiro cenário, pois a imagem da aniversariante vestida de Branca de Neve aparece tanto na parede frontal quanto em porta retratos sobre as mesas de convidados e na parede próxima ao bolo. Já no segundo cenário, o destaque está na cor vermelha e na maçã como símbolos predominantes, sendo as imagens da Branca de Neve referentes à própria personagem e não à aniversariante.

A seguir, esses aspectos referentes aos cenários do tema Circo.

iii) Sobre o tema Circo: - “Hoje tem espetáculo?-Tem sim, senhor!”.

É uma temática que difere das demais pelo fato de o circo representar um espaço real buscado no momento de lazer de crianças e adultos que desejam assistir, sob uma tenda, a um espetáculo divertido, sendo uma prática social comum na infância. Quem não se lembra de frases tais como:- “Hoje tem espetáculo? - Tem sim, senhor”; -“Tem pipoca? - Tem sim, senhor”; -“E tem muito algodão doce? Tem sim, senhor”. Quando esta temática é escolhida para decoração de aniversário de meninos, como ocorreu nos cenários apresentados, os elementos semióticos relacionados ao circo são as cores azul, vermelho e amarelo, tendas do circo em listras, palhaços, mágicos, malabaristas, animais e picadeiros; caso seja para meninas, a cor rosa predomina. Seja como for, é um tema que traz magia, personagens animados e encantamento.

Na perspectiva de interdiscursividade, o tema Circo perpassa a ideia de diversão, entretenimento, espontaneidade, temporalidade, brincadeiras, jogos e desafios, características também intrínsecas em festas de aniversários infantis. Nesse contexto, para crianças maiores, há as opções como atirar em balões, derrubar latas, mirar na boca de palhaços, corrida de saco, mímica. É interessante registrar que a figura do palhaço, embora associada ao circo, é uma peça chave em termos de diversão, podendo ser contratado para animação e diversão de crianças em outros eventos, independente da temática.

Mais uma vez, nesses três cenários do tema Circo, essa prática discursiva se assemelha quanto às regras sociais, consumo e mercantilização de serviços, embora sejam diferentes em termos de variedade e quantidade de elementos presentes na decoração dos cenários e suas subdivisões. A Figura 42 reapresenta os três cenários.

Figura 42 – Prints dos três cenários no tema Circo

Fonte: Blogdopotamus¹³².



Fonte: Instagram da tindolelejp¹³³.



Fonte: Instagram da Javé-Yirê¹³⁴.

No primeiro e segundo cenários, por exemplo, como já vimos, os elementos simbólicos se voltam para a temática, um enfatizando o espaço interno do Circo (nas arquibancadas, no espetáculo com foco no palhaço que recebe destaque pelos sapatos na base da mesa, e pela cabeça no topo dos balões), e o outro destacando a tenda, o palhaço e os animais, focalizando a parte externa do circo. No terceiro cenário, há um equilíbrio entre os elementos simbólicos da temática e do aniversário, reforçada pela imagem do aniversariante como mágico, enfatizando o espetáculo, mostrando que tais elementos são de igual importância. Os três cenários estão inseridos em uma prática discursiva que dialoga com a diversão e alegria do espetáculo circense.

Adentramos agora na questão da prática social, na perspectiva apresentada por Meurer (2005). É oportuno lembrarmos nosso entendimento quanto à sua imbricação com o contexto

¹³² Disponível em: <https://blogdopotamus.blogspot.com/2014/02/01-ano-de-davi.html>. Acesso em: 18 fev. 2020.

¹³³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BcE3U2MgyD8/>. Acesso em: 12 fev. 2020.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BFc8RNQO2vm/>. Acesso em: 17 fev. 2020.

de cultura. Nesse sentido, cabe uma reflexão sobre o aspecto ideológico desses aniversários comemorados à moda brasileira a partir de festas com cenários temáticos esplendorosos, prática social em questão, exibidas em fotografias nas redes sociais como representações da realidade que se naturalizam e se tornam senso comum. Tais fotografias, mostrando cenários temáticos esplendorosos, evidenciam o imaginário da criança como representação do mundo de experiências e de narrativas integradoras, compondo e reorganizando o imaginário infantil festivo. Cabe salientar que não é uma questão desse imaginário festivo ser pior, ou melhor; trata-se, no entanto, da sua transformação.

Seguindo esse pensamento, as festas infantis são uma prática social ocorrida como parte do cotidiano de uma determinada classe, como registro de um evento real, congelado numa imagem estática. Elas mostram também personagens ficcionais e estetizados que encenam um espetáculo montado previamente ao preparar o cenário da festa, exibidos em imagens fotográficas que constituem uma forma de agir, criam universos e nutrem o mundo com comportamentos e significações sobre o outro.

Nesse panorama, desde a discussão sobre consumo conspícuo nas festas infantis, apontamos as características de ostentação na decoração e de sua espetacularização para a sociedade de consumidores. Isso significa que quando se faz uma festa infantil de grande porte, passa-se a ideia para a criança de que festas infantis são daquela maneira, que são uma forma de se impor ao outro pelo que tem. No futuro, possivelmente, essa criança se tornará um adolescente ou adulto consumista e pagará por serviços terceirizados em suas festas.

Devemos considerar ainda que nem todas as crianças comemoram seus aniversários, que a comemoração não precisa ser com uma temática, já que o aniversário é o motivo da comemoração, que a comemoração não precisa ser com festas e/ou em casas de festas e que, em caso de festas, nem é necessário contratar todos os serviços, já que entre os familiares geralmente existe alguém que pode contribuir, incluindo a própria criança aniversariante. Mais ainda, devemos indagar se contribuímos ou não para (re) produção, manutenção ou mudança dessas ideologias instauradas nessa prática social, reduzindo a possibilidade de perceber outras realidades não mostradas, silenciando-as.

Quando um cenário temático de uma festa infantil é visualizado, tal imagem se constrói como realidade natural, cooperando para que a prática seja vista por esse ângulo e se repita, pois provavelmente outros cenários são buscados para atender expectativas semelhantes, contratando serviços para realização da sonhada festa dos filhos, podendo funcionar como uma forma de publicidade dos serviços e de manutenção dessa prática de comemoração.

Dessa forma, os aniversários infantis brasileiros nos nossos dados têm mostrado um arsenal icônico, usando o termo de Atihé (2012), de exposição de produtos e serviços, ou seja, um palco para encenação de regras sociais, elevando o imaginário infantil festivo e a socialização entre crianças e as brincadeiras a segundo plano, embora saibamos que ela acontece nas festas de forma bastante espontânea.

Essa questão de socialização entre crianças pode ser sinalizada a partir da configuração espacial dos cenários temáticos, reservando uma área em que as crianças se sentem e conversem, por exemplo, assim como uma área para brincadeiras entre elas. No entanto, as imagens dessas áreas não são recorrentes nas fotografias de aniversários infantis como são as imagens dos cenários, inclusive no espaço para brincadeiras não aparece decoração temática.

Considerando que esses cenários temáticos com decorações requintadas podem parecer sem sentido para crianças – principalmente aquelas que comemoram seu primeiro aniversário, porque elas não conseguem compreender tamanho requinte, assim como tal decoração temática é provavelmente mais admirada pelos adultos, pois são eles que concordam, pagam pela festa e levam as crianças, resta-nos refletir sobre o porquê e para quê tais modelos de aniversários infantis continuam se repetindo de tal forma.

Para auxiliar nessa reflexão, é válido retomar a paráfrase, ‘Comemoro, logo mostro’, adaptada de René Descartes, pontuada no segundo capítulo. Ela nos leva a deduzir que essas festas acontecem para que os outros vejam, para que se legitimem, caso contrário, perdem a finalidade, o sentido. É válido retomar também a questão da espetacularização do eu (SIBILIA, 2016), do consumo de bens e serviços, da infância exibida como mercadoria de desejo durante e após a festa, constituindo-se em representações de uma realidade que nos familiarizamos e acostumamos por mais que cause espanto inicialmente, até porque o encontro social entre amigos e a praticidade também motivam esse tipo de comemoração. Como pontua essa pesquisadora, essa espetacularização não é natural, é cultural e histórica como quase tudo que acontece conosco porque antes não acontecia. Mesmo antes de tal espetacularização ser potencializada pelas redes sociais, festas infantis em grande estilo já ocorriam dentro de classes sociais abastadas. Na contemporaneidade, essas espetacularizações ganharam visibilidade com as redes sociais, compondo não somente o álbum da família, mas também da sociedade, exibindo narrativas de si mesmo, inspiradas em narrativas infantis clássicas ou modernas tão reluzentes e encantadoras que ofuscam outros discursos.

Essa espetacularização (SIBILIA, 2016) da festa pode contribuir para uma infância consumista, para um consumidor que quanto mais vê, mais deseja. Afinal, essas festas

acontecem para que sejam vistas (admiradas ou não). E, assim, a expectativa da festa e da decoração vai encantando de tal forma que se a família dispõe de recursos financeiros para comemoração em grande estilo, não existe razão para desistir. É uma verdadeira tentação, como a maçã – do conto da Branca de Neve – aparentemente saudável!

Podemos nos questionar se devemos permitir ou não que nossas crianças participem desse “show do eu”, saindo do espaço privado, desenvolvido no lar, para o espaço público, se devemos compactuar com isso, conformar-nos. Essa espetacularização não é culpa nossa ou das redes sociais, como aponta Sibilia (2016), é a sociedade de consumidores (BAUMAN, 2008) que nos leva a desejar, consumir e mostrar algo porque todos estão fazendo assim, caso contrário não existimos, não temos valor.

Não estamos nos opondo às comemorações de aniversários infantis com cenários temáticos, nem as avaliando como certas ou erradas, muito menos diminuindo a importância da produção e montagem dos cenários, cujos profissionais responsáveis precisam desses serviços para sobrevivência financeira. Estamos provocando uma reflexão se os cenários devem assumir exclusivamente a função de decoração ou podem ser atrelados às brincadeiras a partir deles. Estamos trazendo à tona até que ponto a naturalização de certas práticas nos contagia como sendo natural, como sempre tivesse ocorrido, fazendo com que contribuamos de alguma forma para manutenção delas quando nos rendemos a elas nos moldes em que acontecem.

A próxima seção traz uma síntese da discussão sobre os resultados encontrados.

5.3 Discussão dos resultados

Inicialmente, lembramos que análogo ao que ocorre nos museus (RAVELLI, 2006), as casas de festas como textos englobam perspectivas diferentes sobre esta noção. Tanto pode significar a forma como uma casa de festa inteira produz significado, quanto à forma como ela funciona por partes para formar um todo unificado. Estes significados são produzidos por recursos semióticos realizados via leiaute do prédio com suas estruturas fixas, por exemplo, como através de convenções sociais que regulam os objetivos destas casas. Concomitantemente, casas de festas enquanto textos podem se referir apenas ao nível dos cenários no sentido de como sua organização e distribuição pode facilitar formas particulares de interação com o usuário, pode dar prioridade a alguns significados em vez de outros, e pode construir uma imagem sobre qual infância está sendo comunicada nesses cenários.

Nesse aspecto, vale ressaltar que existe uma relação baseada na hierarquia, já mencionada antes, entre as diferentes perspectivas da noção de texto. As unidades são hierarquicamente organizadas umas em relação às outras, como os cenários temáticos infantis que constroem significados em relação à unidade maior, a casa de festa. Ao mesmo tempo, as unidades maiores são compostas por significados no nível inferior, promovendo uma relação dupla: os cenários temáticos impactam nos significados da casa de festa e os significados da casa de festa impactam nos cenários, portanto, ambos são de igual importância.

Assim, apropriamo-nos de nomenclaturas teóricas para reiterarmos que esses cenários compõem as unidades menores no interior das casas de festas, funcionando como um recurso semiótico principal – decoração – que agrega outros secundários, tais como: mobiliário, acessórios, objetos simbólicos e cores. Já as casas de festas, elas são mais que o contexto imediato no qual as festas acontecem, sendo as unidades maiores que também representam o modo espacial de significados, ou seja, espaços que produzem significados a partir de ambientes minimamente, moderadamente ou fortemente confinados ou soltos, contribuindo para restringir ou ampliar a maneira pela qual as crianças interagem com o mundo ao seu redor.

No caso desta pesquisa, no contexto brasileiro para comemoração de aniversários infantis, existe uma cultura voltada para ambientes fechados, privativos e climatizados como indicativos de segurança e conforto, levando crianças a crescerem com essa orientação. Assim, consideramos a premissa de que as casas de festas podem construir um relacionamento positivo de segurança com seus usuários, por serem um espaço construído em dimensões semelhantes à escala doméstica e pessoal conhecida deles, mas principalmente por serem destinadas às crianças e serem escolhidas pelos seus pais.

Ao mesmo tempo, nos debruçamos sobre os elementos variáveis constituintes dos cenários que podem restringir ou ampliar o espaço a partir de recursos semióticos atrelados ao modo espacial e visual, recorrendo às categorias **ligação** e **vínculo** da metafunção interativa, cruzando a primeira categoria ao **valor de informação** e à **saliência**, da metafunção organizacional, análogo ao que aconteceu com o estudo de Ravelli e McMurtrie (2016). Nele, os autores justificam que como a gradação da **ligação** é realizada por aspectos físicos e do ambiente de um espaço, foi possível promover seu cruzamento com as categorias **enquadramento** e **contato**. Isso ratifica o fato de que as metafunções ocorrem de maneira simultânea e interligada, tornando-se difícil desconsiderar tais relações em uma análise multimodal.

A seguir, sintetizamos os resultados em três quadros. O primeiro quadro é referente às categorias **ligação** e **vínculo**. O segundo é referente às categorias **valor de informação** e **saliência**, agrupando-os por temática e por salão de festas. Já o último quadro é relativo aos modos de comunicação espacial e visual, bem como os seus recursos semióticos recorrentes nos cenários. Essa separação em quadros ocorre por questões didáticas, visando às respostas para as questões de pesquisa.

5.3.1 Respondendo à primeira pergunta de pesquisa

No âmbito de discussões em respostas à primeira pergunta de pesquisa (Quais são os recursos semióticos utilizados nos espaços destinados aos cenários temáticos, e nesses cenários, sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, promovendo interação entre esses textos espaciais e seus usuários?), verificamos os seguintes aspectos percorridos a seguir.

Em termos da categoria **ligação**, observamos no Quadro 8 que os três espaços, sem a inserção dos cenários, são interpretados como de dimensão livre na escala central do nível de segurança, com suas variações (STENGLIN, 2004). Os dois primeiros espaços foram interpretados como moderadamente livres, já o terceiro como fortemente livre. Explicamos que a interpretação da dimensão livre advém do firmamento do espaço em termos de elementos da estrutura física, visualizados por meio de piso, parede e teto, que protegem o usuário contra elementos externos da natureza; do distanciamento relativo entre os elementos da estrutura física; de paredes lisas e em cores claras; da climatização; e da permeabilidade visual de janelas e portas que permite certa abertura de visualização para o exterior, sendo recursos semióticos potencializadores de conforto e segurança, que contribuem para a interpretação variar entre fortemente, moderadamente ou minimamente livre. Tal interpretação pode se alterar para a dimensão cercada quando percebemos que a liberdade visual para o exterior não é tão evidente, quando depende da aproximação do usuário para tal, como ocorrem no salão da *Popótamus* (já que as janelas de vidro não estão no nível do olhar), e no salão da *Tindolelê* (devido às portas serem em vidro escuro), e/ou quando os elementos dos cenários são em relativa quantidade e saliência, que podem restringir tanto a visualização para o exterior quanto a liberdade de circulação dos usuários.

No que se refere à categoria **vínculo**, verificamos os atributos simbólicos relacionados às temáticas como predominantes, embora os atributos simbólicos relacionados ao aniversário ocorram simultaneamente, funcionando como recursos semióticos responsáveis por

estabelecer o vínculo entre espaço e usuário nesse contexto festivo. Mencionamos que esse vínculo também pode se estabelecer por referências intertextuais do espaço (tanto do salão de festa em si, em termos de semelhanças estruturais com espaços internos da escala doméstica dos usuários, quanto do gênero espacial casa de festas) e pelo evento aniversário que reúne convidados de um mesmo grupo social.

O Quadro 8 sintetiza os resultados com relação às categorias **ligação** e **vínculo**.

Quadro 8 – Síntese dos resultados para **ligação** e **vínculo** nos cenários

Salões de festa	Cenários da Princesa			Cenários da Branca de Neve			Cenários Circo		
	1	2	3	1	2	3	1	2	3
									
	Ligação	Vínculo		Ligação	Vínculo		Ligação	Vínculo	
1. Popótamus	Moderadamente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática		Moderadamente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática		Moderadamente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática	
	↓ Minimamente livre (com cenário)			↓ Moderadamente cercado (com cenário)			↓ Fortemente cercado (com cenário)		
2. Tindolelé	Moderadamente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática		Moderadamente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática		Moderadamente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática	
	↓ Moderadamente livre (com cenário)			↓ Fortemente cercado (com cenário)			↓ Minimamente cercado (com cenário)		
3. Javé-Yirê	Fortemente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática		Fortemente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática		Fortemente livre (sem cenário)	Atributos simbólicos da temática	
	↓ Moderadamente livre (com cenário)		Atributos simbólicos do aniversário	↓ Moderadamente livre (com cenário)		Atributos simbólicos do aniversário	↓ Minimamente livre (com cenário)		Atributos simbólicos do aniversário

Fonte: Elaborado pela autora.

Em termos da categoria **valor de informação**, observamos que a disposição visual de móveis nos espaços analisados ocorre de maneira horizontal e integrada por estarem no mesmo piso, sem barreiras físicas que impeçam a visualização. No espaço da *Popótamus*, tal disposição ocorre de maneira semelhante nos três cenários, porque envolve um elemento central – cenário do bolo – como elemento simbólico mais importante, criando unidade e significado com relação aos elementos circundantes (cenários de convidados, cenário

principal, cenário de lembrancinhas), numa relação de interdependência. No espaço da *Tindolelê*, destinado exclusivamente ao cenário principal, a disposição de móveis acontece de maneira diferente em cada cenário, mas continua integrada ao cenário do bolo, que neste caso aparece inserido no cenário principal, já que o espaço mostrado é geralmente para tal finalidade. No espaço da *Javé-Yirê*, a disposição de móveis também ocorre de maneiras diferentes, predominando o cenário do bolo como elemento central, que antecede o cenário principal.

No que concerne à categoria **saliência**, em termos de acessórios e objetos simbólicos, ela difere em cada temática, e nesse caso, se assemelha quanto às cores. Tais categorias apresentam recursos semióticos que implicam na percepção visual da dimensão espacial.

Assim, respondendo pontualmente à primeira pergunta de pesquisa, os recursos semióticos utilizados nos espaços – sem os cenários temáticos –, que funcionam como possíveis sinalizadores de conforto e segurança são os elementos estruturais fixos: proteção física contra elementos da natureza, ou seja, firmamento da composição estrutural por meio de piso, paredes e teto; distanciamento relativo entre esses três compartimentos; os elementos variáveis dos espaços: paredes lisas e claras; climatização; e permeabilidade visual para o exterior, caracterizando o espaço como de dimensão livre. Já os recursos semióticos utilizados nos cenários dizem respeito aos elementos variáveis: disposição espacial de móveis domésticos (mesas, cadeiras, bancos, criados-mudos, estantes, poltronas), saliência de acessórios (tapetes, cortinas, toalhas de mesa, pratos, talheres, lustres, molduras), objetos simbólicos (bolo, balões, ícones da coroa da Princesa, Branca de Neve, e Circo) e de cores.

Em termos de recursos semióticos sinalizadores de identificação e pertencimento, os atributos simbólicos relacionados a cada temática são predominantes, ocorrendo simultaneamente com os do aniversário, personalizando o espaço e identificando a criança, além dos ícones de vínculos da própria casa de festa e do aniversário em si.

O Quadro 9, na sequência, diz respeito às categorias **valor de informação** e **saliência**.

Quadro 9 – Síntese dos resultados para **valor de informação** e **saliência** nos cenários

Salões de festa	Cenários da Princesa			Cenários da Branca de Neve			Cenários Circo		
	1	2	3	1	2	3	1	2	3
									
	Valor da informação		Saliência	Valor da informação		Saliência	Valor da informação		Saliência
1. Popótamus	Formato de móveis laterais-centro-trás.		Posicionamento, tamanho, densidade, cores.	Formato de móveis laterais-centro-trás.		Tamanho, forma, densidade, cores.	Formato de móveis laterais-centro-trás		Formas e cores.
2. Tindolelê	Formato de móveis centro-trás.		Posicionamento, densidade, cores.	Formato de móveis laterais-trás.		Tamanho, densidade, forma, e cores.	Formato de móveis laterais-centro-trás		Altura, formas, cores.
3. Javé-Yirê	Formato de móveis laterais-centro-trás		Densidade, forma, posicionamento, cores.	Formato de móveis laterais-trás.		Tamanho, forma, densidade, posicionamento, cores.	Formato de móveis frente-centro-laterais-		Formas, tamanho, cores.

Fonte: Elaborado pela autora.

Diante desses quadros ilustrativos, lembramos que para os sinalizadores de conforto e segurança recorreremos à categoria **ligação**, promovendo ainda um entrecruzamento da ligação com **valor de informação** e **saliência**, já para os sinalizadores de identificação e pertencimento, recorreremos à categoria **vínculo**.

As diferenças em cada salão ocorrem em termos de estrutura física, categorizados na dimensão livre e suas variações na escala de segurança nos estudos de Steglin (2004). Enquanto os salões da *Popótamus* e da *Tindolelê* são interpretados como moderadamente livres, o salão da *Javé-Yirê* é interpretado como fortemente livre, sem a inserção dos cenários. Nos dois primeiros casos, como já explicados, devido à liberdade visual para o exterior não ser tão evidente, dependendo da aproximação do usuário para tal; no último caso, a liberdade visual para o exterior é possível devido aos muros que cercam a casa de festa. Já as diferenças em cada cenário ocorrem conforme as temáticas, assemelhando-se entre elas.

Sobre os cenários temáticos, é válido ressaltar que eles identificam a criança aniversariante e a temática no universo infantil, mas são dispostos principalmente para contemplação, já que não existe sinalização de brincadeiras e diversão a partir deles, podendo estabelecer interação com as crianças por meio do cumprimento da regra principal do aniversário, a parabenização em volta do bolo, onde se posiciona o protagonista da festa. As

regras sociais já citadas são sinalizadas pela disposição espacial do cenário no salão de festas, por meio do posicionamento dos móveis e dos objetos simbólicos do aniversário, sendo reconhecidas por aqueles que compartilham esse contexto de situação referente a uma festa de aniversário infantil, sem necessariamente recorrer a uma temática, a meu ver. Aparentemente, à primeira vista, olhando para esses cenários temáticos sobrecarregados de informações visuais, parece que eles são essenciais para a interação da criança, devido aos atributos simbólicos de intertextualidade com narrativas infantis em torno de uma temática, como um encantamento, também importantes nessa faixa etária, mas ofuscam os objetos simbólicos intrínsecos ao aniversário e a disposição espacial de móveis que registram simbolicamente esse ritual, demarcando regras sociais, sugerindo o que se pode ou não fazer. Afinal, são escolhas semióticas realizadas para levar os usuários a se sentirem confortáveis, seguros, identificados e pertencentes ao espaço nesse contexto específico.

Retomamos, então, a questão de que os cenários temáticos nas casas de festas paraibanas correspondem à camada menor, texto espacial; as festas infantis de aniversário no Brasil correspondem à camada intermediária, ao contexto de situação; e as festas infantis com temáticas correspondem à camada maior, ao contexto de cultura, reiterando os aspectos da perspectiva sociosemiótica da linguagem. Nesse sentido, as quatro categorias analíticas foram aplicadas privilegiando o modo espacial, por se tratar de cenários montados nos salões das casas de festas, mas podemos perceber que devido à multimodalidade inerente a eles, o modo visual desempenha igual relevância, sendo incongruente sua separação. Enquanto as categorias **ligação** e **vínculo** são compatíveis para compreendermos o modo espacial em termos de segurança estabelecida no espaço e de escolhas de identificação e pertencimento do usuário com o espaço, as categorias **valor de informação** e **saliência** são fundamentais para compreendermos o modo visual dos elementos dos cenários dispostos nos salões.

O Quadro 10 apresenta uma síntese dos modos visual e espacial.

Quadro 10 – Modos de significados e recursos semióticos correspondentes nos cenários

Modos de significados	Recursos semióticos correspondentes para representação
Espacial	Firmamento dos elementos estruturais (piso, paredes e teto); dimensão espacial; permeabilidade ou opacidade visual para o exterior; distanciamento relativo entre paredes, piso e teto; paredes lisas e claras; climatização; inserção de elementos variáveis dos cenários (disposição espacial de móveis, acessórios, objetos simbólicos da temática e do aniversário, cores).
Visual	Valor de informação visual de móveis; saliência visual de acessórios e objetos simbólicos (posicionamento, tamanho, densidade, formas, altura, e cores).

Fonte: Elaborado pela autora.

Percebam que o uso desses dois modos de comunicação produz potenciais de significados que só fazem sentido se analisados em conjunto, ou seja, considerando o espaço escolhido, sua dimensão espacial, o motivo de comemoração, a temática do cenário e seus elementos visuais constitutivos. Por exemplo, o espaço vazio de um salão de festa infantil, sem a disposição de móveis, acessórios e objetos simbólicos não remete ao motivo de comemoração e à temática. Semelhantemente, a disposição de móveis em outro espaço qualquer, sem acessórios e objetos simbólicos também não remete ao motivo de comemoração e à temática. A saliência de alguns acessórios e objetos simbólicos desconectados dos demais elementos, em espaços diferentes, também não teria o mesmo efeito de significado. Exceto, o bolo e balões, cujas simbologias são intrínsecas a comemoração.

Diante dos resultados que envolvem a primeira pergunta de pesquisa, precisamos discutir além da questão de escolhas semióticas do modo espacial e visual nesses cenários, direcionando-nos para possíveis respostas da segunda pergunta de pesquisa.

5.3.2 Respondendo à segunda pergunta de pesquisa

No âmbito de discussões em respostas à segunda pergunta de pesquisa (De que maneira a recorrência de determinados cenários temáticos em casas de festas infantis de João Pessoa-PB contribui para comunicar significados e discursos sobre infância?), pontuamos dois aspectos.

O primeiro aspecto parte do fato que os cenários nas temáticas Princesa, Branca de Neve e Circo foram os três mais recorrentes no inventário de dados. Isso contribuiu para percebermos a composição e fortalecimento do imaginário infantil festivo nesse contexto brasileiro de classe socioeconômica privilegiada, em termos de referências intertextuais, revelando particularidades de cada temática, como já sinalizado na seção sobre práticas discursivas e práticas sociais. No caso dos cenários da temática Princesa, eles anunciam uma infância festiva imaginária da Realeza, naturalizando a percepção de que festas são reverberadas pelo luxo e sofisticação em salões de festa, construindo a posição social da criança desde a infância. No caso dos cenários da temática Branca de Neve, a infância festiva está relacionada à literatura infantil, sugerindo outro tipo de princesa, dócil e delicada, que enfrenta situações de perigo, reforçando ainda os arquétipos simbólicos do bem e do belo como escolhas da narrativa. No caso dos cenários do tema Circo, eles proclamam uma

infância festiva voltada para diversão casual, sugerindo que meninos se divertem assistindo a espetáculos de palhaços, malabaristas, animais. O impacto disso recai no reforço dos estereótipos de comportamento pensado para meninas (dócil, delicada, educada) e meninos (engraçado, espoleta, travesso).

O segundo aspecto é que a recorrência desses cenários temáticos contribuiu para mostrar como as festas infantis de aniversário têm sido realizadas e delineadas a partir da sociedade e seus agentes socializadores, que moldam maneiras de comemoração agregadas a temáticas, que por sua vez, agregam uma variedade de produtos, constituindo ideias e normas, corroborando com a visão de Pinto (1997). Tais aspectos têm construído a infância de maneira social e histórica, porém, excluem outras crianças, aquelas que não são vistas como princesas, personagens de contos infantis ou frequentadoras de espetáculos circenses, que não comemoram seus aniversários com uma festa.

Passando para as discussões finais dos resultados encontrados, a recorrência de temas, sejam eles quais forem, assim como a disposição espacial de cenários em salões de festas podem fortalecer visual e espacialmente a festa de aniversário como um ritual simbólico de socialização da criança, sugestionando comportamentos e cumprimento de regras estabelecidas por adultos para moldar uma cultura infantil (SIROTA, 2005; 2008; SARMENTO, 2003; 2004). Nesse sentido, as relações de interação estabelecidas entre esses textos espaciais e os usuários acontecem via combinação dos modos espacial e visual, para sinalizar conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários com os espaços e com os cenários, como já foi explicado. Embora não tenha sido foco de análise, podemos refletir que tais imagens, quanto mais mostradas nas redes sociais, mais comunicam uma infância festiva, mercantilizada e espetacularizada, conduzindo-nos ao pensamento de Callow (1999) de que as imagens do cotidiano constroem histórias e registram memórias, constituindo-se em verdades absolutas, apresentando ideias como naturais enquanto outras são excluídas.

Compreendemos que a comemoração de um aniversário infantil com festa não precisa necessariamente ser associada a uma temática específica, já que o aniversário é o motivo da comemoração, assim como a diversão e a parabenização são intrínsecas a ela. Reiteramos a necessidade de constante reflexão sobre essas questões, de festas que têm se naturalizado como realidades possíveis a toda criança, quando não são.

Em síntese, este capítulo apresentou um olhar para o discurso espacial de nove cenários temáticos de aniversários infantis, com um teor descritivo, analítico e interpretativo. O capítulo seguinte finaliza a tese, trazendo as últimas considerações desta pesquisa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa apresentou um olhar para o discurso espacial de cenários temáticos em festas de aniversários infantis no contexto brasileiro, a partir da perspectiva da multimodalidade e da Semiótica Social, com o suporte específico da LSF, ADEsp e ACD. Nesta última parte da tese, expomos uma síntese dos capítulos e das respostas dadas às questões de pesquisa discutidas no capítulo anterior e apontamos nossas contribuições e reflexões finais, pensadas no momento de fechamento desta tese, bem como as possibilidades de futuras pesquisas.

Como em toda tese, nos posicionamos em torno de uma ideia defendida, fixando nela e traçando argumentos em todo o texto para não perdermos o foco, sabendo quais caminhos percorrer e por quais motivos. Nesse sentido, a tese defendida é de que os cenários temáticos de festas infantis de aniversário comunicam ideias, crenças e valores que implicam na concepção de determinada infância brasileira a partir de temáticas pré-estabelecidas, de casas de festas escolhidas e da distribuição organizacional desses cenários nos espaços internos dessas casas. Essas ideias são comunicadas por relações de interação com os usuários que podem ser potencializadas por recursos semióticos sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento, já que os cenários são voltados para o público infantil. Para defendê-la, escolhemos um caminho que direcionasse o leitor na construção dessas ideias, organizando sequencialmente a discussão em capítulos, que sintetizamos a seguir.

No Capítulo 1, discutimos sobre o fato de que as novas configurações textuais, a exemplo dos cenários temáticos montados nas casas de festas são textos espaciais, exigem novas habilidades de letramento. Esse despertar para novas configurações textuais, para mim, brotou após envolvimento com a temática da multimodalidade e infância, a partir de discussões no Grupo de Pesquisa em Semiótica Visual e Multimodalidade (GPSM) da Universidade Federal da Paraíba, bem como da convivência familiar com o comércio desde minha infância, levando-me ao olhar analítico para esses espaços do cotidiano como textos espaciais que comunicam significados sobre o universo infantil. Assim, o discurso espacial de cenários temáticos em festas de aniversários infantis na sociedade brasileira contemporânea passou a ser objeto de investigação, voltando-se para o contexto de três casas de festas na capital paraibana. Isso levou às duas questões norteadoras da pesquisa: a) Quais são os recursos semióticos utilizados nos espaços destinados aos cenários temáticos, e nesses cenários, sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, promovendo interação entre esses textos espaciais e seus usuários? b) De que maneira

a recorrência de determinados cenários temáticos em casas de festas infantis de João Pessoa-PB contribui para comunicar significados e discursos sobre infância?

Nesse panorama, o objetivo central da pesquisa foi discutir como esses textos espaciais no contexto de festas de aniversários infantis comunicam significados e discursos sobre infância, sinalizando relações de interação com os usuários. Para alcançar esse propósito principal, os objetivos específicos elencados foram: a) Descrever os contextos de situação e de cultura nos quais os cenários temáticos estão inseridos, pela ótica da Linguística Sistêmico-Funcional; b) Analisar, descrevendo e comparando, os recursos semióticos utilizados nos espaços reservados aos cenários temáticos infantis, e nesses cenários, que sinalizem conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, sugerindo interação entre esses textos espaciais e seus usuários, fundamentando-se em categorias específicas da Análise do Discurso Espacial; c) Analisar, comparando e interpretando, as dimensões da prática discursiva e da prática social que permeiam os cenários, recorrendo à Análise Crítica do Discurso; d) Interpretar, a partir da Semiótica Social e da Análise Crítica do Discurso, como a recorrência de cenários temáticos contribui para comunicar significados sobre infância, moldando discursos socialmente construídos.

No Capítulo 2, apresentamos alguns conceitos, tais como: infância, festa, cenários temáticos de aniversários infantis. Iniciamos com a discussão sobre o conceito de infância, com o intuito de provocar uma reflexão sobre as diversas infâncias, bem como a infância enquanto categoria social, o que nos levou à discussão sobre culturas da infância. Nesse contexto, situamos a festa de aniversário como um processo de socialização da criança, inserida no contexto brasileiro contemporâneo de classe socioeconômica privilegiada, como um marco de entrada e permanência da criança no mundo social. Nessa infância festiva, os cenários temáticos foram apontados como fenômenos tipicamente culturais da sociedade brasileira, tornando-se parte da cultura infantil.

No Capítulo 3, discorreremos sobre a sustentação teórico-metodológica para respaldo da pesquisa e de nossos argumentos, recorrendo à Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978) para descrição do contexto de situação e cultura dos cenários; à Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 2001; MEURER, 2005) para debate das dimensões da prática discursiva e social que envolvem os cenários; à Análise do Discurso Espacial (STENGLIN, 2004; 2009; RAVELLI; MCMURTRIE, 2016) para analisar os espaços nos quais os cenários são dispostos, e esses cenários, por meio das categorias **ligação, vínculo, valor de informação e saliência**; e à Semiótica Social (HODGE; KRESS, 1988; VAN LEEUWEN, 2005) para discorrer sobre as noções de multimodalidade, modos e recursos

semióticos, texto e discurso, enfatizando o espaço construído como um modo de representação de significados com a mesma importância que os demais modos.

No Capítulo 4, traçamos os caminhos metodológicos da pesquisa, descrevendo sua caracterização e a dos participantes. Explicamos que devido à ampla quantidade de temas e cenários no acervo inventariado, fizemos um recorte dos dados a partir das três temáticas mais recorrentes. Para isso, foi considerado o somatório geral de cenários montados nas três casas de festas no período entre 2009 e 2019, selecionando nove cenários temáticos, três de cada casa, como representativos das temáticas. São esses nove cenários que são analisados.

No Capítulo 5, apresentamos o cerne da tese, a análise. O capítulo iniciou com a descrição do contexto de situação e de cultura (LSF) dos cenários; seguiu para a análise descritiva e comparativa dos recursos semióticos utilizados nos espaços reservados aos cenários temáticos, e nos cenários, recorrendo às categorias eleitas (ADEsp); prosseguiu para a análise comparativa e interpretativa das dimensões das práticas discursiva e social (ACD) que envolvem os cenários apresentados; e culminou com a discussão dos resultados.

Ao interpretarmos os resultados, percebemos que, a partir da identificação de elementos visuais e dos espaços nos quais os cenários são dispostos, podemos pontuar as primeiras semelhanças quanto ao contexto de situação se repetindo nos cenários. Essas semelhanças abrangem os cenários principais fotografados com ângulo de captura frontal; a finalidade das fotografias, que é provavelmente mostrar um aniversário infantil que foi realizado nas respectivas casas de festas; e os possíveis interactantes. Quanto ao contexto de cultura, acreditamos que ele dialoga com a dimensão da prática social situada em um país festivo, que costuma realizar festas infantis brasileiras, comemoradas a partir de cenários com temáticas, além do motivo da comemoração (chá revelação, mesversário, aniversário, entre outros).

Para verificar os elementos semióticos dos espaços e dos cenários, buscando sinalizadores de conforto e segurança, recorremos à categoria **ligação**, fazendo um entrecruzamento com as categorias **valor de informação** e **saliência**; para verificar os elementos semióticos sinalizadores de identificação e pertencimento, recorremos à categoria **vínculo**. Com a aplicação dessas categorias, nos foi possível responder à primeira pergunta de pesquisa.

Sobre a primeira pergunta, referente à identificação dos recursos semióticos sinalizadores de conforto e segurança tanto nos salões quanto nos cenários, listamos o seguinte. Nos salões, firmamento da composição estrutural por meio de piso, paredes e teto; distanciamento relativo entre esses três compartimentos; paredes lisas e cores claras;

climatização; e permeabilidade visual para o exterior. Já quanto aos recursos semióticos utilizados nos cenários, identificamos como sendo os móveis domésticos (tais como: mesas, cadeiras, bancos, criados-mudos, estantes, poltronas), os acessórios (por exemplo: tapetes, cortinas, toalhas de mesa, pratos, talheres, lustres, molduras), os elementos simbólicos (bolo, balões, ícones da coroa da Princesa, ícones da Branca de Neve e do Circo, entre outros) e as cores de cada temática. Em termos de recursos semióticos sinalizadores de identificação e pertencimento dos usuários com os textos espaciais, predominam os atributos simbólicos relacionados a cada temática, ocorrendo simultaneamente com os do aniversário, que personalizam o espaço e identificam a criança.

No caso dos espaços destinados aos cenários, o firmamento de sua composição estrutural e sua dimensão espacial livre, característico de casas de festas na cultura brasileira, parece sugerir segurança e proteção por se tratarem de espaços para comemoração que fazem parte do meio social dos usuários. Isso, somado aos cenários temáticos com seus elementos variáveis, como o mobiliário e alguns acessórios que remetem ao acervo do ambiente doméstico e às narrativas infantis, pode sinalizar a percepção de conforto e segurança, potencializando a interação entre o espaço e o usuário principal, a criança. Analogamente, a proeminência dos atributos simbólicos e ícones de vínculos da própria casa de festas, do motivo de comemoração e das temáticas dos cenários estariam para identificação e pertencimento da criança com o espaço, personalizando o ambiente, como um palco anunciador de protagonistas infantis.

Além da identificação dos recursos semióticos sinalizadores de conforto, segurança, identificação e pertencimento dos usuários ao espaço, como elementos instigadores de interação entre os textos espaciais e o usuário, os dados mostraram dois aspectos sobre a distribuição espacial dos cenários. Ela tanto promove uma demarcação de ritual simbólico desses aniversários, tais como: regras de dar e receber presentes, acomodar convidados, cantar parabéns em volta do bolo, que pode fortalecer o status social, consumo de produtos e a terceirização de serviços, como pode aumentar ou diminuir a sensação de cerco ou de amplitude dos espaços, a circulação dos usuários, interferindo na forma de interação, já que comunicam o que eles podem ou não fazer, o que podem ou não tocar a partir da função intrínseca de cada elemento variável do cenário. Alguns elementos podem ser usados, a exemplo de mesas, cadeiras, tapetes, pratos, talheres, copos; outros têm a possibilidade de serem consumidos: bolos, guloseimas, refrigerantes; e outros elementos estão dispostos apenas para serem apreciados: acessórios de decoração e objetos simbólicos da temática, por exemplo. De maneira geral, os salões são para serem usados, mas os cenários estão ali para

serem vistos e apreciados, como uma fotografia, uma propaganda. Nesse sentido, ambos são lidos como textos que comunicam ações sequenciais e prescritivas, reforçando a valorização de comportamentos nesse contexto enquanto projetos de vida dos adultos para as crianças.

Com relação à segunda pergunta de pesquisa, sobre a recorrência de determinados cenários temáticos em casas de festas infantis e sua contribuição na comunicação de significados e discursos sobre infância, entendemos que essa recorrência pode contribuir para composição e fortalecimento do imaginário infantil festivo, nesse contexto de classe socioeconômica privilegiada. Na temática Princesa, por exemplo, os cenários analisados anunciam uma infância festiva imaginária da Realeza, naturalizando a percepção de festas reverberadas pelo luxo e sofisticação, construindo a posição social da criança desde a infância. Já na temática Branca de Neve, essa infância está relacionada à literatura infantil, reforçando uma princesa caracterizada como dócil e delicada, mas também corajosa em situações de perigo, e aos arquétipos simbólicos do bem e do belo. Por outro lado, no caso dos cenários do tema Circo, eles sugerem uma infância festiva voltada para diversão casual, para espetáculos com palhaços, malabaristas, animais.

Ainda sobre essa segunda pergunta, a recorrência desses cenários temáticos sinaliza como as festas infantis de aniversário têm sido realizadas a partir da sociedade e seus agentes socializadores, mostrando maneiras de comemoração agregadas a cenários temáticos, que, por sua vez, são carregados de elementos variáveis, o que pode corroborar na manutenção dessa prática social, se naturalizando como uma norma de comemoração.

Assim, os resultados apontam que esses textos espaciais – tanto os espaços destinados aos cenários quanto estes cenários – comunicam ideias e normas que implicam a concepção de uma infância brasileira voltada para crianças mais favorecidas socialmente, a partir de temáticas pré-estabelecidas, do espaço escolhido, e da distribuição organizacional desses cenários nos salões dessas casas de festas. Entretanto, estes resultados acendem um alerta que nos leva a questionar: Como ficam as crianças que não se enxergam como princesas, personagens de contos infantis ou de espetáculos circenses? E aquelas que não comemoram seus aniversários com uma festa, porque suas famílias não possuem recursos financeiros ou porque não acham esse tipo de comemoração importante?

Diante do exposto, acreditamos que o presente estudo possa contribuir para o destaque de três aspectos que demonstram a necessidade desse olhar para o discurso espacial de cenários temáticos de aniversários infantis em casas de festas, percorridos na sequência.

O primeiro diz respeito à reflexão sobre as diversas infâncias brasileiras na sociedade contemporânea, e não somente a infância visível, mostrada nos aniversários infantis dessas

casas de festas que incluem as crianças de classes sociais mais favorecidas economicamente. Como já mencionado, as comemorações de aniversários infantis também são sonhadas por algumas crianças menos favorecidas, mas não são realizadas, nos instigando a refletir sobre os aniversários infantis que não são comemorados, que não contemplam cenários como os exibidos nos dados desta pesquisa, mas que se constituem como infância.

O segundo aspecto é também uma reflexão, neste caso, sobre nossas escolhas. Somos livres para escolher a comemoração de um aniversário infantil. Ela não precisa ser necessariamente com uma festa ou ser associada a uma temática específica. O aniversário em si já é o motivo da comemoração. Se optarmos por uma comemoração com festa, o consumo de produtos pode ser moderado e alguns serviços também podem ser realizados pela família e pela própria criança. A festa pode ser comemorada ao ar livre, voltada para a família e amigos próximos da criança, com adultos e crianças envolvidos nas brincadeiras, com crianças supervisionadas por adultos. O espaço onde fica o bolo precisa ser mais funcional, não apenas belo. Algumas fotografias dos momentos de brincadeiras podem ser armazenadas em álbuns para serem apresentados às crianças convidadas em momento posterior, além de postagens nas redes sociais, como um álbum coletivo da sociedade, que já se incorporou como hábito, podendo também ser pesquisado.

Ainda nesse segundo aspecto, como já destacado, não se trata de uma oposição às comemorações de aniversários infantis com festas e cenários temáticos, nem uma avaliação sobre elas como certas ou erradas, mas de uma reflexão sobre como elas têm sido realizadas. As festas de aniversário fortalecem os laços sociais, marcam as etapas da infância, fazem parte dos poucos momentos de lazer tão necessários para pais e crianças, principalmente diante das inúmeras demandas que a sociedade nos impõe. Porém, os cenários poderiam sugerir brincadeiras a partir deles, para que não funcionassem somente como decoração, voltando-se para o uso e não para exposição.

O terceiro aspecto é que a recorrência de temas e a leitura de cenários em salões de festas, favorecidas pela combinação dos modos espacial e visual, com seus respectivos recursos semióticos já elencados, cooperam para o registro da festa de aniversário como um ritual simbólico de socialização da criança, promovendo relações de interação com o usuário/observador enquanto textos espaciais. Isso nos faz retomar a concepção de texto, que extrapola o verbal, da multimodalidade, trazendo à tona as casas de festas e seus cenários temáticos como textos espaciais que podem ser usados e lidos, trazendo assim uma contribuição teórica para o contexto de pesquisas no Brasil.

A partir desta tese, sugerimos que outras pesquisas sejam desenvolvidas com este mesmo objeto de investigação, debruçando um olhar via outras categorias das metafunções da ADEsp, ou voltando-se para as mesmas categorias utilizadas, mas em outros espaços adjacentes aos salões de festas, como o parque infantil, investigando a socialização entre crianças sinalizada pela sua configuração espacial. Outra sugestão é uma análise multimodal de outros textos espaciais voltados para o público infantil, por exemplo: lojas de vestuário, de brinquedos ou de calçados; salões de beleza; consultório médico, parque infantil ao ar livre ou não, buscando investigar os significados e discursos sobre infância que se instalam nesses espaços.

A sistematização desta tese foi conduzida também na intenção de que o leitor tenha se sentido convidado a adentrar em cada capítulo, compreendido cada parte dessa construção finalizada para apreciação, mas passível de reconstruções. Que a temática tenha resgatado a memória de aniversários infantis, emoções e sensações da infância, independente de comemorações festivas! Afinal, as infâncias são plurais.

REFERÊNCIAS

- A INVENÇÃO da infância. Direção: L. SULZBACH. Produção: Liliana Sulzbach e Mônica Schmiedt. [S.l.]: [s.n.]. 2000. Documentário. Publicado pelo portacurtas.org.br. Duração 26min. Formato 16mm. Disponível em: http://portacurtas.org.br/filme/?name=a_invencao_da_infancia. Acesso em: 12 abr. 2020.
- ABRAMOWICZ, A. Sociologia da Infância: traçando algumas linhas. **Contemporanea - Revista de Sociologia da UFSCar**, v.8, n. 2, Jul.-Dez 2018. p.371-383. Disponível em <http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/653.064>. Acesso em 17 abr. 2020.
- ALIAS, S. A semiotic study of Singapore's Orchard Road and Marriot Hotel. In: O'HALLORAN, K. L. **Multimodal Discourse Analysis: Systemic Functional Perspectives**. London & New York: Continuum, v. Open linguistic series, 2004. p. 55-79.
- ALMEIDA, D. B. L. Revisiting children's studies through the lens of the sociology of childhood. **Poiésis**, Tubarão, v. v.4, n. 8, p. 473-484, Jul./Dez. 2011.
- ALMEIDA, D. L. B. **Icons of Contemporary Childhood: A Visual and Lexicogrammatical Investigation of Toy Advertisements**. Tese de doutorado (Doutorado em Letras)- Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, p. 300. 2006.
- ALMEIDA, D. L. B. Do Texto às Imagens: As Novas Fronteiras do Letramento Visual. In: PEREIRA, R. C. R. P. **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. 1ª. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 173-202.
- ARAÚJO, S. C. L. G.; GUALBERTO, C. L. Leitura na Base Nacional Curricular Comum: qual é a base? Discussões sobre alfabetização, texto e multimodalidade. In: GUALBERTO, C. L.; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p. 36-61. ISBN 978-85-7221-006-5 (eBook PDF).
- ARIÉS, P. A descoberta da infância. In: ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksman. 2ª. ed. [S.l.]: LTC Editora., 2005 [1986].
- ATIHÉ, E. B. A. Nesta data querida: uma reflexão imaginativa sobre a festa infantil de aniversário e o cultivo da alma pelo imaginário. In: PEREZ, L. F.; AMARAL, L. M. W. **Festa como perspectiva e em perspectiva**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p. 211-232.
- BARBOSA, M. C. S. Fragmento sobre a rotinização da infância. **Educação e Realidade**, Porto Alegre-RS, v.25, n. 1, jan/jun 2000. 93-113.
- BARROS, M. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: A transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- BERLAND, G. T. **Dia de Festa- Receita e História para Comemorar**. São Paulo: Editora Companhia Nacional, 2010.

BESSA, J. C. R. Dialogismo interlocutivo e construção de autoria em artigos científicos. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, Jan.-Abr 2018. p.171-191.

BEZERRA, F. A análise crítica do discurso e os multiletramentos: o papel da linguagem no fazer docente contemporâneo. *In*: ARCOVERDE, R.; BRANCO, S.; NÓBREGA, C.; FARIAS, W. (orgs.). **Educação linguística e literária: discursos, políticas e práticas**. Campina Grande: UFCG, 2016. p. 189-204.

BOERIIS, M.; NØRGAARD, N. Architectural discourse: The material realization of framing and discourse in a university building. **RASK – International journal of language and communication.**, 2013. 71-100.

BRASIL. **Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Lei n. 13.257, de 08 de março de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13257.htm. Acesso em: 15 abr. 2020.

CALLEGARO, E. K.; MARTINS, N. B.; KADER, C. C. C. Análise do prédio da Reitoria da Universidade Federal de Santa Maria sob a ótica da Semiótica Espacial. **Caminhos em Linguística Aplicada**, Tabaté, v. 10, n. 1, p. 127-146, 2014.

CALLOW, J. Reading the visual: an introduction. *In*: CALLOW, J. **Image matters- visual texts in the classroom**. Newtown, Australia: PETA, 1999. p. 1-13.

COLINA, G. et al. Ondas de Sortilégios: a peça teatral sob a ótica da semiótica social. *In*: GUALBERTO, C. L. **Muito além das palavras: leituras multimodais a partir da semiótica social**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. ISBN 978-85-66832-60-0 (eBook PDF).

DEL PRIORE, M. Apresentação; O cotidiano da criança livre no Brasil entre a Colônia e o Império. *In*: DEL PRIORE, M. **História das crianças no Brasil**. 7ª. ed. São Paulo: Contexto, 2018 [1999]. p. 7-17; 84-106.

DELGADO, A. C. C. A participação das crianças e suas culturas em festas comemorativas: relatos de uma pesquisa com crianças. **Interacções**, vol. 4, n. 10, 2008. p.58-76. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/370>. Acesso em: 5 maio 2020.

DELGADO, A. C. C.; MÜLLER, F. Sociologia da infância: pesquisa com crianças. **Educação e Sociedade**, vol.26, n. 91, maio/ago. 2005. p.351-360. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 abr.2020.

DESCARDECI, M. A. A. S. Ler o mundo: Um olhar através da semiótica social. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, vol.3, n. 2, jun. 2002. p.19-26. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/604>. Acesso em: 7 jul. 2020.

DIAS, M. S.; FERREIRA, B. R. Espaços públicos e infâncias urbanas: a construção de uma cidadania contemporânea. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife-PE, vol.17, n. 3, set./dez 2015. p.118-133. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5150>. Acesso em: 27 abr. 2020.

DIAS, R. Entrevista. **Polifonia**, Cuiabá-MT, vol. 25, n. 37.1, jan.-abril, 2018. p.160-170. Disponível

em:<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/issue/view/Estudos%20Lingu%C3%ADsticos>. Acesso em: 28 jul.2020.

DIONÍSIO, Â. P. Gênero Textuais e Multimodalidade. In: KARWOSKY, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S. **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 137-151.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e Mudança Social**. Tradução de Izabel Magalhães. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERNANDES, C. R. P. **É festa! Um olhar para o discurso espacial de cenários temáticos infantis**. UFPB. João Pessoa-PB, p. 77-94. 2019a. (ISBN: 978-85-237-1480-2). Disponível em: <https://cpsmcoloquio.weebly.com/> Acesso em: 10 fev. 2020.

FERNANDES, C. R. P. A paisagem linguística e a multimodalidade em fachadas de casas de festas infantis: um diálogo possível. **Revista Prolíngua**, João Pessoa-PB, vol.14, n. 2, ago./dez. 2019b. p.45-59. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/prolingua/article/view/48738/30242>. Acesso em: 16 jul. 2020.

FERNANDES, C. R. P.; ALMEIDA, D. B. L.; SILVEIRA, M. C. A. A. Cenários temáticos de festas infantis: Espaços ficcionais anunciadores de performance. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora - MG, v.2, n. 23, 2019.

FERNANDES, C. R. P.; SANTOS JÚNIOR, M. S. M. **Textos multimodais do universo infantil: Um olhar para os significados interacionais**. UFPB. João Pessoa-PB, p. 124-140. 2019. Disponível em: <https://cpsmcoloquio.weebly.com/> Acesso em: 10 fev. 2020.

FERREIRA, L. N. Crianças na arte grega: representações sociais e convenções artísticas. In: COIMBRA, I. D. U. D. **Norma & transgressão II**. [S.l.]: [s.n.], 2011. ISBN 978-989-26-0236-3 (PDF). Disponível em: <https://digitalisdsp.uc.pt/jspui/bitstream/10316.2/32804/1/3.Ferreira.pdf?ln=pt-pt>. Acesso em: 10 de abr.2020.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em língua portuguesa**. 1ª. ed. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2014.

GUALBERTO, C. L. **Muito além das palavras**: leituras multimodais a partir da semiótica social. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. 163 p. ISBN 978-85-66832-60-0 (eBook PDF).

GUALBERTO, C. L.; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. Leitura e produção textual no contexto acadêmico:práticas e reflexões a partir da multimodalidade e da Semiótica Social. In: GUALBERTO, C. L.; PIMENTA, S. M. O.; SANTOS, Z. B. **Multimodalidade e Ensino**: múltiplas perspectivas. São Paulo: Pimenta Cultural, v. ISBN 978-85-7221-006-5 (eBook PDF), 2018. p. p. 13-35.

GUALBERTO, C. L.; SANTOS, Z. B. Multimodalidade no contexto brasileiro: um estado de arte. **D.E.L.T.A**, vol.35, n. 2, 2019. 1-30. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45274>. Acesso em: 30 jul. 2020.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as Social Semiotic**. London: Arnold, 1978.

HALLIDAY, M.A.K. **An Introduction to Functional Grammar**, London: Arnold. 1985.

HEBERLE, V.; SOUZA, F. A.; DODL, L. H. The Happiest Place on Earth: A Spatial Discourse Analysis of Disney's Epcot World Showcase. Revista **Linguagem em Foco**, v.12, n.3, p. 405-426, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/3983>. Acesso em: 25 fev.2022.

HODGE, R.; KRESS, G. Social Semiotics. In: HODGE, R.; KRESS, G. **Social Semiotics**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1988. p. 1-12.

KALANTZIS, M.; COPE, B. **Literacies**. [S.l.]: Cambridge University Press, 2012. ISBN 978-1-107-40219-5 Paperback. Disponível em: https://tuxdoc.com/download/kalantzis-m-cope-b-2012-literaciespdf-4_pdf. Acesso em: 26 jul. 2020.

KRESS, G. Mode. In: KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2010. p. 79-102.

KRESS, G. Where meaning is the issue. In: KRESS, G. **Multimodality: A social semiotic approach to contemporary communication**. London: Routledge, Taylor & Francis Group, 2010. p. 1-17.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse: The modes and media of contemporary communication**. London: Arnold, 2001.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2006 [1996].

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Colour as a Semiotic Mode: Notes for a Grammar of Colour. **Visual Communication**, Vol.1, n. 3, 2002. p. 343-368.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 8ª. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

LIRA, L. C. E.; ALVES, R. B. C. Teoria social do discurso e evolução da análise de discurso crítica. In: BATISTAJR.J.R.L.; SATO, D. T. B.; MELO, I. F. **Análise de discurso crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018. p. 104-122.

MAGALHÃES, L. F. M. **Fatores que motivam a contratação de serviços para festa infantil personalizada**. Faculdade de Tecnologia E Ciências Sociais Aplicadas. Brasília, p. 30. 2017.

MEURER, J. L. Gêneros Textuais na Análise Crítica de Fairclough. In: MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROCH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 81-106.

MOITA LOPES, L. P.; FABRÍCIO, B. F. Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada. **Calidoscópio**, v.17, n. 4, Dezembro 2019. 711-723.

NASCIMENTO, I. A. A.; BERNARDINO, R. A. S. Vozes do outro na materialidade do texto acadêmico: um estudo sobre as funções do discurso citado. **Revista Ícone-Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v.14.

NASCIMENTO, R.; BEZERRA, F.; HEBERLE, V. Multiletramentos: iniciação à análise de imagens. **Linguagem e Ensino**, Pelotas, 14, Jul/dez 2011. 529-552.

NOBRE, I. M. A fotografia como narrativa visual: sinopse de narração. **Revista Inter-Legere**, Natal-RN, vol. Reflexões, n. 5, 2009. p.66-82. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/issue/view/319>. Acesso em: 19 jan. 2019.

NOGUEIRA, I. S. C. O surgimento do sentimento de infância no Brasil e o cuidado com as crianças. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Itajaí, v.16, n. 3, set/dez 2016. p.491-517. Disponível em: <https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/8513>. Acesso em: 10 abr.2020.

O'TOOLE, M. Opera Ludentes: The Sydney Opera House at work and play. In: O'HALLORAN, K. L. **Multimodal Discourse Analysis: Systemic Funcyional Perspectives**. London & New York: Continuum, 2004.

OLIVEIRA, M. M.; SOUZA, F. R. L.; PESSOA, M. F. **Consumo conspícuo: relações de consumo e influências externas de mães em festas infantis**. In Anais da XIV Semana do Administrador e I Encontro de Iniciação Científica do Núcleo de Estudos Organizacionais do Alto Oeste Potiguar – NEOP. Pau dos Ferros/RN.Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. 2019. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/semad2019/193717-consumo-conspicuo---relacoes-de-consumo-e-influencias-externas-de-maes-em-festas-infantis/>. Acesso em: 29 maio 2020.

OLIVEIRA, M. N.; ABREU, N. R. Parabéns pra você! O consumo de mães em festas infantis, v. 30, n. 2, p. 34-52, 2015.

OLIVEIRA, S. F. As vozes presentes no texto acadêmico e a explicitação da autoria. **Pedagogia em Ação (PUC-MG)**, Belo Horizonte-MG, v.6, n. 1, 2014. 3-21.

PANG, A. K. M. Making history in From Colony to Nation: a multimodal analysis of a museum exhibition in Singapore. In: O'HALLORAN, K. L. **Multimodal discourse analysis: systemic-functional perspectives**. London & New York: Continuum, v. Open linguistic series, 2004. p. 28-54.

PEREIRA, C. M. R. B.; SARDINHA, D. C.; BALSAN, R. Um olhar geográfico sobre festas, aniversários e celebrações. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 31, n. 1, p. p. 66-85, Rev. Humanidades, Fortaleza, v. 31, n. 1, p. 66-85, jan./jun. 201666 jan./jun 2016.

PEREZ, L. F. Introdução. In: PEREZ, L. F.; AMARAL, L.; MESQUISTA, V. (.). **FESTA como perspectiva e em perspectiva**. Rio de Janeiro-RJ: Garamond, 2012. p. 13-19.

PIMENTA, S. M. O. Prefácio. In: GUALBERTO, C. L. **Muito além das palavras: leituras multimodais a partir da semiótica social**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2017. p. 9-10. ISBN 978-85-66832-60-0(eBook PDF).

PINTO, M. A infância como construção social. In: PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades**. [S.l.]: Universidade do Minho-Centro de Estudos da Criança, 1997. p. 33-73.

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças: contextos e identidades**. Braga: Universidade do Minho, 1997.

POSTMAN, N. O Desaparecimento da Infância. In: POSTMAN, N. **O Desaparecimento da Infância. Tradução:** Suzana Menescal de A.Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999. p. 81-167.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico e Técnicas de Pesquisa e Trabalho Científico**. 2ª. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em: <<http://migre.me/eqVxf>>. Acesso em: 21 maio 2016.

RAMALHO, F. C. **Conexões - Rádio UFMG Educativa**. UFMG. Belo Horizonte. 2017. Entrevista de Felipe de Castro Ramalho concedida à Luiza Glória. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/branca-de-neve-primeiro-longa-de-animacao-da-disney-completa-80-anos>. Acesso em: 30 nov.2020.

RAVELLI, L. Extending the frameworks: understanding exhibitions and museums as texts. In: RAVELLI, L. **Museum texts: communication frameworks**. London and New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2006. p. 119-148.

RAVELLI, L. Analysing Space: Adapting and Extending Multimodal Frameworks. In: UNSWORTH, L. **Multimodal Semiotics: Functional Analysis in Contexts of Education**. Londres: Bloombury Academic, 2008.

RAVELLI, L. Análise do espaço: adaptação e ampliação de esquemas multimodais. **Matraga**, Rio de Janeiro, 21, jan/jun 2014. Tradução de Maria Alice Antunes e Bianca Walsh.

RAVELLI, L. J. Beyond Shopping: Constructing the Sydney Olympics in three-dimensional text. **Text - Interdisciplinary Journal for the Study of Discourse**, Sydney-Australia, 20, n. 4, Janeiro 2000. p. 489–515.

RAVELLI, L. J.; MCMURTRIE, R. J.. **Multimodality in the Built Environment> Spatial Discourse Analysis**. London and New York: Routledge, 2016.

RAVELLI, L.; HEBERLE, V. Bringing a museum of language to life: the use of multimodal resources for intetactional engagement in the Museu da Língua Portuguesa. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 521-546, Junho 2016.

RAVELLI, L.; STENGLIN, M. Feeling space: interpersonal communication and spatial semiotics. In: ANTOS, G.; VENTOLA, E.; WEBER, T. **Handbook of Applied Linguistics**. Berlim e Nova York: Mouton de Gruyter, v. 2: Interpersonal Communication, 2008. Cap. 13.

RESENDE, V.; RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

RODRIGUES, C. C. L. "Se quiser, é assim": Uma análise léxico-gramatical da representação feminina em letras de forró eletrônico. [S.l.]. 2010. Orientadora: Danielle Almeida. 175 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

SANTOS, Z. B.; PIMENTA, S.M.O. Da semiótica social à multimodalidade: a orquestração dos significados. **CASA: Cadernos de Semiótica Aplicada**, vol.12, n. 2, 2014. p.295-324. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7243>. Acesso em: 7 jul.2020.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. **Cadernos de Educação**, n. 21, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1467>; http://www.titosena.faed.udesc.br/Arquivos/Artigos_infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf Acesso em: 21 maio 2020.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (). **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, 2004. p. p. 9-34. Texto digitado. Disponível em: <http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e Sociedade**, vol. 26, n. 91, maio/ago. 2005. p.361-378. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 21 abr. 2020.

SCOLLON, R.; SCOLLON, W. **Discourses in place: Language in the material world**. London & New York: Routledge- Taylor & Francis Group, 2003. 1-25; 166-196 p.

SIBILIA, P. **O Show do Eu: A intimidade como espetáculo**. 2ª rev. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SIROTA, R. Primeiro os amigos: os aniversários da infância, dar e receber. **Educação e Sociedade**, Campinas, 26, n. 91, Maio/Ago 2005. 535-562. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a12v2691.pdf>. Acesso em: 21 abr.2020.

SIROTA, R. As delicias de aniversário: uma representação da infância. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, SP, 2, n. 2, nov 2008. 32-59. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 10 maio 2018. Traduzido por Rosária Cristina Costa Ribeiro.

SIROTA, R. Da Sociologia da Educação à Sociologia da Infância. **Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau-SC, vol.6, n. 3, set./dez. 2011. p.562-571. Entrevista por Marie Raynal.

Tradução de Rita de Cassia Marchi. Disponível em: <http://www.furb.br/atosdepesquisa/>. Acesso em: 21 abr.2020.

STENGLIN, M. **Packaging Curiosities: Toward a Grammar of Three Dimensional Space**. University of Sydney. Sidney. 2004.

STENGLIN, M. Space odyssey: a guided tour through the semiosis of three dimensional space. **Visual Communication**, Los Angeles et al, v. 8, n.1, p. 35-64, 2009.

VAN LEEUWEN, T. Semiotic principles. In: VAN LEEUWEN, T. **Introducing Social Semiotics**. 1ª. ed. [S.l.]: Routledge Taylor & Francis Group, 2005. p. XI-89.

VIANA, M. A. Infância contemporânea: institucionalização e cerceamento. **Pluralidades em Saúde Mental**, Curitiba, 7, n. 2, jul./dez 2018. p. 47-68.

APÊNDICES

Acesse: <https://bit.ly/apêndices-tese-Cláudia>

ANEXOS

Acesse: <https://bit.ly/ANEXOS-TESE-CLÀUDIA>